UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS
HUMANAS

LUCIMARA LEITE

Christine de Pizan: uma resistência na aprendizagem da moral de
resignação

São Paulo

2008

LUCIMARA LEITE

Christine de Pizan: uma resistência na aprendizagem da moral de
resignação

Tese apresentada na Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de
São Paulo em co-tutela com Sorbonne - Paris IV
para a obtenção do título de doutora em Língua e
Literatura Francesa.

Área de concentração: Língua e Literatura
Francesa e Estudos Medievais
Orientadores: Profa. Dra. Jacqueline Cerquiglioni-
Toulet
Prof. Dr. Philippe Willemart

São Paulo

2008

Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

L533

Leite, Lucimara

Christine de Pizan : uma resistência na aprendizagem da moral de resignação / Lucimara Leite ; orientadores Jacqueline Cerquiglini-Toulet e Philippe Willemart. -- São Paulo, 2008.
223 f.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Francesa e Estudos Medievais. Área de concentração: Língua e Literatura Francesa e Estudos Medievais) – Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

1. Pizan, Christine de, ca. 1364-ca. 1431. 2. Literatura francesa (Crítica e interpretação). 3. Mulheres e literatura – França – História. 4. Mulheres – Sociedade (Século 14; Século 15). I. Título.

21ª. CDD 843.2

FOLHA DE APROVAÇÃO

Lucimara Leite

Christine de Pizan: uma resistência na aprendizagem da moral de
resignação

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo em co-tutela com Sorbonne - Paris IV para
a obtenção do título de Doutora.
Área de concentração: Língua e Literatura
Francesa e Estudos Medievais

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. Dominique Boutet

Instituição: Sorbonne Paris IV

Assinatura:

Prof. Dr. Fernando Segolin

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Assinatura:

Prof. Dra. Jacqueline Cerquiglini-Toulet

Instituição: Sorbonne Paris IV

Assinatura:

Prof. Dr. João Adolfo Hansen

Instituição: Universidade de São Paulo

Assinatura:

Prof. Dr. Philippe Willemart

Instituição: Universidade de São Paulo

Assinatura:

À

Minha mãe, pelo orgulho de ser mulher,
Élida, pela eterna amizade,
Carlos e Sérgio, pela força de sempre,
Paulo, pelo amor e companheirismo eternos,

Àqueles que estão sempre no meu coração:

Alice,
Dion,
Milene

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Regional Ile-de-France, pela bolsa que possibilitou a realização deste trabalho.

Aos Professores Doutores: Fernando Segolin, Jacqueline Cerquiglioni-Toulet, João Adolfo Hansen e Philippe Willemart pelo carinho e atenção que sempre me acolheram.

À Ivone Figueiredo e Sébastien Roy do Consulado Francês de São Paulo.

À Yvonne Gonçalves pela leitura atenciosa.

“[...]que elle prengne cuer d’omme, c’est assavoir constant, forte et sage, pour avisier et pour poursuivre ce qui lui est bon a faire, non mie comme simple femme s’acroupir en pleurs et larmes sans autre deffense [...]», p. 191-2

Le Livre des Trois Vertus

Christine de Pizan

Resumo

LEITE, L. **Christine de Pizan: uma resistência na aprendizagem da moral de resignação**. 2008. 217 folhas. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

O trabalho aborda a figura da mulher medieval, principalmente a partir do olhar da autora Christine de Pizan. No primeiro capítulo, *A tradição na qual insere-se a obra de Christine de Pizan*, é feita uma recuperação dos textos *exempla* e *specula*, tratados de educação, porque acreditamos que esse gênero literário serviu de modelo para os textos da autora. Durante os séculos XII e XIII os eruditos começaram a demonstrar sua preocupação com a educação e o comportamento de homens e mulheres. Por isso, os sermões e os textos com essa temática se multiplicaram. Essa preocupação pode ser mensurada pela quantidade de textos em forma de *exemplum* e *speculum* que surgem nessa época. Os livros *Cité des dames* e *Trois vertus* nos quais Christine aborda a educação da mulher, são exemplos desse gênero de texto. O capítulo faz uma análise das principais características de *exemplum* e *speculum*: suas origens, seus autores, seus principais títulos e datas. A diferença entre *speculum* e *exemplum* fica mais clara se cotejarmos as duas obras de Christine. Em *Cité des dames*, ela faz uso do *exemplum*, ela apresenta uma série com mais de cem exemplos de pequenas histórias de mulheres dignas de imitação. Já, em *Trois vertus*, Christine descreve o cotidiano das mulheres e seus comportamentos de acordo com a classe social.

Segundo capítulo, *Fortuna crítica e a descrição*. Expomos uma cronologia com datas e nomes de autores que leram Christine, quais obras foram reeditadas, traduzidas e comentadas. Christine foi conhecida e lida por seus contemporâneos na França, Itália e Inglaterra. No século XV, após sua morte, elogios lhe foram feitos por diversos autores, suas obras traduzidas para o inglês e o português e reimpressas. Em seguida é apresentada uma descrição detalhada da estrutura das obras *Cité des dames* e *Trois vertus*; os principais assuntos tratados e a ordem de exposição.

No terceiro capítulo, *Uma resistência na aprendizagem da moral resignativa*, apresentamos uma breve história da educação feminina entre os XII e XIV séculos. Após essa primeira parte, segue uma comparação entre os pontos de intersecção de *Cité des dames*, *Trois vertus* e *Mesnagier de Paris*. Faz-se notar a importância de observar a diferença entre os textos produzidos por autores masculinos, como o *Mesnagier*, tanto no que diz respeito ao tratamento dado às mulheres como à temática. Christine aborda o cotidiano das mulheres, desde as mais ricas até as mais simples, indicando-lhes suas obrigações desde o levantar-se até o deitar, ela trata da questão de saber se portar segundo as prerrogativas sociais, etc. No entanto, ela não é prolixa dando explicações nos mínimos detalhes. Ela fala a seres que têm conhecimento e possuem inteligência. Por fim, é apresentada uma relação hierárquica das virtudes e dos defeitos presentes nas três obras.

Como conclusão podemos verificar, pelas transformações apresentadas nos textos de Christine, que a autora fez uma adaptação dos textos masculinos. Adaptação esta que deu forma à voz de muitas mulheres que até então não tinham um representante de seus anseios na esfera literária.

Palavras-chave: Educação medieval. Educação feminina. Literatura francesa.

Résumé

LEITE, L. **Christine de Pizan, a resistance in apprenticeship of resination moral.** 2008. 217 pages. PHD Thesis. Philosophy, Human Science, University of São Paulo, 2008.

The approach of this work is the medieval female figure, mostly from Christine the Pizan's look. In the first chapter, *The tradition in which Christine the Pizan's work is inserted*, it's done a recovery of *exempla* and *specula*, education treats, because we believe that this literary genre was a model for the author's texts. During centuries XII and XIII the erudites started to demonstrate their concern with the education and behaviour of men and women. For that the sermons and treats on this issue multiplied. This concern might be measured by the quantity of texts in form of *exemplum* and *speculum* that came up at that time. The books *Cité des Dames* and *Trois Vertus* in which Christine approaches woman's education, are examples of this genre of text. The chapter does an analysis of the main characteristics of *exemplum* and *speculum*: their origins, their authors, their main titles and dates. The difference between *speculum* and *exemplum* becomes clearer if we compare the two works by Christine. In *Cité des Dames*, she makes use of *exemplum* presenting a series of more than one hundred examples of women's short stories worthy of imitation. Whereas in *Trois Vertus*, Christine describes women's daily life and their behaviours according to their social classes.

In the second chapter, *Critical Fortune and Description*, we expose the chronology with dates and author's names that read Christine, whose works were republished, translated and commented. Christine was known and read by her contemporaries in France, Italy and England. In XV century, after her death, she was praised by many authors, her works were translated into English and Portuguese and republished. *Cité des Dames* and *Trois Vertus*; the main issues approached and their order of appearance.

In the third chapter, *A resistance in learning the resignative moral*, we present a short story of woman's education between XI and XIV centuries. After this part, a comparison between the intersection points of *Cité des Dames*, *Trois Vertus* and *Mesnagier de Paris*. One might note the importance of observing the difference between the texts produced by male authors such as the *Mesnagier*, not only regarding the treatment given to women, but also to the theme, Christine approaches women's daily life, from the richest to the poorest ones showing their obligations from getting up, until the time they are going to bed, she treats the matter about knowing how to behave according to social prerogatives, etc. Notwithstanding she is not prolix giving explanations in every little detail. She speaks to witty cultured beings. Eventually, a hierarchical relationship between vices and virtues present in the three works is show.

As a conclusion one may see that by the transformations presented in Christine's text, that the author did an adaptation of male texts. Adaptation which gave shape to many women's voice that until that time had not a representative in the literary domain.

Keyword: Medieval education. Female education. French literature.

Sumário

Título: Christine de Pizan: uma resistência na aprendizagem da moral de resignação

Introdução 12

Capítulo 1: A tradição na qual se insere a obra de Christine de Pizan .18

- Os tratados de educação 18
- Os modelos de Christine de Pizan: os *specula* e os *exempla* 23
- *Specula* 23
- *Exempla* 40
- A imagem de mulher descrita pelos autores _ homens 61

Capítulo 2: Fortuna crítica e descrição 71

- Recepção de Christine de Pizan 71
- Como alguns autores contemporâneos referiam-se a Christine . 72
- Uma cronologia de autores 73
- Descrição: *Cité des dames* 85
- Estrutura: *Cité des dames* 101
- Descrição: *Trois vertus* 128
- Estrutura: *Trois vertus* 140

Capítulo 3: A resistência na aprendizagem da moral de resignação . 173

- História da educação da mulher do século XII ao XIV 173
- Pontos comuns entre os textos de Christine (*La Cité des dames* e *Les Trois vertus*) e *Le Mesnagier de Paris* 188

- Hierarquia das virtudes e dos vícios apresentados por Christine e *Le Mesnagier de Paris* 206
- Conclusão 213
- Bibliografia 218

Introdução

O presente trabalho é resultado de um longo período de pesquisa sobre a autora Christine de Pizan. Processo iniciado durante o mestrado, quando foi despertada a curiosidade em conhecer uma autora que escrevia sobre as mulheres e, principalmente, para as mulheres durante o século XV.

Para melhor localizar o leitor, será apresentado, a seguir, um breve resumo da vida da autora, por se tratar de uma escritora pouco conhecida do público brasileiro.

Christine de Pizan nasceu em Veneza em 1364. Seu pai era Thomas de Pizan, professor da Universidade de Bolonha; sobre sua mãe, quase nada se sabe. Com 4 anos de idade, a pequena Christine muda-se com a família para Paris, pois seu pai havia sido convidado para trabalhar na corte do rei Charles V.

Em Paris, sob a orientação de seu pai, Christine inicia-se no mundo das letras. Graças à sua inclinação para o conhecimento e a posição exercida por seu pai, tem acesso à grande biblioteca do rei, considerada uma das melhores na época. Quando completa 15 anos, seu pai escolhe para ela, como marido, Etienne Castel. Após um ano de casamento, em 1380, Etienne é nomeado secretário do rei. A década de 80 foi conturbada para a França, com a morte do rei, e também para a família de Christine. Seu pai morre em 1386 e, três anos depois, seu marido, após dez anos de casamento feliz, como ela mesma escreve. A partir desse momento, sua posição muda. De filha e esposa, agora dela depende o provimento da família: sua mãe, seus dois irmãos e seus três filhos (em algumas fontes aparece também uma sobrinha, em outras duas, prestes a se casar).

Nesse momento de desespero, ela encontra refúgio nos estudos para suas aflições. O conhecimento torna-se também o modo de ganhar o seu sustento e o da família.

A partir da boa recepção de seus textos, Christine começa a escrever publicamente e adota o nome Pizan, para homenagear seu pai. Escritora prolífica, em pouco tempo produz uma obra com aproximadamente quinze livros: poemas, tratados de educação, morais e políticos, entre outros. Destaca-se a temática do feminino, a apresentação da idéia de que as diferenças entre homens e mulheres são de origem social.

Christine torna-se uma escritora de fato. Passa a viver de sua produção literária e alcança sucesso entre o público leitor do final da Idade Média. Por fim, morre em 1430, no convento de Possy, onde vivia desde 1422.

O interesse pela temática da igualdade da mulher apresentada por Christine nos textos *Cité des dames* (de 1405) e *Trois vertus* (de 1406), nos quais ela procura traçar o perfil de uma mulher medieval atuante, ativa, companheira do marido, aconselhando-o e trabalhando a seu lado ou mesmo na falta deste, quando assume a administração do reino, ou da fazenda, ou da empresa de manufatura, ou do grande ou pequeno comércio, conforme sua posição social levou-nos a buscar mais informações sobre essas obras e o contexto em que foram produzidas. Saber como era a vida das mulheres do final do século XIV e início do XV, perceber na obra da autora como ela registra as marcas de um período que foi de avanço no que tange às prerrogativas femininas e nos obriga a rever nossas idéias sobre ele.

É dessa mulher ativa, responsável pela educação dos filhos, conhecedora das leis, das artes, da literatura, dominadora da eloquência e produtora de conhecimento que a autora nos fala. Seu objetivo era fazer com que os homens saíssem de sua ignorância em relação às mulheres e também que os exemplos e conselhos apresentados em suas obras pudessem servir de espelho para outras mulheres.

Christine luta contra o sentimento de misoginia existente na época com o objetivo de restabelecer a moral feminina. Por conta desse envolvimento, participa da Primeira Querela Feminista, assumindo publicamente seu papel de escritora e colocando-se contra o *Roman de la rose*, de Jean de Meun, escrito na segunda metade do século XIII, que fazia aumentar a discriminação em relação às mulheres.

Nascer mulher ou homem não é um fato neutro, nem hoje nem na Idade Média, pois somos culturalmente determinados pelo que chamamos de gênero. Até nossas escolhas, nossos sentimentos e mesmo nossos desejos estão completamente implicados com o fato de nascermos homem ou mulher.

Ser mulher hoje implica uma série de restrições e sujeições, que são transmitidas desde o útero, com a escolha da cor das roupas, da decoração do quarto e da postura dos próprios pais perante a criança. No medievo, tais comportamentos não existiam, mas ter uma filha causava nos pais certo mal-estar, uma preocupação quanto a seu futuro de pessoa frágil e dependente.

A mulher medieval já tinha sua identidade determinada pelo olhar do homem: ela era a figura frágil, inconstante e sedutora, que precisava ter sempre um homem para guiá-la, para ser a “cabeça”. Esse modo de olhar a mulher modificou-se a partir do século XII, com o amor cortês e o culto à Virgem Maria. Mas o signo mulher oscila entre o papel de santa e o de sedutora, que corrompe o homem. Ela é idolatrada, principalmente na função de mãe, como demonstra a literatura da época. Surgem biografias de várias mulheres com destaque para o seu papel de mães e esposas.

Também contribuiu para essa mudança de pensamento em relação à mulher o ressurgimento das cidades, onde elas tiveram uma presença mais importante e significativa. Chegaram mesmo a dividir com os homens desde as tarefas domésticas até os papéis e ações de trabalho no cotidiano dessas comunidades. Exerceram os ofícios de

pedreiras, comerciantes, sapateiras e outros, algumas vezes mesmo sem a tutela masculina. Essas trabalhadoras, juntamente com as religiosas, foram as primeiras mulheres a ocupar, efetivamente, uma posição mais ativa na sociedade medieval. O convento representava uma alternativa de vida mais autônoma para as mulheres, pois eram elas que o geriam e administravam.

Foi entre esse público que Christine de Pizan encontrou seu “leitor”. A sociedade do final da Idade Média começava a abrir-se economicamente. Nela existia espaço para as mulheres, para além do fiar e gerar filhos. A autora teve a perspicácia de atender ao chamado de sua missão: restabelecer a dignidade feminina, principalmente fazendo-se ouvir pelos poderosos da época. Christine, certamente acreditava que, se esses homens apoiassem a sua causa em favor das mulheres, serviriam de exemplo para os outros, e mesmo os mais humildes se espelhariam neles.

A educação privilegiada que Christine teve, sua inclinação para os estudos e a forte influência de seu pai e, depois, de seu marido, homens ligados ao conhecimento e à política, marcaram-na profundamente, fazendo com que não se abandonasse ao acaso, mas procurasse, justamente nesse ambiente das letras, o consolo para a perda de seus entes queridos e a maneira de vencer suas dificuldades financeiras. Christine foi escritora numa época em que, para nós, é difícil imaginar que existissem mulheres capazes de ter outra função além daquela determinada para seu sexo: gerar. Além disso, viveu da profissão de escritora. Foi uma escritora-mulher que ousou afirmar, no início do século XV, que a origem da desigualdade entre homens e mulheres é de fundo social, devido ao fato de as mulheres terem tido seu acesso à educação negado e possuírem apenas experiências domésticas. Para ela, esse não-acesso à educação e a falta de exercício na esfera pública é que determinavam a exclusão da mulher da sociedade.

De modo geral, há uma grande dificuldade em se obter informações sobre a Idade Média, problema que se agrava quando se trata de conhecer a função e o lugar da mulher medieval, sua relação com o marido, com os filhos, a maneira de educá-los, o transcorrer do seu dia-a-dia, seu trabalho etc. É importante, enfim, conhecer melhor o cotidiano dessas mulheres para compreender que tipo de influências dessa época ainda se fazem presentes entre as mulheres de hoje. Por isso, conhecer Christine de Pizan enquanto escritora engajada no movimento social de restabelecimento da moral feminina é de alta relevância, pois ela escreveu sobre assuntos políticos, sociais, econômicos, educacionais e morais, e sua erudição é clara no notável conjunto de sua obra.

Tornou-se uma escritora conhecida em seu tempo por ser uma mulher que escrevia. Tal fato, acrescido de seu interesse por assuntos diversos e dirigidos aos dois sexos, despertou a curiosidade dos homens e a atenção das mulheres. Uma mulher-escritora, uma mulher que conseguiu, entre o final do século XIV e o início do XV, ganhar o pão da família com seu próprio trabalho, com seu “labor de mulher instruída”, como diz Christiane Klapisch-Zuber em a *História das mulheres*. Esse foi um marco para a história. Marco suficientemente expressivo para chamar nossa atenção para essa escritora que, numa época de raríssimas oportunidades, destacou-se e sobreviveu de uma profissão cujo acesso ainda hoje é dificultado às mulheres.

O presente trabalho caracteriza-se como uma leitura descritiva, que se vale das condições socioculturais apresentadas no interior do próprio texto produzido pela autora, pois utilizamos basicamente a documentação específica existente sobre o tema. Consideramos, ainda, que se trata de uma pesquisa histórica, pois recorre à análise histórica de autores que já estudaram o assunto.

Esta pesquisa, portanto, tem como objetivo articular os perfis presentes nas obras *La cité des dames* e *Trois vertus*, de Christine de Pizan, à luz das análises feitas pelos comentadores (entre eles: Rigaud, Laigle, Pinet e Solente) de sua obra, comparando esses perfis com os perfis apresentados principalmente no texto *Mesnagier de Paris*. A metodologia utilizada pelos comentadores irá servir de pano de fundo para um estudo aprofundado de nossa análise.

O trabalho está dividido em três partes. Na primeira, *A tradição na qual se insere a obra de Christine de Pizan*, é feita uma recuperação dos textos *exempla* e *specula*, tratados de educação, porque acreditamos que esse gênero literário serviu de modelo para os textos de Christine. Ainda no final desse primeiro capítulo propomos alguns exemplos de como a mulher é descrita nos textos escritos por homens.

A segunda parte, *Fortuna crítica e descrição*, está subdividida em três partes. A primeira apresenta uma cronologia com datas e nomes de autores que leram Christine, quais obras suas foram reeditadas, traduzidas e comentadas. Na segunda parte é exposta uma descrição detalhada da estrutura da obra *Cité des dames* e, na última, repetimos essa leitura descritiva para a obra *Trois vertus*.

Na terceira parte, *A resistência na aprendizagem da moral de resignação*, indicamos uma breve história da educação feminina entre os séculos XII e XIV. Depois, comparamos os pontos de intersecção entre *Cité des dames*, *Trois vertus* e *Mesnagier de Paris*. Por fim, apresentamos a hierarquia de virtudes e vícios presentes nas três obras.

Capítulo 1: A tradição na qual se insere a obra de Christine de Pizan

[...] toutes femmes qui amastes, amez et amerés vertus et bonnes meurs [...]

La Cité des Dames, p. 426

Christine de Pizan

Os tratados de educação

Nos séculos XII e XIII, os eruditos começam a expressar maior preocupação com a educação e o comportamento dos homens e das mulheres. Por esse motivo, os sermões e textos com essa temática multiplicam-se. Essa preocupação pode ser constatada pela quantidade de textos em formato de *exemplum* e *speculum* (*miroir*) que surgem nessa época. *Le livre des trois vertus* (obra traduzida para o português no final do século XV com o nome de *Tratado de las virtudes de las senoras* e depois, no início do século XVI, sob o título: *O espelho de Cristina*), no qual Christine de Pizan aborda a educação da mulher, é um exemplo desse tipo de texto. Nessa obra, a autora se refere à noção de *speculum* para tratar da noção de educação.

Antes de refletir sobre os guias de educação, porém, devemos compreender melhor o significado das palavras *miroir*¹ e *exemplum*² e sua significação nos séculos XIII e XIV.

¹ «[...] le mot miroir n'est pas seulement le véhicule d'une métaphore qui s'appuie sur un modèle complexe et désigne un 'livre-miroir', mais devient également, dans la première moitié du XIIe siècle, le lieu de jonction entre une structure philosophique et des formes d'élaboration littéraire, qui organisent le contenu de l'oeuvre en fonction d'une vision particulière du monde ou de la destinée humaine.» (JONSSON, E. M. *Le miroir: naissance d'un genre littéraire*. Paris: Les belles lettres, 1995. p. 211)

² «Par le mot *exemplum*, on entendait, au sens large du terme, un récit ou une historiette, une fable ou parabole, une moralité ou une description pouvant servir de preuve à l'appui d'un exposé doctrinal, religieux ou moral.» (CAMPBELL, J. & MARGOLIS, N. *Christine de Pizan 2000*. Amsterdam/Atlanta: Rodopi, 2000. p. 317)

“Le mot *esemple*, d'ancien français: récit illustratif d'une morale ou d'une argumentation, conte didactique, conte illustrant une morale, image, symbole.» (Doris Ruhe In: BERLIOZ; POLO. *Les exempla médiévaux*. Paris: Honoré Champion, 1998. p. 336)

«[...] au Moyen Âge le mot latin *exemplum* est: _ d'une part une fonction rhétorique; cela vise l'évocation, conforme aux directives cicéroniennes, des actions ou des paroles de grands hommes du passé,

No *Dictionnaire du Moyen Age: littérature et philosophie* (1999, p. 766), consta que a referência ao nome ‘espelho’ provém do final do século XII, de uma passagem de Santo Agostinho, que cita São João (Epístola, I, 1)³, e segundo a qual a Escritura reenvia a cada um a sua imagem. Está implícita nessa citação a idéia de que devemos procurar conhecer as virtudes para assim tentar fazer de nossas vidas um reflexo daquilo que acreditamos ser a representação divina. Isso está de acordo com a decisão proposta pelo quarto concílio de Latrão (1215), segundo o qual todos os fiéis deveriam se confessar anualmente, para que pudessem examinar suas consciências.

Quanto à natureza do conteúdo do gênero espelho, segundo Jónsson (1995), foi inspirada no texto de Sêneca, *Questions naturelles*. Comprovação disso seria o texto de Helinand Froidmont, do século XIII, *Chronique*, no qual o autor copiou textualmente longas passagens de Sêneca. Santo Agostinho foi o último autor, antes da Idade Média, a escrever uma obra desse gênero: *Le miroir d’Augustin*.

A transposição desse gênero literário para a Idade Média deu-se por três vias:

1. O texto de São Paulo, Epístola aos Coríntios, 13:12⁴, no qual ele aborda a questão do conhecimento velado das Escrituras no tocante a Deus e ao homem, como se a Bíblia refletisse os desígnios de Deus para com o homem.
2. O pensamento neo-platônico: durante a Idade Média, conhecia-se quase que unicamente o *Timeu*. As outras obras de Platão e mesmo algumas de Aristóteles só foram traduzidas do grego para o latim no século XII, graças a filósofos árabes como Averroes.

en vue de soutenir une thèse au moyen d’une argumentation par analogie; _ d’autre part, un type de récit illustrant les conséquences bonnes ou mauvaises des actions humaines et destiné [...] comme le veut Cicéron, d’amener par la parole les hommes à se déterminer en faveur du bien.» (Berlioz, cité par Jean-Yves Tilliette. Idem, p. 45-6)

³ “O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram da Palavra da vida.”

⁴ “Porque agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido.”

Até o século XII, quase tudo o que se conhecia de Platão provinha de textos de neo-platônicos, sobretudo os de autoria de Plotino (204-269), que dizia que os seres humanos reflexivos⁵ estão engajados numa tentativa de ascensão até alcançarem a unidade com o bem. Os textos de Plotino tiveram forte ascensão sobre Santo Agostinho que cristianizou a idéia de que o mundo foi criado na mente de Deus, e que os seres humanos aspiram à unidade com Deus, o bem perfeito.

3. A emulação de textos de Santo Agostinho a partir do século IV, sobretudo *Cidade de Deus* e *Confissões*, nos quais o autor aborda a importância do conhecimento da Palavra de Deus enquanto fonte da reflexão divina.

Essas três vias deram origem, na Idade Média, a três tipos de obras pertencentes ao gênero *miroir*:

1. *Espelho da criatura*: em que as criaturas são divididas em:
 - Anjos e santos, como uma corrente de espelhos que refletem a luz de Deus.
 - As criaturas humanas, como espelhos do criador.
2. *Espelho da alma*: em que é possível conhecer a realidade superior por introspecção, graças à reflexão de Deus ou da Trindade em nossas almas.
3. *Espelho da Escritura*: em que os comentários exegéticos de passagens da Bíblia nos permitem conhecer as revelações e realidades divinas. Segundo Alcuíno: «*La lecture des saintes Ecritures est l'apprentissage de la béatitude [...] comme [...] un miroir [...]*» (JONSSON, 1995, p. 150):

Si, globalement, le miroir est lié au rapport entre l'homme et les réalités divines, son but surnaturel, le miroir de la créature et le miroir de l'âme sont plutôt présentés comme des instruments de la connaissance de Dieu, c'est-à-dire de la vision indirecte, tandis que le miroir de l'Ecriture est plutôt un instrument de la connaissance de soi et de sa propre situation. (JONSSON, 1995, p. 153)

⁵ Poderíamos pensar em dois significados da palavra 'refletir' que nos revelariam o 'traço divino' no ser humano: refletir no sentido de pensar/raciocinar, que está presente no homem, estabelecendo a prova e a assinatura de Deus na sua criação (Descartes), e a idéia de reflexão do homem, que possui semelhanças com o Criador e que reflete/espelha as virtudes propostas pelo divino.

Segundo Alain de Lille, há outra maneira de classificar os *miroirs*. Para ele, o *Espelho da humanidade* deveria ser dividido em três outros:

- *Espelho da Escritura* ou da razão;
- *Espelho da natureza* ou da sensualidade (sensibilidade);
- *Espelho da criatura* ou da carne.

Segundo especialistas contemporâneos que estudam a Idade Média, a palavra *miroir* era freqüentemente empregada no título de obras de edificação teológica ou moral e que se integravam ao gênero didático. No século XIII, foi usada para designar manuais de educação moral, de ampla abrangência, que visavam uma formação geral. Tratava-se de ‘espelhos’ que tentavam oferecer ao leitor a imagem de seu próprio ideal.

Tais tratados de educação eram conhecidos também como *specula principum* ou *miroirs de prince*, livros de ética, etiqueta e política destinados à educação dos príncipes, cuja principal característica, segundo Hansen (2002, p. 62), “é apresentar o elenco completo das virtudes cristãs que permitem o bom governo”. Estes textos foram uma tentativa da Igreja Carolíngia (séculos VIII e IX) de educar os futuros imperadores. Como exemplo, podemos citar a *Via Regia de Smaragde de Saint-Mihiel*, do bispo de Orleans. Entre os séculos XII e XV, alguns intelectuais, como Guibert de Nogent, Etienne de Fougères, Garin le Brun, Thomasin da Cerchiari, Richard de Fournival, Sordello, Jacques d’Amiens, Robert de Blois, Saint Louis, Philippe de Novaire, Matfre Ermengau, Durand de Champagne, Francesco da Barberino, Watriquet de Couvin, de la Tour Landry, Francesch Eximeniz e Jean Gerson _ elaboraram versões⁶ desses tratados para as mulheres nobres, principalmente. O objetivo era que fossem um reflexo de virtudes para todas as mulheres. Por isso, poderíamos dizer que o discurso desses homens era mais semelhante a sermões do que aos textos de ‘espelho’.

⁶ As versões destinadas às mulheres primavam mais pela excelência do comportamento moral do que pela arte de governar. A temática do amor é recorrente e outro diferencial é o tom paternal desses autores.

Quanto ao *exemplum*, era tido como um curto relato que ajudava os padres, em seus sermões, a orientar o comportamento de seus ouvintes com exemplos dignos de imitação. Ou seja, era um discurso retórico que tinha por objetivo convencer e persuadir um conjunto de ouvintes. De uma ação passada, o orador infere uma lei geral ou um preceito moral suscetível de ser aplicado à questão por ele defendida.

Segundo Lecoy de la Marche, em *La chaire française au Moyen Age*, citado por Bremond em *L'exemplum*, podemos distinguir quatro tipos de *exempla*:

- os *exempla* retirados de histórias ou lendas, principalmente de histórias da Antiguidade, de crônicas, da vida de santos e da Bíblia;
- os *exempla* tirados de acontecimentos contemporâneos, de anedotas de domínio público, ou de lembranças do autor (de modo a formar um registro de comportamentos com revelações curiosas);
- os *exempla-fables*, tomados da tradição popular;
- os *exempla* tirados dos bestiários, que eram descrições morais.

Por esses dois conceitos e classificações apresentados até aqui, podemos perceber que tanto o *espelho* quanto o *exemplum* visam à educação por meio do comportamento, mas divergem entre si. Poderíamos dizer que o *espelho* apresenta modelos de comportamento que devem ser refletidos e copiados, desde os atos mais simples do cotidiano até aqueles que estavam voltados a uma formação mais ampla e geral. Já o *exemplum* é uma série de histórias, geralmente curtas, que servem para induzir a pessoa que as escuta ou lê a seguir o modelo apresentado.

Os modelos de Christine de Pizan: os *specula* e os *exempla*

A diferença entre *espelho* e *exemplum* fica mais clara se pensarmos nas duas obras de Christine de Pizan. Em *La cité des dames*, a autora faz uso do *exemplum*, pois, nessa obra, ela elenca uma série de mais de cem exemplos, pequenas histórias de mulheres com vidas dignas de imitar. Em *Le livre des trois vertus*, Christine descreve o dia-a-dia das mulheres, seu comportamento, a partir da observação que a própria autora faz da vida dessas mulheres da França.

Specula

Márcio Ricardo Coelho Muniz, em sua tese *O Leal conselheiro, de Dom Duarte, e a tradição dos Espelhos de príncipe*, oferece um percurso histórico referente à tradição especular, começando com Isócrates, século IV a.C., e chegando ao século XV com os textos de Dom Duarte.

Apesar de Muniz ater-se aos Espelhos de príncipe⁷, aos tratados pedagógico-políticos, que tinham como alvo os homens que se encontravam em situação de sucessão, ou seja, os que ocupavam a posição de delfim, o que une todos os textos sob a designação *Specula* é a preocupação com o comportamento, com a ética. Não acreditamos tratar-se de dois tipos de Espelhos, um para os candidatos à coroa e outro para as demais pessoas. Consideramos que um texto volta-se mais especificamente para

⁷ “[...] escritos que desempenharam um papel preponderante não só na formação de reis e príncipes, mas principalmente na divulgação de um modelo de governante [...] que refletia as ideologias política, social e religiosa do momento de sua escrita. Algumas dessas obras alcançaram grande êxito, a ponto de serem traduzidas para as mais diversas línguas européias, glosadas, copiadas, referidas, tornadas obras de referência nas universidades e manuais de formação não apenas de reis e príncipes, mas também de senhores de variada estatura social, bem como de religiosos, que se serviam de seu prolixo conteúdo ético-político.” (MUNIZ, M. *O Leal conselheiro, de Dom Duarte, e a tradição dos Espelhos de príncipe*. São Paulo, 2003, p. 24. Tese de Doutorado em Literatura Portuguesa na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo)

os futuros governantes e o outro aborda questões de comportamento mais abrangentes direcionadas a todas as pessoas. Por entendermos que se trata de um mesmo gênero didático, exporemos a seguir a descrição histórica dos Espelhos.

O primeiro texto a ser reconhecido como um tratado pedagógico-político foi feito por Isócrates, *Discurso a Nicocles*. Nesse texto, escrito no século IV a.C., o autor exalta ao rei de Chipre a governar o melhor possível e a buscar informações que possam enriquecer o seu governo. Muniz cita Maria Helena Ureña Prieto: “a exortação a Níocles sobre os deveres do governante inaugurou, por assim dizer, a tradição dos tratados de educação de príncipes” (MUNIZ: 2003, p. 25).

Além de ser o texto inaugural desse gênero, o *Discurso a Nicocles* aborda temas que serão imitados nos futuros Espelhos:

O tratado de Isócrates anuncia tópicos que serão exaustivamente tratados nos espelhos futuros. Segundo o pensador grego, cabe ao rei: salvar o bem-estar no reino; evitar a indolência e a negligência; ultrapassar seus súditos em honra e virtude; valorar sua educação e a de seus súditos; buscar a convivência dos sensatos e sábios; fugir à ignorância; velar pelo bem do povo, cuidando que sua autoridade lhe seja agradável; honrar os homens bons e não permitir injustiças; buscar conhecer os hábitos e costumes de seu povo para poder criar leis justas e úteis; na condição de juiz, evitar o favoritismo, respeitar e manter suas decisões; guardar a verdade em suas palavras; fazer-se temer não pelo uso irado da justiça, mas pela moderação e segurança na aplicação dos castigos; saber defender seu reino na guerra, mas buscar insistentemente a paz; escolher bem quem o ajudará a governar; saber discernir o bajulador do bom conselheiro; buscar a dignidade do cargo que exerce etc. (MUNIZ, 2003, p. 25-6)

Entre os tópicos apresentados, alguns são abordados por Christine em *Trois vertus*. Apesar de quase mil anos de distância entre um texto e outro e de terem um público diferente, Christine segue a tradição em orientar seus leitores, mulheres e homens, a buscar as virtudes (a honra, a educação, a sabedoria, os costumes do povo, a justiça, a verdade, a paz e o discernimento) e evitar os vícios (a indolência, a negligência, a ignorância, a injustiça e a orgulho).

Segue-se o texto de Xenofonte, *Ciropédia*. Nessa obra, o escritor narra como deveria ser a educação e o governo de Ciro, sendo apresentado um retrato idealizado do

príncipe. Outros dois autores desse mesmo período, o século IV, são Platão e Aristóteles.

Platão, principalmente, em *A República*, mas também no *Político* e nas *Leis*, estabelece o modelo do bom governo e as virtudes cardeais: prudência, magnanimidade, temperança e justiça. O texto da *República* apresenta uma cidade fictícia, com suas divisões sociais, distribuição de tarefas, e destaca a participação das mulheres: “[...] a mulher participa de todas as actividades, de acordo com a natureza [...]” (PLATÃO, 455 e). Platão não via a mulher como um apêndice do homem, como Aristóteles, mas sim como uma pessoa capaz de efetuar tarefas para o bem social, além da geração de novos cidadãos.

Aristóteles, em *Política*, um conjunto de oito livros, trata o tema de modo mais amplo. Ele teoriza sobre a ciência de governar, define conceitos, analisa-os, delimita os deveres do governante e seu campo de atuação. Diferente de Platão, que cria uma cidade imaginária para dissertar sobre o tema, Aristóteles analisa os modos de governo que existem. Outra obra deste autor que deve ser entendida como Espelho, manual de comportamento ético, é *Ética a Nicômaco*.

Na Antiguidade romana, temos Cícero, Sêneca e Quintiliano.

Cícero (106-42 a.C.) escreveu *De officiis*. Para ele, a oratória tinha papel fundamental na formação do governante. Pregava ainda a formação jurídica e a aprendizagem pela formação filosófica, para que a pessoa que governasse dominasse o exercício da persuasão.

Sêneca (4 a.C.-65), em sua obra *De clementia*, dizia acreditar que a filosofia estoica era capaz de orientar o homem para o bem viver, preparando o ser humano para o controle dos apetites pessoais. Para tanto, valoriza a formação moral e dá menor importância à retórica.

Quintiliano (35-95) escreveu *De Institutione Oratoria*, obra na qual prega aspectos técnicos da educação, voltados para a formação do orador. Busca uma formação ampla e abrangente, valorizando os exercícios físicos, a leitura dos clássicos. Recomenda alternar trabalho e recreação. Considera importante a aprendizagem em grupo e orienta, quanto aos cuidados com as crianças, que devem iniciar-se desde a escolha da ama.

Outro texto que também pode ser integrado a esse grupo é a obra *De Re Militari*, de Vegécio. Trata-se de um manual de orientação militar escrito no final do século IV:

Côncios de que um das obrigações mais prementes do rei é dominar a ‘arte da guerra’, poucos *Espelhos de príncipe* se furtarão de tomar a obra de Vegécio como modelo, recomendando entusiasticamente sua leitura ou mesmo resumindo seus ensinamentos em partes dedicadas exclusivamente ao tema. *De Re Militari* casa-se perfeitamente com o modelo de rei sábio que se deseja construir, pois, além de ensinamentos concretos sobre a prática material da guerra, aduz todo um conjunto de conselhos que diz respeito às estratégias, às táticas de guerra, pressupondo um líder superior não apenas no campo físico, mas também no intelectual. (MUNIZ, 2003, p. 26-7)

Todos esses textos e autores tiveram muito sucesso em todo o período medieval e renascentista. Foram amplamente glosados e comentados por diversos autores que buscavam, em cada um deles, o modelo de príncipe idealizado.

A partir da Patrística, ocorrerão significativas mudanças. A Bíblia torna-se uma das bases para a construção do rei ideal. O modelo a seguir passa a ser o dos líderes e reis cristãos (Abraão, Salomão e Davi). Outra novidade: o príncipe torna-se o representante da perfeição celeste na terra. Com isso, o ideal de príncipe começa a ser desenhado e delineado pela Igreja. A construção do modelo de governante não está mais nas mãos de leigos, mas sim nas da instituição Igreja, que inicia assim uma relação com o poder político. Como resultado dessa associação, serão acrescentados atributos, além dos já mencionados por Isócrates (ser justo, moderado e sábio), relativos aos deveres

dos governantes: a defesa da Igreja e de seu corpo constitutivo e guiar-se pelas virtudes da fé e da caridade.

Uma característica dos autores desse período é a cristianização das virtudes abordadas pelos autores anteriores. Os manuais da arte de governar revestem-se de um teor mais cristão. Dissemina-se a preponderância do poder divino sobre o temporal, cabendo a este guiar-se por suas orientações e difundir a mensagem cristã. Isso irá concretizar-se na figura do rei como pastor, aquele que deve guiar seu rebanho, pelo seu exemplo, pelo caminho da virtude e em busca do Bem.

Um dos mais importantes autores desse período é Santo Agostinho (354-430). Professor de retórica, escreveu *De Magistro*, texto que trata especificamente da educação, no qual dialoga com seu filho Adeodato. Agostinho estabelece a Teoria da Iluminação, inspirada na Teoria da Reminiscência de Platão. Segundo o autor, o homem receberia de Deus o conhecimento das verdades eternas, assim como o sol; Deus ilumina a razão humana e torna possível o pensar correto. O saber, portanto, não é transmitido pelo mestre ao aluno, já que o conhecimento não é uma experiência que vem do exterior, mas sim de dentro de cada um. Isso é possível porque Cristo habita dentro do homem. Dessa forma, toda educação é uma auto-educação possibilitada pela iluminação divina.

Outro autor do século VI que se dedicou ao tópico Espelho de príncipe foi São Martinho de Braga (518-579), que escreveu *Formula vitae honestae*, obra que tinha por objetivo instruir o rei Miro. Recomenda ao monarca, e principalmente à sua corte, guiar-se pelas virtudes cardeais: prudência, fortaleza, temperança e justiça, ou seja, pelas virtudes, que desde Platão são as qualidades associadas ao exercício do poder.

Isidoro de Sevilha (560-636) foi um autor que escreveu mais de vinte obras durante o período chamado de Alta Idade Média. Entre elas, consta *Etimologias*, em que

explica que o vocábulo ‘rei’ deriva de reger e estabelece uma relação desses conceitos com o termo ‘sacerdote’, que provém de sacrificar. O autor sugere uma clara identidade entre os termos e as funções que representam:

Reges a regendo vocati. Sicut enim sacerdos a sacrificando, ita et rex a regendo. Non autem regit, qui non corrigit. Recte igitur faciendo regis nomen tenetur, peccando amittitur. Vnde et apud veteres tale erat proverbium: ‘Rex eris, si recte facias: si non facias non eris’ (Apud MUNIZ, 2003, p. 29)

Essa correlação entre os vocábulos confirma-se na medida em que Isidoro aponta a justiça e a piedade como as principais virtudes de um rei.

No final do século VIII, época conhecida como carolíngia, assistimos à consolidação das sociedades que surgiram do encontro de romanos e bárbaros germânicos. Houve também um grande despertar no campo da cultura nesse momento. O reino franco foi o centro desse processo de amadurecimento e desenvolvimento. A dinastia carolíngia era a protagonista dessa renovação, propondo a exortação da cultura latina em seus territórios, como potência euromediterrânea, ao lado do império romano-bizantino e dos árabes.

Nesse momento de efervescência cultural, os Espelhos de príncipe terão seu primeiro espaço de significativo desenvolvimento. Ainda sob a égide da Patrística (busca de modelos de reis inspirados na Bíblia), refletindo o conflito entre o homem secular e religioso, um grupo de intelectuais ligados à Igreja tentará a árdua tarefa de reformular a educação, incluindo-se a preocupação com a formação do soberano. Márcio Muniz elenca alguns exemplos de Espelhos de príncipe escritos durante o período carolíngio:

- *Disputatio de rhetorica et de virtutibus et vitiis* (794) de Alcuíno;
- *Via regia* (819-830) de Smaragdo de Verduns;
- *De Institutione regia* (818) de Jonas d’Orléans;

- *Liber de rectoribus christianis et convenientibus regulis quibus est res publica rite gubernanda* (855-859) de Sedúlio de Liège;
- *De regis persona et regis ministerio* (anterior a 877) de Hincmar de Reims⁸.

O ponto comum entre essas obras é a construção de um modelo de governante que segue atributos tais como: submeter-se aos desígnios de Deus, pois Dele provém seu poder; defender a Igreja e seus membros; procurar pautar sua vida pelas virtudes (justiça, paciência, generosidade e temperança); servir de exemplo a ser seguido por seus súditos; aconselhar-se com homens sábios, honrados e honestos, evitar os bajuladores, assim como a avareza e a luxúria. Esses tópicos são praticamente os mesmos abordados por Christine em *Trois vertus*, nos Livros I e II, quando a autora aconselha às princesas e baronesas a governar na ausência do marido:

Item, le quart enseignement de Prudence, qui est comment la sage princepe tendra discrete maniere meismement vers ceulx que elle sara bien qui ne l'aimeront pas, ou qui aront envie elle (XVI).

Item, le quint enseignement de Prudence qui est comment la sage princepe mettra peine comment elle soit en la grace et benivolence de tous les estaz de ses subgiéz (XVII).

Item, encore de ce meismes, et enseignement aux femmes de court comment se garderont d'avoir en elles le vice d'envie (V).

Item, le .iiii. point, qui est le .iie. des deux qui font a eschiver; parle comment femmes de court se doivent garder de mesdire et de quel chose vient mesdit ne a quel cause (VI). (PIZAN, 1989, p. 250-2)

Esses conselhos, de teor moral, estão presentes nos tratados de educação dos príncipes desde a tradição greco-romana, perpassam toda a Idade Média e ultrapassam o período da Renascença do século XVI. O diferencial é que, desde a Patrística, os valores cristãos são enfatizados nos Espelhos, assim como a preponderância do poder espiritual sobre o poder laico.

É desse mesmo período o texto *Liber manualis*, de Dhuoda. Não se trata propriamente de um *speculum principis*, mas de um tratado de educação escrito por uma mãe a seu filho. O inusitado dessa obra é sua autora, uma mulher leiga. Uma mulher da

⁸ Para maiores informações sobre datas e a quem se dirigem as obras, Muniz indica: BORN, L. The specula principis of the Carolingian Renaissance. In: *Revue Belge de Philologie et Histoire*, n. 12, 1933.

nobreza, que escreve, lê e tem acesso aos *Especula* com os quais dialoga em seus textos para discutir questões referentes à educação e à religião.

Dhuoda escreve um manual de educação moral e religiosa na França do século IX. Ela foi uma mãe preocupada com a educação do filho, Guillaume, que havia entrado para o serviço de vassalagem de Charles, *le Chauve*. Ansiando que seu filho fosse perfeito nessa atividade, faz um resumo da doutrina cristã para que, assim, ele receba os sete dons do Espírito Santo e pratique as oito beatitudes. Alguns desses ensinamentos são citados por Michel Rouche: «*Je t'invite à accorder généreusement l'hospitalité aux pèlerins ainsi qu'aux veuves et aux orphelins, aux enfants sans secours et à tous ceux que tu verras dans la misère*» (ROUCHE, 2003, p. 264).

Esse é um exemplo de uma educação essencialmente fundada sobre a moral. Por essa citação, podemos perceber a preocupação de uma mãe com as virtudes de seu filho e, mais, uma mulher capaz de ensinar preceitos morais e qualidades que correspondem ao seu estamento social, a nobreza: justiça, amor aos pobres e ao próximo etc.

Outro texto medieval importante do gênero *espelho* é o *Miroir d'Albert* ou *d'Albin* ou *Miroir de Grégoire* ou *Miroir des Moralia*. Escrita pouco antes do ano mil, essa obra inova e transforma, pois marca o início de uma preocupação com o ensino. Estaria mais próxima de um guia de educação, *miroir au prince*, porque voltada para a educação geral a partir de exemplos de pessoas ilustres. O *espelho* não reflete mais o modelo ideal, mas sim a realidade terrena em sua diversidade.

O século XII traz o Renascimento cultural, advindo das transformações sociais e políticas, a concentração das Escolas que darão origem às Universidades, o ressurgimento das cidades e do comércio, o que irá interferir no conteúdo dos tratados político-pedagógicos. O governante agora precisa se ocupar melhor da administração,

da burocracia e daqueles à sua volta. Delineia-se assim um novo perfil de governante: o rei que encarna em sua conduta moral o poder supremo.

Outro texto do início do século XII, *Miroir de l'Eglise*, de Honorius Augustodunensis, destinava-se à pregação para ajudar os padres em seus discursos. Ele indica modelos de sermões para cada época do ano litúrgico:

[...] tu dois déclamer le sermon avec des gestes décents, former les mots d'une façon bien ordonnée et humblement, et prononcer les choses tristes avec une voix triste, les choses joyeuses avec une voix gaie, les choses dures avec une voix âpre et les choses humbles avec une voix basse (JONSSON, 1995, p. 165)

Nesse caso, percebe-se que se tratava de um texto que servia de guia para ensinar ao padre como e o que falar para chegar mais próximo do coração de seus ouvintes. Esse era um guia prático e eficaz para a pregação.

A partir dessa obra, dois tipos diferentes de *espelho* surgiram: os *espelhos exemplares*, com o objetivo de edificar as almas, e os *espelhos factuais*, voltados para os estudos científicos⁹. Para nossa pesquisa, é o primeiro tipo que interessa como modelo de comportamento, principalmente os que têm por objeto as mulheres.

Enquanto gênero literário, os *espelhos exemplares* foram muito usados entre os séculos XII e XIV. Uma obra que exemplifica a preocupação com a idéia de ensinar e modelar o comportamento feminino é o *Miroir des vierges*. A data de sua origem não é certa. Alguns autores, como Matthäus Bernard, datam a obra do início do século XII, e outros, como E. S. Greenhill e Jutta Seuyfarth, propõem uma data um pouco mais precisa, entre 1130 e 1140. O mais provável, ao que parece, é que essa obra tenha sido composta depois do *Miroir de l'Eglise* e antes dos grandes espelhos cistercienses (*Miroir de la foi* e *Miroir de la charité*) de 1140, ou seja, sua composição teria ocorrido entre esses dois períodos. Também não há certeza quanto a sua autoria. Segundo Jean

⁹ Os *espelhos factuais* abordavam questões referentes às chamadas ciências naturais sobre a origem do homem, sua formação física, a origem do mundo etc.

Trithème, seu autor teria sido Hirsau, conhecido como Conrad, mas é possível que se trate de texto anônimo.

Seu conteúdo é um longo diálogo entre o padre Pèlerin e Theodora, virgem de Cristo, e combina poesia, música e arte. A obra descreve o itinerário de uma alma e termina com a união mística com Deus. A Igreja é a esposa de Deus¹⁰. Na primeira parte, o autor propõe, de modo geral, o ideal de virgindade. O diálogo entre Pèlerin e Theodora é dividido em doze partes com doze miniaturas¹¹. Estas aparecem em quase todos os manuscritos dos séculos XII e XIII, e a relação entre o texto e as imagens é estreita. Para Matthäus Bernard, as duas últimas partes desse diálogo não estariam na obra original e teriam sido acrescentadas na segunda edição.

Duas das doze partes, a quarta e a sétima, são muito importantes devido à proximidade com os temas abordados por Christine de Pizan. A quarta parte trata do fundamento dos vícios e virtudes, do orgulho e da humildade, com numerosos exemplos acerca da força das mulheres: Judith e a rainha de Sabá são alguns desses modelos. O autor se dirige a uma filha que acaba de entrar para o convento. Para prevenir eventuais arrependimentos, ele se esforça por justificar a escolha que a filha fez e trata de problemas que a jovem pudesse vir a enfrentar. O primeiro dos perigos é o orgulho. Depois, ele apresenta a parábola das virgens loucas e das virgens sábias. O autor demonstra a força das virtudes apresentadas em seu texto a partir dos exemplos citados, quando indica a sua filha e a suas jovens leitoras, com a ajuda de similitudes, como elas devem se comportar. Essa obra é mais do que uma reunião de textos sagrados ou um relato de modelos, como é o caso da obra precedente, o *Miroir de l'Eglise*:

¹⁰ «Dans la cinquième partie, la Vierge Marie est également assimilée à l'Epouse du poème biblique, en accord avec l'exégèse mariologique proposé par Honorius Augustodunensis.» (JONSSON, 1995, p. 184)

¹¹ «[...] quand l'une [*miniatura*] d'entre elles manques à l'appel il y a des blancs à la place – et les variations qu'on trouve sont en général d'ordre stylistique et non pas iconographique.» (JONSSON, 1995, p. 174)

Le titre *Miroir des vierges* n'est donc un simple topos que l'auteur expédie rapidement en quelques lignes; redevenue vivante, la métaphore s'appuie sur un 'modèle' qui est étroitement lié à toute la construction symbolique de cette oeuvre et que l'auteur construit patiemment pièce par pièce dans des passages très denses [...] il n'est pas dans le sillage de saint Grégoire ni de saint Augustin et il ne se contente pas de répéter mécaniquement la pensée de ses prédécesseurs: il redécouvre le symbolisme du miroir, ou mieux, il le reconstruit, si l'on peut dire, avec ses matériaux d'origine (JONSSON, 1995, p. 193)

Christine de Pizan, na segunda parte do segundo capítulo de seu livro *Trois vertus*, também se dirige às senhoras e senhoritas que moram na corte para pregar contra o orgulho:

Mais l'orgueil de ces habiz dessusdiz fait un autre outrage, certes moult desplaisant a Dieu a qui y vise, c'est le harnois que, assez en y a font, quant sont aux compaignies, aux nopces ou aultres assemblees des femmes, d'aler l'une devant l'autre. Et Dieux scet les envies qui pour ceste cause sourdent et les mautalens, et meismement en laissent, pluseurs y a, a accointier l'une l'autre et faire amistiéz ensemble pensant: se je accointoye ceste la, il convendroient que je alasse au dessoubz d'elle, et que devant moy fust mise; si ne le pourroit mon cuer souffrir: pour ce n'yray point en sa compaignie. (PIZAN, 1989. p. 160)

Nessa passagem, Christine aborda o cotidiano e, principalmente, descreve a vida das mulheres no final da Idade Média. A autora dá conselhos sobre como se comportar à mulher, determinando o que deve ou não fazer. Inova assim, em seu manual de educação, pois não faz uso da divisão tradicional entre virgens, viúvas e mulheres casadas, diferentemente da sétima parte do *Miroir des vierges*. Sua divisão tem por base as classes sociais, e essa escolha é fundamentada no conteúdo da parábola do Semeador¹².

A autora inova, em relação aos manuais da época, colocando em evidência a questão da classificação social em seu livro *Trois vertus*:

Ci commence la table des rubriques du Livre III Vertus a l'enseignement des dames, le quel dit livre est parti en troys parties: la premiere s'adrece aux princeps et haultes dames; la seconde aux dames et damoiselles, et premierement a celles qui demeurent a court de princeps ou haulte dame; et la tierce aux femmes d'estat, aux bourgoises et femmes de commun peuple. (PIZAN, 1989, Table des rubriques)

Além da classificação social, Christine inova também ao escrever para todas as mulheres: grandes senhoras, mulheres de vida desregrada, mulheres da burguesia,

¹² São Mateus, 13: 3-15.

mulheres de camponeses etc. Enfim, apesar de suas diferentes formas, os *espelhos* têm, na realidade, um só objetivo: o de revelar a palavra de Deus por meio das Escrituras, como uma via de conhecimento de si mesmo para alcançar a purificação espiritual.

Outra obra que traz em seu conteúdo as alterações advindas com o século XII, como por exemplo a relação entre moral e poder, é *Policratus*, de Jean de Salisbury, de 1159. Nesse texto, o autor descreve as vaidades da corte, o que com certeza ele conhecia muito bem, pois era conselheiro do papa Adriano IV e secretário de dois arcebispos de Canterbury. As inovações dessa obra são pelos menos três, segundo Muniz:

1. Com relação às fontes, Jean de Salisbury faz uso preferencialmente de autores clássicos: Horácio, Diógenes, Catão, Lucano, Sêneca, entre outros, mas também utiliza a Bíblia e os autores da Patrística.
2. Quanto à construção da organização do Estado, inova ao associá-lo à imagem de um corpo orgânico, cuja cabeça é o rei e o corpo, seus súditos, e a cabeça comanda o corpo. Esse modelo de construção e divisão de tarefas ainda hoje é caro à instituição do poder.
3. No que se refere à concepção do poder político, estabelece a relação de oposição entre o rei justo e o rei tirano. O rei, ainda encarnado na figura divina, detém o poder, porém a transmissão desse poder por herança está condicionada às qualidades do rei e do futuro rei, o príncipe. Se o rei e seu herdeiro, um ou outro, não possuírem as qualidades indispensáveis a um governante, a sabedoria e a justiça, a transmissão do poder será comprometida.

O segundo item, a identificação do Estado com o corpo físico do rei, trará conseqüências na esfera política. O soberano passa a ser visto como um mediador entre a lei divina e a lei civil, cabendo-lhe organizar, julgar, ou seja, tomar todas as decisões concernentes à administração com sabedoria e justiça.

No século XIII, a vida intelectual começa a se organizar em volta das Universidades. É a época das enciclopédias, nomeadas de Espelhos, e das sumas. Nesse momento, os textos passam a ter maior organização e circulação e, conseqüentemente, maior divulgação.

Nesse período, outros autores de Espelhos irão seguir o modelo de *Policratus*:

- *Eruditio filiorum nobilium* (1246) de Vincent de Beauvais, escrito a pedido da rainha Marguerite, esposa de Louis IX, para a educação de seu filho, futuro Philippe III;
- *Eruditio regum et principum* (1259) de Gilbert de Tournai, escrita para São Louis (Louis IX);
- *De regiminum principum* de São Tomás de Aquino;
- *De regimine principum* (1287) de Egídio Romano, escrita para Philippe, le bel.

Eruditio filiorum nobilium, expõe os princípios segundo os quais se deve cuidar da educação dos filhos da nobreza. O método usado é uma compilação de citações. Cada capítulo é dedicado a um tema, e os textos são tirados de autores antigos. As citações são claramente identificadas e suas fontes, reconhecidas. O autor só intervém com algumas breves explicações.

Outra obra atribuída a Vincent seria *Líber consolatorius pro morte amici*, que trata das circunstâncias da morte do filho de Louis IX. Além dessa, há o *Tractatus de morali principis institutione*, que é um manual para a educação de príncipes, um tipo de enciclopédia política.

Mas o grande exemplo de texto desse gênero é o *Speculum maius* (1230-50), enciclopédia dividida em três partes, *Speculum naturale*, *Speculum doctrinale* e *Speculum historiale*, foi escrita por Vincent de Beauvais e sua equipe. As fontes usadas pelos autores foram: *Suma de teologia* de São Tomás de Aquino, *De animalibus* de

Aristóteles, *De medicina* de Avicena, *Histoire naturali* de Plinius, *Origines* de Isidore de Sevilha, *Didascalicon* de Hugues e Richard de Saint-Victor, dentre outras. Trata-se de uma compilação de textos tirados de vários autores, tanto antigos quanto medievais, tanto cristãos quanto pagãos.

A primeira parte, o *naturale*, apresenta uma descrição da natureza segundo a crença da criação em seis dias. A segunda parte, o *doctrinale*, classifica as ciências em quatro ramos, seguindo a idéia proposta por Hugues de Saint-Victor. A terceira, o *historiale*, traz uma cronologia da história do mundo, desde Adão até a época de Vincent de Beauvais. Segundo Serge Lusignan, uma das razões da grande difusão do *historiale* na Idade Média, principalmente no meio clerical, é que ele era usado por monges, nos refeitórios e nas enfermarias, como uma coletânea de leituras edificantes. Durante muito tempo, considerou-se que a enciclopédia *Speculum maius* teria uma quarta parte: *Speculum morale*. Depois do estudo apresentado por Échard¹³, passou-se a considerar que foi acrescentada posteriormente. Possivelmente, Vincent de Beauvais tenha feito uso da técnica de justaposição de textos, familiar aos compiladores, para escrever seus próprios textos.

Uma questão importante, e que influenciará o conteúdo dos Espelhos, é a tradução de obras de Aristóteles, como a *Política*. Os textos aristotélicos exercerão forte influência em um dos autores mais importantes da Escolástica, São Tomás de Aquino. Na sua obra *De regiminum principum*¹⁴, São Tomás concilia as concepções aristotélicas com as verdades cristãs. Dessa forma, o reconhecimento do soberano como chefe da comunidade politicamente responsável pela organização e pelo bem comum representa

¹³ «[...] le catalogue dit Répertoire méthodique de la grande librairie de la Sorbonne, rédigé autour de 1338. On lit dans la description du *Speculum* que celui-ci ne comprend que trois parties [...]» (LUSIGNAN, S. *Préface au Speculum maius de Vincent de Beauvais: réfraction et diffraction*. Montréal/Paris: Bellarmin/Vrin, 1979, p. 81)

¹⁴ Acredita-se que São Tomás tenha escrito apenas o primeiro capítulo dessa obra. A continuação, segundo alguns autores, teria sido escrita por seus discípulos.

a aceitação de um caráter menos divino e mais político, mais humano do poder. Como Muniz aponta, “a figura do príncipe ganha paulatinamente mais materialidade, resultando em tratados que o idealizaram cada vez menos” (p. 37).

Outro item importante abordado por São Tomás diz respeito à escolha da rainha. O autor destaca o papel da esposa do rei, como companheira, conselheira, colaboradora da educação dos futuros príncipes, administradora da casa, incluindo servos e preocupação com questões econômicas. Partindo dessas prerrogativas, todo cuidado na escolha da rainha é essencial. Como o rei, ela deverá ser a encarnação das virtudes. Introduz-se aqui um olhar, ainda masculino, sobre a formação moral da mulher nobre.

O tratado de Egídio Romano, *De regimine principum*, destaca-se pela confirmação das idéias aristotélicas e tomistas sobre governo. Seguindo os passos de São Tomás, seu mestre, Egídio faz um longo comentário da obra de Aristóteles, por meio da citação de *Política*, *Ética a Nicômaco* e *Retórica*. A autor descreve, como Aristóteles, a figura do soberano com poderes quase absolutos. Outra semelhança com a obra do Filósofo é a divisão e ordenação dos temas do texto em três livros: formação da conduta individual (ética), administração da família e da casa (economia) e governo da cidade e do reino (política).

O texto de Egídio, uma das obras mais relevantes desse período, dirige-se não somente aos príncipes, mas também às pessoas comuns – *todo el pueblo*. Ao soberano cabe mediar as relações sociais, para assim assegurar a felicidade comum. Essa mediação não é mais entre o divino e o terreno, mas entre as leis (o direito) e a justiça. O *De regimine principum* apresenta um resumo do pensamento medieval sobre a arte de governar, qual seja, um Estado forte cristão, que sirva como modelo de virtude.

O século XIV traz algumas diferenças tanto com relação ao papel do escritor, alguém que vive da profissão de escrever, quanto ao conteúdo dos Espelhos. Entre elas:

o escritor passa a ser um ‘servidor’ do rei e do Estado, um empregado que terá a tarefa de contar a história de seu tempo. A outra diferença será de cunho temático: os tratados político-pedagógicos voltam-se mais para uma reflexão jurídico-política, ou seja, quanto à legitimidade do poder. Isso decorre da fragilidade do poder provocada pela Guerra dos Cem Anos e da divisão do poder papal que se transfere para Avignon. Além do tema da ética do governo, surgirá também a preocupação com a edificação espiritual e com o comportamento feminino.

Obra significativa desse período, escrita sob o reinado de Charles V, é *Songe*¹⁵ *du Vergier* (1375), que aborda a relação de poder entre a esfera religiosa e a esfera laica. Em seu conteúdo, trata de diversas questões, entre elas: a educação do príncipe, o bom governo, a escolha dos conselheiros, a soberania do rei, os impostos, a guerra, a situação dos judeus, a volta do papa a Roma, a sucessão das mulheres etc. Como é possível notar, era grande a variedade de conteúdos, mas todos giravam em torno de uma única temática: o ato de governar.

Outra obra que segue a mesma linha da anterior, também produzida na corte de Charles V, é o texto de Philippe de Mézières, *Songe du vieux pèlerin* (1389). Também constitui um manual de governo. Conta a história de um homem, *Ardent Désir*, que guia a rainha, *Verité*, entre o Ocidente e o Oriente e, em seu caminho, julga os modos e as instituições.

Mudando de temática, saindo da política e passando à religião, temos o texto que aborda a problemática religiosa, sob o ponto de vista feminino, de Marguerite Porete, *Miroir des simples âmes anéanties*. Esta obra é importante por ser representativa da mística feminina em francês. Trata da distinção entre a pequena e a grande Igreja, a Igreja instituição e a Igreja formada por um conjunto de pessoas dispostas a abandonar

¹⁵ *Songe*: prosa alegórica escrita em forma de diálogo sobre as relações de poder entre Igreja e rei, cujos personagens são um clero e um cavaleiro.

tudo para se unir, pelo amor, diretamente a Deus. Pelo conteúdo e divulgação da obra, Marguerite foi queimada em Paris em 1310.

Ainda, sob a temática religiosa, podemos acrescentar os manuais de confissão, textos escritos para ajudar os padres na escolha mais adequada de uma punição para determinado pecado. Seu conteúdo era uma lista de transgressões religiosas e a discriminação das penas para cada ato. O objetivo último desses manuais era controlar o comportamento espiritual e social das pessoas pela da redenção.

O comportamento feminino passa a ser objeto de reflexão de alguns autores, e Espelhos são escritos para elas, entre eles, *Speculum dominarum* ou *Miroir des dames*, de Durand de Champagne, um manual cristão de uso geral escrito para Jeanne, rainha da França e de Navarre. O outro é *Miroir des dames*, de Watriquet de Couvin, poema escrito a Jeanne d'Evreux, futura esposa de Charles IV. Esse tema será retomado no final deste capítulo.

A edificação moral era uma constante em grande parte das obras literárias medievais, mesmo as que faziam uso da sátira. O século XIV foi um período rico no que se refere aos tópicos (política, didático, edificação, moral, religião etc.) e à mistura de um lugar comum com outro, formando-se assim textos híbridos, o que dá a medida da riqueza das obras desse momento. A literatura desse período ensaia seus primeiros passos em direção a uma maior preocupação com o instruir do que com o divertir.

Exempla

Data da segunda metade do século XIII a primeira coletânea de *exempla* em francês arcaico e que se chamou *Manuel des péchés*. As anteriores eram traduções ou mesmo adaptações de outras obras. O autor ilustra o ensinamento de verdades da fé pelos *ensamples* (exemplos). O objetivo de utilizar passagens narrativas ou contos, ao se dirigir às pessoas simples, é evitar o cansaço que, ao tratar de assuntos abstratos, elas percam o interesse. Na maior parte dos casos, a mensagem tem por objetivo incutir um modelo de comportamento. Existe uma predominância de passagens que relatam uma ação que não tem nada de surpreendente, porém é na ação que se concretiza a regra, e é graças à ação que se pode mostrar como ela é útil e necessária. Segundo Berlioz, só no final do século XIX o *exemplum* foi definido como anedota, quadro, conto divertido ou narração verdadeira ou lendária¹⁶.

Há uma quantidade restrita de cópias de manuscritos de coletâneas de *exempla*. Não podemos esquecer que estamos em um momento de domínio da oralidade, de modo que boa parte deles está inserida nos sermões, principalmente dos padres. Muitas vezes, os clérigos usavam as coletâneas como fonte de inspiração para fazer seus sermões. Os *exempla* aí aparecem nas partes transcritas e freqüentemente traduzidas do latim. Esses sermões poderiam ser reorganizados e transformados em tratados. No conjunto, não há, de fato, muito mais do que esqueletos de narrativas ou resumos.

A eficácia da narrativa exemplar está relacionada à idéia da necessidade de persuasão, pois a Igreja, no final do século XII, precisa se adaptar às transformações da sociedade. Diante das heresias, do desenvolvimento das vilas, do crescimento demográfico e das mudanças econômicas, a solução estaria num novo modelo de

¹⁶ BERLIOZ, J. *Rhétorique et histoire*. Table ronde organisée par L'Ecole Française de Rome. 1980. p. 114.

pregação. Os novos pregadores eram, sobretudo os dominicanos e os franciscanos, que expandiram a Palavra por meio dos *exempla*. Falar de eficiência significa criar uma relação precisa entre aquele que fala e aquele que escuta antes que este último realize uma ação. Para causar tal impacto nos ouvintes, são usados nos sermões referenciais de credibilidade, tais como: a Bíblia, os Padres da Igreja e argumentos do próprio padre. O *exemplum*, portanto, visa sempre a uma modificação de comportamento.

Jacques de Vitry, em seu texto *Sermones vulgares* (1240), elege, como destinatários privilegiados de seu sermão, *simplices persone*. O público alvo é, então, a princípio, formado por pessoas ignorantes, *simplices*, que Humbert de Romans opõe aos *virii alte sapientie*, em seu texto *Ars de modo predicandi* (século XIV), seguindo a influência de seu predecessor. Pregava-se ao camponês e ao povo das cidades nascentes, falando sua própria linguagem. Para tornar mais claros os preceitos morais, usavam-se exemplos, anedotas, faziam-se comparações. Esse era o papel das coletâneas de exemplos: levar às pessoas simples, homens e mulheres, algum conhecimento, mesmo que rudimentar, sobre a religião e o comportamento. Desse modo, os *exempla* nos trazem informações sobre a cultura e as mudanças sociais do período em que foram escritos.

Além de conhecer o público a que se destinavam, é interessante verificar os prólogos das coletâneas de *exempla* para melhor conhecer essas narrações exemplares. Um dos preceitos é, sem dúvida, o de ensinar, que é facilmente constatado pela definição que alguns autores de *exempla* oferecem. Pierre de Limoges (início do século XIV) acreditava que os *exempla* impulsionavam ao bem e afastavam do mal. O autor do *Manipulus exemplorum* (século XV) pensava da mesma maneira e escreveu que os *exempla* conduzem à virtude e, como para Limoges, afastam do mal. Seria interessante

pensarmos como Christine de Pizan, em seu livro *La cité des dames*, escolheu, os títulos de cada capítulo, cada um deles já dando, por si só, a idéia de um ensinamento:

Livre I: Demande Cristine a Raison pourquoy ce est que femmes ne sieent en siege de plaidoirie, et responce (XI); Demande Cristine a Raison se Dieu volt oncques anoblir aucun entendement de femme de la haultece des sciences et la reponse que Raison fait (XXVII); Demande Cristine a Raison se il fu oncques femme qui de soy trovast aucune science non par avant seue (XXXIII); Ci dit de Minerve qui trouva maintes sciences et la mainere de faire armeures de fer et d'acier (XXXIV); Ci dit de Ysys qui trouva l'art de faire les courtillages et de planter plantes (XXXVI); Du grant bien qui est venu au siecle par ycelles dames (XXXVII); Ci dit de la prudence et advis de la royne Dido (XLVI); Livre II: Demande Cristine a Dame Droiture se c'est voir ce que les livres et les hommes dient que la vie de mariage soit si dure a porter pour l'occasion des femmes et a leur grant tort, et respont Droiture et commence a parler de la grant amour de femmes a leurs maris (XIII); Cit dit de plusieurs dames ensemble qui respiterent leurs maris de mort (XXIV); Dit Cristine a Dame Droiture contre ceulx qui dient que femmes ne scevent riens celer, et la responce que lui fait est de Porcia, fille de Catho (XXV); Preuves contre ce que aucuns dient que homme est vil qui croit au conseil de sa femme ne y adjouste foye. Demande Cristine et Droiture lui respont (XXVIII); Du grant bien qui est venu au monde et vient tous les jours pour cause de femmes dit Cristine (XXX); Contre ceulx qui dient qu'il n'est pas bon que femmes apprennent lettres (XXXVI); Dit Droiture que plusieurs femmes sont amees pour leurs vertus plus que autres pour leurs jolivetez (LXIV). (PIZAN, 2004)

Evidentemente, o título de cada capítulo deve ter relação intrínseca com o tema abordado, mas boa parte dos títulos apresentados por Christine constituem uma questão de que a autora já conhece de antemão a resposta, assemelhando-se ao método socrático, a maiêutica. Talvez sua intenção fosse a mesma de Sócrates, o qual, por meio de perguntas, conduzia as pessoas a pensar e questionar dados e conceitos tidos como verdadeiros e imutáveis. Um exemplo desse raciocínio pode ser retirado da série de títulos citada anteriormente, com especial atenção ao capítulo XXXIII, onde a autora utiliza a resposta apresentada pela sua personagem Razão para demonstrar sua tese da utilidade e qualidade das mulheres na sociedade. “*Christine pergunta à Razão se nunca aconteceu de uma mulher criar uma ciência antes desconhecida*”.¹⁷

As sete características do *exemplum* são: univocidade, brevidade, autenticidade, verossimilhança, prazer, metáfora e memorização.

¹⁷ Tradução nossa.

1. A univocidade tem por objetivo impor uma verdade moral útil. O pregador deve se fixar no sentido da história, e sua narração deve eliminar toda possibilidade de múltipla interpretação.
2. A brevidade refere-se, segundo Humbert de Romans, ao fato de que, quanto mais curto, o *exemplum* mais atenção o público terá: “[...] les *exempla* plus utiles, contenant une patente, et courts [...]” (BERLOIZ, 1980, p. 119).
3. A autenticidade determina que o *exemplum* precisa estar sob a égide da autoridade. Como a narrativa deve conduzir à escolha adequada de uma conduta moral, a preocupação constante é a de dotá-la de credibilidade. Por exemplo, Étienne de Bourbon (século XIII) recomenda aos pregadores um ‘toque pessoal’ ao explorarem o currículo de grandes personagens e, ao mesmo tempo, a fazer uma pesquisa criteriosa quando se trata da vida de um personagem pouco conhecido, para assim garantir e assegurar a boa moral.
4. A verossimilhança estabelece que os *exempla* devem provocar sua aceitação por parte do público e, para tanto, o pregador é obrigado a usar o recurso da autoridade para produzir seu discurso. O *exemplum* possui uma estrutura que só adquire significação em virtude de uma correlação estabelecida entre os elementos narrativos e os princípios morais que o pregador quer expressar.
5. O prazer está relacionado ao caráter de recreação e diversão dos *exempla* no âmbito da instrução moral, e é um fator fundamental. Não se pode ter um *exemplum* maçante, aborrecido, porque sua função é romper a monotonia dos sermões. O prazer deve estar estritamente associado ao conteúdo ilustrativo da narração exemplar.
6. A metáfora é necessária para que não só a temática apresentada no *exemplum* seja compatível com o contexto moral, mas também para que a situação final da

narrativa esteja em perfeita adequação com a conduta exigida pelo princípio moral. O *exemplum* se define então como dinâmico e reproduz, por meio de imagem ou de uma seqüência de imagens, a conduta e o comportamento desejado pela Igreja.

7. A memorização, o *exemplum* atinge seu ideal na memória do ouvinte, que deverá lembrá-lo não somente em determinado momento, mas ao longo de sua vida, nas práticas diárias e nas escolhas de todos os dias. Enfim, trata-se de não oferecer más idéias aos ouvintes, mas sim de levá-los a recordar-se apenas dos bons exemplos:

Humbert de Romans en conclut que les *exempla* sont saisis plus facilement par l'intellect et se fixent plus profondément dans la mémoire [...] Étienne de Bourbon, lui, se place aussitôt sous l'autorité du Christ qui a employé similitudines, paraboles, miracles et *exempla* pour sa doctrine fût saisie plus vite, connue plus facilement, retenue plus fortement et en devînt plus efficace. (BERLIOZ, 1980, p. 128).

As palavras dos homens mais experientes teriam a função específica de testemunhar. A partir de um diálogo com um ancião, o pregador se valia de seus exemplos para ilustrar e tornar inesquecíveis seus sermões aos seus discípulos (ouvintes): “[...] employait des *exempla* dans ses sermons et que l'on (*pregador*)¹⁸ connaît d'une autre part le succès de sa prédication, les *exempla* avaient du succès sur le public” (BERLIOZ, 1980, p. 145).

Também chama a atenção o fato de não se tratar mais de uma relação com um mestre espiritual, mas de fazer surgir e evocar uma doutrina. Os diálogos são organizados e têm por objetivo contribuir para a formação espiritual do grupo, propondo-lhe temas de reflexão. Em seguida, a dimensão pedagógica será ainda mais marcante com os grandes doutores da espiritualidade, que não se contentam em reagrupar os textos de autoridades para ver surgir uma doutrina, mas apóiam-se neles

¹⁸ Grifo nosso.

para fundar um ensinamento. Essas duas questões estão muito ligadas. A autoridade necessária e indispensável é assegurada pela presença carismática do antigo, na figura do ancião. O mestre fala e conta o que viu, leu ou ouviu. A palavra se torna, junto com seu conteúdo, salutar e carismática. O *exemplum* está aqui a meio caminho entre a *auctoritas*, pelo seu caráter quase sagrado de citação, e a narração exemplar.

Analisando a longa duração dessa figura de retórica, percebe-se que o *exemplum* se transformou, se adaptou, usando de outras maneiras de difusão, além da voz do pregador. O objetivo de moralizar permanece mesmo nos novos meios de difusão; o que muda é sua forma e sua função. Os trovadores são exemplos disso. Suas canções ressurgem sob a forma de *dit*¹⁹ e permanecem assim até o final do século XIV, em Paris. A hipótese segundo a qual, com o fim da Idade Média, haveria uma ruptura entre narrativa e moral foi muito anunciada. Esse fenômeno pode ser visto nos *exempla*, que serviram de fonte de inspiração a novelistas como Boccace. Segundo Berlioz (1980), haveria antes uma separação entre a palavra e a escrita, mais precisamente entre a comunicação oral e o texto manuscrito. Não estamos, no entanto, cedendo à tentação de afirmar que uma forma coletiva de recepção, o sermão, cederia lugar a uma percepção individual fundada na leitura. Não é assim tão simples, nem é esse o objeto deste estudo.

A esta altura da pesquisa, porém, surge uma questão: o *exemplum* medieval se constitui em um gênero literário? Antes de responder, é necessário definir o que é gênero literário. Segundo Bremond:

Genre littéraire: un ensemble virtuel d'oeuvres à finalité artistique, en général écrites, qui peuvent être regroupées dans une même classe et désignées d'un même nom parce qu'elles présentent, tant au niveau de la thématique qu'à celui de la mise en forme puis de l'usage institutionnel, certain nombre de traits distinctifs qui leur sont communs. (BERLIOZ; POLO, 1998, p. 23)

¹⁹ Poesia de inspiração moral, religiosa e satírica do século XII recitada sob a forma de sermão.

Poderíamos afirmar que tanto o *exemplum* como o *espelho* pertencem a um mesmo gênero literário e visam a uma formação moral, a um ensinamento. Sem dúvida, devemos resguardar as especificidades de cada um para entender melhor como, por que e por quem foram usados e como podemos classificá-los hoje.

O *exemplum* privilegia a narrativa breve. Seu enredo é articulado a partir de um ponto do acontecimento e é narrado com um mínimo de palavras. No limite, os narradores se contentam em citar apenas o título, em vez de recontar a história. No outro extremo, comportam-se como escribas que copiam palavra por palavra de sua fonte, narrando *ipsis literis* os *exempla*.

Os *exempla* antigos, cuja influência sobre os *exempla* medievais é limitada, seriam principalmente ordenados em torno da figura do herói, dos grandes homens ou de personagens de referência. Já os *exempla* cristãos dos primeiros séculos tiveram uma forte tendência a transferir o papel principal para certos modelos cristãos: mártires, santos e principalmente Cristo. Deve-se lembrar que o *exemplum* medieval, pelo que as pesquisas nos mostram, não se refere nunca a uma personagem, mas a uma narrativa, uma história a ser tomada em seu conjunto como um objeto, um instrumento de ensinamento e de edificação. O importante, nos *exempla* medievais, é destacar a virtude de comportamento presente nessas histórias, e não o personagem heróico, como nos *exempla* antigos. Portanto, o *exemplum* do medievo é epidítico, ou seja, demonstrativo, ressalta o ethos, o caráter do homem, sua ação, e não ele próprio enquanto sujeito.

De modo que, quando Gaston Paris escreve, em sua obra *Littérature française au Moyen Age*, que os *exempla* seriam «[...] de courts récits tantôt édifiants en eux-mêmes, tantôt ayant le caractère de paraboles ou même de récits plaisant, desquels le prédicateur extrayait ensuite une moralité» (WELTER, 1927, p. 2), ele estava pensando, provavelmente, na literatura dos séculos XIV e XV. Na literatura desse período, o

exemplum poderia sofrer uma dissociação em seus aspectos edificante e agradável em vez de uni-los como no *exemplum* medieval clássico. Nesse caso, a moralidade poderia ser dada separadamente, após uma pequena história, como no caso da *Gesta Romanorum*²⁰. De qualquer forma, a moralidade estaria sempre presente, implícita ou explicitamente, no contexto do *exemplum*, mesmo naquele em que se privilegiasse o aspecto prazeroso.

No livro *L'exemplum*, de Bremond, Le Goff e Schmitt, o *exemplum* medieval é definido como: «[...] un récit bref donné comme véridique et destiné à être inséré dans un discours (en général un sermon) pour convaincre un auditoire par une leçon salutaire» (1996, p. 38). A classificação dos autores é um pouco diferente da classificação dada anteriormente em relação às sete características, as quais segundo eles, passam a ser nove:

1. Caráter narrativo: traço que conduz o *exemplum* ao estudo do gênero e da forma literária narrativa da Idade Média. Na classificação anterior, a primeira característica era a univocidade.
2. Brevidade: ponto comum nas classificações.
3. Veracidade ou autenticidade: aqui são englobadas as características 3 e 4 da análise anterior.
4. Dependência relativa: o *exemplum* tem sua unidade e mesmo identidade, porém insere-se em um discurso ao qual está subordinado. O efeito é semelhante ao de uma colagem.
5. Sermão: há uma relação estreita entre o *exemplum* medieval e a pregação. Por vezes, os dois são superpostos ou mesmo confundidos, isto é, os *exempla* não religiosos aparecem proferidos em discursos do tipo homiléticos.

²⁰ Coletânea de *exempla* de origem inglesa escrita por volta de 1345.

6. Finalidade e tonalidade: uso da persuasão pela retórica.
7. Relação entre o locutor e os ouvintes: supõe sempre um auditório particular formado por fiéis ou discípulos.
8. Lição exemplar: o *exemplum* é didático, é uma retórica da persuasão pedagógica.
9. Fim último: a finalidade pedagógica não se atém somente a uma boa conduta terrestre; sua maior preocupação é com a eternidade da alma humana.

Podemos verificar que os itens 2 (brevidade) e 3 (veracidade ou autenticidade) são comuns nas duas classificações. É possível que essa coincidência indique um traço importante ou mesmo essencial no que tange ao *exemplum*.

Os itens 4 e 5 referem-se à relação intrínseca entre o discurso e o *exemplum*. Como um possui efeito sobre o outro, o tema abordado no discurso deve ser o mesmo sobre o qual será dado o exemplo ou a história ilustrativa.

Os itens 6 e 8 trazem à tona a questão do uso da retórica como forma de persuasão. Persuasão com finalidade pedagógica, ou melhor, visando a um comportamento determinado pelos padrões vigentes impostos principalmente pela Igreja da época. Isso remete ao item 9, no tocante à preocupação com o destino da alma, ou seja, à preocupação com o futuro após a morte.

Segundo Welter, em seu livro *L'exemplum dans la littérature religieuse et didactique du Moyen Age*, há duas classes de fontes de *exempla*: a literatura religiosa e profana e a experiência pessoal do autor dos *exempla*. As fontes religiosas são a Bíblia, os textos dos Padres da Igreja, os escritos eclesiásticos medievais, a vida dos santos, as coletâneas de milagres etc. e as fontes profanas são as obras literárias, as históricas, as poéticas e filosóficas da Antiguidade e da Idade Média, as crônicas, as lendas, os contos orientais, as fábulas, os contos sobre animais, os tratados de geografia, os *fabliaux*²¹ etc.

²¹ Conto curto escrito em verso, muito apreciado entre 1200 e 1340.

A experiência pessoal do autor envolve suas lembranças e experiências religiosas, as tradições locais ou universais e os costumes da época.

Nesse mesmo texto, o autor elenca dez tipos de *exempla* (porém o oitavo e o nono se desdobram em outros dois):

1. *Exemplum* bíblico;
2. *Exemplum pieux*;
3. *Exemplum* hagiográfico: compreende os *exempla* tirados dos milagres de nossa Senhora e da eucaristia;
4. *Exemplum* prosopopéia: representado mais freqüentemente pela narração de uma visão;
5. *Exemplum* profano: tirado principalmente de autores antigos (Valério Máximo, Sêneca, Diógenes Laércio etc.) e mais comum a partir do século XIV;
6. *Exemplum* histórico: formado pela narração de acontecimentos históricos ou de fatos e feitos de grandes homens e tirado freqüentemente das crônicas;
7. *Exemplum* lendário: proveniente da mitologia antiga, de lendas nascidas de personagens históricos (como Alexandre, o Grande), da literatura imaginária (*Chanson de geste*, romance bretão etc.) ou de tradições populares;
8. *Exemplum* de origem oriental, sob a forma de conto ou de fábula;
9. *Exemplum* moralizante: extraído de narrações maravilhosas de geógrafos ou naturalistas;
10. *Exemplum* pessoal: tirado da experiência do autor.

Os dois tipos de fontes, dos *exempla*, sacra e profana, além da experiência própria, têm por base e objetivo a vida cotidiana da esfera pública. Os exemplos são de pessoas que, em suas vidas, fizeram algo memorável, algo exemplar para a posteridade. Ao mesmo tempo, trata-se de pessoas que não tiveram sua existência esquecida graças à

retomada e à propagação de suas obras, graças ao relato constante de suas histórias, principalmente por via oral. Tais narrativas ficavam assim gravadas na memória dos ouvintes, para que eles pudessem dispor dessas vivências quando necessário. Logo, esses relatos, nos discursos ou nos sermões, tinham público e objetivos bem definidos e específicos.

Todos os tipos de *exempla* têm o mesmo objetivo: servir de modelo de conduta. A classificação é uma maneira de ajudar a compreender melhor a variedade e a quantidade desse gênero literário, produzido principalmente entre os séculos XII e XIV.

Para os autores Bremond, Le Goff e Schmitt²², há quatro critérios de classificação de *exemplum*:

1. Origem ou fonte: a partir das escolhas dos clérigos medievais, temos quatro tipos:
 - os *exempla* de origem judaica-cristã e dos primeiros cristãos: a Bíblia, os Padres da Igreja e os fundadores do pensamento medieval, Boécio, Cassiodoro, Gregório, o Grande, Isidoro de Sevilha e Beda;
 - os *exempla* inspirados na antiga cultura pagã;
 - os *exempla* de origem moderna, a partir do século IX e da renascença carolíngia, compreendendo as histórias dos autores chamados ‘modernos’ pelos padres da Idade Média;
 - os *exempla* inspirados em autores ou compiladores da época, correspondentes provavelmente ao que Welter chama de *exempla* pessoais.
2. Natureza da informação: trata-se da importância da informação dada pelas vias oral e escrita. A autenticidade e a credibilidade histórica do *exemplum* se apóiam em duas formas de autoridade cultural conhecidas na Idade Média: a autoridade da coisa lida, que utiliza o caráter mágico do escrito e do livro; e a decorrente confiabilidade

²² BREMOND; Le GOFF; SCHMITT. *L'exemplum*. Louvain: Brepols Turnhout, 1996. p. 41-2.

da palavra de pessoas dignas de fé, como padres, anciões, vizinhos, grandes personagens etc.

3. Personagens dos *exempla*: as personagens mais comuns são o homem, os animais e o sobrenatural. Há, de um lado, a idéia do homem feito à imagem de Deus; do outro, a do homem inserido em um tempo no qual as feras falam. Os animais constituem um caso à parte, pois representam uma dualidade. Nessa época, há duas maneiras diferentes de interpretar e representar o homem: uma, em um processo de convivência com os animais; outra, em um processo de antropocentrismo, visto como um primeiro passo para o humanismo. O último tipo de personagens é relativamente restrito, pois os *exempla* pretendem ser realistas e autênticos.
4. Estrutura formal e lógica dos tipos:
 - o *exemplum* funda-se na analogia, na semelhança termo a termo, e pode aproximar-se da similitude;
 - o *exemplum* funda-se na metonímia.

O desenvolvimento dos *exempla* teve importante papel na literatura, religião e cultura durante os séculos XIII e XIV.

Na Antiguidade, a começar por Aristóteles, os *exempla* obedeciam a dois meios de persuasão: pelo exemplo propriamente dito e pelo silogismo. O exemplo é normalmente indutivo, usa o argumento da autoridade; e o silogismo é dedutivo, sendo a conclusão inferida necessariamente de duas premissas. Cícero e Quintiliano formularam a teoria do *exemplum*, enquanto Valério Máximo fez uma coletânea com aqueles mais característicos da Antiguidade.

A diferença essencial entre o *exemplum* antigo e o *exemplum* medieval passa pela questão da persuasão. Para os antigos, primeiro vem o prestígio do passado, no qual se situa a história relatada; em seguida, vem o prestígio do herói da história. A

relação com o passado é diferente para o homem da antiguidade e para o homem do medievo. Para os gregos e romanos, tratava-se de rememorar o passado glorioso que funda o presente. O herói tinha um papel importante. Para os cristãos da Idade Média, o recurso ao passado histórico é um meio de obter uma prova de autenticidade, de veracidade, pois a narrativa, nesse caso, era vista como um acontecimento verdadeiro e real. A idéia de persuasão traz sempre consigo a noção de autoridade, representada sobretudo pela Bíblia. Em todos os casos, porém, podemos perceber que o importante é o exemplo em si mesmo; história e herói ocupam sempre papel secundário.

A ruptura entre o *exemplum* antigo e o medieval é dada pela figura do herói. Não importa sua identidade no *exemplum* medieval, se é homem ou mulher. O importante é que seja cristão, porque o fundamental é o exemplo transmitido por sua história, e não o personagem. A credibilidade da história não vem do herói, do personagem principal ou da narrativa, mas da qualidade do narrador e de sua fonte.

Na Antiguidade, o *exemplum* era usado principalmente na *plaidoirie*²³: era um acessório da oratória e da prática jurídica. Ele era empregado para convencer e conduzir a platéia a mudar de opinião. Durante a Idade Média, o *exemplum* foi utilizado também com objetivos pedagógicos, principalmente porque o pregador tinha por finalidade converter, convencer, transformar e mudar a opinião de seus fiéis (ouvintes). Alguns pregadores medievais, por outro lado, recorreram ao *exemplum* como maneira de divertir seus ouvintes.

Atribui-se a Tertuliano a utilização e adaptação do *exemplum* antigo aos *exempla* cristãos. Ele não se incomodava de usar alguns *exempla* pagãos, mas os mais importantes eram extraídos do Antigo Testamento. O importante, para o

²³ Plaidier: soutenir ou contester quelque chose en justice.

desenvolvimento do *exemplum*, é a tônica dada no ensinamento que conduzirá à persuasão.

O principal modelo cristão é a Virgem Maria, cuja vida é uma fonte de exemplos. Vale notar que é durante a Idade Média que se desenvolve o culto mariano, tendo então surgido coletâneas nas quais se relatam os milagres de Nossa Senhora, aproveitadas em muitos *exempla*.

Christine elege, quase dois séculos depois, a Virgem como rainha de sua *cit*. Ela escreve *La cit des dames* por volta de 1406, e o auge da literatura mariana foi entre os sculos XII e XIII. Isso comprova a fora e a influncia do culto Virgem na obra da autora. Essa escolha revela o desejo dela de continuar com o culto, pois esta seria uma forma de valorizar a mulher e homenagear aquela que foi a primeira a ter seus feitos reconhecidos e exaltados pelos cristos.

No fim do sculo VI, Gregrio, o Grande, em seus *Dialogi*, principalmente no livro IV, d aos *exempla* nova forma e funo. O *exemplum* torna-se elemento essencial da exposio doutrinal. Naquele momento, ele era usado especialmente para abordar temas referentes aos problemas relacionados alma, como a morte e o inferno. Gregrio queria demonstrar e provar, com a ajuda dos exemplos, a importncia da mudana de comportamento. Para atingir seus ouvintes ou leitores, recorria principalmente s histrias mais recentes relatadas por pessoas dignas de confiana e referentes sobretudo a suas experincias pessoais ou viagens.

A anlise da forma confirma o parentesco do *exemplum* gregoriano com o medieval. O primeiro j trazia em seu corpo a mesma estrutura de composio do medieval.

O *exemplum* desenvolve-se, de início, no meio monástico, principalmente nas novas ordens dos séculos XI e XII. Enquanto gênero literário, está estritamente ligado à palavra e particularmente à predicação.

De acordo com as pesquisas, não podemos falar de *exemplum*, no sentido estrito, durante a época carolíngia, mas sim de narrativas próximas dos *exempla*. Uma parte é emprestada dos autores pagãos da Antiguidade; outra, das fábulas animais; e outra, ainda, de fatos contemporâneos tirados, em sua maioria, de experiências e informações do autor.

É considerada uma das primeiras coletâneas de *exempla*, senão a primeira, a *Disciplina clericalis*, uma coleção de narrações traduzidas do árabe para o latim, nos primeiros anos do século XII, por um judeu espanhol convertido ao cristianismo. Pedro Alfonso era seu nome. No século XII, era comum chamar de *proverbia* os textos em forma de diálogo entre um mestre e um discípulo, que remetem aos *Dialogi* de Gregório, o Grande. Isso sem dúvida favoreceu a inserção e divulgação da *Disciplina clericalis* como fonte de *exempla* medievais, já que essa obra também usava o recurso do diálogo. A *Disciplina clericalis*, mais que instruir, queria sobretudo contribuir para a conquista da felicidade após a morte, como propunha também o texto de Gregório.

Outro aspecto do *exemplum* é seu uso na literatura vernácula e sua grande difusão nas línguas vulgares. Seu emprego principal estaria na pregação aos leigos. Obtinha-se, assim, maior alcance entre os ouvintes, pois estes, em sua grande maioria, não conheciam o latim, a língua dos eruditos.

O fato de a transcrição dos sermões e dos *exempla* ter-se dado durante muito tempo, em latim, língua internacional dos clérigos, privou-nos, salvo exceções, de textos antigos de sermões e de *exempla* em línguas vulgares. Michel Zink, em sua obra *La prédication en langue romane avant 1300*, expôs essa questão referente aos séculos

XII e XIII. Pode-se pensar ainda que a forma narrativa do *exemplum* favoreceu sua expressão em língua vulgar, ou seja, que o *exemplum* em latim tenha-se utilizado dos contos populares de língua vulgar para assim se popularizar rapidamente.

O terreno que favoreceu o desenvolvimento do *exemplum* na literatura religiosa, moral e didática dos séculos XIII e XIV foi preparado no século XII, sob a influência de teóricos de eloquência, tais como: Alain de Lille, Jacques de Vitry, São Boaventura, Humbert de Romans, entre outros. Os predicadores dão ao *exemplum*, no contexto do sermão, uma importância maior do que a que foi dada por seus predecessores no passado, seja como parte integrante, seja como introdução. Para isso, utilizando exemplos tirados de novas fontes e também acrescentando experiências pessoais:

L'*exemplum* médiéval serait sous ce rapport, plutôt qu'un genre littéraire, une sorte de fosse commune où l'on trouve empilés les cadavres de multiples genre littéraires ou non littéraires, pillés et souvent massacrés par des compilateurs avides. (BERLIOZ; POLO: 1998, p. 24)

Os cronistas, os moralistas, os mestres de diversas áreas ilustraram seus escritos com narrativas curiosas. É possível encontrar compiladores, em geral pregadores, convencidos do poder dos *exempla* de convencer um auditório. Destacá-los dos sermões e dos textos escritos, nos quais se encontram em estado disperso, permitiria obter um material rico e acessível ao povo. Por trás desse poder associado aos *exempla* está a pessoa do orador, tão apreciado e exaltado por Quintiliano, que com sua autoridade determinava os lugares-comuns e demonstrava, pelo gênio da oratória, como deveriam ser emulados.

Qualquer que seja a forma do *exemplum*, sua razão de ser e suas partes constitutivas, ele serve como prova e apoio na exposição teológica, moral ou didática. A idéia é que o autor, o pregador, o moralista ou o professor têm por objetivo impressionar seus ouvintes ou leitores e também chamar a atenção, desde o princípio, para o drama que se propõem desenvolver. De acordo com esse objetivo, são usadas fórmulas de

introdução de um gênero particular, cujo modelo pode ser encontrado nas obras de autores anteriores. Às vezes, começa-se a narração localizando-a no tempo e no espaço. Outras vezes, antes de iniciar a narração, menciona-se o nome da personagem principal, sua posição social, e indicam-se os gestos e os fatos por ela vividos e realizados.

Em sua obra *La cité des dames*, Christine de Pizan faz uso dessa técnica. Conta várias histórias ou passagens da vida de personagens ilustres, tais como santas, rainhas e mulheres da mitologia. Para servir de exemplo de comportamento, a autora cita autores antigos, que respaldam suas idéias. Quando fala de Carmenta, é possível perceber, pelos títulos, que o *exemplum* com preocupação moral, chamado *exemplum* moralista, estava em voga no século XIV, principalmente o que tinha por alvo o comportamento feminino:

Et premierement te diray de la noble Nicostrate, que ceulx d'Ytalye appellerent Carmentis. Ceste dame fu fille du roy d'Archade nommé Pallent. Elle estoit de merueilleux engin et douee de Dieu d'especiaulx dons de savoir [...] Et affin aussi qu'elle monstrast sa sapience et l'excellence de son engin aux siecles a venir, tant fist et tant estudia que elle trouva propres letres, du tout differenciees des autres nations, c'est assavoir l'a.b.c. et l'ordenance du latin, l'assemblee d'icelles, et la difference des voyeux et des mutes et toute l'entree de la science de grammaire. (PIZAN, 2004, p. 166-7)

Os *exempla* tinham duplo objetivo, fossem endereçados aos fiéis ou aos pregadores: deveriam fazer os cristãos compreender, de uma forma *evidentia*, as verdades cristãs e sua moral, estimular o zelo, facilitar o retorno dos desgarrados ao bom caminho e cativar a atenção dos ouvintes até o final do sermão; por outro lado, serviam para facilitar a preparação dos sermões no papel de fonte de inspiração aos pregadores e, ao mesmo tempo, também de desculpas em caso de controvérsias e discussões levantadas pelos ouvintes. Quanto ao seu uso, estavam sujeitos a algumas regras que deveriam ser observadas em relação à qualidade do auditório: a escolha do exemplo deveria estar intrinsecamente ligada à sua aplicação prática; quanto à sua forma, deveriam abarcar toda a maneira narrativa e descritiva do passado e do presente e adaptar-se de forma simples, na diversidade de seus tipos, a todas as formas de

ensinamento. O objetivo era alcançar o máximo de efeito para conduzir o homem a uma vida prática mais religiosa e moral.

Nos séculos XIII e XIV, a nova natureza e as novas funções do *exemplum* medieval fizeram com que esse gênero se tornasse, progressivamente, um objeto literário e cultural de grande consumo e larga circulação. Salvo no caso dos novos *exempla* colocados em circulação, ou dos que dão um formato original aos antigos, os autores são freqüentemente compiladores repetitivos ou apenas um elo de uma larga corrente de transmissão.

Uma consequência dessa transformação do *exemplum* em gênero literário é o surgimento de coletâneas, nas quais as histórias reunidas existem independentemente do contexto dos sermões ou dos tratados. O *exemplum* não é mais ‘encaixado’ dentro de um texto (sermão); ao contrário, é extraído de seu contexto, isolado, e transmitido à parte.

Seu sucesso aponta também para o surgimento de outro uso das coletâneas, além de gerar um novo público nelas interessadas: de instrumento de pregação, o *exemplum* se transforma em obra de leitura, tanto para a edificação moral como para o divertimento ou a satisfação com relação a curiosidades históricas. A abundância de conteúdo antigo nos *Gesta Romanorum*, compostos por volta de 1345 na Inglaterra, certamente contribuiu para o seu sucesso, tanto entre os clérigos quanto entre as elites laicas, nobres e burguesas, principalmente nas cidades, onde a alfabetização crescia, sobretudo no final da Idade Média. Essa mudança se faz sentir a partir de 1350.

No início, ligado principalmente ao universo da palavra oral, o *exemplum* começou a trilhar, no fim do medievo, a via da cultura livresca. Não se trata mais somente de uma experiência de audição coletiva, pois ele passa a fazer parte de uma

leitura individual moralizante. Quanto à tradição oral e à gênese do *exemplum*, o conteúdo pode derivar de três proveniências:

- da tradição escrita (*Dialogi* de Gregório, o Grande, a vida dos santos e os bestiários ou coletâneas de *exempla* antigos);
- da tradição oral;
- da experiência vivida pelo pregador que dela se utiliza para fazer sua narrativa.

Os autores de *exempla* são, em sua maioria, homens ligados à Igreja, que lêem ou ouvem outros padres cujo nome e renome garantem a autenticidade da narração, a partir da qual se forja o repertório de exemplos. Primeiramente, o orador tem por preocupação convencer seu auditório. No limite, a finalidade de edificar se degrada quando o exemplo passa a ser um mero exercício de retórica, de argumentação vazia ou mesmo de leitura para divertir.

O *exemplum* medieval era um texto organicamente ligado à oratória, como instrumento auxiliar da persuasão. O pregador (compilador) utilizava-se de todos os recursos estéticos que lhe eram familiares e conferia assim ao exemplo certa autonomia em relação ao texto principal. Conseguia, com essa transformação do original, atribuir-lhe, em alguns casos mais em outros menos, estatuto de obra literária autônoma.

Cabe uma questão: qual era o conceito de autor no final da Idade Média?

A noção de autor, segundo nossos critérios modernos, é inseparável da noção de obra literária, o que seria contrário a boa parte da produção literária dos *exempla*. O *exemplum*, tal como o conhecemos e como o compilador o concebia, era produto de um divórcio entre o que era estabelecido e garantido pela autoridade, pelo autor, pelo escriba, pelo pregador, e o que era transmitido na relação entre o pregador/autor e o público/ouvinte. Tanto o copista quanto o pregador usavam e gozavam de certa

autonomia para fazer modificações e concessões no texto, que muito provavelmente acabava se distanciando do original.

É necessário lembrar que não é todo texto escrito que tem status de obra literária, nem toda obra literária tem por objetivo a comunicação por escrito. Essa ambigüidade existe, por exemplo, no caso dos textos de oratória: discurso político, discurso jurídico, sermão e outros gêneros com os quais o *exemplum* tem uma ligação orgânica em sua origem.

Para Berlioz e Pólo, o *exemplum* não é um gênero independente, pois ainda estaria ligado/subordinado ao sermão, não podendo assim ser considerado um gênero, e sim “l’ingrédient rhétorique d’un genre” (BERLIOZ; POLO, 1998, p. 25).

No momento em que os *exempla* medievais passaram a ser divulgados, perderam sua finalidade institucional e adquiriram certa independência. A partir daí, o *exemplum* pode ser visto não só como instrumento de persuasão inserido em determinado contexto, mas como um texto com uma mensagem independente e auto-suficiente, que encontra, nele mesmo, em suas rubricas (sumário) classificatórias de coletâneas, sua própria finalidade.

Os *exempla* eram de modo geral lidos e utilizados pelo usuário potencial, o pregador, que se servia das coletâneas disponíveis. Estas eram usadas como fonte para a compilação e não teriam sido vistas propriamente como objetos de consumação literária: tratava-se antes de instrumentos de trabalho, de auxiliares para a memória, de enciclopédias de acontecimentos e idéias à disposição para o uso e o desenvolvimento de cada novo usuário, segundo seu critério e valor. Para Bremond (1996), talvez não possamos falar propriamente em gênero literário, pois, neste caso, os *exempla* já possuíam, na sua essência, o germe de um gênero de mensagem: narrativa ou didática, sendo ambas extraliterárias.

No livro *Les exempla médiévaux: nouvelles perspectives*, Claude Cazalé-Berard cita a classificação de gênero literário menor, feita por Jauss, no que tange ao discurso exemplar medieval. As formas indicadas por Jauss seriam nove: provérbio, parábola, alegoria, fábula, *exemplum*, lenda, conto maravilhoso, *fabliau* e novela, podendo-se considerar cada uma delas a partir da situação de comunicação (quem fala e para quem se fala); da relação com a tradição (diacrônica ou sincrônica); da posição que se ocupa na sociedade; do modelo de comportamento e da função sócio-ideológica.

O *exemplum* é fruto de um deslocamento do ponto de vista do conteúdo e da performance narrativa. Contribui para essa transformação outra concepção de autor e de obra. Trata-se, neste caso, de um autor engajado na empreitada da criação pela língua, mesmo que seja de modo mimético, de simulação de ações ou de acontecimentos imaginários, de invenção ou de transmissão de histórias já inventadas, que levam o público ao prazer estético da contemplação.

Quanto à obra, é preciso ressaltar, agora, o prazer intelectual da descoberta, da espera e da resolução de uma intriga narrativa ou dramática, do conhecimento ou reconhecimento de uma significação mais ou menos dissimulada, para que assim se passe, segundo a concepção aristotélica, da noção de linguagem (*legein*: informar, interrogar, persuadir, ordenar, proferir) para a noção de arte (*poiein*: produzir obras), da retórica à poética.

A imagem de mulher descrita pelos autores – homens

Antes de tratarmos dos textos medievais, vale ressaltar um autor da Antigüidade romana, Plutarco (45-125). Entre as fontes de Christine citadas por diversos autores, até onde sabemos, Plutarco não aparece. Mas o conteúdo de alguns tratados da *Moralia* e o tratamento dado às mulheres é muito semelhante à abordagem feita por Christine.

É autor também de *Vidas paralelas*, um *exemplum* em que reúne valores gregos e romanos por meio das figuras biográficas de pessoas importantes, tais como Péricles, Demóstenes e Cícero.

Moralia é composto por 75 ou 80 tratados, sendo quatro, especificamente, dedicados às mulheres. Seu objetivo era narrar fatos pouco conhecidos sobre os atos femininos. Assim como *Vidas paralelas*, também há uma narrativa biográfica de homens e mulheres ilustres. Entre o fim do século XIII e o início do século XIV, Máximo Planudes recolheu e agrupou o que hoje conhecemos como *Moralia*.

Os três tratados destinados às mulheres são:

- *Preceitos para o casamento*, uma reflexão sobre o amor e a prática conjugal;
- *Consolação à sua mulher*, escrito por ocasião da morte de sua filha;
- *A virtude das mulheres*, um retrato da participação da mulher na esfera pública.

É possível acrescentar ainda um quarto tratado, apesar de não ter sido escrito especificamente para as mulheres, *Diálogo sobre o amor*, no qual Plutarco defende o casamento, destacando a importância do papel da mulher nele.

Na dissertação²⁴ *A imagem feminina na Moralia: heroísmo e outras virtudes*, Mariana Duarte Silveira faz a apresentação, análise e tradução dos três primeiros

²⁴ SILVEIRA, M. D. *A imagem feminina na Moralia: heroísmo e outras virtudes*. São Paulo, 2006. Dissertação de mestrado em Letras Clássicas pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

tratados. Segundo a autora, Plutarco ainda estava inserido na tradição de inferioridade legal da mulher, considerada somente sob o ponto de vista biológico, como procriadora ou instrumento de prazer, porém, o autor é um dos primeiros a reconhecer o papel da mulher no casamento e sua relação com o marido.

Em seus tratados, Plutarco exalta a união total entre marido e mulher; amor e casamento se confundem; a mulher é a companheira que partilha dos prazeres, das alegrias e também dos deveres. Com isso, o autor demonstra sua tese de amor ideal e a igualdade entre os sexos, especialmente no que se refere às virtudes. Todavia, a mulher continua a ter como principal virtude a dedicação total ao marido.

Em *As virtudes femininas*, texto que, acreditamos, Christine gostaria de ter lido, o autor apresenta um modelo de comportamento para Cléa, que acaba de perder a mãe, orientando-a a como se comportar fora do abrigo de sua casa. Cléa deveria praticar atividades diferentes das proclamadas tarefas femininas, exercer virtudes até então restritas aos homens. Segundo Plutarco, as mulheres deveriam colocar-se como sujeitos tomando parte de uma guerra, lutando pela sobrevivência, tendo o poder de tomar decisões importantes para a comunidade. Porém, todos esses preceitos descritos pelo autor às mulheres têm espaço porque os homens estão impossibilitados de realizá-los em um dado momento. Nesse sentido é que afirmamos que Christine gostaria de ter lido essa obra de Plutarco: a semelhança na abordagem do tema é no mínimo curiosa. Os dois autores descrevem a prática de atitudes pouco convencionais às mulheres na ausência do marido ou de outra tutela masculina. Ainda, ambos acreditam que as virtudes femininas e masculinas são iguais, ou seja, não haveria mais mulheres virtuosas do que homens, nem mais homens virtuosos do que mulheres. A citação a seguir mostra isso:

Acerca das virtudes das mulheres, ó Cléa, não tive a mesma opinião que Tucídides. Ele é de opinião que melhor é aquela sobre a qual menor conversa houver entre estranhos, concernindo à censura ou elogio, pensando que certamente, como seu corpo, o nome da mulher

nobre deve ser trancado e nunca vir a público. Górgias mostra-se para nós mais refinado, exortando que não a aparência, mas a reputação da mulher deveria ser conhecida por muitos. O costume romano parece ser o melhor, pois permite o elogio público conveniente tanto aos homens quanto às mulheres, após o fim de suas vidas. (SILVEIRA, 2006, p. 18)

Como podemos verificar, havia separação entre as virtudes atribuídas às mulheres (silêncio, pudor, moderação e discrição) e aos homens (coragem, virilidade, habilidade na oratória e na política), desde a Antiguidade, mas em algum momento específico elas poderiam cruzar e misturar-se, segundo o interesse e a necessidade social.

Principais autores do século XIV, cujos textos Christine, possivelmente, teve contato: Gil de Roma (1316), *De regimine principum libri*; Durand de Champagne (1340), *Speculum dominarum*; Francisco de Barbeino (1348), *Reggimento e costumi di donna*; Simon Fidati (1348), *Regola ovvero dottrina a uma sua figliula spirituale*; La Tour Landry (1371), *Pour l'enseignement de ses filles*; Conrado de Megenberg (1374), *Yconomica*; Francisco Ximenes (1388), *Libre de les dones*; e o anônimo (1393), *Le Ménagier de Paris*, são alguns dos autores que publicaram, na época, *exempla* de caráter moralista.

Podemos verificar que havia uma preocupação dos pregadores em modelar o comportamento das mulheres, principalmente as da classe mais abastada, para assim servirem de exemplo às mulheres mais humildes. Textos voltados para a formação e educação da mulher estão presentes também em outros gêneros, além do *exemplum*, como sugere Rose Rigaud:

courtes pièces en vers des XIIIe et XIVe siècle: 'Li Epystles des femes', 'L'Évangile as fames', 'Le Blastange des fames', 'Le Blasme des Fames', 'Le bien des fames', etc. [...] fabliaux de la même époque (Recueil de Montaiglon et Raynaud); longs poèmes de plusieurs milliers de vers: *Roman de la Rose* de Jean de Meun, *Lamentations de Matheolus*, *Livre de Liesse* de Jean Lefèvre [...] (RIGAUD, 1973, p. 8)

Em seu livro *De la littérature didactique du Moyen Age s'adressant spécialement aux femmes*, Alice A. Hentsch divide os textos que se dirigem às mulheres em quatro grupos:

1. Textos religiosos: que exortavam à virgindade e eram escritos em latim.
2. Tratados com conselhos supérfluos, cuja idéia central girava em torno do amor cortês dos séculos XII e XIII. “Ici la femme est avant tout un objet de luxe, son premier devoir est de plaire et sa qualité indispensable la beauté» (HENTSCH, 1975, p. 3).
3. Ensinaamentos de ordem moral tratados de maneira genérica. Segundo a autora, as obras que se encontram nesse grupo constituem o berço da pedagogia moderna: São Luís, Philippe de Novaire, Barberino, Eximenez (Ximenes), o autor de *Ménagier* e Christine de Pizan.
4. Livros que não têm mais caráter puramente didático: depois do século XVI, são raros os conselhos dados às mães no tocante à educação de seus filhos. A pouca variedade e a nulidade pedagógica desses conselhos, quando presentes, demonstram a mudança na escolha do tema. É curioso observar que, numa época na qual o papel da mulher quase sempre se restringia à função de mãe de família, tenha havido essa mudança temática, indicando a pequena influência da mãe na educação de seus filhos.

Freqüentemente, esses autores eram pais que endereçavam primeiramente seus textos às mulheres que lhes eram mais próximas. Obras escritas por pais a suas filhas, por irmãos a suas irmãs ou por maridos a suas esposas, e que depois eram endereçadas às mulheres de modo geral. Há casos de mães que escreviam para suas filhas, porém não é possível afirmar com certeza que esses textos tenham sido produzidos por mulheres. A maior parte dos autores que escreviam às mulheres, de modo geral, tinham

claramente intenção pedagógica e, em boa parte, dedicavam suas obras a princesas que podiam favorecê-los com algum tipo de pagamento.

Alguns manuais de educação do século XIV propunham regras para assegurar a conduta das mulheres. O *Speculum dominarum*, de Durand de Champagne, composto entre o final do século XIII e o início do século XIV, é destinado à rainha Jeanne de Navarre, mulher de Philippe, o belo. O texto é um tipo de manual de moral cristã, tendo por finalidade a edificação e a instrução da princesa e das mulheres em geral.

Durand divide sua obra em três livros: o primeiro, *De condicionibus mulierum*, está subdividido em três partes e em alguns capítulos; o segundo, *De sapientia*, trata das vantagens da sabedoria; o terceiro, *De domo multiplici quam edificare debet regina quelibet alia domina*, trata de quatro questões: a vida terrestre, a consciência, o inferno e o céu.

Para desenvolver os numerosos temas que são objeto de seu tratado, o autor recorre ao método comum de definir, dividir e subdividir cada aspecto abordado, fazendo uso de inúmeras citações da Bíblia, de autores sacros e profanos (Cícero, Sêneca, Macróbio, Santo Ambrósio, Santo Agostinho, São Bernardo etc.), de vários exemplos tirados de escritos da Antiguidade profana ou de autores medievais (Vincent de Beauvais, Jean de Galles), da vida de santos ou de sua própria experiência.

Outro exemplo é o livro de Chevalier de la Tour Landry, *Pour l'enseignement de ses filles*, escrito entre os anos de 1371-74, que pretendia ser útil e agradável a suas filhas e aos seus leitores: “être utile et agréable à ses filles et à ses lecteurs ou lectrices”.

As fontes de La Tour Landry são praticamente as mesmas de Durand. O texto está dividido em 128 capítulos, que podem ser subdivididos em nove categorias de conselhos cada um:

1. Conselhos religiosos, tidos como os mais importantes.

2. Conselhos morais, sobre a conduta de modo geral, sendo direcionados, sobretudo às mulheres de todas as idades.
3. Conselhos às mulheres mais jovens.
4. Conselhos às mulheres casadas. Primeiro conselho: “Les femmes doivent souffrir bel et courtoisement leur douleur” (HENTSCH, 1975, p. 131).
5. Conselhos às viúvas.
6. Conselhos relativos à educação dos filhos.
7. Conselhos relativos aos empregados da casa.
8. Conselhos quanto aos sentimentos que a esposa deve nutrir por seu marido e que são fruto de uma discussão entre La Tour Landry e sua esposa.
9. Conselhos sobre o dia-a-dia de uma viúva e seu comportamento ideal.

A temática desse livro tem por centro o ideal familiar; trata-se de um pai que escreve a suas filhas sobre a vida conjugal que as espera e prescreve que as mulheres não precisam saber escrever, mas, deveriam saber ler para evitar os perigos da alma.

Podemos ainda acrescentar dois outros exemplos de tratados morais. Um é em francês, *Le miroir de l'Homme*, e o outro em inglês, *Confessio Amantis*. Destinados ambos à educação das mulheres da nobreza, da burguesia e de outras camadas sociais, foram escritos pelo moralista inglês Jean Gower (1320-1402).

Le miroir de l'Homme, escrito em 1381, constitui um tipo de suma²⁵, dividido em dez partes, em que o autor começa fazendo uma exposição dos vícios e virtudes. Continua apresentando um curioso quadro das diferentes condições sociais, desde a hierarquia eclesiástica, o mundo religioso, passando pelos imperadores, reis, príncipes, membros da nobreza, até os juízes, mercadores e artesãos. Usa numerosas citações da Bíblia, de outros *exempla*, de tratados de história natural e de bestiários moralizantes.

²⁵ Designação comum a alguns tratados teológicos medievais que continham um resumo de toda a teologia.

No *Confessio Amantis*, escrito por volta de 1393, Jean Gower teve por objetivo complementar seu primeiro tratado e desenvolver outras temáticas. Utiliza-se de diálogos para desenvolver seu tema. Os personagens são um amante e seu confessor Genius (*Roman de la rose*). A temática gira em torno dos sete pecados capitais, da falta de amor e dos deveres dos amantes. Versa sobre política, astrologia e psicologia, como é próprio da maioria dos *exempla*.

O texto anônimo *Mesnagier de Paris*, escrito por volta de 1393, também é um exemplo da preocupação masculina com a conduta feminina. Escrito por um marido que se dirige a sua esposa, seu objetivo é, segundo as palavras do editor, o de formar o coração de sua jovem mulher, que teria 15 anos, e traçar um quadro de seus principais deveres de esposa e dona da casa. O autor divide seu tratado em três partes: a primeira, moralizadora, indica os meios para conquistar o amor de Deus, a salvação da alma e o amor do marido; a segunda aborda os detalhes referentes à limpeza; e a terceira descreve os jogos e *esbattements honnestes* (WELTER, 1927, p. 206).

A representação idealizada da mulher, apresentada há muito tempo de maneira oscilante entre o bem e o mal, vai desde a questão do corpo, sua ligação com a sedução, até a dama idealizada no romance cortês. A valorização do matrimônio, equiparado à aparente valorização da mulher, graças a seu papel no casamento, conduz à justificativa teológica da inferioridade feminina, ou seja, a mulher só poderia se realizar enquanto mulher no casamento, sob a tutela do marido. A consequência é a revalorização do casamento como instrumento de estabilidade social e regulamentação econômica, aparecendo primordialmente como uma necessidade política.

Nessa linha de argumentação, encontramos textos que ditam às mulheres qual deve ser sua conduta, apoiados em um modelo de submissão da mulher vista sempre como propriedade do homem. Um dos exemplos mais célebres no tocante a essa

questão são os textos de São Paulo, em que o apóstolo se refere ao casamento, à mulher e ao marido.

O livro *Les dénominations de la femme dans les anciens textes littéraires françaises* trata da temática da misoginia e da associação entre a mulher e sua fraqueza de corpo e espírito. A noção de fraqueza é ligada à feminilidade nas expressões do tipo *je sui fame*. As outras denominações características ressaltam outros ‘defeitos femininos’, que são numerosos: a tagarelice, a avidez, a luxúria, a leviandade e a *coqueterie*:

Les auteurs des chansons de geste et des romans courtois n’emploient généralement pas le mot femme pour désigner leurs héroïnes; ils lui préfèrent des termes non seulement plus nuancés quant à l’âge mais surtout plus conformes à la condition sociale des personnages: pucelles, damoisele, dame [...] (GRISAY et al., 1969, p. 69)

Nesse sentido, poderíamos pensar que o fato de Christine de Pizan assumir sua identidade de mulher escritora/escritora mulher _ ‘*Je, Christine*’ _ seria uma tentativa de romper com os padrões vigentes de discriminação da mulher. Sendo ela uma escritora, escolhe como ‘campo de batalha’ um espaço quase que exclusivo dos homens, em uma época em que as mulheres eram co-tuteladas. Nos provérbios e nas passagens, ao se referir às mulheres, a denominação de esposa é a que aparece com maior frequência: “qui a bonne femme si a bon chatel”, e quase sempre acompanhada de um possessivo: “sa fame”.

A palavra *dame*²⁶, que designa a mulher amada no lirismo cortês dos séculos XI e XII, representa um jogo de palavras que resulta da sua transposição metafórica da linguagem feudal para a esfera do amor. A relação *dame*/amantes reproduz a ligação feudal suserano/vassalo. A princípio, a palavra se aplicaria indiferentemente a todas as mulheres da nobreza, casadas ou não. Contrariamente ao termo ‘mulher’, a palavra

²⁶ *Dame*: mestre, suzerana; *domina* (latim): proprietária; conceito social fundamental na Idade Média.

‘*dame*’ é aplicada quase sempre a um papel de designação individual, quando o texto se refere a uma pessoa, especificamente, como mãe, esposa ou filha de um homem importante. Aplicava-se a palavra ‘*damoisele*’ às mulheres da pequena nobreza, de estado mediano, casadas ou não.

Para Marion Guarinos, em seu artigo *Individualisme et solidarité dans Le livre des trois vertus* (RIBEMONT, 1998), Christine usava uma pedagogia de exemplos para colocar em cena mulheres que por si próprias chegaram ao conhecimento por meio de sua coragem, de sua força e de suas virtudes. Assim, mostrava a seus leitores, e principalmente a suas leitoras, que a capacidade de pensar por si mesmas era inerente aos seres humanos. Dessa forma, as mulheres tomavam consciência do que elas também poderiam fazer e não se deixavam influenciar pela imagem negativa que lhes era apresentada pelos homens. Segundo a autora, Christine pensava que as mulheres pertenciam a uma categoria social inserida na hierarquia proposta pelos homens, o que constitui um marco importante e inovador para os tratados de educação direcionados às mulheres. Podemos imaginar essa atitude como uma vontade de individualizar a mulher. Quando a obra foi escrita, a individualização da figura feminina podia ser lida como uma tentativa de padronizar a maneira de se declarar ou se dirigir à princesa, damas ou burguesas. Seria uma tomada de posicionamento e de demarcação para caracterizar a mulher na esfera social, saindo da classificação indistinta e vasta de ‘mulher’, tão usada pelos autores homens.

Um exemplo encontra-se no final do Livro II e do Livro III de *La cité des dames*: «[...] princesses honorees de France et de tout pays et toutes dames, damoiselles et generalment toutes femmes [...]; Et briefment, toutes femmes _ soient grandes, moyennes ou petites [...]» (PIZAN, 2004, p. 426 e 500). Outro exemplo desse tratamento dado às mulheres por Christine está em seu outro livro, *Les trois vertus*, no

qual cada parte (também chamada livro) remete a uma divisão social: mulheres nobres, damas da corte e burguesas e mulheres do povo.²⁷

E, por fim, a idéia de que a idade e o sexo aumentam ou diminuem os riscos de se cair em pecado. Nos sermões, os pregadores dirigem-se principalmente às mulheres mais velhas. Bériou (1998), em seu texto *L'avènement des maitres de la parole*, cita Gerard de Reims, que observava que “les vieillards sont avares et cupides, à défaut d’être gourmands et luxurieux, que leur nature affaiblie ne leur permet plus guère” de fazer outras coisas. Dá, em seguida, o exemplo de uma mulher mais velha, para quem ninguém olha mais e que com isso perde sua luxúria, ou é esta que a abandona. O seu prazer se transforma. Ela passa a incitar, principalmente as jovens, a cultivar a luxúria.

Christine, no *Livre des trois vertus*, fala do comportamento da mulher mais velha e de sua relação com as jovens:

[...] pour mettre paix de celle guerre entre les femmes de divers aages qui nostre doctrine pourront oïr, [...] Mais dirons premierement aux anciennes les meurs qui leur aduisent. Il apertient a toute femme d’aage que elle soit sage en fait, en abit, contenance et paroles. En fait doit estre sage parce que avis doit avoir et memoire des choses que veues a avenir en son temps; et pour ce quant aucune chose veult faire ou entreprendre, doit | ouvrer par l’exemples d’ycelles, car se elle a veu mal ou bien avenir a elle ou autre par tenir aucunes manieres, penser puet que ainsi lui en avenra par semblablement faire. (PIZAN, 1989, p. 197)

²⁷ Ver p. 05 deste texto.

Capítulo 2: Fortuna crítica e descrição

I. Recepção de Christine de Pizan

[...] eulx et celles, tant femmes comme hommes que Dieux a establiz es haulz sieges de poissance et domination soient mieulz moriginéz que aultre gent afin que la reputacion d'eulx en soit plus venerable et que ilz puissent estre a leurs subgiéz et a ceulz qui les frequent et hantent si comme mirouer et exemple de toutes bonnes meurs [...]

Livre de trois vertus, p. 9

Christine de Pizan

Para melhor dar a conhecer Christine de Pizan e suas obras, principalmente para o público brasileiro, optamos por situar os momentos em que a autora foi lida e por quem a autora foi lida. Traçamos uma cronologia dividida em duas partes, primeiro com os autores contemporâneos a Christine, início do século XV, depois da segunda metade do século XV a meados do século XX.

Não se tem a pretensão, neste trabalho, de dar conta dos quase seis séculos que nos separam das obras da autora, tampouco de fazer um estudo minucioso da leitura feita de obras da autora.

O objetivo é mais modesto: é apresentar um percurso de como, em quais momentos e quais obras de Christine foram lidas e por quem foram lidas. Dessa forma, poderemos verificar qual foi a recepção dada à autora e sua obra e traçar um perfil da escritora, a partir da maneira como os seus leitores a imaginavam até meados do século XX.

Como alguns autores contemporâneos referiam-se a Christine:

- Eustache Deschamps tinha grande estima pela autora: “*Seule en ses fais ou royaume de France*». Chegou mesmo a escrever uma balada para ela:

Muse eloquent entre les IX, Christine,
 Nompaille que je saiche aujourd’hui,
 En sens acquis et en toute doctrine
 Tu as de Dieu science et non d’autrui;
 Tes epistres et livres que je luy
 En pluseurs lieux, de grant philosophie,
 Et ce que tu m’as écript une fie,
 Me font certain de la grant habondance
 De ton savoir qui toujours monteplie. (RIGAUD, 1973, p. 19)

Deschamps compara o conhecimento e a desgraça de Christine com a de Boécio:

“*Et je te vois, comme Boèce à Pavie*».

- Jean Gerson: «*virilis femina, insignis femina*».
- Guillebert de Metz, tradutor contemporâneo a Christine: «*damoiselle Cristine de Pizan qui dictoit toutes manieres de doctrines et divers traictiés en latin et en françois.*» (LAIGLE, 1912, p. 37)
- Gontier Col, mesmo sendo seu adversário na *Querelle du Roman de la rose*, refere-se a ela como: “*femme de hault et élevé entendement, digne d’onner et de recommendations*” (RIGAUD, 1973, p.19)

Uma cronologia de autores

1402: Primeira tradução de uma obra (*Epistre au Dieu d'Amour*) de Christine para o inglês feita por Thomas Hoccleve.

1442: Martin Le Franc em sua obra *Champion des dames*, reclama um posto de governante para as mulheres e refere-se a Christine:

Elle fut Tulle et Cathon:
Tulle, car en toute éloquence
Elle eut la rose et le bouton,
Cathon aussi en sapience. (PINET, 1927, p. 454)

E mais:

Mais au fort des choses passées
Jugeons par ce que veons or,
Et que les dames trespasées
Eurent de clergie tresor
Plus precieux que ne soit or;
Aussi bien que dame Christine
De laquelle a trompe et a cor
Le nom partout va et ne fine.
Louer assez, je ne la puis,
Sans soupirs, regrets et clamours
Non pourroient ceulx qui au puis
Servent le gay prince d'amours
Car vraiment, toutes les flours
Avoit en son jardin joli,
Dont les beaux dictiers longs et cours
Fait on en langage poli.
Aux estrangers pouvons la feste
Faire de la vaillante Christine
Dont la vertu est manifeste
En lettre grecque, aussi latine;
Et ne devons pas sous courtine
Mettre ses oeuvres et ses dis,
Afin que se mort encourtine
Le corps, son nom dure toudis. (RIGAUD, 1973, p. 19-20)

1447-1455: Primeira versão portuguesa de *Trois vertus* é mandada fazer pela rainha Isabel a partir do apógrafo levado provavelmente por seu pai, o infante Pedro, sendo o único texto conhecido dessa versão o manuscrito conservado na Biblioteca Nacional de Madri, sob o nome: *Tratado de las virtudes de las señoras*.

1460: J. Miélot revisa *Epistre d'Othea* para adaptá-lo a um projeto iconográfico de um manuscrito.

1475: Tradução de *Cité des dames* para o flamengo por Brugeois Jan de Baenst.

1476: O autor, ou autora, de *Les enseignemens que une dame laisse à ses deux fils*, louva-a:

Christine de Pizan a si bien et honnestement parlé, faisant dictiers et livres a l'enseignement des nobles femmes et aultres, que trop seroit mon esprit failly et surpris vouloir entreprendre de plus en dire. Car quant j'auroie la science de Palas ou l'eloquence de Cicero, et que, par la main de Prometeus, fusse femme nouvelle, sy ne porroie je parvenir ne atteindre a sy bien dire comme elle a faict. (LAIGLE, 1912, p. 39)

1478: Tradução para o inglês, feita por A. Woodville, de partes de *Enseignements moraux pour son fils Jean Castel* e *Proverbes moraux* e editadas por W. Caxton.

1488: Antoine Vérard edita o *Livre des fais d'armes et de chevalerie*.

1489: Tradução para o inglês da obra *Le livre des fais d'armes et de chevalerie*, a pedido de Henri VII, por W. Caxton. Reeditada em 1937 por A. T. P. Byles.

1497: A. Vérard imprime *Le trésor de la cité des dames, selon dame Christine*.

1499-1500: P. Pigouchet publica *Epistre d'Othea* sob o título de *Les cent histoires de troye*.

1501: Em *Le Jardin de plaisance*, é feita menção ao seu nome.

Jean Marot exalta sua sabedoria e recomenda a leitura de suas obras em *La vray disant advocate des dames*:

Lisez de Thamar, la paintresse
Qui fust souveraine maistresse
De vivifier ung image
De Christine la grant sagesse (RIGAUD, 1973, p. 20)

Clément Marot, filho de Jean, se diz surpreso pelo fato de as mulheres não exercerem cargos eclesiásticos, e em seu *rondeau* a Jeanne Gaillard escreve:

D'avoir le prix en science et doctrine
Bien mérita de Pisan la Cristine
Durant ses jours (RIGAUD, 1973, p. 20).

1503: Michel Le Noir imprime *Le trésor de la cité des dames de degré en degré et tous estatz, selon dame Christine*.

1518: A viúva de Trepperel reedita *Epistre d'Othea*.

1518: Segunda versão portuguesa do livro de *Trois vertus*, sob o nome: *O espelho de Cristina*, impresso por Germão de Campos a pedido da rainha Leonor.

1521: O catálogo do Museu Britânico registra uma tradução inglesa do livro *Cité des dames*: “*Here begynneth the boke of the City of ladies*”, feita por B. Anslay.

1521: Tradução para o inglês feita por J. Skot de *Livre du corps de policie*.

1522: Philippe Le Noir reedita *Epistre d'Othea*.

1523: Pierre de Lesnauderie, em *La louenge de mariage et recueil des hystoires des bonnes, verteuses et illustres femmes*, cita Christine três vezes e a declara « *très experte en l'art de rhétorique* ».

1527: P. Le Noir publica *Le livre des fais d'armes et de chevalerie* sob o título *L'arbre des batailles et fleur de chevalerie*.

1530: R. Wyer traduz *Epistre d'Othea* sob o título *The Christine hystories of Troye*.

1536: Jean Bouchet, de Poitiers, em *Temple de bonne Renommée*, cita Christine e a celebra:

Christine l'ancienne
Qui fut jadis grant rhethoricienne [...]
Je ne sauroys oublier les epîtres, rondeaux et ballades en langue françoise de Christine
qui savoit la langue grecque et latine et fu mère de Castel, homme de parfaite
éloquence. (PINET, 1927, p. XXI)

1536: Jehan André e Denis Janot imprimem *Le tresor de la cité des dames selon dame Christine de la cité de Pise, livre très utile et prouffitable pour l'introduction des roynes, dames, princesses et autres femmes de tous estatz*.

1549: Jean Chaperon traduz do românico para o francês *Le chemin de long estude*.

1584: La Croix du Maine cita Christine em sua *Bibliothèque française*: «*femme très docte en grec, latin et françois*». E Du Verdier, cita *Le Trésor de la Cité des Dames*, *Le Chemin de long estude* e *Le Livre de Mutation de Fortune*, sem mencionar a autora. Os textos de La Croix e Du Verdier são reeditados em 1772.

1592: Cristoval de Acosta em *Tratado en loor de las mujeres*:

Tratemos de la otra bella Dama, Cristina de Pisa, Ytaliana, a laqual no solo se da el nombre de mas sabia y mas cumplida con todas las gracias que todas las otras sabias mugeres de su tiempo, mas aun muchos ya muy doctos varones, que han tomado la pluma para escribir haze vantage, como ella misma bien mostro en aquel tratado que con tan vivo artificio escrivio de los loores e virtudes y excellencias de las mugeres. (LAIGLE, 1912, p. 41)

1636: Gabriel Naudé propôs publicar *Livre de paix e Livre des trois vertus*. Fez um estudo mais cuidadoso da obra e considerava Christine era: “*rectissima, doctissima que, puella, candida et erudita virgo*”.

1653: Denys Godefroy quis tornar conhecido o *Livre des fais et bonnes meurs*, de Christine, porque o abade de Choisy faz menção a algumas passagens dessa obra em seu texto sobre Charles V.

A autora também é citada em uma lista de autores, o *Glossarium* de Du Cange.

No século XVIII, surgem trabalhos importantes sobre Christine e sua obra. No entanto, quando Voltaire faz menção à autora em seu *Ensaio sobre os modos* (*Essai sur les Moeurs*, Tomo XVI), ele a chama pelo nome de Catherine: “*la fille de cet astrologue de Pise, Catherine, qui écrivit en françois*”. A correção só será feita na edição de 1825.

1704: Muratori teve a intenção de publicar *Livre des fais et bonnes meurs*.

1717: Jean Boivin de Villeneuve publica *Vie de Christine de Pizan*, em *Mémoires de l'Academie des Inscriptions et Belles Lettres*. Segundo Rose Rigaud, trata-se do principal documento sobre a biografia de Christine até o texto de Maurice Roy.

1743: O abade Lebeuf, em *Dissertations sur l'histoire ecclésiastique et civile de Paris*, cita passagens do *Livre des fais et bonnes meurs*, precedidas de um resumo da vida e

das obras de Christine. O texto de Lebeuf foi reproduzido depois, em 1785, em *Collection universelle des mémoires particuliers relatifs à l'histoire de France*.

1751: O abade Sallier escreve *Notice de deux ouvrages manuscrits de Christine de Pisan*, um estudo das obras *Chemin de long estude* e *Epistre d'Othea à Hector*.

1758-1759: Prosper Marchand consagra à autora um artigo em seu *Dictionnaire historique*.

1776: O barão Holbach menciona uma passagem do *Livre des fais et bonnes meurs* em *Ethocratie ou le gouvernement fondé sur la morale*.

1780: Horace Walpole menciona Christine em várias de suas cartas. Walpole é provavelmente o autor da falsa história que Christine e o conde de Salisbury teriam sido amantes.

1787: Louise-Félicité de Kéralio, em *Collection des meilleurs ouvrages français composés par des femmes*, publica extratos da obra de Christine e marca o início da recepção moderna da autora:

Ses ouvrages rendirent son sexe célèbre au quinzième siècle et sa vertu, sa modestie furent aussi recommandables que le génie dont la nature l'avoit douée. Ses premiers ouvrages ayant été composés en 1403, ils honorent trop le temps où ils ont paru pour les refuser à un siècle où les lettres, encore dans leur enfance, ne durent leur foible éclat qu'à quelques personnes heureusement nées, qui après avoir joui pendant leur vie d'une brillante réputation, auraient obtenu un plus haut rang dans la postérité si elles étoient venues un peu plus tard. (ZIMMERMANN, 1998, p. 183)

Ao contrário do Renascimento e dos séculos XVII e XVIII, chamados na França de *Ancien Régime*, o século XIX, sob a influência do Romantismo, negando as regras e tradições do ideal clássico, volta seus olhos para o medievo.

1824: M. Petitot edita *Livre des fais et bonnes meurs du sage roy* no *Panthéon littéraire*. In: *Colection complète des mémoires relatifs à l'histoire de France, depuis le règne de Philippe Auguste, jusqu'au commencement du XXe. siècle*.

1838: Michaut e Poujoulat reeditam o texto integral de *Livre des fais et bonnes meurs du sage roy*, e uma terceira edição é feita em 1892 por Desclée e Brower.

1838: Achille Jubinal descobre em Berna o manuscrito da última obra de Christine: *Ditié à la louange de Jehanne d'Arc* e o publica em seu *Rapport* ao ministro de instrução pública.

1838: Thomassy escreve *Essai sur les écrits politiques de Christine de Pizan*. Segundo o autor: «*La vie de cette femme célèbre est tout entière dans ses oeuvres*», e mais:

Ses nombreux écrits accusent, en effet, une instruction encyclopédique, un savoir universel pour son époque [...] Grâce à l'éducation la mieux cultivée, où ses parents avaient fait entrer l'étude approfondie du latin, elle put s'appliquer, avec une ardeur infatigable, à la connaissance de tous les grands écrivains de l'antiquité et du christianisme. (PINET, 1927, p. 377 e 380)

1842: Paulin Paris, em *Manuscrits de la Bibliothèque du roy*, imprime algumas baladas de Christine, acompanhadas de notas sobre a autora.

1856: Pougin apresenta, na biblioteca da Escola de Chartres grande parte do *Dit de Poissy*, considerado documento da história dessa abadia.

1880: Gaston Paris, um dos fundadores da revista *Romania*, no Tomo IX, publica dois artigos sobre Christine e propõe o seguinte tema para o concurso do *Prix Bordin: Etude critique sur la vie et les oeuvres de Christine de Pisan*. Por ocasião desse prêmio, dois estudos são apresentados e, em 1882, é proposto novamente um estudo sobre a escritora.

Sobre a autora, ele escreve: “*Ses sources sont plus françaises que latines*”.

1881: Püschel publica *Le chemin de long estude*.

1882: Robineau publica *Christine de Pizan, sa vie et ses oeuvres*, e escreve :

Elle est surtout un moraliste, le premier de son siècle, un des plus remarquables qui aient existé [...] un des plus pratiques et des plus audacieux pour aborder les questions politiques, enfin celui qui, dans les idées comme dans le style, a peut-être le moins d'inventions, le plus de sagesse. (PINET, 1927, p. 427)

Segundo Pinet, esse julgamento de Robineau em relação aos textos de Christine corresponde mais a uma leitura de um grande admirador do que a uma leitura mais atenta de suas obras. Para Pinet, seria muito mais «*certaine politesse d'un universitaire du dix-neuvième siècle à l'égard d'une dame très honorable du quinzième*», pois, para Pinet, a autora «*n'est guère plus un moraliste qu'elle n'est un politique ou un stratège, mais elle compile de la morale, plus de morale encore que de politique ou de stratégie*» (PINET, 1927, p. 427). Mesmo que isso fosse verdade, já serviria para demonstrar o cuidado e respeito com que o século XIX leu Christine.

1886: Friedrich Koch escreve uma tese em alemão sobre Christine: *Leben und Werke der Christine de Pizan*.

1886: Maurice Roy edita *Oeuvres poétiques de Christine de Pizan*, na *Société des Anciens textes français*, acompanhada de notas literárias e bibliográficas.

1887: F. Beck imprime *Lettres sur le Roman de la Rose*.

1888: M. A. Piaget em *Martin Le Franc: l'histoire de la littérature pour et contre les femmes avant 1442*, cita Christine.

1889: A. Jeanroy, em *Les origines de la poésie lyrique en France au moyen âge*, comenta a forma dos *rondeaux* da autora: «*Celle qu'a préférée Charles d'Orléans est identique à celle de Christine de Pisan, sauf qu'il répète le refrain couplet à la fin du premier et qu'il n'en répète que le premier vers à la fin du second*» (PINET, 1927, p. 212).

1890: *Bulletin de la Société des Anciens Textes*, artigo no qual se destaca «*un remarquable talent de description, par ses sentiments délicats, par la grâce de son style*».

1891: Henri Duchemin escreve a tese: *Les sources du Livre des fais et bonnes meurs*.

1896: Petit de Julleville escreve na *Histoire de la langue et de la littérature française*:

Le XIXe siècle, dit-il, qui a réhabilité, ou du moins réimprimé tant de médiocrités, choisies un peu au hasard, dans notre passé littéraire, n'est venu qu'hier à s'occuper de Christine de Pisan. Même on nous restitue l'oeuvre en vers; mais quand aurons-nous l'oeuvre en prose (supérieure en somme)? Quand nous rendra-t-on la *Vision de Christine* ou le *Trésor de la Cité des Dames*? (LAIGLE, 1912, p. 48)

1901: W. Stavenhagen cita Christine em seu texto *Eine Frau als Militärschirfstellerin*, de forma masculinizada, pois para o autor ela escrevia para os homens e tinha sido eternizada por eles.

1902: G. Gröber escreve sobre Christine: «*La mémoire de cette noble dame, la première à défendre les droits de la femme en contribuant à améliorer l'éducation de celle-ci par ses oeuvres [...]*» (ZIMMERMANN, 1998, p. 192).

1903: Alice A. Hentsch, em *De la littérature didactique du Moyen Age s'adressant spécialement aux femmes*, faz uma análise de *Livre des trois vertus*:

Auteur distingué et bien connu, a non seulement défendu son sexe, avec une énergie et un courage rares, dans la célèbre polémique au sujet du Roman de la Rose, polémique dans laquelle nous trouvons Gerson à ses côtés [...] mais elle a encore écrit deux traités ayant plus spécialement rapport aux femmes. (p. 154)

1904: Segunda tradução para o inglês da obra *L'epistre d'Othea*. A primeira foi realizada por volta do século XV.

1908: Tradução para o inglês da obra *Le duc des vrais amans*.

1909: G. Lanson em *Histoire de la littérature française* refere-se à Christine da seguinte forma:

Nous ne nous arrêterons pas à l'excellente Christine de Pisan, bonne fille, bonne épouse, bonne mère, du reste un des plus authentiques *bas-bleus* qu'il y ait dans notre littérature, la première de cette insupportable lignée de femmes auteurs, à qui nul ouvrage sur aucun sujet ne coûte, et qui pendant toute la vie que Dieu leur prête, n'ont affaire que de multiplier les preuves de leur infatigable facilité, égale à leur universelle médiocrité. (RIGAUD, 1973, p. 26)

1909: Mathilde Kastenbergs escreve a tese *Die Stellung der Frau in den Dichtungen der Christine de Pisan*.

1910: T. Joran, em seu texto *Les féministes avant le féminisme*, exalta o 'patriotismo' presente nas obras de Christine.

1910: Mario Schiff, em *La fille d'alliance de Montaigne, Marie de Gournay*, cita a obra *Égalité des hommes et des femmes*, de Marie de Gournay, de 1622, e a compara a Christine:

Dans cette longue chaîne de protestations inspirées au parti des femmes, non par les incapacités ou les servitudes dont elles sont frappées par l'état social et les usages, mais par l'inlassable verve avec laquelle un des sexes veut donner à l'autre, sur la légitimité de ses privilèges, des raisons que personne ne lui demande, Mlle de Gournay paraît être, après deux siècles de lutte incessante, le véritable successeur de cette Christine qu'elle ne connaissait pas. (RIGAUD, 1973, P. 110)

1911: Charles-Frédéric Ward apresenta tese à universidade de Chicago: *Les epistres sur le Roman de la rose sont contenues dans: The epistles on the Romance of de rose and other documents in the debate.*

1911: M. Joran, em *Les féministes avant le féminisme*, cita Christine no primeiro artigo.

1911: Rose Rigaud escreve *Les idées féministes de Christine de Pisan*.

1912: Mathilde Laigle escreve *Le livre des trois vertus de Christine de Pisan et son milieu historique et littéraire*:

Un autre traité d'éducation et de manières, écrit entre 1503 et 1505, et qui a pour auteur la fameuse Anne de Beaujeu (*Les enseignemens d'Anne de France a sa fille Suzanne*), prouve une fois de plus que cette fille de Louis XI «était la moins folle femme du royaume», car parmi les innombrables ouvrages de ce genre, elle a eu l'habileté de choisir le meilleur pour son modèle, à savoir le *Livre des Trois Vertus*. En vérité, elle le serre de si près que souvent on croit lire Christine de Pisan. (p. 39)

1914: Ernest Nyss publica *Christine de Pisan et ses principales oeuvres*, um estudo que se atém a dois textos da autora, que Nyss considerava os mais importantes: *Livre de pollicie e Livre des fais d'armes et de chevalerie*.

1920: Suzanne Solente escreve a tese *Introduction historique à l'édition du Livre de fais et bonnes meurs du sage roy Charles V* e um pouco depois, em 1924, edita uma parte do *Epistre de vie humaine*.

1921: L. Abensour escreve *Histoire générale du féminisme*, na qual comenta sobre Christine.

1921: C. Baerwolff escreve o artigo *Christine von Pisan, ihre Auflösung und Weiterbildung der Zeitkultur*.

1922-4: Georges Campbell publica sua tese *L'Epistre d'Othea à Hector, Essai sur les sources de Christine de Pisan*.

1927: Marie-Joséphine Pinet publica *Christine de Pisan: 1364-1430 étude biographique et littéraire*. Ela escreve:

Si elle s'y est tant plu, c'est d'abord parce que ses lecteurs devaient s'y plaire. C'est aussi à cause de son penchant naturel et renforcé par l'éducation, le milieu familial et l'étude pour le Bien. C'est, de plus, parce que, comme elle l'affirme, elle est une bonne chrétienne et se croit obligée en conscience d'enseigner dans ses écrits autre chose que l'amour courtois. (p. 427)

E mais:

Dans les images qui ornent certains manuscrits de la '*Cité des Dames*', Christine est représentée apportant sa pierre pour construire les murailles de cette ville symbolique. Elle a, en effet, travaillé de son mieux à la louange de son sexe. Mais, il est un autre édifice qu'elle a aidé à élever, pour lequel elle a apporté plus d'une pierre: c'est celui des lettres françaises. Elle n'a pas orné les frises, ni sculpté patiemment de chapiteaux de colonnes. Elle n'a pas non plus dressé l'une des pierres d'angle sur lesquelles tout repose. Selon ses forces et selon son courage, qui passe ses forces, elle a maçonné de son mieux les murs les moins apparents. Cette Vénitienne, plus Française par son oeuvre que par son union avec le sire de Castel, a bien mérité que nous lui accordions une place honorable dans notre Cité des Lettres. (p. 456)

1929: J. Larnac escreve, em *Histoire de la littérature féministe en France*, que Christine iniciou a *Querelle des femmes*.

1932: M. L. Tower edita em Washington *A vision de Christine*.

1932: Veronika Erdmann, em *Eine weiblich Minnesängerin*, reporta-se ao aniversário de morte de Christine.

1934: Martha Rohrbach, em sua tese *Christine Von Pisan*, escreve: «*Pour Christine, la question des femmes n'est pas une affaire sociale mais une affaire morale et religieuse*».

1936-41: S. Solente edita o *Livre des fais et bonnes meurs du sage roy Charles V*.

1937: Gröber e Hofer, *Geschichte der mittelfranzösischen Literatur*. Nessa obra, Gröber assume uma posição diferente da de 1902, quando se refere a Christine, sem fazer comentários e julgamentos.

1938: Anna Blum-Erhard,, em seu artigo *Christine Von Pisan*, comenta: «*Car avec Christine apparaît peut-être pour la première fois une femme exerçant une profession intellectuelle dans un but lucratif*».

1955: Astrik L. Gabriel escreve *The educational ideas of Christine de Pizan* no *Journal of the history of ideas*.

1958: C. C. Willard edita *Livre de la paix*.

1959-66: S. Solente edita *Mutation de Fortune*.

1962: J. Moulin escreve *Christine de Pizan*.

1963: C. Willard publica *A portuguese translation of Christine de Pizan's Livre des trois vertus* no *PMLA*.

1965: K. Varty edita *Christine de Pizan: Ballades, rondeaux and virelais. An Anthology*.

1965: R. R. Rains edita em Washington *Sept psaumes allégorisés*.

1967: R. H. Lucas edita em Genebra o *Livre du corps de policie*.

1969: C. Reno edita *Avision de Christine*.

1969: Suzanne Solente escreve um estudo sobre Christine e sua obra no *Extrait de l'histoire littéraire de la France*.

A partir dessa cronologia, podemos refletir sobre alguns pontos. Christine era lida e conhecida por seus contemporâneos na França, na Itália e na Inglaterra. Ainda no século XV, após sua morte, ela foi elogiada por vários autores, teve suas obras *Fais d'armes et de chevalerie* e *Epistre d'Othea* traduzidas para o inglês, foi feita uma nova impressão de *Trois vertus* e sua primeira tradução para o português.

No século XVI, a escritora é novamente citada por outros autores, e são feitas três novas impressões de *Trois vertus*, assim como uma nova tradução, a pedido da rainha Leonor, para o português e a tradução de *Cité des dames* para o inglês.

Poucas são as referências a Christine no século XVII, destacando-se apenas o estudo de Gabriel Naudé sobre algumas de suas obras.

O século XVIII traz dois aspectos positivos: um primeiro estudo mais aprofundado sobre a autora feito por Jean Boivin e o primeiro estudo realizado por uma mulher, Louise-Félicité Kéralio. Christine volta a ser citada em alguns textos. Escrevem-se artigos sobre ela e edita-se *Chemin de long étude e Mutation de la Fortune*. Outros fatos: ela é citada por Voltaire, pelo nome de Catherine, e por Horace Walpole, que provavelmente atribui a ela um romance com o conde de Salisbury.

O século XIX foi o grande século de Christine, no qual são localizados estudos mais aprofundados sobre a autora e sua obra, é descoberto um manuscrito inédito, é feita a edição de novas obras da escritora e a reedição de outras, além de ela tornar-se tema de teses e do concurso *Prix Bordin*.

A passagem do século XIX para o XX traz à tona um tema polêmico: o feminismo. Os textos de Christine não podiam ficar de fora e são disputados pelos feministas e pelos anti-feministas. Cada grupo vai ler os textos da autora do seu modo. É descoberta uma nova obra da autora (*Ditié à la louange de Jehanne d'Arc*). De modo geral, ela passa a ser mais lida e multiplicam-se os estudos de suas obras feitos por homens, o que é fácil de compreender.

As obras mais editadas e traduzidas são os tratados de educação e sua obra sobre Charles V. Isso implica uma leitura ainda hoje parcial e aberta a novos estudos.

II. Descrição

O benoit Dieux, tu soies louez qui avec autres infinis dons et graces que tu as faites et donnees au sexe
feminin, volz que femme fust portaresse de si haultes et si dignes nouvelles !
La Cité des Dames, p. 88
Christine de Pizan

La Cité des Dames

Segundo Rigaud, *La Cité des Dames*, junto com *Epistre au dieu d'Amour*, outra obra de Christine, são os primeiros livros a abordar a causa feminista sem exageros e visando um público específico, o feminino, mais interessado na causa.

A história das mulheres, assim como de outras minorias excluídas, não necessita de heroínas, pois o que chega até nós são biografias em que as mulheres se identificam pelos atributos de mães e esposa de homens famosos, e dificilmente por seus próprios feitos. Christine, nesse ponto, não inovou, pois corrobora com o sistema no qual está inserida; porém, tem como objetivo claro restabelecer a honra das mulheres. Tal atitude atesta duas características da autora: sua erudição, sem dúvida, mas também sua angústia diante do sentimento de misoginia que afetava o julgamento das mulheres.

La Cité des Dames foi inspirado em Boccaccio, em seu *De claris mulieribus*²⁸, traduzido para o francês no final do século XIV. Christine adapta os exemplos de mulheres da antiguidade ou da mitologia pagã. Ela também usa nomes de suas contemporâneas ilustres, procurando demonstrar o quanto as mulheres contribuíram para a civilização humana:

²⁸ M. JEANROY dans la Romania (tome XLVIII, p. 93 à 105): 'Boccace et Christine de Pisan: Le De Claris Mulieribus, principale source du Livre de la Cité des Dames'. L'auteur croit que Christine traduisit elle-même Boccace, qu'elle ne connut pas la traduction 'très littérale et très imparfaite exécutée en 1401', et dont parle M. H. Hauvette dans le Bulletin italien (IXe année 1909, p. 193 à 196). Après étude du Livre de la Cité des Dames, M. Jeanroy conclut: que Christine 'fort heureuse, sans doute, de trouver tout fait un travail qui lui eût coûté bien des recherches [...] se mit à piller sans scrupule le traité de Boccace auquel elle n'emprunta pas moins des trois quarts de ses exemples'. In: PINET, M. J. *Christine de Pisan*. Paris, 1927, p. 116.

O modelo de muitos retratos femininos de sua *Cidade das Damas* tinha-o Cristina encontrado em Bocácio, que por sua vez o tinha plagiado dos autores antigos e das lendas familiares de forma a erigir o *corpus* das suas *Mulheres Ilustres*, espelhos das virtudes desejáveis e dos excessos do caráter feminino. (KLAPISCH-ZUBER, *História das mulheres*, v. 2, p. 10)

Podemos ainda indicar outras fontes: *Speculum historiale* de Vincent de Beauvais, histórias antigas, contos e vidas de santos.

No total, são onze manuscritos. Cada obra está dividida em três partes assim denominadas: Livro I, com 48 capítulos; Livro II, com 69; e Livro III, com 19. Em cada livro é apresentada uma personagem que dialoga com a autora e a auxilia na construção da cidade. As personagens da cada livro são, respectivamente: Razão, Retidão e Justiça. A personificação das virtudes e seu uso como personagens era um procedimento literário rotineiro entre os autores da época, principalmente nos livros de instrução, tidos como verdadeiros espelhos para o comportamento. Esse tipo de livro tinha dupla função na sociedade: mostrar que, como em dinâmica especular, a realidade imita a arte, e a própria arte mimetiza a realidade.

No início do Livro I há uma espécie de prólogo no qual a autora expõe as circunstâncias que deram origem à discussão apresentada no texto:

Ci commence le Livre de la Cité des Dames duquel le premier chapitre parle pour quoy et par quel mouvement le dit livre fu fait.

Selon la maniere que j'ay en usage et a quoy est disposé le exercice de ma vie, c'est assavoir en la frequentacion d'estude de lettres, un jour comme je feusse seant en ma cele, environnee de plusieurs volumes de diverses matieres, [...] et tous accordent une semblable conclusion, determinant les meurs femenins enclins et plains de tous les vices. (PIZAN, 2004, p. 40 e 42)

Christine apresenta seu tema central: a indignação com tratamento dado às mulheres pelos homens. Um dia em que a escritora estava, como era seu hábito, sentada à sua escrivaninha, rodeada de diversos volumes de livros, sentiu-se atraída por outros assuntos, algo mais leve, para relaxar. Procurou em sua biblioteca algo para se distrair e

pegou uma obra intitulada *Lamentations de Matheolus*²⁹. Ela ouvira comentários de que nessa obra as mulheres eram tratadas com reverência:

Et comme adonc en celle entente je cerchasse entour moy d'aucun petit livret, entre mains me vint d'aventure un livre estrange, non mie de mes volumes, qui avec autres livres m'avoit esté baillié si comme en garde. Adonc ouvert celui, je vy en l'intitulacion que il se clamoit Matheolus. Lors en soubzriant pour ce que oncques ne l'avoye veu et maintes fois ouy dire avoye qu'entre les autres livres cellui parloit a la reverence des femmes, [...] Adonc pris a lire et procedy un pou avant, mais comme la matiere ne me semblast moult plaisant a gens qui ne se delittent en mesdit, ne aussi de mal prouffit a aucune edifice de vertu et de meurs, veu encore les paroles et matieres deshonestes de quoy il touche, [...] engendré en moy nouvelle pensee qui fist naistre en mon courage grant admiracion, pensant qu'elle peut estre la cause ne dont ce peut venir que tant de divers hommes, clerks et autres, ont esté et sont si enclins a dire de bouche et en leurs traictiez et escripts tant de deableries et de vituperes de femmes et de leurs condicions, [...] (PIZAN, 2004, p. 40-42)

Christine mal começara a ler, e logo percebeu que “*de nul prouffit à aucun edifice de vertu et de meurs*”. Ela abandona a leitura, porém seu pensamento volta-se para o conteúdo dessa obra e de outras tantas que têm como tema a maledicência do gênero feminino. Pergunta-se como é possível que tantos escritores renomados por seu talento, entre os quais filósofos, poetas, oradores, estivessem enganados ao se unir em coro para denunciar e apontar a perversão feminina. Christine examina a própria alma e lembra de outras tantas mulheres que conhece, ou cuja a história conhecia, e não encontra justificativa para tanta acusação e desprezo.

A escritora deixa-se abater por uma profunda tristeza, mas vem à sua memória, como uma fonte, tudo o que já havia lido sobre a querela entre os sexos. Ela conclui que «*ville chose fist Dieux quant il forma femme*» e ela «*s'esmerveillant comment si digne ouvrier*» em sua infinita sabedoria «*daigna oncques faire tant abominable ouvrage qui est [...] comme le retrait et herberge de tous maulx et de tous vices*» (PIZAN, 2004, p. 44).

²⁹ Obra traduzida para o francês em 1370 por Jehan le Fèvre. “Sur Matheolus, clerc né à Boulohone-sur-Mer et qui avait épousé une veuve, d’où son surnom de bigame[...]» IN : PINET, M.J. *Christine de Pisan*. Paris, 1927, p.115.

Ainda no capítulo 1 do Livro I, a autora descreve um momento de insanidade, em que ‘culpa’ a Deus por tê-la feito nascer num corpo de mulher: “[...] *en triste pensee disoie a Dieu en ma lamentacion si comme celle qui par ma folour me tenoie très malcontente de ce que en corps feminin m’ot fait Dieux estre au monde*”. (PIZAN, 2004, p. 46).

Ao buscar as causas desse sentimento auto-depreciativo, vai encontrá-las nas autoridades, clérigos e homens de letras, que pelo poder da escrita e da palavra denegriam as virtudes femininas. A sua argumentação para provar a inocência da mulher fundamenta-se na bondade de Deus: “*Ha! Dieux, comment peut cecy estre? Car se je ne erre en la foy, je ne doy mie doubter que ton infinie sapience et très parfaicte bonté ait riens fait qui tout ne soit bon* ». (PIZAN, 2004, p. 44), pois acredita que haja algo de errado no fato de tantos condenarem não uma, mas todas as criaturas feitas por Deus, só que do sexo feminino.

Christine não aceita a opinião de que as mulheres são criaturas frágeis, que facilmente se deixam levar pelos vícios, e vai rebater esse pensamento equivocado dos homens no próprio terreno deles. Tanto é assim que ousa lançar mão de uma arma masculina, a escrita, ocupando um lugar na Literatura, até então restrito aos homens, com raras exceções.

As discussões que Christine trouxe à baila são importantes por terem provocado a reflexão e, conseqüentemente, terem produzido uma nova percepção: a das mulheres enquanto indivíduos que começam a emergir na sociedade. Também, enquanto testemunha de seu tempo, Christine escreveu sobre os problemas das mulheres da época, mostrando sua difícil sobrevivência em condições econômicas e políticas adversas. Dessa forma, a autora trouxe para a Literatura dados completamente novos, e o mais relevante é que a realidade ali é vista sob a perspectiva de uma mulher que

sofreu a angústia de ficar viúva e ter de sustentar sua família. Portanto, a partir de um enfoque particular, foram passadas informações históricas e sociais sobre a mulher em geral, que perante a sociedade era um ser marginalizado.

A defesa do sexo feminino torna-se o ponto principal para a autora, que observa, em seus estudos e pesquisas, a maneira como os homens, em seus textos, tratam as mulheres. Ressalvadas as exceções, a literatura masculina tende a aumentar o sentimento de misoginia, conforme se pode verificar em textos citados por Christine, tais como *Lamentations de Matheolus*, *A arte de amar* e *Os remédios do amor* de Ovídio e a segunda parte do *Roman de la Rose* de Jean de Meung, em que as mulheres aparecem sempre como sedutoras e como seres vocacionados para ludibriar os sentimentos masculinos.

A preocupação da escritora em reverter esse sentimento dos homens em relação às mulheres fez com que, ao tentar convencê-los do contrário, ela se envolvesse ou, mais precisamente, iniciasse a primeira *Querelle des Femmes*, movimento literário que perdurou cerca de 400 anos, do início do século XV ao início do século XVIII, e que tinha por objetivo reverter o sentimento de misoginia dos homens em relação às mulheres.

A Querela começou a partir do momento em que Christine, numa carta endereçada a Jean de Montreuil, *prévôt* de Lille, posicionou-se contra o livro *Roman de la Rose*.

A primeira parte dessa obra foi escrita por Guillaume de Lorris, em 1245. Trata-se um tratado de filosofia sobre o amor, que se apoiava na seguinte história: um jovem penetra num jardim em que há uma rosa por desabrochar que se torna seu objeto de desejo. Para se aproximar da rosa, ele conta com a ajuda de *Bel Accueil*, que irá defendê-lo contra os inimigos *Danger*, *Jalousie* e *Malebouche*, que são sentimentos

personificados, como era usual nesse tipo de literatura. O poema, com cerca de quatro mil versos, não foi terminado. Essa primeira parte possui um teor de poesia cortês.

Cerca de cinquenta anos mais tarde, Jean de Meung escreveu a segunda parte, com aproximadamente dezoito mil versos. Mudando a temática, ele criou uma sátira à sociedade humana, uma mistura de razão e fantasia que pretendia ser um retrato desse período histórico. Acrescenta à história outras personagens, *Raison*, *Nature* e *Genius* (um padre). A última, uma personagem masculina, representa a intelectualidade. O tom de conquista passa por estratégias racionais, e o desprezo pela mulher dá lugar ao amor instintivo, e não mais ao sentimento e à imaginação. Esse texto foi um *best-seller* para os universitários da época. Essa segunda parte é mais incisiva no tocante ao perfil que traça da mulher, pois a coloca numa posição de fragilidade e inferioridade, o que veio contribuir para o aumento da misoginia, principalmente na esfera do conhecimento, da qual as mulheres foram excluídas.

O livro trouxe uma inovação na mentalidade, ao conferir uma aura de superioridade àqueles que possuíam diploma universitário, vistos como detentores do conhecimento e do poder. Isso fortaleceu ainda mais a idéia do monopólio do saber masculino, pois as mulheres foram excluídas do conhecimento, tanto na medicina como na política.

Christine destaca-se justamente por ter sido a primeira mulher a reivindicar igualdade entre homens e mulheres no que concerne à educação, focalizando a diferença entre os sexos como uma questão de origem social. O seu empenho em defender e demonstrar as virtudes femininas fez com que escrevesse, em 1399, o livro *Epître au dieu d'amour*. Trata-se de uma alegoria que gira em torno de algumas mulheres que, reunidas, fazem um pedido ao deus do amor: pedem-lhe que não só transmita aos outros deuses o seu sofrimento, mas também que coloque um fim nele. O clima de decadência

dos hábitos e costumes, na corte e em Paris, e a agressividade do clero, entre outros fatos, inspiraram-na a escrever um texto, em forma de carta, em que atribuía responsabilidade aos dois sexos no que se concerne às questões da paixão.

Essa carta foi endereçada a Jean de Montreuil, um defensor da segunda parte do *Roman de la Rose*. Jean de Montreuil era *prévôt* de Lille e secretário do rei quando escreveu um pequeno tratado, endereçado ao alto clero, provavelmente a Gontier Col, também secretário e conselheiro do rei, apoiando o *Roman de la Rose*. A carta de Christine irá se contrapor a esse tratado, já que seu texto é todo voltado para a defesa das mulheres. No início da carta, ironicamente, ela fala sobre a fraqueza e a ignorância femininas: «[...] femme ignorante d'entendement et de sentiment léger, que votre sagesse n'ait aucunement en mépris la petitesse des mes raisons, mais veuille suppléer par la considération de ma féminine faiblesse [...]» (PERNOUD, *Christine de Pisan*, 1982, p. 117).

A princípio, Jean de Montreuil não investe diretamente contra Christine. Ao contrário, escreve três cartas, sem destinatário, em que demonstra sua admiração pelo *Roman de la Rose*, chamando seus adversários de pecadores. Em seguida, porém, ele a ataca diretamente, dizendo o quão monstruoso lhe parece uma mulher ter opiniões próprias.

O cenário estava montado. De um lado, encontrava-se Christine, apoiada por seus aliados: Jean Gerson, a rainha Isabeau de Bavière e o *prévôt* de Paris, Guillaume de Tignonville. Orador muito apreciado na corte por seus sermões, Jean Gerson, em *Sermão sobre a luxúria* e *Sermão da Quaresma* e no texto *Vision faite contre le Roman de la Rose*, ataca o texto de Jean de Meung. Ele escreveu em língua vulgar para alcançar maior acesso e difusão, pois objetivava a defesa do casamento, da moral e da família. Do outro lado, estavam Jean de Montreuil, Gontier Col e os universitários de Paris.

Gontier Col investe diretamente contra Christine, escrevendo-lhe uma missiva em que a aconselha a arrepender-se de seus atos e, em tom paternalista, argumenta que as mulheres são passionais, mas que ele, a despeito disso, lhe garantiria uma penitência piedosa.

Por ocasião desse debate, em 1402, foi criado um movimento com o intuito de defender a honra das mulheres, a *Ordre de la Rose*, organizado no hotel do duque de Orleans. Os homens foram incumbidos de defender a honra das mulheres, e a guardiã, ou aquela que compôs um dossiê em defesa delas, foi Christine, que o fez sob a proteção da rainha Isabeau de Bavière e de Guillaume de Tignonville.

O conflito foi duplamente importante para Christine porque, além de lhe abrir as portas, lançando-a de vez no universo da literatura, suas obras começaram a ser encomendadas e, de modo mais abrangente, pode-se dizer que esse embate trouxe luz à discussão sobre o papel das mulheres na sociedade. Essa inovação na maneira de se perceber a mulher - mesmo que o discurso tenha partido de uma delas, em defesa própria e para colocar seus anseios e dúvidas - dá início a um processo, a uma discussão, cujas primeiras letras foram traçadas por Christine. No entanto, é interessante observar o duplo caráter de sua posição: por mais que defenda uma mulher preparada para sobreviver sem a figura masculina de um pai ou marido, também quer resgatar o culto às mulheres à maneira do amor cortês, em que são vistas com olhos de adoração, tornando-se objeto de disputa entre cavaleiros. O componente literário do movimento cortês que ela deseja ressuscitar é o respeito às mulheres, em nome do qual seria resgatada a moral daquelas que foram desrespeitadas em obras como *A arte de amar*, de Ovídio, o *Roman de la Rose* e outras mais, exemplos de uma literatura de configuração suspeita, espécie de manual de conselhos para enganar e seduzir mulheres.

O que Christine também defende é o direito das mulheres à palavra, procurando, assim, restabelecer o sentimento de confiança no sexo feminino e combatendo a idéia, corrente na época, de que Cristo apareceu a Madalena com o único intuito de usá-la como propagadora da notícia (Christine, *La Cité des dames*). A idéia de que as mulheres são mexeriqueiras remonta a Aristóteles e ao apóstolo Paulo, na Epístola aos Coríntios, para quem os homens devem falar, e bem, enquanto as mulheres devem permanecer taciturnas.

Do capítulo 2 ao 6 do Livro I, Christine fala sobre a aparição das três senhoras, o modo como cada uma a ajudará e com que elementos contribuirão. Nesse momento, Christine está triste e perdida em seu pensar, quando percebe um raio de luz que a ilumina, a faz erguer os olhos e ver a imagem de *Raison, Droiture e Justice*.

A primeira a se apresentar é a Razão, portando em sua mão um espelho que lhe permite ver a essência das pessoas. Ela explica o motivo das aparições, a construção da cidade, sua função e o porquê de Christine ter sido escolhida para tal tarefa. À Razão cabe a construção das paredes e dos muros altos.

A segunda senhora é a Retidão, que traz consigo uma régua para traçar o limite da virtude e separar o bem do mal. Sua tarefa é construir as casas da cidade.

A Justiça é a última senhora. Ela segura na mão direita uma taça de ouro em que está gravada a flor-de-lis da Trindade. É ela quem distribui a cada um a parte de bem e de mal que merece. Compete-lhe construir as torres altas e as fortificações e, finalmente, retocar e terminar a cidade.

Após tranquilizar Christine por causa da aparição, *Raison*, personagem que aborda filosoficamente o mérito das mulheres e os maus argumentos de seus detratores, lembra que ela, Christine, deixou-se levar e afligir-se por opiniões levianas:

Fille chere ne t'espouvantes, car nous ne sommes mie cy venues pour ton contraire, ne faire aucun encombrer, ains pour toy consoler comme piteuses de ta turbacion et te giter hors de l'ignorance, qui tant avugle ta mesmes congnoissance que tu deboutes de toy ce que tu ne scez

de certaine science, et ajoustes foy a ce que tu ne scez ne vois ne congnois autrement fors par pluralité d'opinions estranges. (PIZAN, 2004, p. 46)

Essa fala de *Raison* instiga Christine a não se deixar abater por caluniadores, sair da ‘cegueira’ e buscar no conhecimento o caminho para combater as opiniões contrárias às mulheres. Pois, para *Raison*, o fato de haver discordância entre o que se pensa e se escreve sobre as mulheres representa o indício de que um lado pode estar equivocado, ser parcial.

E, mais, na Filosofia, o que mais enriquece um debate é a pluralidade de opiniões contrárias. Quanto mais distintas são as opiniões dos participantes sobre determinado assunto, mais acirrada será a argumentação do oponente. No texto, *Raison* cita o exemplo de Platão e Aristóteles que, mesmo tratando-se de mestre e discípulo, tinham opiniões diferentes sobre a mulher:

Se tu veulx aviser mesmement aux plus haultes choses qui sont les ydees, c'est assavoir les choses celestiellles, regardes se les tres plus grans philosophes qui ayent esté que tu argues contre ton mesmes sexe en ont point déterminé faulx et au contraire du vray et se ilz reppunent l'un l'autre et reprennent, si comme tu mesmes l'as veu ou livre de Methaphisique, la ou Aristote redargue et reprent leurs oppinions et recite semblablement de Platon et d'autres. (PIZAN, 2004, p. 48)

Para Platão a mulher deveria ter acesso à educação para o bem da comunidade. Mas deveria ser levada em conta a diferença física entre os sexos. A mulher é naturalmente mais débil, ou seja, mais fraca:

[...] depois de ter delimitado até ao fim o papel dos homens, passemos agora ao papel das mulheres. [...] Sigamos esse caminho, portanto, atribuindo-lhes nascimento e criação semelhante [...] Se, portanto, utilizamos as mulheres para os mesmos serviços que os homens, tem de se lhes dar a mesma instrução (451 c, d, e).

Portanto – prossegui eu – se se evidenciar que, ou o sexo masculino, ou o feminino, é superior um ao outro no exercício de uma arte ou de qualquer outra ocupação, diremos que se deverá confiar essa função a um deles. Se, porém, se vir que a diferença consiste apenas no facto de a mulher dar à luz e o homem procriar, nem por isso diremos que está mais bem demonstrado que a mulher difere do homem em relação ao que dizemos, mas continuaremos a pensar que os nossos guardiões e as suas mulheres devem desempenhar as mesmas funções (454 e).

Logo, não há na administração da cidade nenhuma ocupação, meu amigo, própria da mulher, enquanto mulher, nem do homem, enquanto homem, mas as qualidades naturais estão distribuídas de modo semelhante em ambos os seres, e a mulher participa de todas as actividades, de acordo com a natureza, e o homem também, conquanto em todas elas a mulher seja mais débil do que o homem (455 e). (PLATÃO, *A República*)

Segundo Aristóteles, citado por Roberto Romano, essa diferença física incide no caráter instável da mulher:

O macho possui o princípio (arché) do movimento e da geração. A fêmea, o princípio da matéria (hylé). O macho gera em outro (allo genon), e a fêmea em si (eis aoutò). Assim, macho e fêmea diferem segundo seu logos. Na fêmea, a parte especial é o útero e, no macho, os testículos e o pênis. Dedução política desta taxinomia: o homem é superior à mulher pelo uso do logos. ‘A relação do macho face à fêmea é naturalmente a do superior para o inferior, o macho é governante, a fêmea, súdito’ (Política, I 254 b) (...) A fêmea fornece a matéria, e o macho, a forma. A matéria cobiça a forma (a natureza sempre busca o melhor...) ‘como a fêmea deseja o macho, e o feio o bonito’ (Física, 192 a). A semente masculina supre o princípio ativo da geração e, portanto, da alma racional e sensitiva. A mulher é ‘um macho infértil ou então um macho deformado, e a descarga menstrual é sêmen, embora em condição impura; isto é falta-lhe um constituinte e um apenas, o princípio da alma (Geração dos animais, 737 a). (ROMANO, *A mulher e a desrazão ocidental. Folhetim* 530 de 03-04-87, p. B 6, *Jornal Folha de S. Paulo*)

No texto há também o exemplo de poetas que usam de artifícios literários para confundir a opinião de seus leitores e, portanto, devem ser lidos com muita atenção:

Et des poètes dont tu parles, ne sçez tu pas bien que ilz ont parlé en plusieurs choses en maniere de fable et se veulent aucunesfois entendre au contraire de ce que leurs diz demonstrent ? Et les peut on prendre par une figure de grammaire qui se nomme antifrasis qui s’entent, si comme tu sçez, si comme on diroit tel est mauvais, c’est a dire que il est bon, aussi a l’opposite. [...] Et la vituperacion que dit, non mie seulement lui, (Matheolus) mais d’autres et mesmement le Rommant de la Rose (ou plus grant foy est adjoustee pour cause de l’auctorité de l’auteur) [...]. (PIZAN, 2004, p. 48)

Após demonstrar a falta de coerência tanto na Filosofia como na Literatura a respeito do caráter feminino, *Raison* anuncia a Christine o que ela e as outras senhoras vieram fazer aqui na terra. Conta-lhe que vieram ajudá-la a construir uma cidade fortificada que servirá de abrigo e refúgio às mulheres virtuosas:

[...] te sommes venues annoncer un certain edifice en maniere de closture d’une cité fort maçonnee et bien ediffiee qui a toy a faire est predestinee et establee par nostre ayde et conseil, en laquelle n’abitent fors toutes dames de renommee et femmes dignes de loz, car a celles ou vertue ne sera trouvee les murs de nostre cité seront forclos. (PIZAN, 2004, p. 54)

Com isso, as mulheres que tanto sofreram em silêncio com as injúrias e a violência clamaram a Deus, teriam suas preces atendidas e um lugar onde poderiam estar seguras e livres das ofensas físicas e morais. Para tanto, essa cidade seria eterna, uma morada eterna para as mulheres virtuosas.

Raison fará as fundações e os muros. *Droiture* construirá as casas, os palácios e templos. *Justice* terminará a nova cidade, fará o acabamento e iniciará o povoamento com as primeiras moradoras. Esse trabalho é realizado pelo diálogo entre Christine e as três senhoras. Nesse diálogo, encontra-se um plano simples e tradicional para a literatura da época, apoiado em vários exemplos que serviriam de modelo para a conduta moral das mulheres.

Após agradecer a visita e a incumbência de tal tarefa, Christine começa seu trabalho sob o comando de *Raison* marcando o terreno para as primeiras fundações.

Podemos considerar Christine uma humanista? Em alguns aspectos, sim. Ela amava e exaltava a virtude de mulheres e homens ilustres da antiguidade. Leu e citou mais Valério Máximo que a *Legenda dourada*, por exemplo. Na *Cité des dames*, grandes senhoras como Minerva, Medéia e Didon são encarregadas da construção da cidade. E, mais, o fato de defender uma cultura intelectual refinada às mulheres, às grandes senhoras, indica sua pretensão audaciosa em relação ao sexo feminino. Esse fato será retomado no Renascimento, principalmente no século XVI, com outra querela literária sobre as mulheres.

Porém, não houve no Renascimento as mesmas possibilidades para as mulheres se desenvolverem como aconteceu no medievo. Pelo contrário, o que existiu na Renascença foi um retrocesso em relação à posição e ao papel da mulher na sociedade. Esse retrocesso deveu-se, em grande parte, ao reaparecimento da escolástica e sobretudo do aristotelismo e do tomismo, nos séculos XVI e XVII, com a tese de que a mulher seria incompleta, passiva, fria, úmida e só poderia completar-se por meio de uma relação de submissão e dependência em relação ao homem. A questão da inferioridade biológica da mulher também foi retomada pela medicina renascentista devido à influência das ciências experimentais. Decorrente dessa situação, outra grande

divergência surge entre o conceito de mulher e a mulher na realidade. Ou seja: a visão da mulher como ser inferior contribuía para que o descaso e a desconsideração com relação a ela aumentassem, ampliando-se o fosso existente entre o juízo de mulher real e ideal que dela faziam os homens. Esse olhar maniqueísta sobre as mulheres e a noção de casamento como algo natural e divino vão contribuir ainda mais para uma concepção depreciativa do ser mulher.

A valorização do casamento trazida pela Renascença tinha, com isso, entre outros objetivos dos humanistas, fundar uma sociedade a partir de novas estruturas, para melhor organizar o caos que se havia instalado com as reformas. Entre as instituições que irão dar o suporte para a construção dessa sociedade estão a família e o casamento. No centro dessas duas instituições está a mulher, daí a preocupação com sua moral. Nesse momento, retoma-se a teoria de Aristóteles sobre a natureza da mulher, que deve servir ao seu senhor. Aristóteles fomentou a tese da inferioridade biológica feminina porque, segundo ele, o valor e a importância dos seres e das coisas decorrem de sua função, e a mulher, devido a seu útero, exerce a função de servir ao homem. Para Aristóteles, o homem era o portador da forma porque possuía o sêmen forte e quente, e à mulher cabia o fornecimento da matéria, do suporte corporal, idéia que facultou ao homem a supremacia político-cultural.

Os novos personagens que deram continuidade à Querela das Mulheres, em meados do século XVI, renomearam-na de *Querelle des amyes*. A partir da publicação do livro *Courtisan*, de Castiglione, em 1528, um manual que abordava a temática do bem viver na corte, o autor traça um retrato dos cortesãos do século XVI. O terceiro capítulo³⁰ é, especialmente dedicado a descrever a imagem da perfeita dama da corte.

³⁰ Esse terceiro capítulo foi adaptado em verso em 1541 por Bertrand La Borderie com o título *L'Amie de Court*.

Sobretudo, por causa de uma personagem, uma *mondaine*³¹, que tirava proveito de seu poder sobre os homens, isso irá suscitar uma série de comentários sobre o comportamento das mulheres.

Em 1541, Charles Fontaine defende as mulheres em seu texto *La contr'Amie de court*. Numa primeira fase da Querela quinhentista há lugar somente para os homens, entre eles: Guillaume Alexis, Cornélios Agrippa, Etienne Pasquier, François de Billon e Montaigne. As mulheres terão seu espaço assegurado num segundo momento, entre elas: Louise Labé, Marguerite de Navarre, Nicole Estienne, Madeleine e Catherine des Roches.

Outro dado: Christine é uma humanista por sua paixão pela ciência, sabedoria e razão. Isso é demonstrado pelo conjunto de sua obra, principalmente os temas voltados para divulgação histórica e científica, escritos em língua francesa. Seus tratados didáticos comprovam seu objetivo de ensinar e disseminar o amor pela ciência. Essa literatura didática pode ser clareificada, de acordo com sua forma, em: *dit*³² alegórico: *Epistre d'Othea a Hector*, *Chemin de long estude*, *Mutation de Fortune*, *Cité des dames*, *Avision de Christine*; tratados didáticos: *Fais et bonnes meurs*, *Livre de Pollicie*, *Livre de Prudence*, *Epistre de prision de vie humaine*; e os que podem ser tanto alegoria como tratado didático: *Fais d'armes et chevallerie* e *Trois vertus*.

Algumas dessas obras também podem receber outra classificação. As obras *Epistre d'Othea a Hector*, *Chemin de long estude*, *Mutation de Fortune*, *Cité des dames*, *Avision de Christine*, *Fais et bonnes meurs du roy Charles V*, *Livre de la Paix* e *Le dittié de Jeanne d'Arc* são as chamadas 'obras históricas'. Hoje, em estrito senso, não podemos classificá-las como históricas, pois em boa parte dos textos Christine utiliza sua memória como fonte para citar acontecimentos ou fatos históricos. O que há

³¹ Optei pelo nome em francês por ter um sentido mais amplo: pessoa que gosta de participar das distrações da alta sociedade ou apegada às vaidade mundanas.

³² Gênero literário medieval que abordava temas familiares ou contemporâneos.

de histórico nessas obras são as referências que a autora faz aos textos de história antiga e contemporânea, dos quais ela realiza compilações. Não podemos esquecer que seu objetivo maior era que esses livros servissem de ‘espelho de príncipe’, exemplos de virtude, e não como relatos e descrição de fatos históricos. Ela não era uma cronista nem uma historiadora, mas sim uma moralista que se preocupava com os exemplos.

Ainda quanto à organização do *Cité des dames*, o Livro II, no qual Christine é conduzida pela segunda senhora, a Retidão, começa a construção das torres, dos palácios reais e das nobres habitações. As escolhidas para traçar as primeiras construções são as sibilas e as profetisas, que com sua linguagem “poderosa e rival dos homens” (RÉGNIER-BOHLER, *História das mulheres*, p. 521) irão construir o mundo. Entre as sibilas, duas se destacam: Érythrée e Almathée. Além delas, Christine cita também profetisas da Bíblia: Débora, Elizabete, Ana e a rainha de Sabá. E lembra ainda as profecias de Nicostrate, de Cassandra, da rainha Basine e de Antonia, mulher de Justianiano.

Antes de encerrar o Livro II, a escritora apresenta-se acolhendo em sua cidade todas as senhoras da família real da França. Retidão, juntamente com mulheres de todos os estamentos sociais, despede-se, entregando as habitações e o povoamento. Christine dirige-se às mulheres de todas as condições, as que amaram, amam ou amarão a virtude e a sabedoria, as do passado, do presente e do futuro, para que, finalmente, se alegrem e estejam felizes pela nova cidade. Ela agradece a Deus por tê-la guiado nesse estudo que a levou a construir um refúgio para sempre:

Tres redoubtees et excellens princesses honorees de France et de tout pays et toutes dames, damoiselles et generalment toutes femmes qui amastes, amez et amerés vertus et bonnes meurs, tant celles qui sont trespassees comme les presentes et celles a venir, eslessiez vous toutes et menez joye en nostre nouvelle Cité qui ja, Dieu merci, est toute – ou la plus grant partie – bastie et maisonnee et presque peuplee. Rendez graces a Dieu qui m’a conduite a grant labour et estude desireuse que heberge honorable pour demeure perpetuelle, tant que le monde durera, vous soit par moy en closture de une cité establee. Suis venue jusques cy esperant de aler oultre a la conclusion de mon oeuvre par l’ayde et le reconfort de dame Justice, qui selon sa promesse me sera aydable sanz delaisser jusques elle soit close et toute parfaite. Or priez pour moy mes tres redoubtees! (PIZAN, 2004, p. 426; capítulo 69)

Para alguns autores, o livro deveria terminar nesse ponto. Sua idéia é que a própria autora estaria se despedindo nesse capítulo e só mais tarde ela acrescentaria uma terceira parte. Isso é inexata, pois desde o início Christine apresenta as três senhoras e as funções que caberá a cada uma delas.

No Livro III, a Justiça, que irá fortificar a cidade, guia Christine até lá. A escolhida para ser a rainha é nossa Senhora, primeira mulher a ter reconhecimento por seus feitos. Como imperatrizes são escolhidas as irmãs de nossa Senhora e Maria Madalena. Como intercessoras, as santas mártires. Essa parte do livro é toda dedicada à vida contemplativa, que para a autora era superior à vida ativa.

No último capítulo, ela exorta sua cidade como lugar de refúgio, de fortaleza e, principalmente, como um espelho de virtude e modéstia. Em seguida, particularizando o estado civil, dirige-se às casadas, viúvas e solteiras, aconselhando a cada uma, segundo seu estado civil, assim como estende seu discurso às mulheres de todos os estamentos sociais, recomendando-lhes cuidado para com as armadilhas sedutoras.

Christine de Pizan finaliza seu texto rogando nossas preces por todas as mulheres:

Et mes tres cheres dames, chose naturelle est a cuer humain de soy esjouyr quant il se treuve avoir victoire d'aucune emprise, et que ses ennemis soient confondus. Si avez cause orendroit, mes dames, de vous esjouyr vertueusement en Dieu et bonnes meurs par ceste nouvelle Cité veoir parfaicte, qui peut estre non mie seulement le refuge de vous toutes, c'est a entendre des vertueuses, mais aussi la deffence et garde contre voz ennemis et assaillans, se bien gardez. Car vous povez veoir que la matiere dont elle est faicte est toute de vertu, voire si reluisant que toutes vous y povez mirer, [...] Et moy, vostre servante, vous soit recommandee, en priant Dieu qui par sa grace en cestui monde me doint vivre et perseverer en son saint service, et a la fin soit piteable a mes grans deffaulx et m'otroit la joye qui a tousjours dure, laquelle ainsi, par sa grace, vous face. Amen. (PIZAN, 2004, p.496, 498 e 502; capítulo 19)

Estrutura

A estrutura da construção da cidade foi invenção de Christine, que, logo de início, se preocupa em construir um lugar onde as mulheres possam estar tranquilas, sem inquietações com seu cotidiano, sem problemas econômicos e, principalmente, livres dos ataques misóginos.

A idéia e o título usados por Christine revelam a construção de uma cidade alegórica, provavelmente inspirada em a *Cidade de Deus*, de Santo Agostinho³³. Já a divisão em três partes foi influência de Petrarca e outros.

A autora usa de elementos como: demarcar a terra, escolher as pedras, erguer as fundações, os muros e as habitações, específicos da construção, para argumentar em favor das mulheres:

Mais trop plus fort edefice sera par toy (Christine) basti en ceste cité que tu as a faire, pour laquelle commencer suis commise par la deliberacion d'entre nous iii dames ensemble a te livrer mortier durable et sans corrupcion a faire les fors fondemens et les gros murs, tout a l'environ levez haulx, larges et a grosses tours et fors chastiaux fossoyez, bastides, douves et brayes, tout ainsi qu'il appartient a cité de fort et durable deffense. [...] qu'elle (*la règle*) te servira, et bien besoing en as a l'edefice mesurer de la cité qui a faire t'est commise, et bien besoing en aras pour laquelle dicte cité maisonner au par dedens faire les haulx temples, les palais compasser, les maisons et toutes les mansions, les rues et les places et toutes choses convenables l'aider a peupler. [...] Or sus, fille, sans plus attendre, alons ou Champ des Escriptions. La sera fondee la Cité des Dames en pays plain et fertile, la ou tous fruis et doulces rivières sont trouvees et ou la terre habonde de toutes bonnes choses. Pren la pioche de ton entendement et fouys fort et fais grant fosse tout partout ou tu verras les trasses de ma ligne et je t'ayderay a porter hors la terre a mes propres espauls. (PIZAN, 2004, p. 56,58,60-64)

Para começar a erguer a cidade, é escolhida por sua coragem, como primeira pedra de fundação para a base, a guerreira Semíramis: [...] *voycy une grande et large pierre que je vueil qui soit la premiere assise ou fondement de ta Cité* (PIZAN, 2004, p. 104).

³³ Marie-Josèphe PINET em seu texto *Christine de Pisan*, p. 382 e 383, fala da possibilidade de Christine não ter tido contato direto com as obras de Santo Agostinho. O que demonstraria isso seria uma passagem do *Cité des dames*, na p. 48: *Et nottes derechef se saint Augustin et autres docteurs de l'Eglise ont point repris mesmement Aristote en aucunes pars, tout soit il dit le prince des philosophes et en qui philosophie naturelle et morale fu souverainement*. Ela conhecia os gregos, com exceção de Aristóteles, e os Pais da Igreja de fontes indiretas.

Acabada a fundação da cidade, começam a ser erguidos os muros. Christine escolhe mulheres sábias - Carmente, entre outras - para representar os altos muros que defenderão a cidade:

Ne doubtes pas de contraire, chere amie, que maintes notables et grans sciences et ars ont esté trouvee par engin et soubtiveté de femmes, tant en speculation d'entendement, lesquelles se demonstrent par escript, comme en ars, qui se demonstrent en oeuvres manuelles et de labour et de ce te donray assez exemple.

Et premierement te diray de la noble Nicostrate, que ceulx d'Ytalye appellerent Carmentis. (PIZAN, 2004, p. 166)

E como torres e palácios são escolhidas as profetisas da Bíblia e as sibilas, mulheres com o dom da palavra:

Cy commence la iie partie de ce livre, laquelle parle comment la Cité des Dames fu au pardedens maisonnee, edifiee et peuplee.

Le premier chapitre parle des x. Sebiles.

Après les paroles de la premiere dame qui Raison estoit nommee, se tira vers moy la seconde, qui Droiture avoit a nom. Et ainsi me dist: Amie chiere, je ne doy pas me tirer arriere d'edifier et maisonner avec ton ayde ou circuit de la closture et de la muraille ja bastie par ma seur Raison de la Cité des Dames. Or prens tes outilz et viens avec moy et viens avant, si destrempes le mortier ou cornet et maçonnez fort a la trempe de ta plume, car assez de quoy te livreray, et en pou d'eure par vertu divine arons ediffiez les haulx palais royaux et nobles mansions des excellens dames de grant gloire et renommee, qui en ceste cité seront herbergees et demoureront a perpetuité a tousjours mais. (PIZAN, 2004, p. 218)

Os principais assuntos tratados na obra são:

1. A contribuição de feitos de mulheres para a vida prática, matéria exemplificada por figuras como a Virgem Maria, Véturie, Clotilde, Carmente, Minerva, Ceres, Ísis, Pamphile, Timarete, entre outras;
2. A autoridade política e a vivência de mulheres que ocupam posição de poder, como rainhas e mulheres que administram suas casas: Nicole, rainha Fredegunda, Gaia Cecília, Didon, rainha Jeane, rainha Blanche e duquesa d'Anjou;
3. A capacidade das mulheres para o conhecimento científico (a despeito de não serem preparadas para essa área), sendo mencionadas Corníficia, Probe, Safo, Mantoa, Medéia, Circe, Hortência, Novela e a própria Christine;

4. A constância no amor ou a vocação das mulheres para a fidelidade no casamento, qualidade de mulheres bem casadas como Hypsiscratée, Júlia, Xantipa, Paulina e a própria Christine.

No Livro I, a Razão é a responsável pelo encaminhamento dos seguintes assuntos:

- Indignação pelas acusações feitas às mulheres (capítulos 1, 2 e a partir do 8);
- Apresentação das três senhoras e a construção da cidade (capítulos 3 a 8);
- Bondade atribuída às mulheres (capítulos 8 a 10);
- Divisão de trabalho com base na diferença física e mulheres na política exercendo o poder (capítulos 11 a 14);
- Mulheres guerreiras (capítulos 15 a 26);
- Igualdade entre os sexos quanto a disposição para a aprendizagem (capítulo 27);
- Mulheres sábias e fundadoras de conhecimentos (capítulos 28 a 42);
- Capacidade de julgamento das mulheres (capítulos 43 a 48).

Por essa divisão, é possível perceber o quanto Christine valorizava as mulheres fortes e sábias: elas eram as pedras de fundação e os muros de proteção da cidade. Essa escolha da autora é o ponto alto de suas idéias, ou seja, de mulheres preparadas, por meio da educação, para exercer seus papéis na sociedade ao lado do homem.

O Livro II apresenta uma relação de papéis atribuídos à mulher na sociedade no final do medievo. Da mesma forma que no Livro I, a escritora apresenta um argumento negativo e o contrapõe a seu positivo. Os principais assuntos do Livro II são:

- A força das profetizas, o dom da palavra (capítulos 1 a 6);
- Amor filial, as bem-aventuranças em se ter uma filha (capítulos 7 a 11);
- Refutação da corrente antimatrimonial (capítulo 13);

- Esposas: companheiras, conselheiras e perseverantes no amor (capítulos 14 a 35, 54 a 61);
- Mulheres que estudaram (capítulo 36);
- Castidade e violência sofrida pelas mulheres (capítulos 37 a 46);
- Homens fracos (capítulos 47 a 49);
- Mulheres de caráter e virtuosas (capítulos 50 a 53);
- Fraquezas de caráter imputadas às mulheres: coqueteria e avareza (capítulos 62 ao 67).

Podemos dizer que enquanto o Livro I tem a preocupação em demonstrar as capacidades intelectuais das mulheres e o quão útil elas são numa sociedade igualitária, em termos de educação, no Livro II, a autora quer provar que as mulheres, mesmo numa sociedade discriminatória, em seus papéis tradicionais – filha e esposa –, não são os monstros imaginados e proclamados. O mais interessante é que Christine começa esse elenco de mulheres presentes na sociedade exatamente por aquelas que têm o dom da palavra: as profetisas. Provavelmente isso ocorra para desmistificar a concepção de que as mulheres devem permanecer taciturnas.

Segundo Marie-Josèphe Pinet o Livro III é uma coletânea de histórias de santas tiradas do *Miroir historial* de Vincent de Beauvais e também da *Légende Dorée*.

Rose Rigaud, em seu livro *Les idées féministes de Christine de Pisan*, de 1911, propõe algumas mudanças na estrutura da obra. Segundo Rigaud, os seis primeiros capítulos do Livro II, que traz o exemplo de mulheres que fizeram profecias, estariam mais bem alocados no início do Livro III (item 1). Já o capítulo 35 do Livro II, a história da rainha Clotilde e a questão referente à aprendizagem das letras pelas mulheres, ficaria mais adequado no Livro I (item 2). E, por fim, no capítulo 11 do Livro I, em que Christine aborda a questão da não-participação da mulher na *plaidoyerie*

(discussão ou argumento usado pela defesa no tribunal), ainda segundo Rigaud, ela perde o fio inicial do capítulo e toma outra direção diferente (item 3).

Não concordo com a proposta de modificação de Rigaud no tocante ao item 1, pois, ao meu ver, é muito significativa a menção às profetizas postadas no início do Livro II. Elas são as mulheres que fazem a intermediação entre o divino e o terreno; são poderosas e ouvidas e têm suas falas, na maior parte das vezes, respeitadas. O lugar destinado por Christine para essas mulheres parece ter sido escolhido para representar a mediação ou o limite entre o papel da mulher na sociedade igualitária – portanto, naquele momento, imaginária, irreal - e a imagem da mulher na sociedade real, ou seja, é pela palavra que transita entre o céu e a terra que se pode alcançar uma vida mais equilibrada em uma sociedade mais justa.

Quanto ao item 2, referente ao conhecimento, penso, como Rigaud, que tanto o capítulo 35 quanto o 36 estariam melhor alocados no Livro I, onde esse tema é mais amplamente abordado.

No item 3, sobre a *plaidoyerie*, parece-me bem alocado no Livro I, pois é nesse momento que a escritora argumenta com relação à igualdade e às leis. Acredito que ela pensasse na possibilidade de leis mais justas para as mulheres, em contrapartida a leis como a lei sálica, a qual determinava que, no caso de morte do rei, só os homens teriam o direito ao trono pela sucessão.

A questão inicial de Christine persiste: por que os homens têm um julgamento negativo em relação às mulheres? Seu livro é uma tentativa de responder positivamente, com exemplos, a esse julgamento preconceituoso. Uma obra didática que pretendia eliminar a ignorância dos homens em relação às mulheres.

No Livro I, Christine cita textos nos quais os autores, para incitar seus leitores contra o sexo feminino escolhem os piores exemplos de mulheres e os atos mais vis que

tenham cometido, para justificar a máxima de que elas não são confiáveis e que amá-las é perigoso:

[...] Ovide fu homme soubtil em l'art et science de poesie et moult ot grant et vif entendement en ce a quoy il s'occupa. Tutevoves, son corps laissa couler en toute vanité et delit de char, non mie en une seule amour mais abandonné a toutes femmes, se il peust, ne il n'y garda mesure ne loyauté, ne tenoit a nulle. Et tant come il pot en sa jeunece, hanta celle vie de laquelle a la parfin en ot le guerredon et la paye qui a tel cas affiert, c'est assavoir diffame et perte de biens et de membres [...]

'[...] Se Ceco d'Ascoli dit mal de toutes femmes, fille, ne t'en esmerveilles, car toutes les abominoit et avoit en hayne et desplaisance, et semblablement par son horrible mauvaistié les vouloit faire desplaire et hayr a tous hommes. Si en ot le loyer selon son merite, car par la desserte de son criminel vice fu ars en feu deshonestement'. (PIZAN, 2004, p. 74 e 76)

As obras *A arte de amar* e *Remédios do amor*, de Ovídio, *Lamentations*, de Mathéolus, autores como Cecco d'Ascoli e o livro anônimo *Le secret des femmes* veicularam informações imprecisas sobre as mulheres, mas que eram tidas como verdadeiras pela maior parte dos leitores. Como Deus poderia ter criado um ser tão vil e imperfeito, segundo a opinião de tantos autores e obras? Talvez essa pergunta escondesse a verdadeira questão que guiaria Christine na argumentação e elaboração de seu livro. Por que alguns autores tinham por objetivo denegrir o sexo feminino? Não seria para esconder seu próprio desejo pelas mulheres e as próprias fraquezas? Para se divertir ou demonstrar seus conhecimentos?

Christine começa, então, a traçar a terra. O terreno escolhido é o Campo das Letras, e o instrumento, a interrogação, o questionamento. A primeira questão colocada diz respeito às intenções e aos motivos que levam os homens a caluniar as mulheres. O motivo relevante apontado é que os homens procuram se proteger contra mulheres luxuriosas e malvadas. Entretanto, tal fato não justificaria a condenação de todas as mulheres por conta de uma parte delas. Por isso, esclarece a autora, os homens devem aprender a diferenciar e, para tanto, é preciso mostrar-lhes, à luz da razão, que a natureza da mulher a faz simples, sábia e honesta. No texto, são mencionados homens como Ovídio, Cecco d'Ascoli, Cícero e Catão. Christine explica que eles ou tiveram

uma juventude agitada ou desconhecem a perfeição do corpo e da alma feminina, alma esta que está dentro tanto do corpo do homem como da mulher e que é dotada de consciência reflexiva e eterna. Essas citações de autoridades, estruturadas na afirmação do negativo para invocar o positivo, eram um recurso estilístico usado na época. Sabe-se que o século XV apreciou a utilização de citações, bíblicas e mitológicas, empregadas como forma de humildade, embora os escritores medievais as tenham adotado como forma de ascensão mais rápida.

No capítulo IX do Livro I, abordando o assunto da bondade feminina no diálogo com a Razão, a escritora reporta-se a Cícero, que afirmava que um homem jamais deveria servir a uma mulher, porque isso o tornaria menor. Mas a Razão responde-lhe que a superioridade ou inferioridade de uma pessoa não deriva do sexo, mas da perfeição dos modos e virtudes:

‘Dame, selon que j’entens de vous, femme est moult noble chose, mais toutevoyes dit Tullies que homme ne doit servir nulle femme, et que cellui qui le fait s’aville, car nul ne doit servir plus bas de lui’.

Response: ‘Cellui ou celle en qui plus a vertus est le plus hault, ne la haulteur ou abaissement des gens ne gist mie es corps selon le sexe mais en la perfeccion des meurs et des vertus’. (PIZAN, 2004, p. 78 e 80)

Continuando a apontar os motivos pelos quais os homens caluniariam as mulheres, é apresentada, no capítulo X, uma série de vícios atribuídos a elas, como gula, coquetismo, fraqueza de caráter e tagarelice. Afirma, citando um provérbio latino: *plourer, parler, filer mist Dieux en femme* (p. 84). Como contra-argumentação, Christine usa o exemplo bíblico da mulher cananéia, da samaritana e de Madalena, no tocante à palavra. Sobre o ato de chorar, há uma passagem da Cabala, lembrando que “Deus conta as lágrimas das mulheres”. E quanto ao fiar, a autora diz ser um trabalho

necessário ao serviço divino. Segundo os detratores³⁴ do sexo frágil, as mulheres são como crianças e a similaridade de caráter os atrai uns aos outros.

O objetivo inicial de Christine, eliminar a ignorância com relação às mulheres, complementa-se com mais três pontos que são inseridos na própria questão da conscientização dos homens em relação a elas.

Primeiro, a escritora fornece os meios para que as mulheres desarmem seus adversários e, assim, triunfem. O texto é todo permeado de argumentos e exemplos que mostram a vida ativa das mulheres, inclusive das santas, atribuindo-lhes poder de decisão e iniciativa. Seu livro, nesse sentido, serve como um manual a ser seguido pelas mulheres e, se lido pelos homens, proporciona-lhes informações menos preconceituosas em relação ao sexo oposto. Por isso, a escolha dos exemplos baseia-se não apenas em fatos fictícios, mas também em fatos reais.

O segundo ponto abordado por Christine constitui a tentativa de mudar a visão do homem quanto a uma prerrogativa que era considerada exclusiva deles: a de serem depositários da palavra e da escrita.

Para defender o direito de uso da palavra às mulheres. Ela recorre ao exemplo de Madalena, mulher escolhida por Cristo para divulgar, com credibilidade, a notícia de sua ressurreição. Tal colocação contraria a de alguns pregadores, segundo os quais Cristo teria aparecido primeiro a uma mulher para que sua ressurreição fosse rapidamente propagada.

Quanto à escrita, com esse livro Christine reivindica sua posição de mulher escritora. Como foi uma das primeiras a afirmar sua identidade na palavra escrita, ela

³⁴ 'On doit savoir principalement que les meurs et les manieres de femmes sont aussi comme les meurs et les manieres des enfans. Et la raison naturel est a ce que l'enfant n'est pas parfait homme ne n'a parfaitement l'usage de raison ; dont le philosophe dit que l'homme par nature a plus de sens et d'entendement que la femme, et pour ce que la femme et l'enfant sont aussi comme nient parfaits et n'ont parfaitement en eux raison et entendement, le philosophe dit que les meurs et les manières des femmes sont comme les meurs et les manieres des enfans'. Gilles de Roma. *De Regimine principum*. In : RIGAUD, R. *Les idées féministes de Christine de Pisan*, p. 94.

declara que precisou “tornar-se homem” para entrar no campo das letras, domínio quase que exclusivamente masculino, para poder usar as mesmas armas que eles na defesa das mulheres.

Depois desses dois itens, a autora aborda o terceiro, que é reivindicar a dignidade feminina, seu ideal maior. Para isso, escolhe seguir o modelo da época, ou seja, escrever um texto permeado de exemplos e citações, o que, naquele tempo, era sinal de erudição, tanto assim que sua *Cité*, apresentando biografias de mulheres reais e fictícias, pode ser considerada uma primeira História das Mulheres.

Para a autora, Deus fez a divisão de trabalho porque queria que os homens e as mulheres tivessem tarefas diferentes. Aos homens deu a força física, a coragem de ir e vir, e também o falar sem fervor, daí sua facilidade para o Direito – argumenta ela.

Ainda com relação à imperfeição da criação da mulher, a Razão responde que, quando Deus decidiu criar Eva, fez com que Adão adormecesse e tirou-lhe uma das costelas: [...] *en signifiance que elle devoit estre coste lui comme compaigne, et non mie a ses piez comme serve, et aussi que il l'amast comme sa propre char*, [...] (PIZAN, 2004, p. 78). Nessa citação, Christine deixa claro que, para ela, o lugar da mulher seria ao lado do homem como companheira, e não como um ser menos qualificado e virtuoso.

Nesse ponto do livro, a autora desenvolve seus argumentos de defesa da perfeição do corpo e da alma feminina:

[...] elle fu formee a l'image de Dieu. [...] de l'ame qui est esperit intellectuel et qui durera sanz fin a la semblance de la deité, laquelle ame Dieu crea et mist aussi bonne, aussi noble en toute pareille en corps femenin comme ou masculin. [...] la femme fu donques faite du souverain ouvrier. [...] de la tres plus noble creature qui oncques eust esté créé: c'estoit le corps de l'omme de quoy Dieu la fist. (PIZAN, 2004, p. 78)

Para Christine, o material usado para fazer o corpo feminino seria o mesmo que constitui o corpo masculino. A alma da mulher e a do homem teriam a mesma centelha divina, participariam da mesma maneira da alma intelectual de Deus.

Corroborando a tese da inteligência das mulheres, aparecem no texto (capítulos 12 e 13) exemplos de mulheres com vocação para a política, como Nicole, a rainha Fredegunda e outras rainhas da França. Quanto ao físico das mulheres, Christine afirma que a Natureza, ao criar corpos com diferentes graus de perfeição, compensa um com o que falta no outro. Daí conclui que a mulher, por ser fisicamente frágil, não comete horrores, pois possui corpo pequeno, mas é dotada de grande inteligência e virtude.

É equivocado concluir, portanto, que pelo fato de a mulher ser fisicamente mais frágil que o homem, ela seria intelectualmente inferior a ele. No texto, Christine cita exemplos de grandes homens, como Aristóteles e Alexandre, apesar de seu aspecto físico, e também de grandes mulheres, exemplares devido à sua força de caráter, tais como: Semíramis, as Amazonas, Berenice, a rainha da Capadócia e outras. As mulheres guerreiras, como já mencionado, ocupam lugar fundamental na cidade: são as pedras que formam a base da organização. Semíramis foi escolhida como pedra inaugural porque era uma rainha que acompanhava seu marido, rei Ninus, nos campos de batalha. O fato de ser mulher nunca a impediu de lutar junto com o marido. Com a morte deste, Semiramis assume o poder, passa a governar suas terras e ainda conquista, com inteligência e força, muitas outras terras. Esse é um dos exemplos que Christine apresenta para demonstrar que, mesmo possuindo o corpo mais frágil que o do homem, nada impede a mulher de ser, a um só tempo, inteligente e virtuosa.

Outro exemplo é o da rainha Fredegunda, que, viúva e amamentando o filho, Chilpéric, junto com seus barões, enfrentou seus adversários: *“Je lairay ester toute paour femenine et armeray mon cuer de hardiece d’omme a celle fin de croistre le*

courage de vous et de ceulx de nostre ost par pitié de vostre jeune prince” (PIZAN, 2004, p. 144).

É preciso notar que, quanto ao relacionamento da mulher com o próprio corpo, a autora não ousa violar os limites e as normas vigentes na época, já que só se atém à diferença do corpo do homem em relação ao da mulher, destacando a fragilidade feminina como um dom que a impediria de cometer as mesmas atrocidades que os homens cometem. A inteligência feminina, porém, capaz de criar estratégias para conquistar e desempenhar o poder é, para a escritora, a mesma do homem. Christine não chega a abordar, pelo menos nos dois textos que são objeto desta pesquisa, questões como menstruação, parto e higiene corporal. O corpo da mulher, mesmo para uma autora revolucionária para a sua época, ainda permanece um tabu.

Terminada a fundação da cidade, Christine escolhe mulheres sábias para formar os muros altos. Antes, contudo, ela apresenta seu argumento de maior mérito: a tese de que a desigualdade na capacidade de saber, entre homens e mulheres, é de origem social:

[...] s'il a point pleu a cellui Dieu qui tant leur fait de graces de honorer le sexe femenin par privilegier aucunes d'elles de vertu, de hault entendement et grant sciences, et se elles ont point l'engin abile a ce, car je le desire moult savoir pour ce que hommes maintiennent que entendement de femme est de petite apprehensive.

Responce: 'Fille, par ce que ja t'ay dit cy devant, peus tu congnoistre estre vray le contraire de leur oppinion. Et pour le te exposer plus a plain, te donray preuve par exemple. [...] Et par aventure plus de teles y a, car si que j'ay touchié cy devant, de tant comme femmes ont le corps plus delié que les hommes, plus faible et moins abile a plusieurs choses faire, de tant ont elles l'entendement plus a delivre et plus agu ou elles s'appliquent'. [...]

Responce: 'Pour ce, fille, car il n'est pas nécessité a la chose publique qu'elles se meslent de ce qui est commis a faire aux hommes, si que je t'ai ja cy devant dit. Il souffit qu'elles facent le commun office a quoy sont establies. Et de ce que on juge, par l'experience de ce que on les voit moins savoir communement que les hommes, leur entendement estre mendre, regardes moy les hommes ruraulx de plat pays ou habitans es montaignes, tu me le trouveras en assez de contrees qu'ilz semblent tous bestiaux, tant sont simples. Et toutevoies n'est mie doubte que Nature les a parfaits de toutes choses en corps et en entendement, aussi bien que le plus sages hommes et les plus experts qui soient es citez et es bonnes villes, mais tout ce tient a faulte d'apprendre, nonobstant si que je t'ay dit que d'ommes ou de femmes les uns ont meilleur entendement que les autres. Et qu'il ait esté de femmes de grant science et de hault entendement, je t'en diray, et au propos que je te en disoie de l'entendement des femmes semblable a cellui des hommes'. (PIZAN, 2004, p. 150, 152 e 154; capítulo 27)

A igualdade intelectual entre os sexos, seu objetivo maior, percorre todo o livro *Cité des dames*, pelos vários exemplos que contestam a imagem da mulher e seus vícios, apresentados em textos como *Miroir de mariage* de Eustache Deschamps, *Les quinze joyes de mariage* e *Les cent nouvelles nouvelles*, além do *Roman de la rose* e *Lamentations de Matheolus*.

Em sua argumentação, Christine faz uso de numerosos exemplos tirados da história, de lendas religiosas ou profanas, contados em detalhes para, dessa forma, entreter seu ouvinte ou leitor sem, contudo, deixá-lo esquecer a idéia principal. Esse recurso, um tanto cansativo, era comum nas obras daquela época que abordavam o conflito entre os sexos. Algumas dessas obras eram verdadeiras nomenclaturas fastidiosas, pouco variadas e acompanhadas de algum comentário.

A admiração de Christine pelas mulheres que se tornaram célebres por sua capacidade intelectual está presente em todo o livro, por meio dos vários exemplos que ela cita:

[...] la noble Nicostrate, que ceulx d'Ytalye appellent Carmentis [...] elle trouva propres letres, du tout differenciees des autres nacions, c'est assavoir l'a.b.c. et l'ordenance du latin, l'assemblee d'icelles, et la difference des voyeux et des mates et toute l'entree de la science de grammaire. [...]
Minerve, [...] fu une pucelle de Grece et fu surnommee Pallas [...] tant avoit l'esperit enluminé de savoir qu'elle trouva plusieurs ars et ouvrages a faire qui oncques n'avoient esté trouvez : l'art de la laine et de faire draps [...] (PIZAN, 2004, p. 166,168 e 170)

Christine aponta quatro juízos vigentes na época, segundo os quais as mulheres, por incapacidade e falta de inteligência, deveriam ser excluídas de funções mais importantes. A partir desses juízos, a autora contra-argumenta:

1. As meninas deveriam ter o mesmo grau de instrução que os meninos;
2. A fragilidade do corpo feminino é compensada com uma inteligência mais viva e aguda;

3. Os homens são considerados mais sábios porque contam com maior experiência, já que sua vida é voltada para o exterior, o que lhes proporciona maior conhecimento, ao passo que as mulheres não são estimuladas para tais experiências;
4. Para a sociedade, é indiferente a instrução das mulheres, porque na divisão do trabalho os homens ficam com as tarefas mais importantes, por serem considerados mais inteligentes. O mesmo ocorre, por exemplo, entre o camponês e o homem da cidade, este último considerado mais inteligente.

Esses argumentos foram todos apresentados como justificativa para os pontos negativos. Na sequência, a autora invoca os pontos positivos. Para provar cada um deles, recorre a exemplos expressivos: Cornificia, Probe, Safo, Mantoa, Medeia e Circe. Também são citadas como exemplos de fundadoras do saber: Carmenta, Minerva, Ceres, Isis, Aracne, Pamphile, Timarete, Irene, Márcia, Anastácia e Semprônia.

A questão do acesso das mulheres ao conhecimento é central no Livro I: as mulheres instruídas continuariam ‘naturalmente’ a possuir o dom da prudência ou, como a maior parte dos homens instruídos e inteligentes, elas perderiam o senso prático? Antes de entrar no argumento da autora, vale destacar dois pontos:

Primeiro, que as mulheres sejam ‘naturalmente’ prudentes, o que provavelmente tem uma implicação cultural, pois elas quase sempre foram levadas a um silenciar-se, à circunspeção, ao agir com ponderação e cordura. A História está repleta de exemplos nos quais se exaltam essas qualidades femininas, como se isso fizesse parte da essência da mulher.

Segundo, o fato de a pessoa, homem ou mulher, ser instruída deveria conduzi-la a uma maior sensatez, e não o contrário, já que o conhecimento pode levar à moderação, por permitir de uma avaliação mais cautelosa de determinada situação. Parece estranho

pensar que alguém que tenha acesso ao estudo deixe de ser uma pessoa prática e prudente em decorrência disso. Parece que por trás existe uma dicotomia: quem estuda não é prático, vive no mundo de devaneios, e aquele que não estuda é obrigado a agir com cuidado.

Ainda seguindo a linha das diferenças provocadas pela falta de incentivo – entendido no contexto de uma sociedade que não precisava educar as mulheres nem sua mão-de-obra, sociedade essa que as via simplesmente como procriadora e objeto de ornamento - à educação da mulher, surge a questão relativa à capacidade delas para as ciências. A contra-argumentação da Razão apóia-se na falta de instrução à qual as mulheres são relegadas. Se elas fossem enviadas à escola, como é feito com os homens, teriam a possibilidade de provar sua capacidade intelectual, como acontece com os homens.

Junto com a atitude da sociedade de excluir as mulheres dos setores públicos, há, em contrapartida, o objetivo de cada vez mais confinar a mulher à casa e às suas atribuições. Às mulheres é praticamente interdito o papel de profissionais que atuem livremente, sem a tutela de um homem, fora de seu domínio de senhora, pois todo seu contato com a sociedade exterior, fora do âmbito privado, é intermediado por seu marido. O homem, beneficiado pela cultura social da época, conhece as leis, os trâmites e os meandros que estruturam a comunidade ‘masculina’, isto é, feita pelos homens e para os homens.

Do contrário, se as meninas, desde pequenas, tivessem acesso à educação, a história, mesmo que raramente, mostra como a sociedade poderia se beneficiar com seus atos. Christine cita o exemplo de Cornificia, também mencionada por Boccacio, entre outras:

‘O tres grant honneur a femme qui a laissié toute oeuvre feminine et a appliqué et donné son engin aux estudes des tres haulx clerics’. Dist oultre cellui Bocace, certiffiant le propos

que je te disoie de l'engin des femmes qui se deffient d'elles meismes et de leur entendement, lesquelles, ainsi que se elles fussent nees es montaignes sans savoir que est bien et qu'est honneur, se descouragent et dient que ne sont a autre chose bonnes ne prouffitables, fors pour acoler les hommes et porter et nourrir les enfans. Et Dieu leur a donné le bel entendement pour elles appliquer, se elles veulent, en toutes les choses que les glorieux et excellens hommes font, se elles veulent estudier les choses ne plus ne moins leur sont communes comme aux hommes et pevent par labour honneste acquerir nom perpetuel, lequel a avoir est agreable aux tres excellens hommes. (PIZAN, 2004, p. 154 e 156)

Lendo atentamente a história, vemos que há motivos e exemplos para as mulheres se orgulharem e reivindicarem a glória da descoberta de benefícios tanto nas artes como na ciência. A autora lembra Carmenta, que inventou o alfabeto latino; Minerva, que descobriu a arte de fazer armaduras em ferro; Ceres, o cultivo do campo; Aracne e Pamphile, a arte de tecer; Anastaise, prodigiosa na arte de iluminuras, e tantas outras.

A questão tratada a seguir é a capacidade de julgamento das mulheres, atributo que lhes é negado pelos homens. A Razão mostra a Christine que não basta alguém ter conhecimentos para ter discernimento, visto que o bom senso é diferente da inteligência: um se adquire por meio dos estudos, e o outro é uma disposição natural dada por Deus. De acordo com a Razão a prova de que as mulheres possuem discernimento, mesmo sendo submissas aos homens, é sua boa atuação como administradoras das tarefas da casa, como é o caso de Gaia Cecília; no caso da política, os exemplos invocados são os da rainha Didon, rainha Ops e de Lavínia que, com sabedoria, funda e governa Albes após a morte do marido.

Christine apresenta como justificativa para essa questão o fato de as mulheres não presidirem sessões em tribunais, a idéia da criação de Deus. Segundo essa tese, Deus teria distribuído a cada um, homem ou mulher, a tarefa mais apropriada segundo suas inclinações intelectuais e físicas. Ao homem caberia o falar inflamado e o vigor físico, já que desde pequeno ele aprendeu sobre a arte da guerra e as leis. Ao contrário dos meninos, as meninas são criadas para serem reservadas, falar sem paixão, baixo, de

modo débil, hesitante, não preciso e o principal, sua fragilidade e doçura ‘natural’, as impediria de se fazer respeitar, o que conseqüentemente, atrapalharia sua capacidade de julgar. Toda essa argumentação vai de encontro às idéias de Christine. É possível que ela tenha usado essa explicação porque, além de ser um recurso literário muito usado na época – questionamento/argumento/contra-argumento, queria demonstrar como a diferença cultural entre homens e mulheres era muito mais importante e determinante que as diferenças físicas. No texto, ela continua mencionando mulheres que tiveram a chance de ter acesso a uma educação não-feminina e demonstraram sua capacidade intelectual como governantes e administradoras:

[...] se en femme a naturelle prudence. De laquelle chose, je te repons que si. Et ce peus tu desja congnoistre par ce que devant te est dit, si comme tu peus veoir generaument ou gouvernement d’elles es offices qui a faire leur sont establis. Et y prens garde, se bon te semble. Tu trouveras que de leur mainage gouverner et pourveoir a toutes choses, selon leur puissance, sont communement toutes, ou la plus grant partie, tres curieuses, songneuses et diligentes, et tant que aucunefoiz en anuye a aucuns de leurs negligens maris de ce que il leur semble que trop les timonnent et sollicitent de faire ce que a eulx appartient a pourveoir, et dient que elles veulent estre maistresses et plus sages que eulx, et ainsi revertissent en malice ce que maintes leur dient en bonne entencion. (PIZAN, 2004, p. 198)

Christine encerra o Livro I afirmando que a maior prova de que é possível associar instrução ao senso prático é o fato de as mulheres cuidarem de suas casas, envolvendo também a atenção ao marido e às atividades deles.

Os muros da Cidade estão prontos:

Que veulx tu que plus t’en die, fille chiere ? Il me semble que assez ay produit de preuues a mon entencion, c’est assavoir de te demonstrier par vive raison et exemple que Dieu n’a point eu, ne a en reprobacion le sexe femenin, ne que celui des hommes, si que tu vois clerement, et comme il apparu et apperra par la deposicion de mes autres .ij. seurs qui cy sont. Car bien me semble desormais doit souffire en ce que je t’ay basti es murs de la closture de la Cité des Dames, et sont tous achevez et enduis. Viengnent avant mes autres seurs et par leur ayde et devis soit par toy parfaict le surplus de l’edifice. (PIZAN, 2004, p. 214)

Para terminar a construção, função da Retidão, que inicia o Livro II, as torres e os edificios serão feitos a partir de profetisas que, com suas previsões, auxiliaram a humanidade.

Na série de profetisas, Christine começa pelas dez sibilas, destacando aquelas que previram a vinda de Cristo. Seguem-se as mulheres da Bíblia, Débora, Elizabeth, Ana e a rainha de Sabá, e depois outras mulheres, como Carmenta e Cassandra (que previu a derrota de Tróia), a rainha Basina e a imperatriz Antônia (que anteviu a coroação de Justiniano). Apesar de viverem em épocas e lugares diferentes e de preverem acontecimentos distintos, todas têm em comum o dom da palavra e, mais, o dom de falar e ser ouvidas:

Entre les dames de souveraine digneté sont de haultece les tres remplies de sapience sages Sebiles, lesquelles, si que mettent les plus autentiques auteurs en leurs institutions, furent .x. par nombre, quoyque aucuns n'en mettent que .ix. O amie chiere, prens cy garde: quel plus grand honneur en fait de revelacion fist oncques Dieux a prophete, quelqu'il fust, tant l'amast qu'il donna et ottoia a ces tres nobles dames dont je te parle? Ne mist il en elles saint esperit de prophecie tant, et si avant, qu'il ne sembloit mie de ce qu'elles disoient que ce fust pronosticacion du temps a venir, ains sembloit que ce fussent si comme croniques de choses passees et ja avenues, tant estoient clers et entendibles et plains leurs dis et escrips? [...] Si furent toutes nommees Sebiles et n'est mie a entendre que ce fust leur propre nom, ains est a dire 'Sebile' ainsi que savant la pensee de Dieu. (PIZAN, 2004, p. 218 e 220)

Um dos propósitos mais caros a Christine era exatamente que as mulheres fossem ouvidas, para que assim tivessem voz ativa e pudessem participar do diálogo com os homens, e que assim fosse abandonado o monólogo do homem falando sobre elas ou para elas.

É uma figura muito rica a que resultou da associação de torres a profetisas, pois, em uma construção, o que mais chama a atenção são as torres, por sua altura e geralmente também por sua beleza. Profetisas exercendo essa função, metaforicamente falando, seriam aquelas torres que chamariam a atenção das pessoas para a Cidade por meio de suas previsões e de sua palavra, e também seriam as guardiãs da Cidade contra os possíveis ataques que esta viesse a sofrer.

A questão do falar é recorrente em todo o texto, seja pela voz das profetisas, das mães, das que dominavam a literatura ou daquelas que se destacavam no âmbito da política e da administração. Era necessário provar que a mulher sabia falar, pois a fala

feminina, por ser mais restrita, não tinha outro interlocutor a não ser as próprias mulheres. Essa fala, na Idade Média, se expressava muito mais pela cultura oral³⁵, por meio de contos, fábulas, lendas e cantigas, devido à interdição do acesso à educação imposta à mulher. Em casa, por exemplo, enquanto fiavam o tecido, engendravam, por meio do imaginário, os sonhos e devaneios que iriam construir seu repertório de histórias e canções. A mulher tinha, assim, seu discurso, porém este se prendia quase que exclusivamente à palavra falada, proveniente de uma cultura oral e por isso mesmo menosprezada e inferiorizada dentro da cultura masculina, dominadora da palavra escrita.

O fato de Deus ter escolhido mulheres e homens como mensageiros de sua palavra é prova evidente do apreço Dele por suas filhas. Mesmo assim os homens continuavam acreditando que seria um peso ter uma filha, que se elevariam seus encargos econômicos e sociais. Valeria mais investir na educação de um filho que de uma filha, fora a preocupação com a reputação de uma jovem. Christine toca também na questão, comum ainda hoje, do mal-estar provocado pelo nascimento de uma filha mulher, devido ao problema do dote e ao medo de a jovem deixar-se seduzir. Para a autora, esta última situação pode ser evitada com bons conselhos e educação, desde que esta seja dada também às meninas, e não só aos meninos.

A escritora mostra também que os filhos, por receberem uma educação voltada para o exterior, na maioria das vezes vão para longe e esquecem-se dos pais, restando às filhas a incumbência de cuidar deles. Como exemplos de filhas que provaram sua fidelidade no amor aos pais, Christine cita, entre outras: Drypetine, que acompanhava o pai nas batalhas, e Hypsipyle, que escondeu o pai em meio a uma insurreição do povo, foi descoberta e morta. Narra também a história de uma mulher que alimenta sua mãe na

³⁵ Como o caso de *Chansons de femmes: chanson de toile, chanson d'aube, chanson de rencontre amoureuse* e os *rondeaux à danser*.

prisão, amamentando-a. Para a escritora, essas ações das filhas eram tão louváveis que, dentro da construção da Cidade, essas mulheres ocupam o lugar das torres: “*Et poson que tous fussent bons, si voit on communement les filles tenir plus grant compaignie a peres et a meres que les fieulx, et plus les visetent, confortent et gardent en leurs maladies et viellece*” (PIZAN, 2004, p. 242).

Podemos constatar, com esses exemplos, que Christine almejava uma redefinição da imagem projetada da mulher – como sinônimo de família –, pois ela mesma, na sociedade de que fazia parte, já ocupava papéis mais significativos fora da esfera familiar. Aliás, a própria sociedade do final do medievo já iniciava, ainda que de maneira incipiente, uma abertura maior para as mulheres. As prerrogativas políticas, sociais e jurídicas, entretanto, ainda insistiam na necessidade da tutela feminina, fosse ela exercida pelo pai, pelo marido ou por algum parente, na falta desses. Portanto, a mulher ainda necessitava do vínculo familiar para viver e ter parâmetros de comportamento.

A construção dos edificios está pronta: é chegado o tempo de povoar a Cidade. As escolhidas para habitantes são: «[...] *toutes preudefemmes de grant beauté et de grant auctorité, car plus bel peuple ne plus grant parement ne peut estre en cité que bonnes preudefemmes*» (PIZAN, 2004, p. 250). Como primeiras habitantes, são escolhidas mulheres que foram constantes, fiéis em seu amor:

Et pour ce qu’entrees sommes en ceste matiere, je t’en donray mains exemples de grant amour et loyauté de femmes portee a leurs maris. Et or sommes, Dieu merci, retournees a nostre Cité a tout belle compaignie de nobles, preudes femmes que nous y hebergerons et voycy ceste noble royne Hipsisrate, femme jadis du riche roy Mitridates, pour ce que moult est d’ancien temps et sa valeur de grant dignité, premiere y hebergerons ou lieu et noble palais qui lui est appresté. (PIZAN, 2004, p. 256)

Essa escolha de mulheres fiéis como primeiras habitantes da cidade está ligada à refutação da corrente antimatrimonial, pois Christine contesta a epístola de Valérius a Rufin, que retoma um texto de Théophraste, segundo o qual é preferível um homem

pagar uma pessoa para tomar conta dele a ter uma esposa, que lhe seria mais onerosa. Como o casamento não é bom para alguns homens, certos escritores os aconselham a não casar. Para Christine, entretanto, os homens que dão esse conselho não percebem que, no casamento, as mulheres são as maiores vítimas, sofrendo maus-tratos, humilhações e desprezo. Para a escritora, os livros só não revelam a realidade porque são escritos por homens:

Mais encore vous pry que dire me veuillez et certiffier se c'est vraye chose ce que ces hommes dient, et tant de aucteurs le tesmoignent, dont je suis en trop grant pensee, que la vie de l'ordre de mariage soit aux hommes plaine et avironnee de si grant tempeste par la couple et impetuosité des femmes et de leur rancuneuse moleste, comme il est escript en mains livres? Et assez de gens le tesmoignent que elles si pou aiment leurs maris et leur compaignie que riens tant ne leur anuye, par quoy, pour obvier et eschever ces inconveniens, plusieurs ont conseillé aux sages que ilz ne se marient, certiffiant que nuelles ou pou d'elles soient loyales a leur partie. Et mesmement Valere a Ruffin en escript, et Theofrastus en son livre dit que nul sage ne doit prendre femme, car trop a en femme de cures, pou d'amour et foison gengleries, et que se l'omme le fait pour estre mieulx servi et gardé en ses maladies que trop mieulx et plus loyaument le servira et gardera un loyal serviteur et ne lui coustera pas tant, et que se la femme est malade, le mari est alengouré et ne s'osera bouger d'empres elle. Et assez de tieulx choses dit qui trop longues seroient a reciter, dont je dy, chere Dame, que se cestes choses sont vrayes, tant sont ces deffaulx vilains que toutes autres graces et vertus que avoir pourroient en sont anienties et estaintes. [...]

Ha! chere amie, quantes femmes est il, et tu mesmes le scez, qui usent leur lasse de vie ou lien de mariage par durté de leurs maris en plus grant penitence que se elles fussent esclaves entre les Sarrasins? Dieux! quantes dures bateures, sanz cause et sans raisons, quantes laidenges, quantes villenies, injures, servitudes et oultrages y seuffrent maintes bonnes preudes femmes qui toutes n'en cryent pas harou. Et de teles qui meurent de fain et de mesaise a tout plain foyer d'enfans, et leurs maris sont en lieux dissolus ou mainent les gales par la ville ou es tavernes, et ancores les povres femmes seront batues au retourner, et ce sera leur soupper. [...]

Je t'en croy, et a dire que les maris soient tant adoulez pour les maladies de leurs femmes, je te pry, m'amie, ou sont ilz? Sanz que plus je t'en die, tu peus bien savoir que ces babuises dites et escriptes contre les femmes furent et sont choses trouvees et dites a volenté et contre verité, car les hommes sont maistres sur leurs femmes et non mie les femmes sur leur maris maistresses, si ne leur souffreroient jamais tele auctorité. Mais je te promes que tous les mariages ne sont mie maintenus en tieulx contens, car il en est qui vivent en grant paysibleté, amour et loyauté ensemble, par ce que les parties sont bonnes, discretas et raisonnables. (PIZAN, 2004, p. 252-4)

Chama a atenção, também, para o número de casamentos em que o casal vive em harmonia. Para corroborar a idéia da fidelidade das mulheres a seus maridos, apresenta exemplos: rainha Hypsiscratée, imperatriz Triaire, rainha Arthémise, Argie e Agrippine; cita ainda jovens esposas com maridos mais velhos, como: Júlia, Emília, Xantipa, Paulina e Súplice, entre outras.

Mesmo com a abundância de exemplos, ainda persistem, segundo a autora, idéias de que há defeitos inatos às mulheres. É o caso de Jean de Meung, em seu livro *Roman de la Rose*, e de outros autores que atribuem às mulheres defeitos como a tagarelice e a indiscrição. Isso é comprovado na citação feita por Rose Rigaud de um trecho do livro *De regimine principum*, de Gilles de Roma:

Le philosophe dit au premier livre de politique que conseil de femme est de petite value, car tout aussi comme le conseil d'enfant est de petite value pour ce qu'il est nient parfaits, tout aussi est il dou conseil de la femme, car il est de petite value pour ce que la femme est aussi comme un homme nient parfaits. Car elle a par nature defaute de raison et d'entendement et si a le corps mauvairement completionnez et la molesse de sa char ne prueve pas bonne completion en lui... par quoy... elles ont defaut de raison et mieus est le corps completionnés, tant puet mieus l'ame entendre a verité et a raison par nature. Et avec ce, le conseil de femme est chaitis et ismaus ; la raison est que le philosophe dit ou livre qui parle des natures des bestes que les choses qui sont moins parfaictes viennent plus tost a la perfection... et pour ce que le conseil de femme est moins parfaits que le conseil de l'homme, il est plus isneaus et plus hatifs. (RIGAUD, 1973, p. 103)

O referido filósofo é Aristóteles, que em seu texto *Política* afirma que a relação do macho com relação à fêmea é naturalmente a do superior para o inferior. O macho é o governante, a fêmea, o súdito (I, 254 b). Essa dedução aristotélica foi a inspiração para diversos autores medievais escreverem sobre os ‘defeitos femininos’ e o quanto as mulheres seriam levianas, não dignas de confiança, devendo calar-se.

Para a personagem Retidão, há tanto mulheres quanto homens indiscretos, mas se o marido tiver bom senso, pela simples observação, saberá se pode ou não ter a mulher como confidente:

[...] tu dois savoir que toutes femmes ne sont mie sages et semblablement ne sont les hommes, par quoy se un homme a aucun scavoir, il doit bien voirement aviser quel sens sa femme a et quel bonté, ains qu'il lui die gaires chose qu'il vueille celer, car peril y peut avoir. Mais quant un homme sent qu'il a une femme bonne, sage et discrete, il n'est ou monde chose plus fiable ne qui tant le peust reconforter. (PIZAN, 2004, p. 280 e 282)

Interessante observar como a autora chama à responsabilidade o marido: é ele que deve perceber se a mulher é confiável ou não. Isso se dá pela observação, ato que muitas vezes é atribuído às mulheres, de quem é cobrado o fato de estarem atentas a tudo que se passa ao seu redor.

Christine escolheu Porcia, Cúria e as esposas de conspiradores do imperador Nero como exemplos de boas confidentes. O último ponto de refutação à corrente antimatrimonial refere-se às esposas como boas conselheiras, a quem alguns maridos ouviram, usando de bom senso, e se beneficiaram, como aconteceu com Antonina e Belisário. Pompeu e Heitor são exemplos de maridos que não acreditaram nas esposas e pagaram o erro com a própria vida.

Além do fato de os maridos deverem confiar em suas esposas porque elas são dignas de confiança, há exemplos do valor e dos benefícios das mulheres tanto na esfera privada quanto na pública. Christine interpela a Retidão sobre o porquê de os atos louváveis das mulheres e seus grandes feitos para a humanidade não serem divulgados pelos homens, os quais, ao contrário, as acusam de ser a fonte de todos os males: *‘Dame, je voy infinis biens au monde venus par femmes, et toutevoyes ces hommes dient qu’il n’est mal qui par elles ne viengne’* (PIZAN, 2004, p. 294). Exemplos do testemunho de que as mulheres contribuíram tanto na vida cotidiana como no plano espiritual são encontrados na Bíblia (a Virgem Maria, a filha do faraó que criou Moisés, Judith e Esther) e em passagens históricas, como a história das sabinas, o episódio de Roma salva por Vetúria, Clotilde, que converteu Clóvis ao cristianismo, e assim por diante.

Outro item abordado é a visão negativa de alguns homens sobre a possibilidade de acesso das mulheres ao conhecimento. Segundo eles, pela educação, as mulheres teriam seus ‘modos femininos’ modificados. Nesse caso, em vez do conhecimento ajudar na socialização das mulheres na esfera pública, para além da vida doméstica, ele introduziria novos costumes não condizentes com o papel feminino esperado e disseminado pela sociedade do medievo. O fato de os homens não permitirem a educação de suas esposas e filhas, por medo de que isso corrompesse seus costumes,

decorre, de acordo com a escritora, de um equívoco. Ela afirma que o conhecimento das ciências morais e a pedagogia das virtudes são práticas que aprimoram as mulheres, como provam os exemplos de Hortência, Novella e o dela própria. Para Christine, os homens instruídos, em geral, não temem a instrução das mulheres.

Nesse ponto do Livro II, capítulo 36, a autora retoma a tese apresentada e defendida no Livro I, a partir do capítulo 27, relativa à importância e aos benefícios que o conhecimento traz às mulheres. No Livro I, esse tema foi abordado em quinze capítulos (do 27 ao 42); constitui o assunto de maior destaque do livro. O tema do acesso à educação é retomado praticamente no meio do Livro II, após uma sequência de capítulos sobre a importância das mulheres como esposas e boas conselheiras e antes de uma série de virtudes (castidade, caráter e generosidade). Parece que a localização escolhida, antes do elenco de virtudes, faça parte da pretensão da autora de demonstrar como o estudo traz melhorias às mulheres e, por conseguinte, à própria sociedade. Quanto ao posicionamento depois dos títulos sobre mulheres, principalmente esposas como boas conselheiras, não podemos esquecer que Christine era a favor do casamento no qual a mulher preparada pudesse ter um mínimo de autonomia e, assim, ser mais feliz.

Mas devemos nos perguntar: como seria possível o estudo desvirtuar ou corromper? Isso seria um argumento falacioso, fruto da própria ignorância dos homens, que pensavam dessa forma, filhos de uma sociedade que não se interessava em educar as filhas de Eva.

Contrariando essa corrente de pensamento quase majoritária, Christine cita o próprio pai, Thomas de Pizan, que se opondo a opinião da mãe da escritora, quis educar sua filha com o mesmo empenho, como se ela fosse um menino. No texto, a autora cita

outros pais que também optaram pela educação de suas filhas, o que lhes proporcionou experiências agradáveis:

Si ne sont mie tous hommes, et par especial les plus sages, de la sus dicte oppinion que mal soit que femmes sachent letres, mais bien est voir que plusieurs qui ne sont pas sages le dient pour ce que il leur desplairoit que femmes sceussent plus que eulx. Ton pere qui fu grant naturien et philosophe n'oppinoit pas que femmes vaulsissent pis par science, ains de ce que encline te veoit aux letres, si que tu scez, y prenoit grant plaisir. Mais l'oppinion femenine de ta mere qui te vouloit occuper en fillasses, selon l'usage commun des femmes, fu cause de l'empeschement que ne fus en ton enfance plus avant boutee es sciences et plus en parfont. Mais, si que dit le proverbe ci devant ja allegué, 'Ce que Nature donne, nul ne peut tollir', ne te pot ta mere si empescher le sentir des sciences que tu par inclinacion naturelle n'en ayes recueilli a tout le moins des petites goutelletes. (PIZAN, 2004, p. 316)

A próxima questão tratada é a castidade. É possível uma mulher ser bela e casta ao mesmo tempo? Além de apresentar uma série de exemplos positivos para mostrar que sim, Christine também abordará outros itens, dentro desse tema maior: violência, inconstância, fidelidade e coqueteria.

A castidade era uma virtude soberana para as mulheres, pois se sabe que muitas preferiram a morte a renunciar à pureza, comenta Christine, lembrando os exemplos bíblicos de Suzanne, Sarah, Rebecca, Ruth e Penélope, mulher de Ulisses. Ela assevera que, mesmo no caso de belas mulheres, a castidade é importante, como o foi para Mariamne e Antônia. Contrapondo-se à tese de que as mulheres gostam de ser violentadas, dá o exemplo de Lucrecia, mulher de Tarquin Collatin, que, assediada pelo filho do marido, cede a suas chantagens, mas, não suportando o sofrimento e a humilhação, e para não servir de mau exemplo a outras mulheres, mata-se, mesmo tendo sido perdoada pelo marido. Por conta desse fato, foi promulgada uma lei condenando à morte todo homem que violasse uma mulher: *Et a cause de cel outrage fait a Lucrece, comme dient aucuns, vint la loy que homme mouroit pour prendre femme a force, laquelle loy est convenable, juste et sainte* (PIZAN, 2004, p. 330).

Outro tema abordado, referente à inconstância feminina, está ligado à castidade. Segundo Christine, os textos de Ovídio e Jean de Meung são parciais, pois alertam os

homens para as armadilhas e inconstância das mulheres no amor. Porém, esses autores ignoram que a paixão incendeia os corações de homens e mulheres, tornando-os vulneráveis um à vontade do outro. Por isso, numa sociedade em que se pretenda a justiça, o mais correto é instruir moralmente as mulheres, permitindo-lhes o acesso à palavra escrita, para que possam ter cuidado com as investidas masculinas:

Car ilz ne parlent point aux femmes en elles avisant que elles se gardent des agais des hommes. Et toutevoies est ce chose certaine que tres souvent et menu ilz deçoivent les femmes par leurs cautelles et faulx semblans. Et n'est mie doubte que les femmes sont aussi bien ou nombre du peuple de Dieu et de creature humaine que sont les hommes, et non mie une autre espece, ne de dessemblable generacion, par quoy elles doyent estre forcloses des enseignemens moraulx. Doncques, je conclus que se pour le bien commun le feissent, c'est assavoir des .ij. parties, ilz eussent aussi bien parlé aux femmes que elles se gardassent des agais des hommes comme ilz ont fait aux hommes que ilz se gardassent des femmes. (PIZAN, 2004, p. 376 e 378)

Os homens acusam as mulheres de ser inconstantes no amor, mas, segundo Christine, eles próprios não saberiam o significado da virtude da constância no amor. A autora demonstra a infidelidade masculina mencionando Nero, Cláudio, Tibério, Galba e Othon; em contrapartida, para afirmar a fidelidade feminina, ela lembra a história de Grisélides, Florence, a mulher de Bernarbo, o genovês, Didon, Medéia, Thisbe, Hero, Sigismonde, Isabeau e Juno.

Christine inova ao tratar a mulher como possuidora de desejos sexuais como os homens:

[...] il cuert au monde une loy naturelle des hommes aux femmes et des femmes aux hommes, non mie loy faicte par establissement de gens, mais par inclinacion charnelle, par laquelle ilz s'entreament de tres grant et enforciee amour par une fole plaisance, et si ne scevent a quelle cause ne pourquoy tele amour l'un de l'autre en eulx se fiche. (PIZAN, 2004, p. 374)

Com relação à acusação de que as mulheres cuidam em excesso da aparência, tal atitude só é condenável, para a autora, se tiver o intuito de seduzir ou de servir de meio para conquistar status social. Gostar de coisas belas, porém, nada tem de desprezível. Christine cita como exemplo São Bartolomeu, que gostava de se trajar com elegância, e também Cláudia, que, apesar da forma de se trajar, provou sua pureza àqueles que dela duvidavam por causa de suas vestimentas. A escritora provavelmente lembrou da

própria Igreja, com a ostentação de seus ornamentos. Com os exemplos de Lucrécia e da rainha Blanche de Castille, ela afirma que os homens sábios, no entanto, preferem as mulheres virtuosas.

O último tema abordado é a avareza. A situação de injustiça em que o mundo, governado por homens, se encontra é, para Christine, a prova cabal de que as mulheres, no lugar deles, fariam diferente, pois elas usam de prudência quando empregam seu dinheiro e distribuem seus bens aos necessitados de Paulina e Marguerite de La Rivière.

Os acusadores esquecem que algumas mulheres casadas são obrigadas a gerir o pouco ganho que o marido lhes entrega e, por isso, devem economizar ao máximo para abastecer a família com o mínimo. Para elas, o dinheiro é obtido com tamanho esforço e é tão pouco que são obrigadas a controlar seus gastos para não faltar o necessário:

Amie chiere, je te dis certainement que avarice n'est point plus naturelle es femmes ne que es hommes. Et se moins y est – ce scet Dieux et ce peux tu veoir - par ce que trop plus de maulx se font au monde et encuerent par la grant avarice des divers hommes que par celle des femmes. [...] Et si est aucunes gens qui les reputent escharces pour ce que les aucunes d'elles ont maris folz, larges gasteurs de biens et gourmans et les povres femmes, qui scevent bien que le mesnage de l'ostel a disette de ce que follement est despendu, et que elles et leurs las d'enfans le pourront comparer ne se pevent tenir d'en parler a leurs maris et de les admonnester de mendre despence. (PIZAN, 2004, p. 416)

Nessa citação há uma questão importante: Christine escreve que as mulheres não podem deixar de dizer aos seus maridos que reduzam suas despesas. O fato de dar esse conselho sinaliza que havia uma abertura na sociedade em que vivia para isso. As mulheres podiam admoestar seus maridos em relação a seus ganhos e gastos. Christine reforça mais uma vez a importância de uma mulher ativa, que cuide e administre sua casa ao lado do marido.

O Livro III apresenta uma série de histórias de santas tiradas do *Miroir historial* de Vincent de Beauvais. Continua com o povoamento da *Cité* com a rainha do céu, a Virgem Maria, ocupando o lugar mais alto da cidade, como rainha e protetora. Em

seguida, a autora elenca histórias de vida de várias santas martirizadas, todas com as qualidades da constância e da força em comum.

No último capítulo, dirige-se às mulheres de todos os estamentos sociais e alerta-as para os perigos dos vícios, principalmente a soberba e a luxúria. Alude, ainda, à clássica divisão das mulheres, apoiada na castidade, em virgens, viúvas e casadas. Aconselha estas últimas a serem submissas, humildes e pacientes; as virgens devem ser puras, sábias e discretas; às viúvas, aconselha que sejam honestas nas palavras, moderadas, pacientes, humildes e fortes.

E, por fim, a autora despede-se:

Mes tres redoubtees Dames, Dieux soit louez ! Or est du toute achevee et parfaicte nostre Cité, en laquelle a grant honneur vous toutes, celles qui amez gloire, vertu et loz, povez estre hebergees, tant les passees dames, comme les presentes et celles a avenir, car pour toute dame honorable est faicte et fondee. [...] Ainsi, mes Dames, comme il soit voir que les vertus plus sont grandes en creature, plus la rendent humble et benigne, vous soit cause ceste Cité d'avoir bonnes meurs et estre vertueuses et humbles. [...] Et ainsi vous plaise, mes tres redoubtees, pour les vertus attraire et fuyr les vices, accroistre et multiplier nostre Cité vous resjouyr et bien faire. (PIZAN, 2004, p. 496, 498 e 502)

II. Descrição

La bonté, la charité, la justice, la courtoisie de la femme idéale du *Tresor de la Cité des Dames* viendront se parer d'une dernière vertu : l'amour et la pratique de la vérité. (LAIGLE, 1912, p. 225)

Trois vertus ou Le Trésor de la Cité des dames

O livro *Trois vertus*, junto com *Cité des dames*, são duas obras inaugurais no que tange à tomada de consciência da situação feminina, contra a tradicional imagem da mulher como ser menosprezado e desprovido de qualquer inteligência. Os dois foram escritos em sequência e logo após a querela sobre *Roman de la rose*.

Christine escreveu esses dois livros para defender as mulheres dos ataques misóginos, principalmente como resposta ao texto de Matheolus, mas também, teria uma razão um pouco mais prática e imediata. A autora encontrava-se em uma situação econômica difícil, já era conhecida e apreciada, porém, seus principais ‘mecenas’, príncipes e reis, estavam envolvidos com guerras. Por esse motivo, Christine volta-se para as grandes senhoras, rainhas e princesas, e para os temas femininos. Ela queria agradar a um público feminino. Dessa forma, abre a porta de sua Cidade à rainha Isabel, da França. E *Trois vertus* foi dedicado à futura rainha da França, Marguerite de Bourgogne: [...] *tres haulte, puissante et redoubtée pr incesse [...] pour le désir que vostre tres noble courage a de vivre ou temps present et en cellui a avenir, par l'ordre et administration [...]* (PINET, 1927, p. 121).

Nesses tratados de moral prática, a autora esforçou-se para fazer uma adaptação agradável e compreensível das regras ditadas pelos moralistas homens aos modos e costumes femininos.

Um item importante é quanto à data de elaboração dos textos. *Cité des dames* e *Trois vertus* foram escritos um em seguida ao outro e, ao que tudo indica, estavam prontos antes de julho de 1405. Sabe-se que a data é esta pelo modo como Christine refere-se à rainha Isabeau. Se a obra não estivesse pronta antes do incidente³⁶ ocorrido entre a rainha e o duque de Orleans, provavelmente a autora mudaria seus conselhos, no tocante à vida na corte, sobre os deveres da princesa para com seu marido e com seus filhos. Talvez, tivesse pressentido o que estava por ocorrer e, por isso, escreveu sobre a maledicência na corte no capítulo VI do livro II: *Ci dit du .IIII. point, qui est le .Ile. des .II. qui font a eschiver, et parle comment femmes de court se doivent bien garder de mesdire, et de quel chose vient mesdit ne a quel cause* (PIZAN, 1989, p. 140).

Cité des dames Christine não é dedicado especificamente a ninguém. Ele foi ofertado às Casas da França: Orléans, Borgonha, Berry e Bourbon. Já a obra *Trois vertus* a autora dedicou-a à aspirante à rainha da França, duquesa de Guyenne, Marguerite de Borgonha³⁷. Os conselhos dados por Christine, em seu livro, a Marguerite são comprovados pelo comportamento desta durante a negociação para a libertação de seu marido o conde de Richemont.

Em *Trois vertus*, a autora elabora um tratado de educação, dando conselhos a mulheres de todos os estamentos sociais sobre como deveriam comportar-se e ser educadas. A obra também está dividida em três partes, chamadas de Livro, como *Cité des dames*, cada parte é dedicada a um estamento social: rainhas, princesas, duquesas e grandes senhoras; mulheres que vivem na corte; mulheres casadas com homens da vida

³⁶ A rainha Isabeau e o duque de Orleans teriam se encontrado fora de Paris, e a rainha também foi acusada de não se preocupar com a educação dos filhos.

³⁷ Filha de Jean-sans-Peur, duque de Borgonha (irmã de Philippe le Bon que casou com Isabel de Portugal em 1430), Marguerite nasceu em 1393, tornou-se esposa de Charles, herdeiro da coroa francesa, em janeiro de 1396. Com a morte de seu primeiro marido (em 1401), contraiu matrimônio com Louis de Guyenne, seu cunhado e delfim da França, em agosto ou setembro de 1403. Louis morreu em 1415. Marguerite casa-se pela terceira vez em 1423, com o conde Arthur de Richemont. Morre em fevereiro de 1442.

pública, burguesas e mulheres do povo, apresentando conselhos para a vida moral e intelectual. Essa divisão por estamentos sociais é um critério diferente daquele vigente na época, o critério espiritual da castidade, pelo qual, entre virgens, casadas e viúvas, as virgens sobrepunham às demais:

Ci commence la table des rubriques du livre des .III. vertus a l'enseignement des dames, lequel dit livre est parti en troys parties : la premiere s'adrece aux princeps et haultes dames; la seconde aux dames et damoiselles, et premierement a celles qui demeurent a court de princeps ou haulte dame; et la tierce aux femmes d'estat, aux bourgoises et femmes du commun peuple. (PIZAN, 1989, p. 249)

Essa nova divisão proposta por Christine, além de inovadora, propõe também uma nova forma de ver a mulher não mais sob o critério religioso da castidade, mas como um ser humano com um papel a ser cumprido e respeitado na sociedade tanto na esfera privada como na pública. A mulher deixa de ser vista somente a partir de sua função biológica para assumir uma imagem social.

O diferencial, em relação a *Cité des dames*, é que, em *Trois vertus*, cada um dos três Livros é apresentado e conduzido por Christine, e não pelas três Senhoras.

O prólogo desse livro refere-se a uma nova aparição das três Senhoras, que pedem à autora que elabore uma nova obra. Argumentam que assim como Deus, que primeiro fez o mundo e por último o povoou com animais e o homem, Christine, à sua semelhança, também construiu primeiro a Cidade das Senhoras, depois a povoou, e na nova obra deverá cuidar da educação moral e intelectual dessas mulheres:

[...] a l'exemple de Dieu, qui au commencement du siecle qu'il ot créé vit son oeuvre bonne, la beneï, puis fist homme et femme et les aultres animaulx, ainsi nostre dicte oeuvre precedent, ceste de *La Cité des Dames*, qui est bonne et utile, soit beneïe et exaulcee par tout l'univers monde³⁸ [...] (PIZAN, 1989, p. 8)

³⁸ Na edição fac-similada da Biblioteca Nacional de Lisboa de 1987, feita a partir da versão portuguesa, *O espelho de Cristine*, de Germão de Campos de 1518, essa parte citada aparece no Prólogo.

A primeira parte do texto, com 27 capítulos, é dirigida às rainhas, princesas, duquesas e grandes senhoras da corte. Começa com o principal ensinamento: amar e temer a Deus, pois no momento histórico em que produziu a obra, o amor a Deus se traduzia em obediência, primeiro a Ele e depois ao marido. A relação amorosa entre o homem e a mulher assemelhava-se àquela entre o senhor e o servo: a mulher devia prestar obediência ao marido, que representava a cabeça da família, sujeitando-se conforme os textos bíblicos pregavam. Com relação à educação das princesas, a obra aborda a criação dos filhos, o governo e a administração na ausência do marido.

A segunda parte, com 13 capítulos, é destinada às senhoras e donzelas da corte. Trata do amor que estas mulheres devem dedicar às grandes senhoras. No último capítulo, Christine apresenta as sete virtudes a serem seguidas por todas as mulheres e mesmo pelos homens, que são: obediência, humildade, temperança, paciência, diligência, castidade e benevolência.

A última parte, com 14 capítulos, é endereçada às mulheres de funcionários reais, às burguesas, às mulheres do povo e às mulheres de lavradores. Os pontos importantes tratados são: a maneira de governar os bens, a vestimenta, a sobrevivência das mulheres comuns e sua participação junto ao marido.

Para se ter idéia da importância dessa obra, basta mencionar que ela foi traduzida para o português duas vezes, entre a metade do século XV e o início do século XVI. A primeira tradução foi feita entre 1447 e 1455, a pedido da rainha Isabel, a partir do manuscrito *Tratado de las virtudes de las señoras*, provavelmente levado à corte portuguesa pelo infante Pedro, pai de Isabel. Tal manuscrito hoje se encontra na Biblioteca Nacional de Madri. Essa versão difere do texto de Germão de Campos de 1518, segunda tradução, dedicado à rainha Leonor, sob o título *O espelho de Cristina*. A

palavra Espelho aqui é muito sugestiva, pois constitui uma metáfora de um comportamento a ser seguido por outras mulheres.

Christine, nesse texto, traça o perfil da vida moral e intelectual das mulheres do fim da Idade Média, legando-nos um registro do passado e, ao mesmo tempo, abrindo-nos uma perspectiva para o futuro, uma abordagem humanística mais comum ao Renascimento. O que ela ensina, nessa obra de “educação e arte de viver em sociedade” (CRUZEIRO, *O espelho de Cristina*, Introdução), é a valorização da mulher pela educação e aprendizagem, sua emancipação enquanto ser humano, pela capacidade de ocupar seu próprio lugar no mundo, e não o lugar determinado pelos homens e aos homens. Nesse sentido, a escritora está mais próxima das discussões de gênero de hoje, que das feministas de quarenta anos atrás. Em todas as suas obras, Christine luta pelo respeito e pela valorização da mulher, deixando claro que, dentro desses objetivos, não tinha a pretensão (e talvez nem pudesse) de avançar ou de emancipá-las, pois para ela a principal virtude ainda era a obediência.

Ponto comum entre os dois textos, além da defesa do sexo feminino, é o seu formato: diálogo alegórico, na *Cité des dames*, com as Senhoras (Razão, Retidão e Justiça) e, em *Trois vertus*, da autora com suas leitoras:

En celle dolente pensee ainsi que je estoie, la teste baissee comme personne honteuse, les yeulx plains des larmes, tenant ma main soubz ma joe accoudee sus le pommel de ma chayere, soudainement sus mon giron vi dessendre un ray de lumiere si comme se le soleil fust, et je, qui en lieu obscur estoie [...] vi devant moy, tout en estant, III dames couronnees de tres souveraine reverence. (PIZAN, *Cité des dames*, 2004, p. 46)

Ci commence le livre des III vertus a l'enseignement des dames. Le premier chapitre parle comment les vertus par lequel commandement Cristine fist et compila le livre de la Cité des dames s'apparurent de rechief a elle et lui commirent a faire ceste presente oeuvre [...] et puis ensuivant de degré en degré chanterons semblablement nostre doctrine en tous les estaz des femmes afin que la discipline de nostre escole puisse estre a tous valable. Si dirons doncques en ceste maniere. (PIZAN, *Trois vertus*, 1989, p. 7 e 9)

O uso alegórico das três damas, como personagens que ordenaram a elaboração do livro, foi um estratagema usado pela autora para eximir-se da responsabilidade de dizer o que fazer às mulheres da corte e mesmo da família real. Pois são elas que ditam,

exortam ou mesmo criticam certos comportamentos, das mulheres daquela sociedade. Mas, é a palavra de Christine por trás do disfarce. Esse recurso, uma obra encomendada por alguém ao autor, era muito usado na literatura por autores como: Cícero, Santo Agostinho, Dante, Petrarca, Bocácio, Jean de Meung e Gerson entre outros.

Outro indício da frequência de aparições alegóricas nos textos é o uso de palavras como *songe* e *avision* nos títulos das obras: *Songe du Vergier*, *Songe Veritable*, *Songe du Vieil Pelerin*, *Songe de Michault*, *Des vraies et des fausses visions* etc.

Mathilde Laigle na obra *Le livre des trois vertus de Christine de Pisan, son milieu historique et littéraire*, de 1912, comenta sobre esse recurso usado por Christine:

Les apparitions de Christine ont quelque chose de plus séculier et de plus rationnel que celles des autres écrivains français du moyen âge ; elles ont déjà un vague air de déesses et font pressentir l'essaïm des divinités olympiennes de la Renaissance. (LAIGLE, p. 8)

Segundo Charity Cannon Willard, há cerca de vinte manuscritos catalogados da obra *Trois vertus*. Foram feitas três edições 1497, 1503 e 1536 e ainda as traduções portuguesas de 1447 e 1518. Somado tudo isso, podemos imaginar o quanto essa obra de Christine circulou na época. Afinal, era um texto escrito por uma mulher, o que despertava curiosidade nos leitores.

A principal fonte usada por Christine foi a Bíblia. Ela fez uso também de provérbios, assim como de textos dos pregadores da época, pois seus sermões visavam à edificação moral e vinham ao encontro dos objetivos da autora. Outra fonte muito usada é o *Manipulus florum*, de Thomas Hibernicus, de 1402, o que é comprovada pelas frequentes referências aos Pais da Igreja, pois essa obra é uma coletânea, em formato de dicionário, de citações sobre virtudes e vícios, usada pelos pregadores. Outra obra que serviu de referência a autora é *Speculum majus*, de Vincent de Beauvais. No entanto, Christine faz citações, em grande parte, servindo-se de sua memória, sem indicar sua

referência. E outra questão importante é que ela tira muitos de seus exemplos da vida cotidiana.

Segundo Maria de Lourdes Crispim, o mérito de *Trois vertus* estaria na sua dimensão de responsabilidade e de auto-estima introduzidas no caráter feminino. Para ela, a obra de Christine não se destaca de outras obras voltadas à educação das mulheres nem quanto às categorias nem quanto às regras de comportamento determinadas às filhas de Eva. O texto corrobora, ainda, a definição de mulher como um ser fraco: “*és huua simprez molherzinha, que nom hás força, poder, nem autoridade, se d’outrem te nom vem (toy qui es une simple femmellette, qui n’as force, poissance ne auctorité se elle ne t’est donnee d’aultrui)*”.

Ainda segundo Crispim, para Christine, a doçura, a paciência, a humildade e o cuidar da casa são ‘qualidades femininas’ que devem ser cultivadas por todas as mulheres. Apesar de poder parecer estranho falar-se em ‘qualidades femininas’, não podemos esquecer que estamos tratando do que era ser mulher no final do século XIV e início do XV. Provavelmente, a autora buscava era estabelecer um espaço demarcado, ou melhor, uma função ativa e participativa à mulher naquela sociedade, que a considerava “*fragilitas, imprudentia e inbecillitas sexus*”.

Logo, essas ‘qualidades femininas’ em vez de discriminar tinham por objetivo tornar-se ‘armas poderosas’ para que as mulheres invertessem sua situação de inferioridade e, assim, ascendessem socialmente por meio de sua inteligência e perspicácia.

Talvez Christine tenha usado essas qualidades para maquiar, sua verdadeira intenção: ela aposta na inteligência feminina, como possibilidade de independência; introduz a inteligência como uma qualidade da mulher. Esse é o grande trunfo, e diferença, da autora de *Trois vertus* em relação aos seus contemporâneos: para ela, é a

inteligência que deve guiar as mulheres em suas ações familiares, sociais, econômicas, enfim, em todo o seu cotidiano: “*Ci commence a parler des .VII. principaulx enseignemens de prudence qui sont neccessaire a retenir a toute princesse qui aime et veult honneur, et est le premier comment elle se contendra vers son seigneur*”. (PIZAN, 1989, p. 52)

Com isso, Christine queria alcançar, em última instância, uma mudança no *status quo* daquela sociedade medieval, ou seja, levar os homens a perceber e reconhecer o valor da educação da mulher. Claro que isso só foi possível porque, nesse momento, já havia uma abertura para essa nova imagem de mulher que se formava.

O que significava ser mulher no final do medievo? Vamos pensar a partir da hipótese de alguns autores:

R. Howaud Bloch em seu livro *Misoginia medieval*, na Introdução aponta alguns caminhos:

[...] qualquer definição essencialista da mulher, seja ela negativa ou positiva, feita por um homem ou uma mulher, é a definição fundamental de misoginia. [...] porque historicamente trabalharam para eliminar da história o sujeito. “A Mulher como um substantivo coletivo é tão cheio de armadilhas quanto conveniente”, escreve Sheila Ryan Johansson. “Ao longo do tempo os homens mudaram de idéia muitas vezes sobre o que a ‘Mulher’ é (...). Mais freqüentemente foram aqueles que eram hostis às mulheres que escreveram sobre a ‘Mulher’ e a sua verdadeira essência imutável. Descrições e análises de eterno feminino têm sido costumeiramente propostas por aqueles que estão ansiosos em justificar a continuação de várias formas de restrições sociais e legais”. (1995, p. 13-4)

Bloch traz um dado importante: é quase impossível conceituar a mulher sem ser misógino, mesmo quando é ela que define, porque o papel de sujeito - da mulher - foi excluído. Logo, essa definição sempre passa pelo crivo da história, escrita por homens, e pelo pré-conceito de quem escreve.

No *Dicionário da Idade Média*, organizado por Henry Loyn, o verbete ‘mulher’ traz importantes considerações sobre a imagem da mulher presente no imaginário medieval: grande dama adorada à distancia por seu cavaleiro; em pactos matrimoniais, tratada como mercadoria a ser avaliada de acordo com a herança e o dote; com o culto à

Virgem Maria, figura divina e maternal, ou ainda como Eva. Essa complexidade de imagens atribuídas às mulheres tem relação direta com suas funções exercidas na sociedade medieval.

Na sociedade do medievo, a mulher podia trabalhar na agricultura, nos serviços domésticos, no comércio, sozinhas ou ao lado dos maridos, tinha poder de decisão na organização doméstica, incluindo a economia. A vida religiosa propiciava um refúgio em que elas poderiam exercer sua independência, de início para as mais abastadas e a partir do século XIII, devido às pressões, para mulheres de todas as camadas.

No tocante ao acesso ao poder de governar variava de um lugar para outro, assim como de um período para o período. Mas, de modo geral, o que prevaleceu foi o direito romano, pelo qual a mulher não casada ficava sob a tutela masculina. Na França do século XIV, a lei sálica ainda vigorava, e as mulheres eram excluídas da sucessão.

Mais filosófico e literário é o texto de Christiane Klapisch-Zuber apresentado no *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, organizado por Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt. A partir do tópico *Masculino\Feminino* os autores fazem um levantamento das causas filosóficas que levaram à uma visão de subordinação da mulher desde os Pais da Igreja até os textos literários do século XV.

O texto começa com a citação de três autores sobre as mulheres:

Ruperto de Deutz, século XII: Ela (a mulher) já não mostrava desta forma sua personalidade abusiva, arrogante e insistente?

Hildegarda de Bingen, século XII: A mulher é fraca, ela vê no homem o que pode lhe dar força, da mesma maneira que a lua recebe sua força do sol. É por isto que ela é submissa ao homem, e deve estar sempre pronta a servi-lo.

Boccaccio, século XIV: Lembrem-se que somos todas mulheres, nenhuma de nós ainda é uma criança para não saber como as mulheres se ajeitam entre si e sabem se entender sem a ajuda de um homem! Nós somos volúveis, contraditórias, desconfiadas, covardes e medrosas [...] Na verdade, os homens são os chefes das mulheres e sem a autoridade deles raramente algo que fazemos chegamos a um fim louvável. (p. 137)

Por essas três citações, é possível imaginar o que significava ser mulher: uma pessoa débil, sem autonomia, necessitando ser conduzida para não cometer erros. Por

esse motivo, ela seria o segundo sexo e ocuparia posição secundária, submissa, na qual não precisasse fazer escolhas e assumir responsabilidades.

A submissão da mulher decorre de sua criação, de acordo com o segundo relato de Gênesis 2, 21-24, que diz que a mulher foi criada para ser auxiliar ao homem, e esta idéia foi entendida e aplicada a ela com o sentido de sujeição, inferioridade. Resta uma questão: como seria a História da humanidade se a exegese cristã houvesse privilegiado a primeira versão da criação, Gênesis 1, 27, pela qual Deus criou o homem e a mulher à sua imagem?

No século XII, as idéias de Aristóteles são retomadas por São Tomás de Aquino, principalmente aquelas relativas à mulher, macho imperfeito e incompleto:

[...] o homem, princípio de sua espécie como Deus o é do Universo, está dotado de capacidades racionais mais vigorosas do que a mulher, e por causa disso sua alma contém a imagem divina de maneira mais especial. Além disso, o bem da espécie quer que a mulher ajude seu marido na procriação, função auxiliar que constitui, na ordem da criação, a finalidade de sua existência enquanto indivíduo sexuado. [...] Essa fraqueza física tem efeitos diretos sobre o entendimento e a vontade da mulher; ela explica a incontinência que marca seu comportamento; ela influencia sua alma e sua capacidade de alcançar a compreensão do divino. (LE GOFF e SCHIMITT, p. 143)

Essas idéias contribuíram para uma cisão: de um lado, o homem aparece como representante da estabilidade, do uno, ativo, e de outro a mulher, detentora da instabilidade, do difuso, passiva. Ambos ficaram presos a esses papéis a eles estabelecidos e normatizados pela sociedade, filosofia, ciência, religião e literatura.

Voltando a Christine outra diferença da autora, em comparação com seus predecessores, é o ponto em que ela atinge vários deles: a questão da maledicência feminina. As mulheres eram muito difamadas em textos escritos por homens. Christine propõe-se intervir em favor das mulheres, nesse campo, que já de início é injusto, pois eram eles que dominavam o campo das Letras. Ela assume o papel de defensora das mulheres.

A literatura medieval é rica em imagens que demonstram os defeitos e vícios da mulher. Mathilde Laigle cita vários exemplos:

El Filostrato: plus mobile qu'une feuille emportée par le vent.

Le Dit des Philosophes, tradução de Guillaume de Tignonville: *ressemble a un arbre nommé adesla qui est moult bel a regarder, mais il est plain de venin.*

Somme Rurale, de Le Boutillier: *car fresle chose est de femme, ne n'est garnie de sa propre nature de constance et discrecion.*

Em *Songe du Vergier*, são enumeradas nove condições comuns à mulher:

1. *elles procurent leur propre dommage,*
2. *elles sont si tres avares,*
3. *elles ont des volontés soudaines,*
4. *de leurs propres volontés sont mauvaises,*
5. *sont jangleresses de leur propre nature,*
6. *sont fausses,*
7. *sont contrariantes,*
8. *sont bavardes et racontent leur propre vitupere et honte,*
9. *sont cautes et malicieuses;*

Alphabet de l'imperfection et malice des femmes, atribuído a S. Olivier, da metade do século XV, portanto, um pouco depois da morte de Christine. É um abecedário que serve catecismo aos devotos misóginos:

Avidissimum animal,

Bestiale baratrum,

Concupiscentia carnis,

Duellum damnosum,

Estuans oestus,

Falsa fides,

Garrulum guttur,

Herinnis armata,

Invidiosus ignis,

Kaos calumniarum,

Lepida lues,

Mendacum monstruosum,

Naufragium vitae,

Odii opifex,

Piccati auctrix,

Quietis cassatio,

Regnorum ruina,

Sylvia superbiae,

Truculenta tyrannis,

Vanitas vanitatum,

Zelus zelotypus. (LAIGLE, 1912, p. 232-3).

Evidente que nem toda a literatura produzida na Idade Média é fruto da misogenia e nem toda a misogenia era disseminada pela literatura. Houve ao menos dois grupos de defensores da honra das mulheres, *Ordre de l'Escu Vert* e *Cour Amoureuse*, que produziram vários textos exaltando as virtudes femininas; do primeiro grupo, por exemplo, surgiu *Cent ballades*.

Estrutura

Para a estrutura de *Trois vertus*, possivelmente, a autora se apoiou no modelo usado por Francesco Barberino em sua obra *Del reggimento e costumi di donna*³⁹, escrita entre 1305-20. Repete-se a mesma idéia, principalmente na conduta recomendada às viúvas, porém é um homem que aconselha às mulheres, escreve-se um rol de virtudes a serem seguidas por elas no seu dia-a-dia. Além dessa diferença, Barberino fala à mulher italiana, Christine às mulheres francesas, de princesas as mulheres do povo, passando pelas prostitutas. Outro detalhe importante: a escritora trata de experiências que ela vivenciou em seu cotidiano, ou seja, ela parte da análise do real para construir um modelo, e não de uma representação imposta.

A organização da obra pauta-se no esclarecimento e na determinação das tarefas diárias cabíveis a cada esfera social, porém, no geral os ensinamentos dizem respeito a todas as mulheres. A divisão em três partes, diferentes em seu tamanho, segue o modelo usual da época.

No Livro I são dispostos os preceitos gerais, comuns ao gênero feminino, e como Christine respeitava e defendia a hierarquia social, essa parte é dedicada às princesas, duquesas e grandes senhoras. A justificativa usada pela autora para essa ordem é que as grandes senhoras teriam o papel de servir de exemplo às demais mulheres.

É interessante pensar como Christine já se preocupava com a questão do direito ao conhecimento, independente da classe social, e usava como argumentação um ponto caro à religião mesmo hoje, a igualdade:

[...] le heberge des dames honnorees est faicte et preparee, soient semblablement que devant, par ton ayde pourpenséz, fais et quis engins, trebuchiez et roys beaulz et nobles, lacéz et ouvrez a neux d'amours que nous te livrons, et tu les estendras par la terre es lieux et es places et es angles par ou les dames, et generaument toutes femmes [...] A toute le colleege feminin et a leur devote religion soit notifié le sermon et la leçon de Sapience [...] nostre doctrine en tous les

³⁹ Resumo: uma dama velada conta a Barberino que falou com Honestidade, a pedido de outras mulheres, queixando-se por haver muitas obras sobre "*costumi ornati d'omo ma non di donna*" e pedindo-lhe, em nome da sua companheira Cortesia, que fale com Indústria e Eloquência para que seja feita uma obra sobre "*costumi*" das mulheres. Honestidade acede ao pedido, mas necessita de alguém que a escreva de forma acessível ao intelecto humano. A dama, então, escolhe Barberino (que, apesar de 'grosso', é 'fedele') para escrever o que as virtudes lhe ditarem (PIZAN, C. *O livro das tres vertudes a insinança das damas*. Lisboa: Editorial Caminho, 2002, p. 17)

estaz des femmes afin que la discipline de nostre escole puisse estre a tous valable. (PIZAN, 1989, p. 8-9)

No Livro II, o foco são as donzelas e senhoras que vivem na corte, e os ensinamentos também se aplicam às baronesas e às mulheres que administram suas terras e às religiosas. O Livro III é o mais interessante, pois apresenta o cotidiano das mulheres de estado, burguesas e mulheres do povo, tais como: mulheres de mercadores, viúvas, jovens, mulheres de mestres, servas, prostitutas e mulheres de lavradores. Nessa parte do texto, a autora dá uma atenção especial, em três capítulos (IV, VI e VII), às mulheres mais velhas, a seu estado de viúvas, à relação delas com as mais jovens e a maneira como umas e outras devem se comportar.

A primeira parte, Livro I, compreende boa parte do livro, a metade, tendo 27 capítulos. O Livro II e o Livro III têm 13 capítulos e mais a conclusão. Possivelmente essa divisão desigual se deve ao fato de que, naquela época, os que podiam ler e comprar um livro certamente gostavam de se ver retratados nos textos. Constituíam o público de Christine. Mas, apesar de parecer que a nobreza fica com a parte do leão, pois mesmo o Livro II é dedicado às baronesas, tanto na primeira como na segunda parte há vários ensinamentos destinados às mulheres de todas as classes sociais, como podemos perceber neste comentário de Mathilde Laigle:

Christine insiste sur ce point: nos devoirs envers Dieu ou envers nos semblables sont les mêmes, que nous soyons nées sur un trône ou dans le *mesaizié logis* d'un vilain, et les prescriptions générales de la civilité 'affierent tant a la plus humble comme a la plus haulte'. Il n'y a que la *maniere du vivre*, c'est-à-dire les *enseignemens de prudence mondaine*, qui se modifient d'un bout à l'autre de l'échelle sociale. (LAIGLE, 1912, p. 56)

Essa divisão em três estados de classe social, e não de estado civil (solteira, viúva e casada), abre espaço para o testemunho literário de informações sobre a vida de uma parte da população esquecida durante muito tempo. São testemunhos do cotidiano dos burgueses, lavradores, obreiros e outros, e isso a partir da ótica de uma mulher, tendo como tema específico o dia-a-dia de outras mulheres.

A narrativa segue o modelo dialético e maniqueísta, ou seja, apresenta-se uma série dos vícios mais comuns em determinadas situações, e para cada um deles tem-se uma proposta de correção pela virtude, por exemplo:

Ce sont deux vices mauvais et dampnables merveilleusement et en attrayant infinis d'autres. L'un est le principal des deux mortelz vices et le tres depiteable et de Dieu haÿ pechié d'envie, et l'autre est le vice de mesdire. Et du premier dirons, et après, de l'autre. Et pour ce que nous tendons au bien de vous toutes, nous plaît vous amonnester les remedes que nous enseignons; a toute personne qui user veult de juste et bonne conscience ; et tout premierement, pour mieulx cognoistre la qualité ou nature de ceste fausse envie, est a aviser de quel chose ne a quel cause elle naist et vient. (PIZAN, 1989, p. 134)

Pensava-se que na vida há uma série de perigos e tentações que querem desviar as mulheres do caminho correto, e no livro é apresentado uma alternativa para que elas possam identificar e escolher, pela razão, o Bem, é claro. Não podemos esquecer que Christine tinha como maior virtude amar a Deus, e na época em que viveu:

Le *Livre des Trois Vertus* [...] a exposé un corps de doctrine qui comprend les enseignements dus à l'âme et à l'esprit et ceux de prudence mondaine. Il a passé en revue toutes les catégories sociales, modifiant pour chacune les préceptes de la conduite pratique afin de les mettre en harmonie avec son milieu propre. (LAIGLE, 1912, p. 329)

O conteúdo desse livro é essencial para formarmos o perfil da mulher do final do medievo, seja qual for sua condição social, familiar ou faixa etária, pois oferece o resgate histórico do modo de vida daquelas mulheres, permitindo-nos traçar os principais aspectos do dia-a-dia de uma senhora da nobreza, ou da mulher de um artesão ou fazendeiro: suas inquietações na falta do marido, a administração de suas rendas e despesas, a educação dos filhos e o tratamento dado aos conselheiros e àqueles que lhe eram subordinados.

A autora relaciona as várias posições impostas às mulheres, tidas como responsáveis, co-responsáveis e submissas (deveriam se sujeitar a ordens), seja dentro da família, seja na fazenda, no comércio ou em outras posições. A elas cabia gerir pagamentos, casa, cozinha, filhos, escolher tutores para estes, selecionar artistas e

poetas para a corte etc. Deviam agir sempre com justiça, ser treinadas na medicina prática e cuidar da segurança e da paz de seus domínios.

Esse manual de instrução moral para as mulheres, por se destinar principalmente às grandes senhoras, era como um espelho para as outras mulheres, como se pode observar no próprio título da tradução portuguesa: *O espelho de Cristina*. A autora acreditava (e este era um conceito vigente na época) que a postura das grandes senhoras deviam ser imitada pelas outras mulheres e que seus grandes feitos, uma vez contados, ampliariam a força educativa das ações virtuosas.

Não esquecendo que o tema não era original. A preocupação em escrever sobre o comportamento feminino e controlá-lo é antiga, a novidade está na abordagem, um olhar feminino, e na classificação não mais como virgem, viúva ou casada, mas, a partir do estamento social.

Livre des trois vertus ou *Tresor de la cité des dames*, é um tratado de educação e de *savoir-vivre* e, para nós, que reflete, a partir da observação de sua autora, boa parte dos problemas cotidianos do início do século XV.

Christine escreve um livro sobre os modos e a etiqueta para uma França que estava mergulhada na angústia e à beira de uma guerra civil. O sentimento de insegurança é latente, a autora pressente o perigo e, na tentativa de salvaguardar seu país de adoção, volta seus esforços na súplica às mulheres de todos os estados para que restituam a ordem moral à França.

O livro é construído como uma carta que as três senhoras, Razão, Retidão e Justiça, endereçam às mulheres por intermédio de Christine. A escolha da autora em invocar a alegoria das três senhoras como conselheiras, provavelmente isso se deve ao fato de que esses conselhos são direcionados às grandes senhoras, particularmente da França. Não podemos esquecer que Christine não pertencia à nobreza, o que tornaria

difícil sua tarefa de educar as princesas não teria a autoridade necessária, recorrendo assim aos céus.

Os livros endereçados às mulheres teriam até o momento em que Christine começa a escrever, uma orientação religiosa, como é o caso do livro citado por Charity Willard, *Livre de la vertu du Saint Sacrement de mariage et du réconfort des Dames mariées*, de Philippe de Mézières (PIZAN, 1989, p. XI). Tais livros estariam mais preocupados com as virtudes que conduziriam ao céu após a morte do que com as qualidades que facilitassem o dia-a-dia na terra.

Outra autora que ressaltou a importância dessa obra de Christine é a portuguesa Maria de Lourdes Crispim, que fez um estudo sobre a tradução portuguesa de 1518:

Pertence ao género didáctico-moralístico e visa especificamente a educação das *mulheres* de todos os estratos sociais [...] Na história literária europeia, trata-se da primeira obra de educação feminina escrita por uma mulher. No panorama português, constitui o único tratado medieval sobre esse tema [...] (PIZAN, *O livro das tres vertudes a insinança das damas*, 2002, p. 15-6)

Trois vertus, é a única obra na qual Christine se preocupa com a economia doméstica, ou seja, com o governo da família: para ela seria bom que a mulher fosse ‘senhora’ de sua casa, porque na ausência do marido saberia como agir. Com esse objetivo, volta-se às burguesas, às mulheres que vivem em suas terras, e exorta a importância de conhecerem sobre direito e armas:

Il n’est pas doute que il apertient a tout baron, se il veult estre honnouréz en son degré, que le moins du temps demoure sus ses manoirs et en son propre lieu, car suivre armes, la court de son prince, et voyageur sont ses offices. Or demeure la dame, sa compaigne, laquelle doit représenter son lieu: quoy que il ait assez baillis, prevosts, receveurs et gouverneurs, il affiert que souveraine soit sur tous [...] Nous avons dit aussi que elle doit avoir cuer d’omme, c’est qu’elle doit savoir des drois d’armes et toutes choses qui y affient afin que elle soit preste d’ordonner ses hommes se besoins est [...] (PIZAN, 1989, p. 150-1)

Poderíamos inferir que Christine fez uma versão feminina da obra de Aristóteles, *Economia*. Ela se preocupou não só com a questão moral, mas também, com o governo familiar, como preparar a mulher para uma posição de liderança.

Os principais pontos abordados em toda obra são:

1. A prudência no agir cotidiano, nas escolhas, no conhecimento e nas virtudes que transparecem em suas obras, tanto das princesas quanto das mulheres que vivem na corte, para evitar a inveja e a maledicência, e também das mulheres do povo, são assuntos tratados nos capítulos 2 a 7, 9, 12 e 19 do Livro I; capítulos 1, 8, 11 e 12 do Livro II; e capítulos 1 e 2, 4 a 7 e 11, do Livro III.
2. A diplomacia ou a dissimulação nos trabalhos, para que haja paz e ordem em seus domínios, estão presentes nos capítulos 8, 13, 15, 16 e 17 do Livro I.
3. A educação dos filhos e o cuidado de jovens que estão sob o governo de aias, donzelas ou senhoras, assunto tratado nos capítulos 1, 10, 11, 14, 20, 24 a 26 do Livro I.
4. A economia ou a gestão da propriedade na ausência do marido e o papel das princesas e baronesas são discutidos nos capítulos 18, 21 a 23, do Livro I; e 9 e 10 do Livro II. Com relação às mulheres do povo, a autora apresenta, por meio do perfil histórico-social da época, documentação preciosa que nos permite conhecer o cotidiano econômico e o papel da mulher nessa estrutura, nos capítulos 3, 8 a 10, 12 e 13 do Livro III.
5. O vestuário adequado a cada estamento e idade, tema apresentado no capítulo 11 do Livro II; e nos capítulos 1 a 3 do Livro III.

Os temas mais recorrentes nos três livros, a prudência e a economia, aqui entendida como ampla forma de gerir. A partir desses itens, a autora espera mudar o comportamento social das mulheres. No caso da prudência, como caminho a ser seguido para evitar erros e danos, ou seja, enquanto ensinamento prevê a escolha e o testemunho de vida. No caso da economia, como forma de as mulheres terem vida mais ativa, com maior participação nos negócios e na administração da casa e da família. Aqui cabe a

questão: a autora registrou o que ocorria na época; será que a sociedade estava preparada para acolher uma mulher conhecedora e detentora de seu valor?

O Livro I, dedicado ao ensinamento das princesas e grandes senhoras apresenta os seguintes temas:

- Sobre a aparição das três senhoras e o primeiro e principal ensinamento: amar a Deus. Conhecimento, para resistir às tentações, advém do amor e temor a Deus (capítulos 1 a 5).
- O que corresponde à vida ativa e à vida contemplativa (capítulos 6 e 7).
- Como a princesa deve governar, apoiada na humildade, paciência e caridade (capítulos 8 a 10).
- Honra (capítulo 11).
- Prudência (capítulo 12).
- Sobre os sete ensinamentos da Prudência: amar o marido; amar a família do marido; cuidar dos filhos; manter a discrição; cultivar a benevolência; ordenar as mulheres sob seu comando e administrar as finanças (capítulos 13 a 19).
- Como deve governar as viúvas (capítulos 22 e 23).
- O governo, comportamento, da jovem princesa que se casa e como suas damas de companhia, jovens ou senhoras, devem agir para garantir o nome do marido (capítulos 24 e 25).
- Como as damas de companhia, jovens ou senhoras, devem agir, seguindo a Prudência, se sua princesa caiu em tentação (capítulos 26 e 27).

Nessa primeira parte do texto, em todo o Livro I, dois temas são recorrentes. Um deles é a importância de resistir às tentações, sejam elas a soberba ou a paixão. A honra era e ainda é uma virtude cara principalmente às mulheres. Outro tema é o governo, no sentido amplo de administrar o casamento, a família (do marido), os filhos, as aias e as

finanças da corte, isso tudo sendo exercido com prudência, humildade, caridade e discrição. E essas lições serviriam para a mulher casada e a viúva.

O Livro II apresenta uma relação das funções atribuídas às mulheres que viviam na corte, aias e baronesas, e trata dos seguintes itens:

- O cuidar de sua senhora pelas aias, como elas, as aias, devem agir para conservar a honra e evitar a inveja e a maledicência (capítulos 2 a 8).
- Como as baronesas devem governar (capítulos 9 e 10).
- Sobre o vestuário (capítulo 11).
- A questão da soberba (capítulo 12).
- As sete virtudes: obediência, humildade, temperança, paciência, diligência, castidade e benevolência (capítulo 13).

Essa parte do livro aborda três assuntos: a questão dos vícios (inveja, maledicência e soberba) e das virtudes o quanto eles interferem no comportamento prejudicando a boa convivência. O assunto da administração é retomado, aparece nos três livros e um tema novo e importante: a idéia de uma vestimenta adequada.

No Livro III ocorre o relato mais relevante: são descritos fatos do cotidiano das mulheres da camada social mais simples, o que era raro num livro, já que poucos textos tratavam das mulheres de estado, das burguesas das vilas, das mulheres comuns do povo e das mulheres dos lavradores. Nele são tratados estes temas:

- O que concerne às mulheres de estado e burguesas sobre administração, vestuário e vícios (capítulo 1 e 2).
- O vestuário das mulheres de mercadores (capítulo 3).
- As viúvas, sejam elas velhas ou jovens (capítulo 4).
- As jovens e sua relação com as velhas (capítulos 5 a 7).

- Mulheres casadas com mestres, artesãos, o modo de gerir a economia (capítulo 8).
- Mulheres que trabalham como servas e camareiras (capítulo 9).
- As prostitutas (capítulo 10).
- Mulheres casadas com lavradores (capítulo 12).
- Mulheres e homens pobres (capítulo 13).

Por essa enumeração de temas, é possível perceber que Christine procurou evidenciar o dia-a-dia de mulheres que representavam significativamente a sociedade na qual viveu. Chega mesmo a dedicar um capítulo às prostitutas, na tentativa de escusá-las de suas faltas e de convertê-las ao caminho considerado reto.

No capítulo 1, do Livro I, a escritora convoca as senhoras de grande Estado, as princesas, a comparecerem à sua escola, enfatizando algumas idéias cristãs: a exaltação dos humilhados e a tese de que as virtudes constituem o tesouro da alma, pois nem toda a riqueza do mundo dará mais prazer ao coração do que a prática das virtudes. O principal ensinamento é “amar e temer a Deus sobre todas as coisas”, ponto de partida para a sabedoria, já que todas as outras virtudes decorrem desse princípio. Devemos amar a Deus por Sua bondade e temê-lo por Sua justiça, para que, andando no Seu caminho, ou seja, cultivando as virtudes, sejamos guardados dos perigos da tentação. Amar a Deus era o princípio básico de toda a organização medieval, na qual amar significava devotar-se, dedicar amor, seguir a Deus, a seus mandamentos e ensinamentos. Aliado ao amor estava o temor, o medo da justiça de Deus, princípio adotado porque os homens, em geral, apropriavam-se da justiça divina para, na maioria das vezes, fazer a própria justiça em nome Dele. Decorre disso o fato de que a maioria das leis que regiam e ainda regem a sociedade estavam diretamente ligadas aos mandamentos de Deus:

Ci dit comment les III vertus enortrent a toutes princepses et haultes dames que elles viengnent a leur escole, et est leur premier et principal enseignement d'amer et craindre Nostre Seigneur. Chap. II [...]

Si sera le fondement de nostre doctrine tout premierement sur l'amour et craintte de Nostre Seigneur, car cellui point est le principe et sapience dont toutes les aultres vertus yssent et deppendent.

Entendez doncques, princepses et dames honnourees sur la terre, comment tout premierement sur toutes choses vous aduit amer et craindre Nostre Seigneur. Amer, pour quoy? Pour son infinie bonté et les tres grans benefices que vous en recevez; et craindre pour sa divine et sainte justice qui riens ne laisse impuny. Et se ceste amour et crainte avez bien devant les yeux, sans faille vous estes au chemin qui sans forvoyer vous conduira ou lieu dont nous vous preschons, c'est assavoir aux vertus. (PIZAN, 1989, p. 10-1)

O amor e o temor a Deus proporcionam o conhecimento, a sabedoria. Essa tese guarda semelhança com o pensamento agostiniano, a teoria da iluminação, segundo a qual é pela fé em Deus que alcançamos o discernimento que ilumina nossa mente e possibilita o ato de conhecer. Christine, provavelmente, reafirma a idéia de Santo Agostinho e associa amor, temor e fé com três sentimentos: confiança, crença e devoção. O amor e a fé possuem esses sentimentos em comum.

No capítulo 6, a autora trata das duas formas de vida: a ativa e a contemplativa. Ela inicia com os ensinamentos sobre a prudência no viver, considera que as duas vidas conduzem a Deus e são igualmente importantes, só diferindo na maneira de vivê-las. A vida ativa está relacionada à caridade para com o próximo, virtude pela qual se prestam serviços ao mundo, como, por exemplo, visitar os doentes em hospitais. A vida contemplativa requer o esquecimento de todas as atribuições que pertençam ao mundo, inclusive as familiares e as próprias, como aconteceu com muitos santos.

As virtudes começam a serem tratadas no capítulo 8. Entre eles, Christine destaca três: humildade, paciência e caridade, relacionando cada uma delas a atitudes práticas do cotidiano, tais como: ser humilde para perdoar; ser paciente ao aceitar as adversidades; ser caridosa amando ao próximo, partilhando os bens, auxiliando os necessitados e dando bons conselhos aos maridos, na esperança de que estes sejam moderados e busquem a paz:

Ci devise comment la sage et bonne princesse se penera de mettre paix entre le prince et les barons s'il y a aucun descort. IX.

Ou se il avient cas que aucun prince voisin ou estrangier vueille movoir guerre pour aucune chalenge a son seigneur ou que son seigneur la vueille mouvoir a aultrui, la bonne dame pesera moult ceste chose en pensant les grans maulx et infinies cruaultéz, pertes, occisions et destruction de país et de gent qui a cause de guerre viennent, [...] si amonnestera le prince son seigneur et son conseil d'avoir sur ceste chose regart ains qu'on l'empreigne, veu le mal qui en pourroit venir et ce que tout bon prince doit a son pouoir eschiver effusion de sang, et par especial sur ses subgiéz. (PIZAN, 1989, p. 33-4)

Como mediadora entre o soberano e seus súditos, a princesa, representaria o lado moderado do poder e dominação feudal, pois, por meio de seus atos e orações, ela conduziria o coração de seu senhor à misericórdia e à piedade.

O capítulo 11 traz um tema caro às mulheres: a honra. A autora faz referência a Santo Agostinho, que no Livro da Correção diz: “*deux choses sont neccessaire a bien vivre: c'est conscience et bonne renommée*”. Esses dois itens, consciência e renome, são essenciais para se obter a honra, a consciência pelo julgamento das ações e o renome pelo cuidado com a maledicência.

Para a autora, o sentido de honra está em seguir os bons costumes, adotar uma conduta digna, livre da maledicência, daí sua relação com a prudência. A importância e preocupação com a honra é tema recorrente em *Trois vertus* e, para escrever sobre ele, Christine recorre principalmente à observação da experiência cotidiana.

A honra, virtude que deve ser amada pela princesa mais do que a própria vida, e os bons costumes, como a temperança e a castidade, devem ser enaltecidos. A temperança não deve ser entendida somente como um refrear da gula, mas aplicar-se a todas as situações em que a moderação se faz necessária, como o vestir, o falar; a recomendação é que as mulheres falem ordenadamente, com boa e sábia eloquência (e não como criaturas mimadas), em voz baixa e fazendo uso de palavras virtuosas, sem gesticulação ou meneios de corpo. É interessante notar essa perspectiva com que a autora encara a palavra das mulheres, numa época em que estas eram condenadas ao mutismo ou à tagarelice supérflua. Christine, assim, abre a possibilidade de um falar e,

ainda mais, de um falar sábio e com eloquência, cujo objetivo é resgatar e tornar presente a palavra feminina:

Elle disposera son vivre principaulment en deux choses: l'une apertendra aux meurs que elle voudra tenir et excercer, et l'autre en la maniere et ordre de vivre en quoy elle voudra estre riglee. Et quant aux meurs ensuivant les vertus dessusdictes, deux autres par especial [...] l'une est sobrece, et l'autre est chasteté. Ycelle sobrece, qui est la premiere, ne s'estendra pas seulement en boire ne en mengier, mais en toutes aultres choses esquelles elle pourra servir et restraindre at abaicier superfluitéz. [...] Superflus et oultrageux habis, joyaulx, attours et estat plus que raison, lui deffendra a avoir sur toute riens par l'admonestement de Prudence, [...] Ceste dicte Sobrece [...] lui dira que on ne doit mie procurer ne donner au corps tant de delices, et que mieulx vault que cel argent soit donné aux povres. [...] Prudence et Sobrece apprendront a la dame a avoir parler ordonné et sage eloquence, [...] lui apprendra a dire entre ses femmes ou antre part quant il escherra et sera bienseant, paroles vertueuses de bon exemple [...] Ceste dame lira volentiers livres d'enseignemens de bonnes meurs et aucunes fois de devocion [...] (PIZAN, 1989, p. 43-5)

A autora usa dois verbos para enfatizar a importância da fala da mulher: *parler* e *dire*, o primeiro ordenado e com eloquência, e o segundo, usando palavras virtuosas. E ainda realça a necessidade de ler bons livros.

Outro ponto importante nessa citação, é a questão dos prazeres corporais, inclusive os ornamentos do vestuário. Para as mulheres, o uso de ornamentos no corpo para chamar a atenção sempre foi condenável, porque fazia alusão à sedução da mulher e à tentação, da qual o homem deveria manter-se distante. O texto *Maculino\Feminino*, de Christiane Klapisch-Zuber, já citado, traz luz a essa dinâmica:

Os defeitos femininos foram reunidos em torno de algumas noções-chave: o corpo e seu ornamento, a palavra e seus abusos, a virgindade e as milhares maneiras de violar o estado perfeito. [...] a castidade e as privações sensoriais que seriam as únicas a poderem dar corpo - um corpo aceitável - à abstração que a mulher se tornara. As mulheres de carne e osso foram sempre reduzidas a seu corpo, que era necessário controlar do exterior, pois devido à sua fraqueza elas eram incapazes de fazê-lo; elas foram colocadas em posições secundárias, onde sua submissão deveria ser um sucesso; as prescrições da moral corrente limitaram o horizonte delas ao espaço do privado, onde lhes encerrava a negação de sua capacidade de agir na história. (LE GOFF e SCHIMITT, p. 145)

É sobre dois desses defeitos que Christine escreve, o uso de ornamentos e a palavra. Quanto ao primeiro, ela segue a ordem social: as mulheres devem usar adornos de acordo com sua posição social, porém evitar exageros, não por causa da sedução, mas sim para evitar a maledicência e o desperdício de dinheiro. No tocante à palavra, a

autora busca examente mudar essa visão de fraqueza, incapacidade, de alguém que só se define a partir de seu corpo e sem qualquer possibilidade de ter uma história, afora a esfera privada que paira sobre a mulher.

Dos capítulos 13 a 19, a autora apresenta os sete ensinamentos da Prudência e suas decorrências, necessários a toda princesa que ama e deseja a honra. São eles:

1. Amar o marido e viver em paz com ele.
2. Amar e honrar os parentes do marido.
3. Cuidar dos filhos e governá-los.
4. Saber vencer e corrigir sua vontade, ou seja, ser discreta, dissimulada e cautelosa.
5. Trabalhar para o bom nome do príncipe e a boa relação com os súditos.
6. Ter boa relação com as mulheres da corte.
7. Administrar as rendas e despesas.

Sobre o item 1, amar o marido e viver em paz com ele, Laigle diz: “*Tout son chapitre XIII du livre I respire cet antique parfum d’humilité, de révérence portée au maître*” (1912, p. 237). Pode ser que Christine pensasse e reproduzisse, na relação marido e mulher a relação de vassalagem, comum naquele período, entre o senhor e o servo, mas parece tratar-se muito mais de uma questão de tomada de posição de defesa da mulher, defesa física mesmo, pois o marido tinha a prerrogativa e poderia até mesmo matar sua mulher, sem ser punido por isso:

La noble princeps qui en toutes choses voudra suivre la regle d’honneur se maintendra vers son seigneur, soit vieil ou joenne, en toutes les manieres que bonne foy et vraye amour en tel cas commande, c’est assavoir se rendra humble vers lui en fait, en reverence et en parole, l’obeira sans murmuracion et gardera sa paix a son pouoir soigneusement [...] Avec ce, demonstrera l’amour en ce que elle sera soigneuse et curieuse de toutes les choses qui pourroyent apertenir au bien de sa personne, tant a l’ame comme au corps. [...] posons que le mary fust de merveilleuses meurs, pervers, rude, mal amoureux vers sa femme, de quelque estat qu’il fust, ou desvoyé en amours de aultre femme ou de plusieurs [...] son reffuge sera a Dieu: mettra toute peine de s’en mettre a paix, sans plus lui en parler. Et telle dame ou femme, qui que elle soit, qui ainsi fera, soit certane que ja l’omme si pervers ne sera que conscience et raison ne lui die: tu as grant tort et grant pechié contre ta bonne et honneste femme, [...] Si souffise quant ad ce

premier enseignement, le quel est convenable a toute preude femme, qui que elle soit. (PIZAN, 1989, p. 53-7)

Christine justifica seu argumento de ‘submissão voluntária’ da mulher a seu marido como um elemento de ordem prática, para que a mulher não seja maltratada e também para evitar disputas domésticas⁴⁰.

Essa submissão, pregada por uma autora como Christine, pode parecer contraditória. Porém, devemos ler seu texto com o olhar da época em que viveu, uma época em que a violência contra a mulher era aceita e pregada. A esposa era uma propriedade do marido, a quem estava ligada até a morte; ele tinha todos os direitos sobre ela e poderia dispor como bem quisesse da vida da esposa, aplicando-lhe castigos físicos ou mesmo mantendo-a em cárcere privado⁴¹. Que outra saída restava àquela mulher, a não ser a submissão, mesmo fora do casamento.

Depois de Deus, o marido será o centro das atenções e preocupações das mulheres. Todas as suas ações deveriam ser voltadas para o bem-estar e a tranquilidade de seu companheiro. Para tanto, ela devia mesmo de adotar a família dele como sua, ou seja, devia manter boa relação com sua nova família para que não houvesse contenda entre eles:

[...] si mettra peine en toutes manieres raisonnables et licites de les complaire et faire leur gré, et les attraira amiablement, [...] Elle dira bien d’eulx (familiares) et les exaucera, se gardera bien d’y prendre estrif de parolles, et en toutes manieres eschevera a son pouoir que contens ne aucune rancune naisce ne discorde entre eulx. Poson que aucun d’eulx feust dongereux et mal traictable, mettra peine a le savoir, a voir par la meilleur voye selon sa condicion et gardant toutes voyes l’honneur qu’a elle apertient. (PIZAN, 1989, p. 57-8)

⁴⁰ Essa questão da obediência ao marido, como já foi dito, é intrínseca à própria sobrevivência da mulher. Há relatos que demonstram como a vida dela era de pouca estima. Um deles é o caso de um marido que matou sua mulher, em 1387, e ficou cinco meses preso; o outro a própria lei, que em caso de adultério dava ao marido o direito de matar, podendo enterrar viva ou queimar a esposa.

⁴¹ «Au milieu du XIVe siècle, un mari pouvait encore ‘battre sa femme, sans mort et sans mehaing’ et la ‘castier resnablement’». P. Gide, *Étude sur la condition privée de la femme*. Paris, 1885, p. 372. In : RIGAUD, R. *Les idées féministes de Christine de Pisan*. Genève: Slatkine, 1973, p. 124.

A divisão dos papéis, no que concerne à educação dos filhos (item 3), é tratada no capítulo 15, no qual se assevera que ao pai cabe principalmente o governo dos filhos, enquanto à mãe compete a guarda, o ensinamento dos bons costumes e a escolha dos mestres. O primeiro ensinamento que a mãe deve dar aos filhos é o de servir a Deus; o mestre deve ensinar as ciências que concernem ao estamento do jovem príncipe. Quanto às filhas, deverão ter boas e sábias senhoras, de idade madura, no seu governo. A menina deverá aprender a ler e a falar com bons modos e sabedoria. Aqui, a autora retoma a questão da palavra da mulher, ao proclamar que as meninas devem ser ensinadas a falar com sabedoria:

[...] et aussi nature de mere est commeunement plus encline au regart de ses enfans, doit moult avisier a tout ce qui lui apertient, et plus ad ce qui touche discipline de meurs et d'enseignemens que au gouvernement du corps. [...]

Et voudra la princepce que quant sa fille sera en aage qu'elle aprengne a lire, après ce qu'elle saura ses heures et son service, que on lui admenistre livres de devocion ou qui parlent de bonnes meurs [...] elle sera exemple aux filles de semblablement eulx gouverner. (PIZAN, 1989, p. 59 e 61)

Os capítulos 16 e 17 abordam a dissimulação, a habilidade política e a diplomacia que a mulher deve ter para ajudar a manter o bom nome do marido e a paz entre ele e seus súditos (itens 4 e 5).

A dissimulação foi vista pelas feministas da segunda metade do século XX como algo negativo e condenável, porém, até o século XVIII, nas cortes, entre os nobres, ela era usual e normativa, fazia parte do jogo realidade e aparência, considerava-se a dissimulação honesta; sendo necessária à grande senhora para escapar da inveja e da maledicência.

Na classe alta, as intrigas eram freqüentes, por isso, outra função requisitada às mulheres dessa classe era manter o equilíbrio na corte, ou seja, serem conciliadoras.

[...] qui est de savoir vaincre et corriger le propre courage et volenté de soy meismes, [...] Ainsi la sage dame usera de ceste discrete dissimulation et prudent cautele, laquelle chose ne croye nul que ce soit vice, mais grant vertu quant faicte est a cause de bien et de paix et sans a nul nuire, pour eschiver greigneur inconvenient. (PIZAN, 1989, p. 62 e 64)

A diplomacia da mulher consiste em conduzir seu marido ao caminho da concórdia, sem esquecer de rogar a Deus pela paz. Para tanto, a grande senhora deve estimar e fazer o possível para ter bom relacionamento com os homens letrados e conselheiros, bem como com os súditos. Assim, a senhora estará sempre bem informada, o que é pode ser conquistado com sua honra e graça:

[...] deux principaulx causes: l'une si est affin que les bons et devoz prient Dieu pour elle; et l'autre pour ce que elle soit louee d'eulx en leurs sermons et collacions, si que leurs voix et leurs paroles lui puissent estre, se mestier est, escu et deffense contre les murmures et rapors de ses envieux mesdisans, [...] toutevoies se puet elle appeller par maniere de parler juste ypocrisie, car elle tent affin de bien et eschivement de mal; [...]

Aussi vouldra la sage dame estre bien des gens du conseil de son seigneur, soient prelaz, chevaliers ou aultres; ordonnera que ilz viennent vers elle aucunes fois, les recevra honnourablement, parlera a eulx par sages paroles⁴², et le plus qu'elle pourra les tendra en amour. (PIZAN, 1989, p. 66-8)

Entre os deveres mais importantes das mulheres, constam a administração financeira e política da casa e dos domínios na ausência do marido, último dos ensinamentos. O capítulo 19 explica como a princesa deve cuidar de seu patrimônio, de suas rendas e despesas. Ela é encorajada a verificá-las de perto para estar sempre bem informada. São apresentados cinco preceitos a serem seguidos pela senhora na divisão de suas rendas, que devem ser destinadas respectivamente:

1. aos pobres;
2. à administração da casa;
3. ao pagamento de oficiais e mulheres que trabalham para sua casa;
4. à doação aos estrangeiros ou outros que estejam fora de sua governança;
5. ao tesouro (o excesso poderá ser usado na compra de roupas e jóias).

Como é possível perceber, há uma preocupação, por parte da autora, em discriminar como e onde o dinheiro da grande dama e de outras mulheres, presentes nos Livros II e III, deve ser usado. Essa preocupação com o bom uso das rendas é tema caro

⁴² versão portuguesa feita por Maria de Lourdes Crispim, em 2002, a partir do manuscrito português da Biblioteca Nacional de Madri, há uma diferença significativa no texto. Nessa mesma passagem, apresenta: “*E falará com eles, em grande siso, palavras d'autoridade, o mais que ela poder*” (p. 144).

a Christine, por causa de sua própria experiência pessoal e das freqüentes guerras, daquele período, que afastavam os homens de seus domínios, deixando, assim, um espaço a ser preenchido pelas mulheres:

On trouvera que parmi les devoirs pratiques de la femme, la gestion des finances et l'administration des domaines sont considérées comme de la première importance. Christine s'y étend largement à propos des dames vivant sur leurs terres et elle y revient en particulier pour chaque classe, 'femme d'estat, femme de marchand, femme de mestier et femme de laboureur.' (LAIGLE, 1912, p. 263)

Os capítulos 22 e 23 tratam do estado de viuvez da grande senhora, instruindo-a como ordenar suas rendas e seu patrimônio em relação à tutela dos filhos menores e como se relacionar com seus conselheiros. Cabe à princesa viúva dar conta do testamento do marido, pois, caso ele não tenha feito a divisão de bens em vida, esta deverá ser feita por ela, pacificamente. Se não tiver filhos, usará do Conselho para defender seus direitos, não deixando de tratar bem a família do marido. Se a senhora ficou com o primogênito menor, deve trabalhar para impedir que haja qualquer contenda entre os barões pelo poder e, se algum deles se rebelar, deverá usar de sabedoria para decidir se mantém ou não guerra contra os rebelados.

A viúva, pobre ou rica, jovem ou madura, sofrera com as vicissitudes de sua nova condição econômica e social. O fato de não mais estar sob a tutela masculina a obriga a uma independência para a qual ela não foi preparada. Tal situação a leva à deriva. Novamente, neste item, a autora fará uso de sua experiência de viúva, encarregada de cuidar de seus filhos e da mãe, para aconselhar as viúvas e, mais, reafirmar a importância da educação:

Parlé avons assez de ce qui touche les enseignemens des princepses mariees, mais afin que notre doctrine soit en tous les estas des dames valable, dirons encores a ce propos parlant aux dictes princepses et grans maistresses vesves, tant aux joennes comme aux anciennes en difference de leurs aages. (PIZAN, 1989, p. 82)

O tema do relacionamento entre a senhora e suas aias é recorrente e aparece nos Livros I e II. Primeiro é apresentado no capítulo 18, como um dos ensinamentos da

Prudência, a escolha certa de mulheres para ocuparem o papel de aias. Depois, os capítulos 24 e 25 abordam os modos e as maneiras da jovem princesa recém-casada, como ela deve comportar-se junto às aias, e incluem recomendações de como estas devem agir para guardar a honra de sua princesa, assunto que continua nos capítulos 26 e 27, em que se aconselham as aias a preservar o bom nome da princesa, livrando-a das teias de paixão insana.

O capítulo 27, o último, é escrito em forma de uma carta de uma aia para sua senhora. É o mais longo de todo o livro. Nesse capítulo Christine faz uma série de prescrições de como a grande senhora deve comportar-se para evitar a maledicência e de sua responsabilidade para com seu marido e seus filhos. Algumas partes são bastante interessantes:

[...] et qu'elle ait contenance asseuree, coye et rassise, et en ses esbatemens attrempee et sans effroy; rie bas et non sans cause; ait haulte maniere et humble chiere, et grant port; soit a tous de doulce response et amiable parole, son habit et attour riche et non trop cointe [...] Ha! ma chiere dame, pour Dieu! soiez avisee que telles folles opinions ne vous deçoivent, quar quant a la plaisance, soiez certaine qu'en amours a cent mille fois plus de dueil, cuisançons, et dongiers perilleux, par especial du cousté des dames, qu'il n'y a de plaisance, car avec ce que amours livre de soy de maintes diverses amertumes [...] Celles qui ont enfans, quelle plus grant plaisance ne plus gracieuse puet elle demander et plus delictable, que de souvent les veoir et prendre garde que bien soient norriz et endoctrinéz, si comme il apertient a leur haultece ou estat, et a ses filles endoctriner et ordonner en tel maniere qu'en enfance prengnent regle de bien et deurement vivre par exemple de bonne compaignie. (PIZAN, 1989, p. 111, 115 e 116)

O Livro II, destinado às mulheres que vivem na corte retoma a relação entre aia e senhora: «*Ci commence la seconde partie de ce livre, laquelle s'adrece aux dames et damoiselles, et premierement a celles qui demeurent a court de princepce ou haulte dame*». Na versão portuguesa, feita entre 1447-1455, apresentada por Crispim já na *tavoa das rubricas* são apresentados os quatro pontos de ensinamento, os dois primeiros a serem seguidos - amar sua senhora e a honra – e os dois últimos a serem evitados - a inveja e a maledicência:

O primeiro capítulo fala como as tres Senhoras, convem a saber, Razom, Dereitura, Justiça, recapitolam em breve o que dito é.

Item devisa de quatro pontos - os dous que som bõs pera teer e os outros pera esquivar - e como as donas e donzelas da corte devem amar sua Senhora, que é o primeiro ponto.

Item o segundo ponto que devem teer as molheres de corte, qual é escusar os gasalhados.

Item do terceiro ponto, que é do primeiro dos dous que som pera escusar, fala da inveja que reina na corte e donde vem.

Ainda desto meesmo, como ensina as molheres da corte que se guardem da inveja.

Item o quarto ponto, que é o segundo dos dous que som pera esquivar, fala como as molheres se devem guardar de mal dizer⁴³. (PIZAN, 2002, p. 205)

Christine faz uma exortação às virtudes e ao mesmo tempo aconselha o afastamento dos vícios (inveja, maledicência e soberba) desde o início desse Livro, do capítulo 1 ao 8, e depois nos capítulos finais, 12 e 13. Nessa parte do livro *Trois vertus*, a autora apresenta aquelas que seriam as virtudes fundamentais: obediência, humildade, temperança, paciência, diligência, castidade e benevolência.

Sendo o *Trois vertus* um texto de educação moral que visava exaltar determinados comportamentos e evitar outros, era de se imaginar que a escritora fizesse um elenco de virtudes e vícios para servirem de orientação e exemplos a seguir.

Para tanto, Christine usa fatos tirados do cotidiano para exemplificar atitudes. As damas de companhia e mulheres que prestam serviço na corte devem ter respeito para com sua senhora, agindo sempre com bom e honesto conselho; recomenda-se cuidado no trato com os homens e manter pouco diálogo com eles, para evitar a maledicência.

Pela quantidade de vezes que a questão da maledicência e da inveja é apresentada no texto, fica clara a preocupação da autora com as intrigas e o quanto elas poderiam atrapalhar e tornar difícil o bom andamento da vida na corte e fora dela. Esse tema é recorrente nos três livros, porém é explicitado claramente nos dois últimos, com capítulos que tratam especificamente dele. Os meandros políticos e sociais daquela época eram mais precisos e rigorosos que os de hoje, pois as leis não eram tão claras e

⁴³ Na versão francesa de 1989 apresenda por Charity Cannon Willard e Eric Hicks, esses quatro pontos são explicitados no início do capítulo 2, na página 123.

definidas, tudo passava pelo gosto e bel-prazer de quem tinha e exercia o poder. As pessoas podiam morrer ou negócios ser fechados se essa fosse a vontade de alguém poderoso. Provavelmente é disso que Christine trata ao falar da vulnerabilidade da vida e do poder da palavra e do quanto a palavra correta pode determinar uma existência.

A maledicência e a inveja associadas à soberba (tratada no capítulo 12), ao ódio e à injúria, são tratadas no capítulo 6, em que a escritora traça um quadro elucidativo para que as mulheres possam delas se defender:

[...] toucherons trois causes dont communement il vient et sourt, et qui toutes sont communes a court, et aucunes fois de toutes troys ensemble. L'une des causes si est par haine; la seconde pour cause de l'opinion; et l'autre par pure envie [...] nous en dirons et enseignerons aux susdictes dames les remedes de s'en garder. Et premierement toucherons sur la premiere cause, qui est haine, et sur ce fourmerons quatre raisons principales pour quoy pour haine on ne doit mie mesdire d'autrui, quelque injure que on ait receue [...] Come quoy, et a nostre propos - qui est chose qui souvent avient a court - une dame ou autre femme de court sara que aucunes gens, ou certaine personne, lui nuira et tendra a la faire mettre mal de sa maistresse ou du seigneur ou des amis d'elle, et de la faire bouter hors; et par aventure venra a son entente, par quoy la dicte dame ou damoiselle en perdra son service, son bien et son estat, et par aventure son honneur [...] et est nostre seconde raison: c'est que il fait ou elle fait contre son honneur. Et voy cy la raison : une personne de grant courage jamais ne mesdiroit de son anemy [...] la tierce raison, que ceulx qui orront mesdire aux haineux de son adversaire ou anemi ne le croiront mie, car ilz diront que il le dit par haine: si ne doit estre creuz.

Et la quarte raison est que la personne qui ja lui a nuit ou puet nuyre sera de tant plus indigee contre lui quant elle orra dire que elle en mesdit: si pourra engriger l'injure et lui faire encore pis, si feroit moins mal recepvoir un desplaisir que deux. (PIZAN, 1989, p. 140-2)

Nos capítulos 9 e 10, é apresentada a questão referente ao trabalho das mulheres, ou seja, como as baronesas e outras mulheres que vivem em suas terras, castelos e aldeias devem governá-los na ausência do marido, que passa a maior parte do tempo fora, na corte ou em guerra, ou mesmo no caso de viuvez. No que diz respeito às regras de comportamento para o bem-viver, são idênticas às das mulheres que vivem na corte. Christine assinala que as mulheres detentoras do poder devem ser mais sábias e mais prudentes, *que elle soit saige*. Seu conhecimento precisa ser amplo, estendendo-se aos usos e costumes de suas terras. Elas devem usar boa linguagem e com discrição. Devem seguir as orientações e conselhos dos antigos e ter o coração viril, *cuer d'omme*, para entender do ofício de armas, a fim de que, se necessário, venham mesmo a

combater - daí não poderem ser criadas em viços femininos. Apresenta-se como essencial que elas saibam o valor de suas rendas anuais (assunto já abordado no capítulo 19 do Livro I), para que possam administrar e pagar os tributos, segundo o costume local. Precisam saber como e quando lavrar a terra, para melhor comandar seus servidores e aumentar sua renda. Devem representar o marido perante autoridades. Faz-se necessário que sejam, em suma, amadas e temidas por todos. Repetem-se aqui os mesmos sentimentos em relação a Deus, o pai amado e temido, pois a autora eleva a mulher à posição da mãe ao lado do Pai, aquela que também detém o poder e deixa refletir de si os mesmos sentimentos Dele, devendo também ser amada e temida:

Et aussi lui apertient a avoir si come courage d'omme, si n'est mie a dire que elle doye estre norrie trop en chambres ne soubz grans et femmenines mignotises [...] et que ses hommes puissent recourir a elle pour tous reffuges après le seigneur, et en cas que on leur feroit aucun tort: et pour ce est droit que elle sache de toutes choses, afin que en chascun cas puist donner response convenable. Soit toute enseignee et aprise des usage, drois et coustumes du lieu, et quelz choses y apertiennent; bien enlangagee, haultaine, se besoiing est par bonne discrecion contre ceulx qui la vouldroient mespriser ou qui aucunement seroient rebarbatis et rebelles, et doulce, humble, et charitable vers les gens obeissans; si doit ouvrer par les gens du conseil de son seigneur en tous ses fais, et oïr les opinions des anciens sages afin que elle ne soit pas reprise de chose que elle face ne que on ne die que elle vueille ouvrer de sa teste. Nous avons dit aussi que elle doit avoir cuer d'omme, c'est qu'elle doit savoir des drois d'armes et toutes choses qui y affierent afin que elle soit preste d'ordonner ses hommes se besoings est [...] (PIZAN, 1989, p. 150-1)

A autora traça um quadro das tarefas rotineiras das mulheres no comando de suas terras de tal maneira que nos apresenta um retrato do modo como viviam essas mulheres. Outro ponto a ressaltar é o próprio texto da escritora, a forma como ela descreve as atividades cotidianas, que revela familiaridade e observação. Certamente, Christine conhecia de perto a vida na corte, pois viveu nela. Porém, o conhecimento da vida fora da corte que é passado pelo seu texto é surpreendente, ela tinha o olhar atento de um pesquisador que se debruça sobre seu objeto para analisá-lo. Isso pode ser verificado neste texto do capítulo 10:

Si soit soigneuse de les faire lever matin: ne s'en attende a nul se elle est droicte mainagie-| re, ains elle meismes se lieve, affuble une hoppelande, voise a la fenestre, et huche

tant qu'elle les voye saillir dehors, car de ce sont ilz volentiers le plus souvent pareceux. Se voise souvent esbatre aux champs veoir comment ilz labourent, car assez en est qui volentiers se passeroient de grater sans plus la terre dessus pour eulx delivrer se ilz cuidoient que on ne s'en prenist garde, et qui bien scevent dormir soubz l'ombre d'un saulz aux champs et laisser les chevaux du labour ou les buefs en ce tendis paistre en un pré, et ne leur chault mais que ilz puissent dire au soir que ilz ont fait leur journee. Et pour ce la sage mainagiere s'en prendra garde. Avec ce, quant les blefs seront sur le meurir des le moys de may, n'attendra pas la chierté, ains baillera son aoust a soier a compaignons bons, fors et diligens, et a ceulx marchandera a argent ou a blef. (PIZAN, 1989, p. 154)

No fim da Idade Média, como ainda hoje, imperava a idéia socrática de que a ignorância conduz o homem ao erro, e o conhecimento pode tirá-lo das trevas. Disso resulta o conhecimento que eleva o caráter das pessoas, possibilitando, assim, maior consciência e responsabilidade para com os outros. Outro aspecto a acrescentar em relação à responsabilidade das mulheres que governam é a questão das virtudes, abordadas no capítulo 13. A autora prega como virtudes principais, entre outras, a temperança e a diligência, qualquer pessoa que administra uma propriedade deve ser moderada, comedida, aplicada, ter zelo para com o seu empreendimento para que assim ele progrida. Por isso, Christine pensava principalmente nos conhecimentos práticos do dia-a-dia das mulheres que governavam suas terras, como administrar, gerir e governar o castelo na ausência do marido. Para exercer esse cargo elas deveriam ser preparadas durante a juventude.

O tópico que segue é a questão do vestuário. Christine considerava importante o uso adequado da roupa a partir da classificação social. Naquela época, como ainda hoje, a vestimenta é uma das possibilidades de distinção, uma marca. Esse é um tema recorrente que a autora volta a abordar nos capítulos 1 e 3 do Livro III:

[...] nous semble bon amonnester a celles qui sagement veulent vivre et suivre nostre doctrine que elles se veulent garder des superfluitéz et oultrages que aucunes font, par especial en deux choses venues a cause de grant orgueil qui cuert entre pluseurs d'elles, quoy que ailleurs soyent aussi assez communes. Mais pour ce que nostre present propos chiet en la matiere et que yceulx vices et deffaulx puent tourner a grant prejudice de leurs ames, et ne sont bons ne beaulx meismes aux corps, en parlerons : l'un est des oultrageux attours et abiz qu'ilz prennent, et l'autre des harnois qu'elles font d'aler l'une devant l'autre quant ensemble sont. (PIZAN, 1989, p. 157)

A escritora considera inapropriado o uso de um traje que não estivesse de acordo com o estamento social ao qual a pessoa pertencia. Isso era uma forma de separação, de caracterizar cada um segundo suas posses. Essa idéia de classificação pelo traje também se repetia no tocante aos penteados: cada esfera social tinha uma maneira própria de enfeitar os cabelos. Podemos imaginar que essa classificação tenha relação com duas virtudes propostas por Christine: a obediência e a castidade, era necessário obedecer à divisão imposta para manter a ordem e o cuidado na escolha das roupas e penteados para evitar a luxúria e a maledicência.

O último tema é apresentado no capítulo 13 e diz respeito às sete virtudes. Orienta as mulheres a se portarem com dignidade e honra e terem suas vidas pautadas pelas sete virtudes, quais sejam, a obediência, a humildade, a temperança, a paciência, a diligência, a castidade e a benevolência. São explicadas as implicações e consequências de cada uma delas na vida cotidiana.

A prática da benevolência ou caridade foi muito pregada e prezada durante a Idade Média, tanto para os homens quanto para as mulheres, por autores como São Luís, por exemplo. No caso das mulheres sábias, além disso, elas também deveriam abrir mão do luxo, da frivolidade e do supérfluo. Na história há exemplos de damas que fizeram grandes doações ou dedicaram sua vida a minimizar o sofrimento dos outros: Blanche de Orleans, Marie de Clèves, Anne de Beaujeu, Anne de Bretange, entre outras.

Era comum em determinados dias do ano, como na época da Páscoa, os mais ricos servirem aos mais pobres. Os doentes, prisioneiros e pobres faziam refeições preparadas pelas mãos dos mais afortunados que humildemente chegavam mesmo a lavar os pés dos desafortunados.

A paciência deve estar presente no cotidiano de toda e qualquer pessoa, mas, no início do século XV, ela deveria ser muito mais cara e útil às mulheres de qualquer

estamento social, fossem virgens, viúvas ou casada, para assim suportar as dores e os infortúnios da vida com resignação estóica.

O Livro III começa assim: «*Ci commence la table des rubriques de la tierce et derraine partie de ce livre, laquelle s'adrece aux femmes d'estat des bonnes villes, aux bourgoises et aux femmes du commun peuple, et puis aux femmes des laboureurs*».

No capítulo 1, Christine continua abordando o tema das virtudes e apresenta quatro pontos que delas decorrem:

1. O amor ao marido e a maneira de conservá-lo.
2. O modo de governar suas terras e propriedades.
3. A maneira de se vestir.
4. A forma de defender-se da infâmia.

Quanto ao amor ao marido, seja ele velho ou novo, bom ou mau, fiel ou não, a dedicação de um amor verdadeiro, acredita a autora, pode transformar as atitudes dele em relação a sua mulher. Para Christine, como já foi dito, isso não era considerado uma forma de submissão, mas sim uma maneira de evitar as contendas e tornar a vida mais razoável:

Et si que ja avons touchié plusieurs fois cy devant, c'est nostre entente que tout ce que recordé avons aux aultres dames, tant es vertus comme ou gouvernement de vivre, en ce qui puet a chascune femme apertenir, de quelque estat que elle soit, soit aussi bien dit pour les unes que pour les autres, si en puet chascune prendre telle piece qu'elle voit qui lui apertient [...] Mais avec ce, afin que plus vous enbelisse a tenir vers eulx les manieres qui vous peuent touchier qui la sont devisees, vous reduirons a memoire iii biens qui de vous gouverner bien et sagement vers eulx, qui qu'ilz soient, et leur garder la foy et loyauté promise, tenir en bonne paix et en toutes choses faire voz devoirs, vous peuent venir. (PIZAN: 1989, p. 171 e 173)

No texto, a escritora faz menção ao capítulo 13 do Livro I⁴⁴, no qual já havia abordado esse tema do amor ao marido.

⁴⁴ Na versão portuguesa apresentada por Crispim aparece no texto menção ao capítulo 3 do Livro I, porém, Maria Crispim, em nota, aponta que o capítulo referido é o 13.

Sobre os bens, terras e fazendas, que o marido obteve com o trabalho devem ser cuidados de perto pela senhora. Nessa parte do texto, também há prescrições sobre como receber convidados:

Ceste sage meisnagiere se doit cogoistre en toutes choses de meisnage, meismement en appareillier a mengier, afin que elle sache ordonner et commander a ses servans, par quoy elle puist tousjours garder la paix de son mary se il semont gens a disner en son hostel. Si doit elle meismes, se besoing est, aler en la cuisine et ordonner comment ilz seront serviz. (PIZAN, 1989, p. 174)

Outro aspecto, no que diz respeito aos cuidados da fazenda, é a importância da limpeza da casa e dos filhos e marido:

Doit bien garder que son hostel soit tenus nettement et toutes choses em leur place et par ordre; ses enfans bien enseigniéz, ne quoy que ilz soient petiz que on ne les oye point mignoter ne mener noise: soient nettement tenus et riglement gouvernéz, ne que drappiaux a nourrices ne riens qui leur apertiengne ne traine point avaul l'ostel. Doit estre soigneuse que son mary soit nettement tenus en robes et toutes choses, car le net aournement du mary est l'onneur de la femme. Qu'il soit bien serviz et sa paix gardee [...] (PIZAN, 1989, p. 174)

Nesse receituário de como agir proposto pela autora, há a preocupação em fazer as tarefas o melhor possível para, assim, manter a paz. A mulher que seguisse seus preceitos poderia viver numa casa em que o bem-estar físico e psíquico reinaria.

No capítulo 2 segue-se com a apresentação dos itens 3 e 4, sobre como se vestir para se proteger da maledicência, no que toca às mulheres de Estado:

En ceste maniere est il assavoir que, poson que une femme soit de toute bonne volenté et sans mauvais fait ne pensee de son corps, si ne le croira pas le monde puis que desordonee en abit on la verra, et seront faiz sur elle mains mauvais jugemens, quelque bonne que elle soit. Si apertient doncques a toute femme qui veult garder bonne renommee que elle soit honneste et sans desguiseure en son abit et abillement, non trop estraincte ne trop grans coléz, ne autres façons malhonnestes, - ne trop grant trouverresse de choses nouvelles, par especial cousteuses et non honnestes. (PIZAN, 1989, p. 178-9)

As mulheres de mercadores são apresentadas no capítulo 3, e observa-se certa reprovação em relação a elas. Há a reprodução do contexto social da época, com particular enfoque sobre os preceitos e as atitudes depreciativas dirigidas à figura do mercador. A autora lembra as limitações inerentes a cada ordem, de acordo com suas categorias e prerrogativas, e que, sendo assim, não convém às mulheres de mercadores,

principalmente àquelas dedicadas a negócios de pequena monta, a grosso e retalho, comportar-se ou vestir-se como as grandes senhoras. Seu cotidiano de trabalho, o traje com pompa, a ostentação e a casa ricamente ornada não combinam com seu estamento social. Christine aconselha-as a usar roupas bem cuidadas, como lhes convém, mas que não sejam exageradas, sendo preferível que repartam seus bens com os pobres, fazendo, assim, a verdadeira caridade:

Si est trop grant folie de soy revestir d'autrui abit quant chascun scet bien a qui il est, c'est a entendre de prendre estat qui apertient a aultre, non pas a soy; mais se ceulz et celles qui tieulx oultrages font, soit en abiz ou estat, laissoient leur marchandise et prenissent du tout les grans chevaux et les estaz des seigneurs, leur estre s'ensuivroit; mais c'est trop sote chose de n'avoir pas honte de vendre ses denrees et faire sa marchandise et avoir honte de porter l'abit, voire, qui est bel et grant et honneste a qui a droit s'i maintient, et l'estat de marchand est bel et honnourable en France et en tout païs. (PIZAN, 1989, p. 186)

No capítulo 4 é abordada a questão da viuvez das mulheres de todos os estamentos. A autora adverte quanto aos cuidados a serem tomados, que dependem da situação econômica das viúvas, pois, sejam jovens ou não, irão se defrontar com três problemas:

1. A aspereza das pessoas para com elas.
2. As várias demandas, supostas ou não, contra suas terras e rendas.
3. A maledicência de toda gente.

Christine ensina a se portar perante cada um dos três problemas. No caso do primeiro, sugere três remédios:

1. Voltar-se para Deus, que nos defende e nos ensina a ser paciente;
2. Diz respeito à maneira de ser, ou ao próprio comportamento, salientando a necessidade de essas senhoras serem equilibradas, doces e benignas;
3. Esquivar-se de qualquer espécie de conversação com pessoas que possam denegrir sua honra, e para tanto aconselha as viúvas a manter-se em suas câmaras.

Quanto às demandas contra suas terras e rendas, se não houver escritura ou testemunhas, aconselha-as a recorrer ao conselho de letrados, solicitar causa e fazer economia na renda, no caso de a demanda não lhes ser favorável. Para tanto, a mulher precisa ter coração de homem, *femme virile*, ou seja, ser forte e sábia:

[...] se a chief en veult venir, que elle prengne cuer d'omme, c'est assavoir constant, fort et sage pour avisier et pour poursuivre ce qui lui est bon a faire, non mie comme simple femme s'acroupir en pleurs et larmes sans autre deffense, comme un povre chien qui s'aculle en un coignet et tous les autres lui cuerent sus. Car par ainsi faire entre vous, femmes, trouveriez assez de gens sans pitié qui le pain vous osteront de la main et vous reputeroit on ignorans et simples, ne ja pour ce plus de pitié ne trouverez en ame. (PIZAN,1989, p. 191-2)

As mulheres deveriam ter uma educação ampla, incluindo conhecimentos legais pertencentes àquela sociedade, que se pensava ser exclusividade da educação dos homens letrados. Por exemplo, ser 'forte e sábia' diante de determinada situação em que fossem exigidas decisões rápidas. O que está em questão nessa transformação não é o fato de as mulheres se metamorfosearem em homem, mas sim de serem preparadas e capacitadas para deliberar e resolver problemas do cotidiano sem a intervenção de um homem.

Em relação às jovens viúvas, deveriam ficar sob a proteção de seus parentes. Para se guardar do terceiro problema, a maledicência, deveriam comportar-se e vestir-se com honestidade, evitando visitas e companhias que pudessem trabalhar contra elas.

Se o casamento tinha sido um tormento, Christine acreditava viuvez era melhor. Essa atitude também pode ser lida como uma revanche ao estado de submissão pregado durante o casamento. Séculos depois, Madame de Sévigné também considerou que sua vida havia começado no momento em que ficara viúva.

Em alguns ofícios, a viúva perderia o direito de dirigir e continuar os negócios herdados se casasse com uma pessoa de outra irmandade⁴⁵.

⁴⁵« Il leur était permis dans le veuvage de tenir ouvroir et de faire travailler de compagnons ou valets, mais à la condition expresse qu'elles resteraient veuves. Elles étaient déchuës de leurs droits si elles

Com a ausência do marido, era a mulher que administrava a propriedade. Na maioria das vezes, esse fato era visto como uma oportunidade para os aproveitadores, tais como vizinhos que tentavam expandir suas terras; também eram cobradas dívidas e impostos que não existiam ou até mesmo usurpados os bens de muitas viúvas. Algumas vezes, essas mulheres eram obrigadas a pegar em armas para defender-se. Por conta disso, Christine pregava o conhecimento tanto das leis quanto dos negócios do marido.

Uma mulher preparada para assumir o governo da casa na ausência do marido - este é um item muito caro a Christine. Ela aborda as dificuldades das mulheres em gerir suas terras, economias ou mesmo pequenos negócios. Para tanto, a autora aconselha à mulher que conheça as atividades do marido, para não ser pega de surpresa. A própria experiência de Christine⁴⁶ a influenciou a escrever sobre as preocupações e inquietações provindas da viuvez em diversas obras (*Cité des Dames*, *Trois Vertus*, *Mutation de Fortune*, *Vision*), na quais relata seu sofrimento e angústia:

Je t'assure que foison de grandes moyennes et petites pareillement se peut dire, lesquelles qui prendre veult garde on peut veoir qu'en leur vesveté ont soustenu et soustiennt en aussi bon estat leurs seignouries que faisoient leurs maris a leurs vivans et qui autant sont amees de leurs subgés. (PIZAN, *Le Livre de la Cité des Dames*, 2004, p. 100).

Et aussi pour mieulx garder le sien, ne tiegne trop grant estat, ne en gens ne en robes ne en viandes, car c'est droit estat de femme veuve estre sobre et sans superfluité de quelconques chose (PIZAN, *Le Livre des Trois Vertus*, 1989, p. 193)

Além da preocupação em orientar a mulher a cuidar e gerir os negócios da família, outro tema destinado às viúvas é a administração das rendas, evitando gastos superfluos, sobretudo para não faltar no futuro. Por trás desse conselho está o que ela própria viveu e presenciou com a morte do pai.

épousaient un homme étranger à la profession». (LAIGLE, M. *Le livre des Trois Vertus de Christine de Pisan et son milieu historique et littéraire*. Paris: Honoré Champion, 1912, p. 297).

⁴⁶ «Quantès larmes, soupirs, plains, lamentations et griefs pointures cuides tu que quant je estoye seulet a mon retrait que je eusse et gitasse en ce tandis? Ou quant a mon fourier je vëoie environ moy mes petiz enfants et povres parens et consideroye le temps, passé et les infortunes presentes!» (*Vision*, 55 v. Apud: LAIGLE, M. *Le livre des Trois Vertus de Christine de Pisan et son milieu historique et littéraire*. Paris: Honoré Champion, 1912, p. 330).

Os capítulos 5, 6 e 7 tratam do comportamento das jovens, das anciãs com relação às jovens e destas com relação às anciãs, respectivamente. A escritora aconselha evitar as contendas, devido à diferença de idade, que causam divergências de costumes, de maneiras de agir e pensar. As senhoras devem ser sisudas no falar e no vestir, para servir de exemplo às mulheres mais jovens, que terão como modelo a experiência das mais velhas. As jovens, no tocante aos bons costumes, devem estar prontas para aprender e reter a lição que lhes podem ensinar as mais velhas e, para isso, são apresentados cinco procedimentos para o trato honroso com os mais velhos: a reverência, a obediência, o temor, a ajuda e o conforto, em consideração ao bem que nos fizeram e continuam fazendo. Isso é válido para os rapazes e as moças que desejam ser louvados pela graça e pelos bons costumes dos mais velhos. No tocante às moças, Christine acrescenta que estas, para servir e honrar aos mais velhos, devem estar sempre na companhia de uma sábia e sóbria senhora, por louvor a sua reputação e para suportar as próprias paixões.

A questão da importância da mulher para a economia, com destaque para as mulheres de mestres e artesãos, mulheres de serviço, camareiras e mulheres dos lavradores, é apresentada nos capítulos 8, 9 e 12, respectivamente. As mulheres casadas com homens de ofício, ou ourives, armeiros, tapeceiros, pedreiros e sapateiros devem acordar seus maridos bem cedo, para que trabalhem até tarde. Também devem entender do ofício, para comandar os obreiros na falta do marido. Devem cuidar dos obreiros preguiçosos e, ainda, aconselhar o marido sobre as mercadorias a comprar, para que não percam seu ganho.

A autora deixou um precioso relato sobre o casamento, a relação marido e mulher, o papel da mulher dos mestres de ofício, como elas dirigiam, junto com eles ou na falta deles, a demanda do ofício, o cuidado com os empregados etc. Christine

também as aconselha a mostrar-se afetuosas, para que os maridos não fiquem em companhia de homens solteiros. E, se tiverem filhos, devem mandá-los à escola antes de ensinar-lhes um ofício, para que primeiro sirvam a Deus e depois a si próprios:

[...] car sans faille il n'est nul si bon mestier que qui n'y met diligence, a peine puist on aler de pain a autre. Et avec ce que tel femme doit solliciter les autres, a elle meismes apertient mettre les mains a la paste: si doit tant faire que elle se cognoisce en l'ovrage affin qu'elle sache deviser a ses ouvriéz se le mary n'y est, et les reprendre se ilz ne font bien. Doit estre dessus pour les garder d'oiseuse, car par ouvriers mal soigneux est aucunes foiz desert le maistre; et quant marchiéz vient a son mary de faire aucun ouvrage aucunement dongereux et non accoustuméz, elle le doit amonester par bel qu'il garde bien qu'il n'entrepreigne marchié ou il puist perdre. (PIZAN, 1989, p. 205-6)

Como podemos notar, as mulheres das camadas mais simples da sociedade tinham papel de destaque dentro da família e, conseqüentemente, na sociedade, uma vez que eram as responsáveis pela administração da casa, pela educação dos filhos e também deviam ajudar a gerir a atividade econômica do marido, de modo que tinham autoridade sobre os empregados e poder de decisão sobre a compra de mercadorias. Por conta desse relato, somos levados a induzir que essas mulheres eram mais independentes e tinham relações sociais mais ativas do que imaginamos, pois trabalhavam e interagiam dentro do grupo ao qual pertenciam.

Quanto às mulheres de serviço e soldadas⁴⁷, isto é, aquelas que prestavam serviços porque a necessidade as levava a procurar emprego ainda muito novas, eram ensinadas a servir a Deus e perdoadas por não saber fazer isso, pois faltou-lhes oportunidade de aprender. Deviam dormir tarde, levantar cedo e fazer as refeições após todos os outros, mas, por outro lado, eram dispensadas de jejuar nos dias estabelecidos pela Igreja, se isso trouxesse prejuízo ao corpo. Porém deviam ir à Igreja, estar em oração durante o serviço, afastar-se de todos os pecados e guardar lealdade, em palavras e feitos, a seu senhor ou senhora:

⁴⁷ Soldadas ou soldadeiras são mulheres que trabalham em troca de soldo, de pagamento. Esse termo aparece na edição fac-similada da Biblioteca Nacional de Lisboa de 1987.

[...] c'est assavoir que se elle est en service par neccessité de son vivre et il convient que pour son service mieulx accomplir traye grant peine, lieve matin et couche tart [...] se telle femme ne jeune meismement tous les jours commandéz de l'Eglise, elle en fait assez a excuser, voire se elle sent que sans moult grever son corps, le quel par aventure deffaudroit si que elle ne pourroit gagner sa vie [...] (PIZAN, 1989, p. 207-8)

No texto, Christine afirma que essas mulheres trabalhadoras são perdoadas por não cumprirem todos os preceitos determinados pela Igreja. Cabe aqui uma questão: a Igreja também compartilhava dessa compreensão para com essas mulheres?

Às mulheres dos lavradores, que não podem ouvir os ensinamentos da Igreja senão aos domingos, pois trabalham muito e também porque se encontravam longe das igrejas, a autora fala da existência de um só Deus, Todo Poderoso, Justo e Bom. Se não podem dedicar-se ao jejum e às orações, devem, como compensação, ser pacíficas com os vizinhos, pagar seus impostos com honestidade e ensinar seus filhos a não furtar ou prejudicar os vizinhos, caminho que as conduzirá à salvação:

Et elles meismes leur doivent aidier en ce que elles peuent, et bien garder que elles ne voisent ne sueffrent a leurs enfans rompans haies pour en autrui courtil embler raisins par nuit ou par jour, ne autrui fruitage, ne quelconques courtilages, ne autres choses; ne leurs bestes ne mettent paistre es gaignages ne es prez de leurs voisins; ne quelconques choses ne tollent a autrui, ne que elles vouldroient que on leur tollist. (PIZAN, 1989, p. 220)

Christine escreve sobre a dificuldade de acesso a qualquer tipo de informação para quem mora no campo. No entanto, mesmo sabendo que as pessoas do campo não sabiam ler, ela escreve sobre elas e para elas. A autora assume o papel de formadora e informadora: *“retenez nostre leçon a vous adrecee, se il est ainsi que aler puist jusques a voz oreilles, afin que ignorance, qui vous puet decevoir par faute de plus savoir, ne vous destourne de sauvement”* (p. 218-9). Tem a pretensão de chegar aonde a Igreja tem dificuldade de alcançar. Seu texto também é uma catequese.

Além de informações doutrinárias, a escritora traz informações práticas como sobre o dever de pagar impostos e a política da boa vizinhança. A partir da advertência que as mães devem fazer aos filhos para que estes não roubem os vizinhos, é possível

inferir que, no dia-a-dia, havia problemas entre vizinhos e que Christine acreditava no poder da educação para diminuir ou mesmo acabar com as contendas.

No capítulo 10, a escritora escreve *a l'enseignement des femmes de fole vie*, ou seja, seu objetivo é ensinar também às prostitutas. Ela acreditava na reabilitação dessas mulheres. Todos são passíveis de perdoar, se sinceramente pedem perdão a Deus. Apresenta como modelo Maria Egípcia, que renunciou à má vida para se dedicar a Deus, tornando-se santa. O diferencial, no texto de Christine, é que ela apresenta razões que justificam o fato de algumas mulheres não abandonarem a má vida: os homens que as perseguem não consentiriam; a inquietação, por sentirem que o mundo não as perdoaria e as desprezaria; e o desconhecimento de qualquer outra atividade que possa garantir-lhes o sustento e lhes permita mudar de vida. A autora ensina-lhes o modo como elas poderão deixar de ser prostitutas oferecendo-lhes remédios para cada uma das situações. Como terceira solução, aconselha-as a procurar emprego: “*voulentiers a aidier a faire lessives en ces grans hostelz*”.

No capítulo posterior a esse sobre as prostitutas, a escritora trata do tema das mulheres honestas e castas, como se um fosse o veneno e o outro, o antídoto que deve ser tomado logo a seguir para evitar as duras consequências para a vida e a alma.

Christine escreve aos pobres, homens e mulheres, no capítulo 13, lembrando-lhes o texto do Evangelho⁴⁸, que diz ser deles o Reino dos Céus, e salienta que a Esperança, revestida de Paciência com o escudo da Fé, é a arma para que a vitória seja alcançada, pois há cinco dardos contra os quais o pobre terá que pelejar:

1. A pobreza.
2. A doença e a falta de recursos,
3. A velhice e a falta de amigos,

⁴⁸ Provavelmente, a autora está se referindo ao Evangelho de Mateus 5: 2, que fala dos bem-aventurados.

4. A falta de um pouso,
5. O desprezo que o mundo lhes devota.

Provavelmente, a própria autora teve de lutar contra algumas dessas mazelas quando se viu só e obrigada a assumir a responsabilidade de cuidar da família e na época que o inverno se abateu sobre sua vida.

A conclusão (capítulo 14) inicia com Christine falando sobre seu cansaço por causa do trabalho do livro. Mas ela também fala de sua alegria, pois espera bons frutos das lições ministradas para a exaltação dos bons costumes e das virtudes. Louva a honra de todas as mulheres. Declara que seu objetivo é escrever para o bem delas e que, por isso, espera que sua obra seja publicada em todo o mundo, para ser consultada por todos. Seus ensinamentos têm por precípua finalidade mostrar a todas as mulheres o caminho mais seguro para atingir o Bem:

Si la verront et orront maintes vaillans dames et femmes d'auctorité ou temps present et en cil a venir, qui prieront Dieu pour leur servante Cristine, desirans que de leurs temps fust sa vie au siecle, ou que veoir la peussent: ausquelles toutes plaise que tant que au monde sera vivant, la vueillent avoir en grace et memoire par amiables salus, prians a Dieu que par sa pitié soit favorable de mieulx en mieulx a son entendement, si que tel lumiere de science et vray sapience lui ottroit, qu'employer le puist, tant que ça jus aura duree ou noble labour d'estude, a l'exaulcement et eslevation de vertus en bons exemples a toutes humaine creature. (PIZAN, 1989, p. 225-6) .

Christine exalta o verdadeiro conhecimento que, pelo estudo, conduz à virtude e a bons exemplos. Assim termina o livro de *Trois vertus*.

Capítulo 3 A resistência na aprendizagem da moral de resignação

Plourer, parler, filer mist Dieux en femme
Proverbe en latin
La Cité des dames, p. 84
Christine de Pizan

História da educação da mulher do século XII ao XIV

Para melhor entender a situação da educação da mulher no período em que Christine produziu suas obras, optamos por fazer um quadro histórico da educação a partir do século XII, porque foi o momento que antecedeu as obras da autora e do qual elas são um reflexo.

Desde o século XII, os autores da educação voltam seus olhos para o comportamento das crianças e das mulheres, pois eram considerados inconstantes e, portanto, precisavam ter os seus modos regulados. Segundo Isidoro de Sevilha (século VI), a infância terminaria aos 15 anos, a adolescência aos 30 anos, a juventude aos 45 anos e a vida adulta iria até os 60 anos. Não podemos esquecer que a expectativa de vida era de 30 anos; poucos chegavam aos 60 anos e mais raros ainda ultrapassavam essa idade.

Desde o Concílio de Latrão de 1179, estabeleceu-se que todas as igrejas deveriam manter uma escola, na qual se ensinava gramática, aritmética, geometria, música e teologia. Alguns senhores feudais, por iniciativa própria, também podiam fundar uma escola. Ainda, havia a possibilidade de um grupo de habitantes associar-se, montar uma escola e pagar um mestre para ensinar a seus filhos. As crianças entravam na escola por volta dos 7 ou 8 anos e seguiam o ensino por cerca de dez anos até os

estudos preparatórios para a universidade. Nas aulas, os textos eram usados predominantemente pelos professores. Os livros eram raros e caros, e isso refletia a predominância da cultura oral. O professor lia, explicava e comentava passagens (glosa) de autores como Aristóteles e Sêneca, entre outros. Esse método, o comentário, deu ênfase ao desenvolvimento da memória e do debate (ou discussão, diálogo) em todos os níveis da educação.

Até os 7 anos, meninos e meninas brincavam a vontade, porém sob a vigilância da mãe ou de uma babá. A partir dessa idade, começavam a se fazer sentir as diferenças sociais. Os filhos da nobreza, que já sabiam montar, de modo geral, desde os 5 anos, começavam a praticar mais os jogos voltados para a formação do cavaleiro, ou a ter um aprendizado mais específico, numa escola ou mesmo com um preceptor, para a formação do futuro clero; eram essas as atividades destinadas aos nobres. O papel do preceptor era principalmente o de socializar o jovem nobre, ensiná-lo a falar corretamente, as boas maneiras, a receber bem os convidados e a conhecer livros com histórias edificantes. É possível perceber que se tratava de uma educação utilitária, ou seja, que tinha um uso específico no cotidiano daquele jovem senhor.

A grande maioria dos filhos dos camponeses não freqüentava escola, assim como boa parte da nobreza. Nesse caso, cabia ao pai ensinar ao filho sua profissão, e à mãe, os elementos rudimentares da fé cristã: Credo, Pai Nosso e Ave Maria. A mãe era a responsável pela formação moral e social. Os contos épicos e histórias diversas conduziam o jovem à resignação, à honra e à coragem.

Outra possibilidade de espaço de aprendizagem eram os conventos. Alguns eram destinados só aos meninos, outros só às meninas e outros mistos, nos quais, até certa idade, meninos e meninas tinham uma educação comum nos primeiros anos de ensino. Régine Pernoud, em seu livro *La femme au temps des cathédrales*, apresenta um

exemplo de como era feita a aprendizagem tanto de meninos como de meninas nos conventos:

[...] au Moyen Age, les écoles monastiques un peu partout instruisent fillettes et garçonnets; à Saint-Jean d'Arles, donc, depuis l'âge de six ou sept ans filles et garçons – ceux-ci en tout cas jusqu'à douze ans – sont éduqués sous la direction d'une religieuse, la *primiceria*; par la suite, c'est la chanter qui a en charge l'école en dehors de la liturgie et des chœurs; les uns et les autres sont étroitement associés, car, à l'époque, apprendre à lire signifie d'abord apprendre à chanter; on commence par chanter les psaumes, puis on retrouve les mots écrits qui déjà sont familiers à l'oreille [...] (PERNOUD, 1980, p. 87)

Quanto às meninas, havia motivos para que fosse dada maior atenção a elas. Primeiro, grande quantidade de mulheres morria durante o parto, por isso havia um número menor de mulheres em relação aos homens. Isto provocou um problema para a Igreja, que desde o século XI havia instituído o casamento como uma prática religiosa, um sacramento. Portanto, as mulheres começam a ter um valor na sociedade, ainda que ligado à função de genitoras ou esposas. Essa valorização, ao ser ampliada pelo culto à Virgem Maria e pelo amor cortês, irá chamar a atenção dos pensadores moralistas preocupados com a formação dos bons modos das mulheres.

Para a maioria dos autores que se preocupavam com a formação da mulher, o mais importante era o conhecimento prático. A camponesa deveria saber cuidar de sua casa; a burguesa e a nobre deveriam saber comandar seus empregados e possuir uma cultura um pouco mais aprimorada, ler e escrever, de acordo com as suas responsabilidades sociais. Além disso, todas precisavam saber costurar, fiar, tecer e bordar, ou seja, todas deviam ter uma educação orientada pela perspectiva do casamento, de cuidar do marido, dos filhos e da casa.

Apesar dessa visão prática da educação, podemos citar exemplos de mulheres que conseguiram ultrapassar essa formação rudimentar e preconceituosa: Heloísa⁴⁹, conhecida pelo seu conhecimento e intelecto; Aliénor d'Aquitaine, protetora dos

⁴⁹ Na abadia de Argenteuil, para onde Heloísa se retirou, as meninas aprendiam as Sagradas Escrituras, literatura, medicina, grego e hebreu.

trovadores e que se destacou por seu desempenho no cargo de rainha; Marie de Champagne, filha de Aliénor e também protetora de poetas; Marie de France, escritora de *lais*; Hildegarde de Bingen, abadessa que escrevia sob a temática religiosa, entre outras que se perderam no longo caminho da história. Autores e textos do século XII:

- Adam, abade de Evesham, *Exortatio ad sacras virgines godestovenssis coenobis*;
- Daniel, monge de Rievaulx, *De honesta virginis formula*;
- Guibert de Nogent, *De virginitate*;
- Etienne de Forgères, *Le livre des manières*;
- Garin le Brun, *Ensenhamens*.

Só pelos títulos dessas obras é possível perceber grande preocupação por parte dos autores com a reputação da mulher.

Como exemplo dessa preocupação com a mulher, podemos citar Vincent de Beauvais, que em seu texto *Speculum majus*, do século XIII, destina um capítulo às mulheres (entre os vinte destinados aos homens). Segundo o autor, elas seriam inferiores ao homem; deveriam ser guardadas em casa para assegurar sua castidade e aprender a ler os preceitos morais para evitar os maus pensamentos. Nisso residia o objetivo da educação feminina: formar o caráter para assim, controlar seu bem maior, a virgindade.

Vincent, em sua obra, prega o ensino da leitura e da escrita para que as mulheres tivessem acesso aos livros sobre moral e, dessa forma, controlassem os maus pensamentos e o apetite da carne. Acrescenta que caberia aos pais dar informações elementares sobre a vida sexual à mulher para que ela pudesse cumprir as exigências do dever conjugal. Quanto à vida de casada, indica que a mulher devia suportar os defeitos do marido, evitar o ciúme, não usar ornamentos, pintura etc. Pode-se perceber que a

formação feminina não objetivava a exaltação do espírito intelectual da mulher, e sim sua adequação aos moldes estipulados pelos homens.

Guillaume de Tournai, autor *De instructione puerorum*, obra escrita na segunda metade do século XIII, sugere um programa de educação mais voltado para a religião, pelo qual os filhos deviam ser ensinados pelos pais, padrinhos e mestres; o ensinamento devia primar principalmente pelos exemplos e criar o hábito de freqüentar a igreja, aprender o Pai Nosso e o Credo, além dos princípios básicos da fé, dos costumes e da ciência; todos esses ensinamentos deviam ser dados tanto aos meninos como às meninas e a qualquer camada social.

Outros dois autores podem ser citados, devido a sua maior preocupação com a formação moral das mulheres do que com sua instrução: Philippe de Novare e Robert de Blois. O primeiro pregava que só às futuras monjas se deveria ensinar a ler, argumentando que as outras mulheres, se soubessem ler, poderiam deixar-se levar pelos bilhetes enviados pelos homens para seduzi-las. Aconselhava ainda que as mulheres casassem cedo a partir dos 14 anos. Robert de Blois, no fim do século XIII, escreve *Chastoiement des dames*, no qual ele aconselha a jovem mulher:

Ne vous laissez pas mettre la main aux sein, ni baiser sur la bouche: n'acceptez point de joyaux. Si vous avez mauvaise haleine, mangez du fenouil, de l'anis ou du cumin, ou sinon, abstenez-vous de donner le baiser de paix à l'église. Ne tournez pas sans arrêt dans toutes les directions comme une belette, ni ne regardez les gens comme un épervier qui fond sur une alouette. Prenez-y garde, les regards sont messagers d'amour et les hommes sont prompts à s'y tromper. Et si vous êtes invitées à la table d'un hôte, de grâce, ne vous mouchez pas dans la nappe. (ROUCHE, 1981, p. 435)

Pelos conselhos dos dois autores podemos perceber que sua preocupação maior era com a postura moral das mulheres, principalmente no tocante à relação pública com os homens. Outro dado comum desses conselhos é a imagem apresentada da mulher como um ser débil, sem capacidade de pensar e decidir.

Um livro sobre o tema que se destaca é *Livre des propriétés des choses* de Barthélemy, também do século XIII. Nele o autor apresenta conteúdos que se ensinavam às pessoas simples desde o século XII. Barthélemy dedica especial atenção ao papel das *sages-femmes*, parteiras, a quanto seu conhecimento era importante para as mulheres, crianças e a população em geral, que não tinha acesso aos médicos. A importância dada às parteiras (que naquela época eram vistas como conhecedoras da manipulação das ervas) nessa obra comprova o papel significativo exercido por essa mulher que, em muitos casos, era a única pessoa a socorrer os mais humildes.

Podemos acrescentar outros autores e obras:

- Richard de Fournival, *Li consaus d'amour*;
- Sordello, *Ensenhamens d'onor*;
- Jacques d'Amiens, *L'art d'amour*;
- Saint Louis, *Enseignements à sa fille Isabelle* e *Enseignements à sa fille Blanche* (ou à Marguerite);
- Maffre Ermengau, *Le breviari d'amour* e *Lettre à sa soeur*.

Uma obra anônima que merece ser destacada é *Le miroir des bonnes femmes*, escrita durante a segunda metade do século XIII. Trata-se de uma coletânea de narrativas exemplares cujos protagonistas são mulheres virtuosas, em sua maioria, mas também traz exemplos de mulheres cuja vida não devia ser copiada. Esse texto servirá de fonte, apesar de não ser mencionado, para o autor Geoffroy de La Tour Landry em seu texto *Enseignements à ses filles*.

Como a maioria das obras didáticas endereçadas às mulheres, o *Miroir des bonnes femmes* visava como público: as mulheres nobres. Muitos dos exemplos citados no texto são retirados da Bíblia, diferente da maioria dos textos que lhe eram contemporâneos, os quais usavam exemplos tirados da antiguidade. Na sua estrutura, o

autor começa os capítulos a partir de uma narração bíblica, à qual acrescenta histórias exemplares. A narração segue o formato dos *exempla*, tão comuns naquele período: conta uma pequena história para chamar a atenção do público e, depois, uma narrativa edificante. Esse forte traço de semelhança com o *exemplum* faz pensar que o texto, *Miroir*, poderia ter sido escrito para que os pregadores o usassem durante uma exposição. As fontes mais prováveis desse texto foram: *Historia Regum Britanniae* de Geoffroi de Monmouth, *Roman de Renart* e *Legenda Áurea* de Jacques de Voragine.

Outro item importante a acrescentar é a quantidade de mulheres que, desde o século XII, exerciam a profissão de copistas e iluministas em toda a Europa. Entre elas: Ermengarde, Agnes e Regelindis, na Alemanha; Eufrasie e Maria, na Itália; Agnes, Marie Luebs, Marie Brückerin, na França; Marguerite, Cornelia e Margriete der Weduwen, na Bélgica e Marguerite Scheiffartz, na Hungria. A essa lista podemos acrescentar Anastasie, citada por Christine em *La cité des dames*. Podemos, assim, inferir que, apesar do descaso para com a educação feminina, algumas mulheres tinham acesso a uma formação, fosse ela passada pelos pais (copistas ou iluminadores) ou aprendida e exercida nos conventos _ a grande maioria. Em seu livro, *L'art d'éduquer les nobles damoiselles*, Anne Marie De Gendt apresenta essa dicotomia entre a vida real e a pregada pelos textos:

Il importe de souligner que les modèles de comportement proposés dans les écrits didactiques ne sont pas toujours conformes au statut réel dont a joui la femme médiévale selon les époques et dans les classes sociales respectives. Tant dans la noblesse que dans la bourgeoisie, certaines (catégories de) femmes disposaient de possibilités d'action assez importantes dans la société et joignaient donc une soumission prescrite à une domination de fait sur te ou tel plan. (DE GENDT, 2003, p. 11-2)

Entrando no século XIV, temos Pierre Dubois, que escreveu, por volta de 1314, *De recuperatione Terrae sanctae*. Nessa obra, o autor trata da retomada da Terra Santa e, por conseguinte, do ensinamento que devia ser dado tanto aos homens quanto às mulheres, a serviço da Igreja. As mulheres deveriam aprender a cirurgia, para ajudar os

feridos, além do latim, uma língua vernacular, gramática, lógica, religião, ciências naturais, etc. Segundo Pierre Dubois, após a reconquista da Palestina, as mulheres instruídas deveriam casar-se com os homens de lá, convertê-los à fé cristã e, assim, ensinar-lhes a cultura cristã. O objetivo dessa educação feminina também não era a elevação intelectual da mulher, mas sim o serviço de propagação do ideário cristão.

A formação cultural das mulheres não vinha das universidades, fechadas a elas, mas sim do contato com a cultura popular, local, com as canções, o que lhes permitia aprender a ler e escrever, minimamente. Como exemplo de canções produzidas por mulheres, e também por homens, podemos citar: *chanson de toile*, *d'aube*, *de rencontre amoureuse* e *rondeaux à danser*. O conteúdo dessas canções aborda quase sempre o relacionamento amoroso. Algumas foram condenadas pela Igreja, devido a seu conteúdo, considerado lascivo.

A temática apresentada em *chanson de toile* é a da jovem abandonada pelo seu amante, que fica à janela esperando por sua volta e, para passar o tempo, tece o fio do tecido e o seu imaginário, assim como Penélope à espera de Ulisses:

Bele Yolanx en ses chambres seoit.
D'un boen samiz une robe cosoit:
A son ami tramettre la voloit.
En sospirant ceste chançon chantoit:
'Dex! tant est douz li nons d'amours:
Ja n'en cuidai sentir dolours.' (ZINK, 1992, p. 125)

A *chanson d'aube* trata da dolorosa separação dos amantes ao raiar do dia, após uma noite de amor. As *chansons de rencontre amoureuse* dividem-se em dois tipos: *pastourelles* e *malmariées*. Essas canções, assim como outro tipo, *la reverdie*, são canções que abordam o tema do despeito, ou seja, de revanche da mulher que cura uma dor de amor com um novo amor, de sua insatisfação com um marido displicente, ou de uma filha impedida de amar por sua mãe. Esses últimos tipos de canção (*rencontre* e *reverdie*) não fazem parte do lirismo cortês como as canções de *toile* e *aube*.

No século XIV, um espírito laico começa, pouco a pouco, a se desenvolver, graças a um pensamento especulativo, fruto das grandes escolas, das universidades e da filosofia árabe e judaica, introduzido no ocidente desde o século XII. Mas ainda perdura a forte influência do moralismo estóico, com o qual o cristianismo busca transformar a alma e o corpo de seus fiéis. Surge então, como característica da educação dessa época, uma ruptura entre a aprendizagem da ciência e a educação moral. Podemos ver isso como um anúncio do que irá ocorrer mais tarde no Renascimento: a separação entre ciência e religião, ou seja, o desencantamento do mundo.

Segundo Michel Rouché em seu livro *Histoire de l'enseignement et de l'éducation*, dois itens definem o conteúdo da educação: a idade e o estado civil. Quanto à idade, temos algumas obras literárias que comprovam a importância desse topos, entre elas: *Les quatre ages de l'homme*, de Philippe de Novarre; *Espinette amoureuse*, de Froissart; e também as *Baladas*, de Eustache Deschamps.

Rouché cita o livro de Gerson, *ABC des simples gens*, como exemplo de obra que retoma a divisão tradicional das sete idades do homem:

‘Les sept aages de l'omme dont le premier est nommé enfance qui dure depuis que la créature est crée jusques a VII ans, le second a nom puerice, qui dure jusques a XV ans, le tiers a nom adolescence qui dures jusques a XXX ans, le quart a nom jeunesse qui dure jusques a XXXV ans, le quint a nom virilité qui dures jusques à L ans, la sexte a nom senectude qui dure jusqu'à LXX ans et le VII a nom décrépitude qui dure jusques à la mort.’ (ROUCHE, 2003, p. 574)

A importância dada ao tópico da idade refere-se à preocupação com a educação e o conteúdo a ser aprendido em cada etapa da vida, ou seja, o aprendizado deveria acompanhar o desenvolvimento cronológico da vida de cada pessoa; elas deveriam aprender o que fosse pertinente à sua idade. A esse tema associa-se também a passagem do tempo (dia, ano, estações do ano, calendário), ambos como um quadro de equivalência de passagem de tempo e das especificações concernentes a cada tempo (idade) vivido.

Quanto ao segundo topos, estado civil, principalmente para as mulheres, mas também para os homens, o fato de serem solteiros, casados ou viúvos iria determinar o conteúdo a ser aprendido. Além disso, a importância dada à classificação feita a partir do critério da castidade deve-se ao fato de que é por esse dado que era determinado o papel social da mulher na sociedade: esposa, mãe ou filha. Por isso, quando Christine rompe com esse modelo, propõe outro baseado na estratificação social, menos discriminador no que tange às mulheres. A autora coloca-se assim na contramão dos escritores, os quais, preocupados com a formação moral de seu público, irão escrever de acordo com a idade e o estado civil, unindo esses dois temas às prerrogativas devidas a cada sexo e à época.

Outro item que podemos acrescentar, e que era caro aos manuais de educação, principalmente os voltados para os meninos, é o esporte. A prática de atividades físicas era vista como essencial na formação do caráter desde cedo; o esporte deveria servir como uma “válvula de escape” para extravasar a força física juvenil.

No tocante à educação feminina, alguns dados são importantes:

- O forte sentimento de misoginia e o amor cortês, paradoxos instaurados principalmente pela literatura desde o final do século XIII.
- Em 1322, a faculdade de medicina de Paris moveu um processo contra Jacqueline Félicie de Almaniac por exercer a profissão de médica sem ter o diploma. Nessa mesma época há registros semelhantes contra outras mulheres.
- Em Paris, por volta de 1380, havia 22 professoras, número significativo se comparado com a quantidade de professores homens, 41.

O fato de as mulheres passarem a exercer um papel mais ativo na sociedade do século XIV não significa que elas participavam de uma sociedade mais aberta e igualitária no que tange aos gêneros. Um acontecimento histórico importante, a peste,

ocorrida na primeira metade do século XIV, irá trazer uma desordem no “equilíbrio de forças” estabelecido, ou seja, os homens, que por seu poder e quantidade dominavam a organização social, agora já não eram mais a maioria. Nesse momento em que começam a faltar homens na sociedade, as mulheres aproveitam a oportunidade para mostrar sua utilidade. Daí a preocupação de vários autores, como:

- Durand de Champagne: *Speculum dominarum* (ou *Miroir des dames*);
- Francesco Barberino: *Del reggimento e costumi di donna*⁵⁰;
- Chevalier de la Tour Landry: *Enseignements à ses filles*;
- Elisabeth de Bosnie: *Manuel d'éducation pour ses filles*;
- Francesch Eximeniz: *Libre de les dones*;
- Anonimo: *Mesnagier de Paris*.

Dessas obras, só o texto de Elisabeth de Bosnie, ainda não havia sido citado, neste texto. Elisabeth foi casada com Louis I, rei da Hungria e da Polônia. Segundo Hentsch, não há o conhecimento de que algum exemplar tenha subsistido, apesar de o livro ter circulado na corte francesa do século XIV e de o conde de Valois, Louis de France, possuir um exemplar.

O texto de La Tour Landry merece ser analisado novamente⁵¹, pelo sucesso que alcançou entre o final do século XIV e o início do XV, portanto contemporaneamente a Christine. O livro foi escrito para as três filhas ainda crianças do autor, como um guia de conduta para a vida, “je vous diray un exemple”, com conselhos religiosos e morais. Esses conselhos eram destinados à jovens, casadas e viúvas, fazendo uso da divisão segundo a castidade. Esse pai zeloso e cioso da formação de suas filhas contrata dois padres para escolher as narrativas edificantes que ilustrem a conduta a ser seguida e a

⁵⁰ Barberino dá conselhos segundo o estamento social. As filhas da alta e pequena nobreza deveriam saber ler e escrever; as filhas de mercadores e operários não seria conveniente que soubessem ler e escrever.

⁵¹ O texto de Chevalier de la Tour Landry, *Enseignements à ses filles*, já foi citado no final do capítulo 1.

outra a ser evitada. Isso também explicaria a diferença de estilo no interior do texto, já que foi escrito a seis mãos.

Segundo Anne Marie De Gendt, que cita Margarete Zimmermann, *La Tour Landry* segue o exemplo dos tratados de economia, ou doutrina doméstica, que compreendem «un complexe d'enseignements appartenant à l'Étiquette, la Sociologie, la Pédagogie, la Médecine et aux différentes techniques de la science de la maison et de l'agriculture» (p. 12). Como podemos perceber, trata-se de um texto que abordava questões de comportamento, noções de medicina e agricultura, enfim, uma mescla de assuntos pertinentes ao bom andamento da casa. Porém, diferente do *Mesnagier de Paris*, não trazia quase nenhuma indicação concreta de como agir nas atividades cotidianas, como, por exemplo, cozinhar. Essa diferença pode conter a disparidade com relação ao público alvo e autor, *La Tour* era um pai, pertencente à nobreza, que escrevia para as filhas da nobreza, e o *Mesnagier* foi escrito por um futuro marido à sua futura esposa. Logo, na visão do autor, ela precisava saber, entre outras coisas, cozinhar.

O fato de ser um pai nobre que escreve às filhas era significativa. Antes de *La Tour*, o próprio rei Louis IX (Saint Louis) já havia escrito a suas filhas. O significativo era que o próprio pai, tanto num texto como no outro, queria passar para suas filhas sua interpretação da formação conveniente para uma jovem, qual seja, uma série de prerrogativas de comportamentos esperados por parte de jovens desse estamento e, mais tarde, das futuras mulheres.

La Tour inicia sua narração com uma cena que se passa na primavera, seguindo a tradição da tópica idade, pois a primavera é a estação da juventude e dos amores, o que certamente causava bastante inquietação entre os pais preocupados com a virtude de suas filhas. Havia também a intenção de preparar as jovens filhas para as obrigações do casamento. Para tanto, o autor faz uso de sua experiência própria: conta a história de um

relacionamento anterior ao casamento com a mãe das filhas e, nessa narração, louva o caráter dessa mulher por sua beleza, bondade e sabedoria. Sabedoria esta que não se referia ao conhecimento intelectual, mas ao saber comportar-se segundo a sua classe social, ou melhor, ao que convinha segundo a sua camada social.

A formação da mulher proposta no texto segue exemplos de mulheres que se destacaram por seus papéis decisivos (filhas de imperadores, princesas, condessas, baronesas etc.)⁵² ou por suas qualidades cristãs (como exemplos, Santa Cristina, Santa Catarina e Santa Elizabeth), para que as filhas se inspirassem nesses modelos e também evitassem outros que fizessem uso de defeitos ou vícios. Ponto comum dessa obra com os textos didáticos de Christine de Pizan é a principal virtude pregada às mulheres: amar e servir a Deus sobre todas as coisas. Ambos os autores apresentam uma perspectiva religiosa da educação. No caso de La Tour, essa perspectiva se circunscreve à questão da perfeição moral feminina. Para o autor, não interessa a formação intelectual da mulher, e sim que ela saiba distinguir o certo do errado levando em conta a prerrogativa de sua categoria. A mulher deveria saber ler a Bíblia. A leitura aqui seria um instrumento para alcançar uma vida cristã; portanto, ela não precisaria saber escrever. Isso reflete a preocupação de um pai cioso do bom nome de suas filhas neste mundo e da salvação delas no outro mundo. Já no caso de Christine, esse dado é levado em conta, mas não é o único. A autora prega uma educação intelectual para as meninas igual àquela dada aos meninos. Esse é o principal diferencial dos textos dessa escritora em relação aos textos de seus contemporâneos: ela se inspira nos textos de autores homens escritos para as mulheres, porém prescreve às mulheres uma formação até então destinada só aos homens.

⁵² Exemplos tirados das fontes: Bíblia, *Gestes des roys*, *Histoires de Constantinoble*, *Gestes d'Espagne* e *d'Athènes*, crônicas de *Napples*, dos *Romains* e de *Romme* (obras citadas) e *Miroir des bonnes femmes* (obra não citada).

Hélène Lambert, em seu texto sobre o livro de La Tour, aponta algumas atividades propostas pelo autor referentes ao cotidiano: jejuar antes de ir à igreja; não comer em excesso antes de dormir; ter atenção à moda, aos penteados e à maquiagem, entre outras. Na questão da indumentária, o autor, enquanto pai zeloso, escreve a suas filhas e funcionárias (*servantes*) sobre os perigos da *coquetterie*, a importância e o significado da roupa enquanto meio de distinção social. Nesse ponto, La Tour faz um rico relato dos costumes da época sobre o uso da moda.

A descrição e a moderação no vestir-se estão de acordo com a proposta moralizadora do autor. Pois a moda daquele período, final do século XIV, passava por algumas modificações: os vestidos estavam mais próximos do corpo, mostrando assim a silhueta; nas cabeças, a moda era o penteado com *cornettes*.

Ainda como exemplos de perigo naquela sociedade, afora as armadilhas da moda, o autor elenca a ida à missa, a participação em peregrinações e festas sem uma companhia, principalmente do pai ou de um irmão.

Christine também aborda o tema vestuário (*Trois vertus*, Livro II, capítulo 11 e Livro III, capítulos 1 a 3; *Cité des dames*, *coquetterie*, capítulos 62 a 65), mas há diferenças com relação a La Tour:

- Uma mulher escrevendo para outras mulheres.
- Uma mulher orientando, e não um pai aconselhando.

Apesar de ambos os autores se referirem à roupa como forma de distinção e prestígio e pregarem o cuidado com os excessos da moda, o texto de Christine é o de uma mulher que orienta outras mulheres, partindo de sua experiência enquanto mulher num mundo dominado por códigos determinados por homens. A preocupação maior da autora não é preparar jovens para o futuro casamento e a maternidade, mas sim prepará-

las para exercer um papel social, pelo qual seriam responsáveis por sua imagem apresentada.

Para fechar este percurso sobre a formação da mulher, ou seja, as transformações sociais ocorridas entre os séculos XII e XIV, faremos uso de uma citação de Daniel Poirion que exemplifica bem o quanto as mulheres conquistaram e transformaram o espaço físico e psicológico da baixa Idade Média:

Malgré cette présence plus sensible de la femme dans lês idées et la réalité sociales, la transfiguration courtoise continue de s'exercer, pour l'essentiel, comme au XIIIe siècle, ne donnant des circonstances de la vie amoureuse qu'une image épurée idéalisée. Mais la fin du Moyen Age, et particulièrement le Xve siècle français, doit à l'évolution des moeurs une certaine originalité: c'est moins le libertinage que la féminité qui semble devoir la caractériser. Cette féminité vient nuancer tous les aspects de la civilisation, depuis l'art architectural, avec ses dentelles de pierre finement ciselées, jusqu'à la mode des 'mignons' et des 'gorgias', avec leurs manches 'dechiquetées' et leurs poulaines rembourrées. Musique à fioritures, tapisseries fleuries, tournois enrubannés, semblent autant de faits confirmant le triomphe des goûts féminins sur la tradition virile des chevaliers du Nord. [...] La sentimentalité même se transforme, laissant s'installer une languissante mélancolie réservée jadis aux seules *chansons de femmes*. (POIRION, 1978, p. 132 e 133)

Pontos comuns entre os textos de Christine (*La Cité des dames* e *Les Trois vertus*) e *Le Mesnagier de Paris*

Antes de entrarmos no tema central deste trabalho, é interessante fazermos uma simples reflexão. Sabemos que a moda dos tratados de boas maneiras ou bons modos já se passou há mais de quinhentos anos. Porém, é notável imaginar que hoje, em pleno século XXI, e desde o final do século XX, os livros mais lidos são aqueles classificados como de ‘auto-ajuda’. Não estamos querendo comparar a qualidade de um conteúdo com o outro, mas pensar como ainda hoje as pessoas recorrem a fórmulas que lhes indiquem como ser feliz, o que fazer para ser aceita na sociedade, como ter satisfação em sua vida pessoal, financeira etc. Tenta-se vender um modelo de adaptação, de ajustamento, de transformação, ou seja, uma receita de bem viver com regras e normas de precedências que devem ser observadas dentro de um espaço público ou particular.

Podemos perceber que há algo em comum entre os antigos *exempla*, *specula* e os livros de auto-ajuda: pretendem transformar os leitores, para que estes se adaptem à sociedade e possam, assim, construir uma sociedade melhor. Resta saber para quem.

Entre os séculos XII e XV, os tratados de boas maneiras moralistas tiveram o seu auge, porque naquela sociedade os homens estavam mais ligados às tradições e as diferenças de classe eram marcadas por regras de polidez, pela linhagem, pelo poder e riqueza. Por isso, a cortesia era uma arte que exigia conhecimento e exercício social. Para que se desse a cada um o que lhe era devido, as prerrogativas eram de extrema importância: assim, não haveria mal-entendidos ou comprometimentos. O jogo de etiquetas era observado e rigorosamente seguido. Tudo era codificado: o número de reverência à distância, o cumprimento etc _ nada era espontâneo. Como exemplo desse código, temos o relato da visita da duquesa de Bourgone à rainha Marie d’Anjou:

‘Quant madite Dame vint a l’huis, elle print la queue de sa robbe en sa main, et l’osta a celle qui la portoit; et quant elle marcha dedans l’huis, elle la laissa trainer, et s’agenouilla bien près jusques a terre et puis marcha jusques au milieu de la chambre, la ou elle fit encore un pareil *honneur*, et puis recommença a marcher tousiours vers la Royne, laquelle estoit toute droicte. Et la trouva Madame la Duchesse ainsi auprez le chevet de son lict, et quant Madame la Duchesse recommença à faire le troisieme *honneur*, la Royne demarcha deux ou trois pas, et Madame se mit a genouil. La Royne luy mit une main sur l’espaulle et l’embrassa, et la baisa et la fit lever [...]

Quant maditte Dame fut levée, se ragenouilla bien bas; se mit a genouil devant la Dauphine (Marguerite d’Ecosse) qui lors estoit à quatre ou cinq pieds près la Royne.

Ensuite la Royne de Sicile (Yolande, mère de Marie d’Anjou), laquelle estoit a deux ou trois pieds pres de Madame la Dauphine, Madame la Duchesse alla la saluer. Et a ceste la, Madame ne fit plus d’*honneur* que l’autre lui en faisoit. Nulle d’elles deux rompit ses aiguillettes de force de s’agenouiller.’

Et l’exemple de Alienor de Poitiers, en *Mémoire sur les usages de la cour*:

‘Le dressoir, avait quatre degrés tout le long pour princesses, trois pour les duchesses et comtesses, deux pour les femmes de bannerets ou un *selon les lieux dont ils sont*. Autres femmes qui sont de quelque estat peuvent avoir le dressoir chargé de vaisselle, et leur lict et couchette de menu vair.’ (LAIGLE, 1912, p.144 e 250)

Esses exemplos, citados por Mathilde Laigle ilustram bem a importância dada aos códigos de etiqueta daquela época. Esse assunto foi longamente abordado pelos tratados de educação, que abrangiam o universo do saber viver (*savoir-vivre*) e portar-se em determinadas situações.

A princípio, esses tratados de comportamento eram voltados aos homens. Um dos primeiros, e que muito influenciou a Idade Média, foi o de Quintiliano, *Intitutio Oratoria*. Não podemos esquecer de Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, e Sêneca, com seus doze *Ensaio morais* e *Cartas morais*.

Depois os homens começam a escrever sobre e para as mulheres, voltam seu olhar para a conduta feminina, como elas deveriam se comportar em diversas situações de seu cotidiano. A maioria dos textos escritos por autores masculinos estava voltada para a questão da preservação da integridade feminina e se dirigia a elas classificando-as pelo preceito da castidade: virgens, viúvas e casadas.

A incapacidade da mulher e sua inferioridade eram temas recorrentes da Igreja, do Direito e da Literatura. Os juristas dos séculos XIV e XV reforçaram a autoridade

masculina herdada do Direito romano quanto à tutela do marido sobre a mulher. A mulher deveria ser protegida contra sua fraqueza, ou seja, deveria ser educada e mantida sempre sob a guarda de um homem, o pai ou o marido, e, na falta destes, um irmão ou um tutor.

Christine aproveitou-se desses textos, tomando-os como modelo, para fazer uma adaptação dessas obras, realizando assim uma emulação do gênero, mas com peculiaridades que lhe eram caras e características. A autora de *Cité des dames* e *Trois Vertus*, além de inovar enquanto autora que escreve sobre e para mulheres, também inova na classificação: o critério usado por ela tem por base as diferenças sociais.

Como já vimos, até essa época, só a educação voltada para os afazeres cotidianos e domésticos era destinada às mulheres. A educação prática, a mais comum e impingida às mulheres, opunha-se a uma educação literária. Todas as jovens nobres, burguesas ou do povo deveriam saber costurar, fiar, tecer, bordar e tricotar. Era a melhor maneira de manter ocupada a mente das jovens. Ao mesmo tempo, mantinha-se viva uma tradição oral, a das cantigas, dos contos, das anedotas⁵³. Tudo isso era passado, na maioria das vezes, por uma mulher mais velha.

Segundo a condição social, as meninas aprendiam, sob o olhar atento da mãe ou de uma senhora mais velha, a aia, a administrar uma casa, incluindo limpeza, e a gerir as rendas. Ricas ou pobres deveriam saber cozinhar e todo o ritual que cercava a mesa. Essa importância dada às estratégias domésticas é quesito apresentado por *Le Mesnagier de Paris*. Em seu Sumário podemos conferir: *La toilette; Prendre soin du mari et de la maison; Le jardinage; Les domestiques; prendre soin du vin; choisir un cheval; Traité de chasse à l'épervier; Généralités sur la cuisine. Menus généraux;*

⁵³ Michel ZINK, em seu livro *Littérature française du Moyen Age*, apresenta as *Chansons de femme*, canções de amor cantadas por mulheres, como uma forma primitiva do lirismo amoroso condenada pela Igreja. São divididas em três grupos: *chansons de toile, d'aube, les reverdies; chansons de malmariée e les pastourelles*.

Banquet de monseigneur de Langny; Noces de maître Hely e de *Hantecourt* e várias receitas.

Entre os motivos da escolha do livro anônimo, *Mesnagier*⁵⁴ de Paris, para cotejar com os textos de Christine, mencionamos:

- Os autores não pertenciam à classe da nobreza. Seus textos também eram destinados a pessoas de outras camadas, apesar de se inspirarem em *Espelhos de príncipes*.
- Os textos *Mesnagier* e *Trois vertus* oferecem conselhos e orientações práticas para o cotidiano de uma mulher que administrava sua casa.
- Esses mesmos textos apresentam um relato do cotidiano das mulheres que viveram entre o final do século XIV e o início do século XV.

O texto do *Mesnagier* provém de dois manuscritos: um está em Paris, na Biblioteca Nacional, e o outro em Bruxelas, na Biblioteca Real. Há ainda um terceiro manuscrito, cópia do primeiro, que se encontra também em Paris, na Biblioteca Nacional. Até onde sabemos, há quatro edições: a primeira a partir do terceiro manuscrito, que era de propriedade do barão Jérôme Pichon, antes de ser comprado pela Biblioteca Nacional, datada de 1847 e que foi organizada pelo próprio Pichon; a segunda é uma reedição de 1982 pela Slatkine Reprints; a terceira data de 1981, em Oxford, editada pela Clarendon Press, e foi organizada por Georgina Brereton e Janet Ferrier; a quarta é de 1994, pela Librairie Générale Française, coleção *Lettres Gothiques*, editada por Georgina Brereton e Janet Ferrier, com tradução e notas de Karin Ueltschi.

Como já foi dito no capítulo 1, essa obra é um guia de educação moral e religiosa e também um tratado de economia doméstica, escrito por um homem já de

⁵⁴ Ou *Ménagier*. *Ménage*: vem de *mesnage*, século XIII, que veio do francês antigo *maisnie*: família, do latim: *mansionaticum*, francês atual *maison*.

idade avançada para sua futura jovem esposa. A importância desse texto para os dias atuais está na imagem que apresenta do burguês parisiense e seus valores, além da riqueza do vocabulário e das receitas usadas nesse período, 1393.

As fontes usadas foram: São Jerônimo, Santo Agostinho, Gratien, Tito-Lívio, *La vie des Peres*, *Les sept sages de Rome*, *La légende dorée*, *Histoire de la Bible* de Pierre le Mangeur, *Catholicon*, *La somme le roi*, *Roman de la rose*, *Livre de chasse* de Gaston Phébus, *Livre du roi Modus et de la royne Ratio*, *Viandier* de Taillevent e *La fleur de toute cuysine* de Pidoulx.

O livro está dividido em três partes chamadas Distinção mais o Prólogo. Cada uma das Distinções é subdividida em capítulos chamados Artigos. A primeira possui nove Artigos, a segunda três e a terceira os Artigos dois, quatro e cinco. Acredita-se que o autor tenha morrido antes de terminar o texto, o que explicaria a obra inacabada.

Os temas comuns que escolhemos para cotejar foram:

Itens:	<i>Mesnagier</i>	<i>Cité des dames</i>	<i>Trois vertus</i>
Toalete	Distinção I, Artigo 1	Livro II, capítulo 62 e 63	Livro I, capítulo 11; Livro II, capítulo 11; Livro III, capítulo 1 e 3
Ensino moral e religioso	D. I, A. 3	L. I, cap. 27 e 28, 33-42; L. II, cap. 36 e 56	L. I, cap. 1 e 2, 15 e 16; L. II, cap. 9 e 13; L. III, cap. 4
Castidade	D. I, A. 4	L. II, cap. 37-46	L. I, cap. 10, 11 e 26
Vida conjugal	D. I, A. 5	L. II, cap. 14-24	L. I, cap. 13; L. III, cap. 8 e 12
<i>Grisélides</i>	D. I, A. 6	L. II, cap. 50	
Cuidar do marido e	D. I, A. 7	L. II, cap. 28 e 29	L. I, cap. 18

da casa			
Discrição	D. I, A. 8	L. II, cap. 25-28	L. I, cap. 27; L. II, cap. 6-8
Fidelidade	D. I, A. 9	L. I, cap. 13 L. II, cap. 54-60	L. III, cap. 1
Empregados	D. II, A.3	L. I, cap. 12 e 43; L. II, cap. 66	L. I, cap. 19; L. II, cap. 10

A partir dessa tabela, podemos verificar a frequência com que os temas se repetem nas obras e organizar esses itens em quatro grupos:

- Toalete, a importância da moderação no vestir-se.
- Ensinamentos morais e religiosos, abrangendo também a castidade e a discrição.
- Vida conjugal incluindo: castidade, cuidar do marido e da casa, discrição e fidelidade, cujo exemplo máximo é Grisélides.
- Administração dos empregados, que também implica o cuidar da casa.

Como podemos constatar, esses temas não são independentes, mas complementares, pois os assuntos se mesclam e se confundem. Essa tabela e essa organização que fizemos neste trabalho é uma das possibilidades, porém não é única.

Primeiro, a questão do vestir-se é apresentada nos três textos como algo que deve ser moderado. Melhor dizendo, deve-se ter cuidado com a escolha das roupas e acessórios, incluindo aí maquiagem, jóias e penteados, pois uma escolha inadequada pode causar problemas, daí a necessidade de ter atenção. Esse cuidado, essa atenção é clara nas palavras do autor do *Mesnagier*:

Gardez que vous soiez honnestement vestue sans induire nouvelles devises et sans trop ou peu de beuban. Et avant que vous partiez de vostre chambre ou hostel, ayez par avant avisé que le collet de vostre chemise, de vostre blanchet, ou de vostre coste ou seurtot ne saillent l'un sur l'autre; comme il est d'aucunes yvrongnes, foles, ou non sachans qui ne tiennent compte de leur honneur ne de l'onnesteté de leur estat ne de leurs maris, et vont les yeux ouvers,

la teste espoventablement levee comme un lion, leurs cheveux saillans hors de leurs coiffes, et les coletz de leurs chemises et coctes l'un sur l'autre; et marchent hommassement et se maintiennent laidement devant la gent sans en avoir honte. [...] et si n'en sont pas dignes quant elles ne scevent garder l'onnesteté de l'estat, non mie seulement d'elles, mais au moins de leurs mariz et de leur lignaige a qui elles font vergoigne. (*Mesnagier*, 1994, p. 42)

A descrição feita na citação acima de como a mulher deve cuidar-se ao levantar e ao sair de casa, ficar atenta ao seu vestuário e não encarar a vida, pois o andar com os olhos abertos e a cabeça alta pode parecer com o andar de homem e, portanto, sem graça, permite perceber como o autor visualiza sua jovem futura esposa como uma pessoa desprovida do mínimo de capacidade intelectual e o quanto ela deve assumir uma postura de submissão.

Christine considerava importante o uso adequado da roupa (já mencionado no capítulo 2) a partir da classificação social. Naquela época, como ainda hoje, a roupa é uma das possibilidades de distinção, uma marca. A autora cita o exemplo das mulheres de mercadores de varejo, que se vestiam e arrumavam suas casas como se fossem princesas.

A questão do vestuário esteve durante muito tempo associada a um elemento de distinção e tradição. A cada esfera social cabia usar determinado tipo de vestimenta, ornamentos, jóias etc. Os autores dos tratados de modos, inclusive Christine, eram unânimes em pregar o uso correto, de acordo com a prerrogativa social. O uso de fios de seda, ouro, prata e mesmo os desenhos nos tecidos era uma forma de divisa.

Outro ponto comum entre os autores, inclusive Christine, que abordam essa temática é a visão negativa dos caprichos da moda, por exemplo, o exagero, o uso ilimitado das novidades e paramentos bizarros. A roupa deveria obedecer a um tom moderado, que evitasse a exposição da mulher e mesmo do homem.

Os pontos comuns entre os textos de Christine e o *Mesnagier* restringem-se a esses dois itens: a roupa como categoria de distinção e os excessos da moda. Os textos da escritora apresentam outro nível de preocupação, qual seja, a mulher devia usar de

moderação na hora de escolher e usar suas roupas, melhor dizendo, devia ter bom senso. Christine acreditava que as mulheres seriam capazes de discernir, portanto não se fazia necessária uma descrição minuciosa do modo de agir, bastando aconselhar o bom senso.

Podemos citar outros autores que também reclamavam desses extremos da moda usado por mulheres e homens:

- Jean de Salisbury, em *Le Policratique: Folie est de autrui sotement regarder et vouloir estre regardé*;
- Philippe de Mézières, em *Le Songe du Vieil Pelerin: Quelques uns a cause de leurs cours habis se sont laissés mourir de froid. Et les autres par force d'estrainture ne peuvent digerer les viandes dont maladies viennent en place et sont multipliees* _ referindo-se aos homens;
- Eustache Deschamps, em uma balada: *Mais à poine congnoist on aujourduy qui est roy*;
- Gerson: *Si la robe traine deux piés par terre, et les manches sont larges a desmesure, et les poulaines de demy pyé, que pourfite tout cecy pour poursieuvre vigoureusement les ennemis?* (LAIGLE, 1912, p. 206-9)

Ao que tudo indica, a rainha Isabeau e sua corte foram responsáveis pelos modismos do século XV. A ânsia da rainha por novidades era conhecida. Em 1400, quando seu pai, Etienne de Bavière, visita a corte francesa, fica deslumbrado com o luxo e o esplendor das roupas dos nobres.

Porém, não eram só os nobres que faziam uso da moda:

[...] cette fureur de luxe qui soulevait toutes les classes et manait de confondre la *belle ordonnance des estats* ; les bourgeois s'aventuraient à porter velours et orfrois et la simple dame du Gâtinais se commandait chez un taillandier de Paris une cotte-hardie, où il fallait 'cinq aulnes a la mesure de Paris de drap de Bruxelles de la grant moison, et traine bien par terre trois quartiers de queue; et aux manches a bombardes, qui vont jusques aux piés! Mais Dieu scet se selon cest habit convient hault atour et haultes cornes ! qui est en verité un tres lait habillement et qui messiet'.

'Mais ce fait tout l'abondance de grant orgueil qui regne au jour duy sans faille plus que oncques mais, car a nul ne souffist son estat, ains vouldroit chascun sembler un roy'. (LAIGLE, 1912, p. 208-9)

A moda e seus excessos estavam presentes no cotidiano daqueles que podiam pagar por isso: *vestu d'un habit de couleur escarlate tout brodé d'or et de pierreries*, independente de ser nobre ou não.

Segundo tema: ensinamento moral e religioso. Tanto Christine quanto o texto do *Mesnagier* apresentam como primeiro e principal ensinamento do qual todos os outros derivam: o amor a Deus. No Artigo 3, da Distinção I, o autor faz uma longa explicação do ritual da missa e sua significação, da confissão e suas condições, dos vícios e suas decorrências, dos pecados e das virtudes, que são antídotos para não sucumbir. Os pecados apresentados são os pecados capitais e seus respectivos antídotos são:

- Orgulho – Humildade;
- Inveja – Amizade;
- Cólera – Benevolência;
- Preguiça - Diligência;
- Avareza – Generosidade;
- Gula - Moderação;
- Luxúria - Castidade.

O ensino proposto pelo *Mesnagier* tinha uma função definida: educar a partir da moral estabelecida pela Igreja. Esta educação não objetivava um preparo da mulher para além de sua função biológica de esposa. Essa parte do texto é composta de exemplos de como evitar os pecados e como fazer para seguir os passos dos antídotos.

Acreditamos que a maior diferença entre o *Mesnagier* e os textos de Christine, no tocante ao tema educação, esteja exatamente no próprio modo como os autores concebiam o conceito de educação. Mesmo seguindo a maior parte das prerrogativas da época, a autora acredita na educação como possibilidade de diminuir as diferenças estabelecidas pela sociedade entre os homens e as mulheres. Ela prega uma educação

intelectual, não só moral, para as mulheres. Em *Cité des dames*, apresenta exemplos de mulheres sábias, mulheres que se destacaram porque tiveram a chance de estudar, mulheres que exerceram importantes papéis na política, e pais que, como o dela, apoiaram a educação da filha, não ficando receosos de que isso comprometeria a honra de suas filhas. Já em *Trois vertus*, a autora retoma a questão do direito de acesso à educação e acrescenta que esse direito independe da classe social (Livro I, capítulo I) e, mais, a importância das mulheres conhecerem as leis, a política, para assim poderem governar na ausência do marido; de saberem falar com firmeza, sem as inseguranças e infantilizes atribuídas e esperadas das mulheres. Como consequência deste item, a autora aconselha suas leitoras a se munirem de *courage* e *cuer d'homme*, ou seja, para a mulher ter o seu espaço respeitado, naquela época, ela deveria seguir as estratégias estabelecidas pelos homens, para elas, assim como ela própria fez ao reivindicar a estatura de escritora⁵⁵.

No final da Idade Média, como ainda hoje, imperava a idéia socrática de que a ignorância conduz o homem ao erro, e o conhecimento poderia tirá-lo das trevas. Disso resulta que o saber eleva o caráter. Por isso, Christine pensava principalmente nos conhecimentos práticos do dia-a-dia das mulheres que governavam suas terras, como administrar, gerir e governar o castelo na ausência do marido. Para exercer esse cargo, elas deveriam ser preparadas durante sua juventude.

Terceiro tema, a vida conjugal, no qual incluímos: castidade, cuidar do marido e da casa, discrição e fidelidade, cujo exemplo máximo é Grisèlides.

Em *Mesnagier*, o autor apresenta os motivos e a importância de guardar a castidade, a partir de vários exemplos. Alguns deles aparecem em *Cité des dames*, como de Lucrèce, por exemplo. O autor compara o amor que a mulher deve ter pelo marido a

⁵⁵ Os exemplos aqui apenas citados já foram apresentados no capítulo 2.

fidelidade de um cão, ou outro animal selvagem, por seu dono; para ilustrar o exemplo de amor conjugal, conta a história de Grisélides, que também aparece em *Cité des dames*, na qual a mulher deve mostrar-se capaz de uma obediência absoluta, fazer de tudo para agradar ao marido e, em caso de sofrimento, a sábia esposa deve chorar no quarto:

Par lesquelles exemples vous veez que lês oiseaulx du ciel et les bestes privees et sauvages, et mesmes les bestes ravissables, ont ce sens de parfaictement amer et estre privees de leurs patrons et bien faisans, et estranges des autres. Doncques par meilleur et plus forte raison les femmes a qui Dieu a donné sens naturel et soin raisonnable, doivent avoir a leurs mariz parfaicte et solemnelle amour. (p. 182 e 184);

[...] la femme prendra de luy a son retour, aux aises, aux joyes et aux plaisirs qu'elle luy fera, ou fera faire devant elle: d'estre deschaux a bon feu, d'estre lavé les piez, avoir chausses et soulevez fraiz, bien peu, bien abeuvré, bien servy, bien seignoury, bien couché en blans draps et cueuvrechiez blans, bien couvert de bonnes fourrures, et assouvy d'autres joyes et esbatemens, privetez, amours et secretz dont je me taiz. Et l'endemain robes-linges et vestemens nouveaulx. (p. 294 e 296);

Et soyez bon secretaire et ayez tousjours souvenance de garder les secretz de vostre mary. (p. 310);

[...] gardez que vous ne vous en plaingniez a vos amis ne autre, dont il se puist apparcevoir; car il en tendroit moins de bien de vous, et luy en souvendroit autresfoiz. Maiz alez en vostre chambre plourer bellement et coyement a basse voix, et vous en plaingniez a Dieu. Et ainsi le font les sages dames. (1994, p. 324)

A obediência das mulheres a seus maridos era pregada por vários autores:

- Geoffroy: *le seigneur de son droit doit avoir sur la femme le haut parler, soit tort soit droit, et especialment en son gré devant les gent, e mais, Femme doit souffrir courtoisement le courroux de son seigneur. Humblesce doit premierement venir d'elle* (LAIGLE, 1912, 237-8);
- Apóstolo São Paulo: “Portanto, a mulher deve ter sobre a cabeça sinal de poderio” (...) ⁵⁶ E mais tarde aos Efésios: “Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor; Porque o marido é a cabeça da mulher” [...] ⁵⁷.

O autor de *Le Mesnagier*, para ilustrar a importância da obediência pela mulher, conta a história de Grisélides e menciona no texto vários exemplos em que se destaca a

⁵⁶ Epístola aos Coríntios, 11: 10.

⁵⁷ Epístola aos Efésios, 5: 22 e 23. São Paulo volta ao tema Deveres domésticos, repetindo a idéia de sujeição da mulher ao marido, na Epístola aos Colossenses, 3: 18.

necessidade da total submissão da esposa. Chega a ponto da depreciação psicológica: a prudente, boa e amorosa senhora deve ser paciente, sofrer, submeter-se a todas as vontades de seu marido, mesmo as menores, e sem protestar, calar-se e esconder-se; só assim a maldita será amada e evitará a fogueira:

Le VIe. article de la premiere distinction dit que vous soiez humble et obeissant a cellui qui sera vostre mary, [...] que vous soiez obeissant: qui est entendu a lui et a ses commandemens quelz qu'ilz soient [...] (186);

A ce propos de desobeissance et dont il vient bien a la femme qui est obeissant a son mary [...] (190);

[...] non mie pour mouvoir les bonnes dames a avoir pacience es tribulacions que leur font leurs mariz pour l'amour d'iceulx mariz tant seulement. Mais fut translatee pour monstrar que puis que ainsi est que Dieu, l'Eglise et raison veuillent qu'elles soient obeissans et que leurs mariz veuillent qu'elles aient tant a souffrir, et que pour pis eschever il leur est necessité de eulx soubzmectre du tout a la voulenté de leurs mariz et endurer paciemment ce que leurs mariz veuillent, et que encores et neantmoins icelles bonnes dames les doivent celer et taire [...] (230);

Ainsi, chiere suer, comme j'ay dit devant que vous devez estre obeissant a cellui qui sera vostre mary, et que par bonne obeissance une preudefemme acquiert l'amour de son mary [...] (232 e 234);

Et par inobedience et orgueil grant mal et mauvaise conclusion vient, comme il est dit dessus de celle qui fut arse; et comment on lit en la Bible de Eve, par la desobeissance et orgueil de laquelle elle, et toutes celles qui aprez elle sont venues et vendront, furent et ont esté par la bouche de Dieu maudictes. (Le Mesnagier de Paris, 1994, p. 236 e 238)

Antes de falarmos do exemplo de Christine, vale a pena pensar no ponto comum entre obedecer e humilhar-se. Esses dois verbos possuem, entre seus sinônimos, outros dois verbos que lhes servem de pontos de intersecção: submeter-se e sujeitar-se. No texto citado de Goffroy aparece *humblesce* (humilhar-se); São Paulo fala em sujeitar-se e *Le Mesnagier* recomenda *humble* e *obeissant* (humilde e obediente). É possível observar que, por trás do tema obediência, estão presentes os conceitos de sujeitar-se, humilhar-se e submeter-se à vontade do marido.

Christine apresenta essa idéia da obediência no capítulo XIII do Livro I de *Trois Vertus*. Começa a escrever sobre os sete ensinamentos de Prudência. O primeiro deles aborda a convivência da princesa com seu marido. Apesar de ser dirigida às princesas, no texto a autora recomenda esse primeiro preceito a todas as mulheres:

[...] si nous plaist encores aviser pour leur enortement sept principaulx enseignemens lesquelz, selon Prudence, leur affierent et sont necessaires a celles qui desirent sagement vivre et honneur veuillent avoir. Si prions et enjoignons a elles, et semblablement a toutes femmes grandes, moyennes et petites a qui ce pourra appartenir, [...] Le premier de ces vii poins et rigles que nous enseignons est que toute dame qui aime honneur, et semblablement toute femme estant

en ordre de mariage, il apertient que elle aime son mary et vive en paix avec lui, [...] c'est assavoir se rendra humble vers lui en fait, en reverence et en parole, l'obeira sans murmuracion et gardera sa paix a son pouoir soingneusement, [...] (PIZAN, 1989, p. 52-3)

Como era regra entre os autores daquela época o ensino da obediência, da submissão ao marido, Christine também propõe a humildade e a obediência como o primeiro mandamento da Prudência. Porém, a autora coloca esse aprendizado como um ato de sabedoria, pois assim a mulher poderia evitar a contenda em sua casa. Além do que a paz era algo a ser perseguido tanto dentro de casa como no reino. Novamente, a idéia de dissimulação, agora no âmbito do privado.

Também pode ser que Christine, nesse caso, pensasse ou se inspirasse na Moral Estóica, Moral da Resignação. A autora era leitora de Sêneca, logo é possível imaginar que nessa situação, vida em comum, ela pregasse a obediência como um mal menor, para, assim, evitar as disputas entre o casal, o que poderia ocasionar penas terríveis às mulheres. É significativo o fato de Christine recomendar a submissão ao marido, pois a permissão para bater na esposa era algo comum, como constatamos nos exemplos a seguir:

Beaumanoir, em *Coustumes de Beauvoisis*, reproduz os Registros da Polícia:

En plusieurs cas peuvent les hommes estre escusés des griefs 'qu'ils font à leur femmes ; si ne s'en doit la justice entremettre, *car il loit bien a l'homme de battre sa femme sans mort et sans mehaing* quant elle meffait, si comme quant elle est en voie de folie de son corps ou quant elle dement son mari, ou maudit, ou quant elle ne veut obeïr a ses raisonnables commandemens que preude femme doit faire: en tous cas et en semblables est il bien mestier que le mari chastie sa femme raisonnablement.

Jean le Bouteillier, em *Somme Rurale*, de 1392, afirma:

[...] se peut faire divorce quant le mary s'atourne de telle voulenté que acoustumer a battre et a navrer sa femme, car ne ce peut ne doit attendre ne souffrir la femme *s'il ne lui plaist*, mais ceste divorce ne se fait que du lit. Car ensemble peuvent remettre si tost qu'il leur plaist; (LAIGLE, 1912, p. 242-3)

Geoffroy de la Tour-Landry: *il fut grié, haulça le poing et l'abbati a terre, et oultre, la fery du pied au visaige, et lui rompit le nez* (LAIGLE, 1912, p. 243).

Por esses exemplos, pode-se entender a posição de uma autora como Christine em recomendar às mulheres uma sujeição estóica. Para elas, em vários casos, tratava-se de uma questão de sobrevivência, pois as leis não lhes davam nenhuma garantia. Em obras como *Lettre au dieu d'amours*, *Dit de la rose*, *Mutation*, *Enseignements de Christine à son fils* e *Cité des dames*, Christine deixa clara sua preocupação com a defesa das mulheres, por exemplo:

Ne croy pas toutes les diffames
 Qu'aucun livres dient de femmes
 Car il est maint femme bonne,
 L'experience le te donne.
 Selon ton pouvoir, vestz ta femme
 Honnestement, et si soit dame
 De l'ostel après toy, non serve.
 Fay que ta maignée la serve.
 Fais toy craindre a ta femme a point
 Mais gard bien ne la batre point,
 Car la bonne en aroit despis
 Et la mauvaise en vouldroit pis. (*Enseignements de Christine à son fils*, In PINET, 1927, p. 428 e 429)

E na *Cité*:

Mais ancore vous pry que dire me veuillez et certiffier se c'est vraye chose ce que ces hommes dient, et tant de aucteurs le tesmoignent, dont je suis en trop grant pensee, que la vie de l'ordre de mariage soit aux hommes plaine et avironnee de si grant tempeste par la coulp et impetuosité des femmes et de leur rancuneuse moleste, comme il est escript en mains livres ? Et assez de gens le tesmoignent que elles si pou aiment leurs maris et leur compaignie que riens tant ne leur anuye, par quoy, pour obvier et eschever ces inconveniens, plusieurs ont conseillé aux sages que ilz ne se marient, certiffiant que nulles ou pou d'elles soient loyales a leur partie. Et mesmement Valere a Ruffin en escript, et Theofrastus en son livre dit que nul sage ne doit prendre femme, car trop a en femme de cures, pou d'amour et foison gengleries, et que se l'omme le fait pour estre mieulx servi et gardé en ses maladies que trop mieulx et plus loyaument le servira et gardera un loyal serviteur et ne lui coustera pas tant, et que se la femme est malade, le mari est alengouré et ne s'osera bouger d'empres elle. Et assez de tieulx choses dit qui trop longues seroient a reciter, dont je dy, chere Dame, que se cestes choses sont vrayes, tant sont ces deffaulx vilains que toutes autres graces et vertus que avoir pourroient en sont anienties et estaintes [...]

Je t'en croy, et a dire que les maris soient tant adoulez pour les maladies de leurs femmes, je te pry, m'amie, ou sont ilz? Sanz que plus je t'en die, tu peus bien savoir que ces babuises dites et escriptes contre les femmes furent et sont choses trouvees et dites a volenté et contre verité, car les hommes sont maistres sur leurs femmes et non mie les femmes sur leur maris maistresses, si ne leur souffreroient jamais tele auctorité. Mais je te promes que tous les mariages ne sont mie maintenus en tieulx contens, car il en est qui vivent en grant paysibleté, amour et loyauté ensemble, par ce que les parties sont bonnes, discrettes et raisonnables. (PIZAN, 2004, p. 252-254)

É importante notar a diferença entre os textos produzidos por autores masculinos, como *Le Mesnagier*, tanto no que se refere ao tratamento dado às mulheres

como à temática. Em *Trois Vertus*, Christine aborda o cotidiano das mulheres, desde as mais abastadas até as mais simples, indicando quais seriam suas obrigações desde o levantar até o dormir; trata da questão da importância de receber os convidados, de saber portar-se de acordo com a sua prerrogativa social etc. Porém, a autora não é prolixa ao explicar os afazeres nos mínimos detalhes. Ela fala a alguém que tenha algum conhecimento ou que seja provida de inteligência.

Já, quando lemos textos masculinos, a abordagem é muito mais detalhada, como se tivessem sido escrito para alguém débil. É de imaginar que uma mulher com acesso a livros, independente do tema, já tivesse o mínimo de conhecimento para entender um livro de exemplos. Talvez a idéia ainda presente por trás dos textos masculinos fosse a da necessidade de ter a mulher sob tutela, pois ela era considerada alguém com pouca inteligência, necessitando ser guiada.

Seguem alguns exemplos de manuais masculinos com receitas e sobre como organizar um jantar:

Grand d'Aussy, em *Histoire de la vie privée de français*: les dressoirs n'étoient qu'une table qu'on couvrait d'une étoffe précieuse, mais que ces tables étaient taillées en gradins afin que l'hôte pût faire ostentation de sa vaisselle. Chez les souverains qui affectaient beaucoup de magnificence, il y en avait trois, l'un pour l'argenterie, l'autre, pour la vaisselle dorée et le troisième pour la vaisselle d'or. (LAIGLE, 1912, p. 250)

Taillevent, em *Le viandier*: Par une chaude journée de juillet, on lui aurait peut-être servi un potage verd, fait de jeunes orties, de porpier et d'eschaloignes d'Etampes ; une galimafrée, liée à la sauce cameline, suivie d'un plat d'asperges *croquantes*, à moins que ce ne soit 1 jour du *rost d'aigneau* qu'on aurait mangé avec une sauce à la menthe. Comme salade, un beau plat de romaine à la pimprenelle, ou de bourrache, généreusement assaisonné de verjus et de sucre, et parsemé, pour plaire à l'oeil, de pétales de lis ou de buglose. Au dessert, apparaîtront les poires cuites, fleurant la cannelle et l'eau de rose ; une tourte aux damas de Tours, tentante sous sa croûte dorée et laissant écharpper son pénétrant arôme de muscade. Et enfin, pour parfumer la bouche et fortifier l'estomac, on offrira les *espices*;

Un beau jour de printemps, le menu pourra se composer d'un potage aux oeufs au lait d'amandes, d'un chapon, farci de viandes hachées et de *roisins*, le tout relevé d'un brin de sauge et de thym, et servi avec une sauce *jance* fumante; d'un plat de tendres porreaux cuits sous la cendre, salés à point et glacés de miel ambré; d'une salade de mauves ou de cresson alénois piquée de *ne m'oublies* mie ou de *feuilles d'aiglantine*; au dessert, des *flanciaux* sucrés ou du *lait lardé*, bien aromatisés d'eau de rose qu'on prendra avec des oublies sortant *des fers*; puis, des fruits confits, ou un plat de fraises nouvelles au sucre et au vin épicé.

S'il fait froid, la ménagère préparera un bon potage jaune, aux fèves ou à la citrouille, où le safran ne sera point épargné; de bonnes viandes nourrissantes, telles qu'un cuissot de venaison, ou un substantiel pâté de lièvre où toutes les épices, tous les condiments viendront marier leurs saveurs et leurs parfums, et qu'on mangera tout chaud avec des confitures. Un

mets d'oignons cuits au vin doux y fera suite et, pour tempérer l'effet de ces plats de *hault goul*, on achèvera le repas par ue *alumelle* frite au sucre ou une *fromentee* bien veloutée. Et si le temps est *fort et aspre*, ce cher mari ne quittera pas son hostel sans avoir pris une soupe un vin chaud, saisissant d'abord l'odorat par son plaisant fumet de citron, de cannelle, de clous de girofle et de feuille de laurier.

En temps de carême, aux jours maigres, on se contentera d'une table plus frugale; le poisson sera substitué à la *chair*, les laitages aux mets épicés et la *crème chauffée* ou le lard de baleine prendront dans les légumes la place du salé ou du beurre interdits. (LAIGLE, 1912, p. 251-253)

Último tema: administração da casa e dos empregados. Além da educação, o tema de gerir a casa é outro em que se percebe a diferença de gênero dos autores. Como já foi dito, a linguagem é um diferencial. Nos textos de Christine, abordam-se questões do cotidiano, mas sem explicar-se o beabá das receitas, os pormenores:

Et sera la dicte princepce tant craintte et redoubtee par le sage gouvernement que on lui verra tenir, que nul ne nulle n'osera aucunement desobeir a sés commandemens ne lever l'ueil senestrement ne mal a ce point; car n'est nulle doubtte que une dame est plus craintte et plus redoubtee, et l'a on en plus grant reverence, quant on la voit sage et de pesans meurs et honeste – posons qu'elle soit benigne et doulce – que ne seroit la fole malcondicionnee qui seroit male et diverse, car le seul regart de la sage et la chiere attrempee est assez souffisant signe pour corriger ceulx, et celles qui mesprennent a | les faire craindre. (PIZAN, 1989, p. 74)

Outro ponto de divergência é a postura que a senhora da casa deveria ter: de comando, principalmente na ausência do marido⁵⁸, daí a necessidade de educar a mulher para exercer seu papel social. Junto com o conceito de administrar a casa, a escritora também pregava que as mulheres cuidassem das finanças, economizassem e fizessem render os ganhos da família. Quando Christine diz às mulheres que devem dividir seu ganho em cinco partes e cumprir suas obrigações, não esbanjar, poupar, ou mesmo quando aconselha às mulheres de camponeses gerir sua propriedade, ela é menos detalhista quanto ao trabalho a ser feito, comparada a um autor masculino, e mais incisiva no tocante ao desempenho da mulher⁵⁹.

Quanto ao texto *Mesnagier*, na Distinção II, Artigo 3, *article qui doit parler de choisir varlectz, aides et chamberieres*, o autor inicia dizendo que a mulher deveria

⁵⁸ Christine escreve numa época de guerra. Os homens passavam muito tempo fora de casa e alguns não chegavam a voltar, por isso ela se preocupa com as viúvas, em aconselhá-las.

⁵⁹ Esses exemplos também já foram mencionados no capítulo 2.

aprender sobre o tema escolha de servidores, para o caso de querer tornar-se uma *maîtresse de maison* ou para aconselhar alguma amiga. Partindo disso, ele elenca as categorias de servidores, o que fazer para contratá-los, como proceder na escolha; entre as atividades da senhora da casa, além de distribuir as tarefas adequadas a cada servidor, cabia ensinar ao *maître d'hôtel* como capturar um lobo; a cuidar do vinho; e o próprio autor fala diretamente ao *maître d'hôtel*, aconselhando-o no trato dos cavalos: *Or veuil je en cest endroit vous laisser reposer ou jouer et non plus parler a vous; vous esbaterez ailleurs. Je parleray a maistre Jehan* (p. 460). Como se trata de um texto voltado para a burguesia, a mulher casada deveria cuidar da casa, mas sem ter de realizar as atividades domésticas. Ela deveria comandar seus empregados, orientar suas atividades, e mesmo assim seria assistida por um *maître d'hôtel* e uma governanta ou dama de companhia:

Apres, chere seur, sachiez que sur elles, apres vostre mary, vous devez estre maistresse de l'ostel, commandeur, visiteur, et gouverneur et souverain administreur; et a vous appartient de les tenir en vostre subjection et obeissance, les endoctriner, corriger et chastier. Et pour ce deffendez leur a faire excez ne gloutonnie de vie, tellement qu'elles en vaillent pis. (p.440)

[...] vous [...] devez diviser et crier, et commander l'une besongne a l'un, et l'autre besongne a l'autre. (p. 442)

Ainsi vous et la beguine embesongnez les unes de voz gens aux choses et besongnes qui leur sont propres. (p. 446)

[...] vous et la beguine, en temps convenable par vos femmes essorer, esventer et reviseter vos draps, couvertures, robes et fourrures, pennes et autres telles choses. Surquoy sachiez et dictes a voz femmes que pour conserver et garder voz pennes et draps, il les convient essorer souvent pour eschever les dommages que les vers y peuvent faire. Et pour ce que telle vermine se congree par remolissement du temps d'amptone et de yver, et naissent sur l'esté, en iceulx temps convient les pennes et les draps mectre a bon souleil et beau temps et sec; et se il seurvient une nue noire et moicte qui s'assise sur vos robes, et en tel estat vous les ployez, cest air envelopé et ployé dedans vos robes couvera et engendrera pire vermine que devant. (p. 448)

Toutesvoyes, belle seur, aux heures pertinentes faictes les seoir a la table, et les faictes repaistre d'une espece de viandes largement et seulement, et non pas de plusieurs delitables ou delicatives; et leur ordonnez ung seul beuvrage norissant et non entestant, soit vin ou autre, et non de plusieurs; et les admonnestés de menger fort et boire bien et largement; car c'est raison qu'ilz mengussent d'une tire, sans seoir a oultrage, et a une alaine, sans reposer sur leur viande ou arrester ou acouster sur la table. Et sitost qu'ilz commenceront a compter des comptes ou des raisons, ou a eulx reposer sur leurs coustes, commandez la beguine que on les face lever et oster leur table. (p. 456)

Pelos exemplos, podemos constatar que o autor trata sua esposa como uma pessoa completamente desprovida das mínimas noções de organização de uma casa e

até mesmo de como tratar as pessoas. O autor termina o texto indicando o modo de reconhecer, escolher e preparar os alimentos, com receitas que vão desde o trivial até a preparação de um banquete, passando pela recepção e organização de um evento importante.

Outros exemplos dessa imagem de menosprezo e infantilidade que pairava sobre a mulher:

Eustache Deschamps (*Miroir de Mariage*):

J'ay le soing de tout gouverner;
 Je ne sçay pas mon piet tourner
 Qu'en vint lieux ne faille respondre.
 L'un me dit: 'Les brebis faut tondre';
 L'autre dit: 'Les aigneaulx sevrer'.
 L'autre: 'Il faut es vignes ouvrer';
 L'autre s'en va a la charrue;
 L'autre dit: 'Getter fault en rue
 Les vaches après le vachier';
 L'autre dit: 'Il faut escorchier
 Un buef qui s'est laissé mourrir';
 L'autre dit: 'Il faut recouvrir
 Es estables et sur la grange'

 De l'argent faut pour le bergier,
 Du blef pour porter au moulin;
 Or faut pourveance de vin,
 De l'uille, des feves, des poys;
 Or faut du lin et de la chanvre
 Et un cuir qui ne soit pas tanve
 Pour solers et pour estivaux [...] (LAIGLE, 1912, p.

312-3)

Columelle (*De Re Rustica*): '[...] affiert a estre tres bonne maisnagiere; qu'elle se congnoisse de labour; en quel temps et en quelle saison on doit donner as terres les façons; de quel maninere est le meilleur que les sillons aillent selon l'assiette du gheret, s'il est en pays secq ou moiste, et de la parfondeur.'

Elle doit savoir quand il faut semer à point et quel grain la terre *desire*; quelles cultures conviennent en terres grasses ou moistes; [...] 'Peu se vendent,' mais si elle est sage, 'des beufs en engraissera dont fera grand argent quant seront gras.' (LAIGLE, 1912, p. 313-4)

Hierarquia das virtudes e dos vícios apresentados por Christine e Le Mesnagier de Paris

A concepção de pecado, na Idade Média, era uma fixação para os homens e as mulheres. Tudo girava em torno da noção de pecado: a educação, as relações sociais, a construção dos espaços físicos, o conhecimento, a idéia de trabalho, enfim, todo o universo que fazia parte da vida do homem medieval. Essa vida que começa a partir do ato do pecado original é purificada com o batismo, passa pela confissão, pelo casamento e termina com a extrema-unção, morte física, limite máximo da vida, pois a partir desse momento, dependendo dos pecados cometidos, essa vida será salva ou se perderá para sempre. Além disso, o pecado também está na origem de uma série de práticas cotidianas: oração, jejum, penitência e peregrinação, que objetivavam estabelecer um elo de ligação entre o homem e o divino.

Portanto, a idéia de pecado está presente “nas falas dos pregadores, nas páginas dos livros, nas imagens pintadas e esculpidas” (LE GOFF & SCHMITT, *Dicionário temático do ocidente medieval*), enfim, faz parte do imaginário coletivo e da base da educação medieval, toda ela centrada na perspectiva dos ensinamentos morais e religiosos, ou seja, o que fazer para alcançar o reino dos céus, ou melhor, o que não fazer. Daí, nos tratados de educação, a preocupação com o cerceamento do comportamento tanto de homens como de mulheres, o que fazer para elevar a alma por meio das virtudes, evitando assim os seus contrários, os vícios ou pecados.

Os guias de educação, a fim de facilitar a compreensão para seus leitores, traziam uma classificação dos pecados. Essa classificação advém do processo de reflexão sobre o ato de pecar, uma tentativa de organizar, de conhecer melhor, para

assim determinar sua natureza, gravidade e reconhecê-lo como se apresenta na experiência cotidiana. Assim, é a partir dessa dupla necessidade intelectual (reflexão) e prática (experiência cotidiana) que os teóricos medievais construíram um vasto material de análise baseado na hierarquia dos pecados. Esse material constituía-se principalmente de manuais de confissão e tratados sobre os vícios e virtudes. Desde que o sacramento da confissão foi imposto pelo Concílio de Latrão, em 1215, institui-se toda uma cultura em torno dela, a obrigação da confissão oral de um erro, a prática da penitência, o ato do confessor em convencer o penitente da necessidade e das benesses da prática de confessar. Toda essa atividade irá exigir do padre repertório e conhecimento que possam ser usados como técnica de persuasão. Devido a essa exigência, havia crescido a demanda por *exempla* a partir do século XIII. Essa literatura era farta em exemplos que serviam de modelo, na maioria positivos, que ilustravam as ações cotidianas.

A classificação dos pecados capitais, como conhecemos ainda hoje, foi aperfeiçoada por Cassino no século V e depois readaptada por Gregório Magno no século seguinte, que prevê oito pecados principais organizados hierarquicamente; o orgulho exerce a função de comandante supremo, princípio de todos os males, seguido dos outros sete vícios (vaidade, inveja, cólera, preguiça, avareza, gula e luxúria). A passagem do número oito para o sete, setenário, acontece a partir da assimilação progressiva da vaidade pela soberba, ao lado das sete virtudes, já consagradas (prudência, justiça, força, temperança, fé, esperança e caridade), e também devido à técnica mnemônica: *saligia* ou *siiiaagl* (soberba, avareza, luxúria, inveja, gula, ira, *acedie* - preguiça), além do número sete simbolizar a perfeição.

No texto *Mesnagier*, é apresentada essa mesma classificação dos pecados. O autor escreve à sua mulher primeiro sobre as necessidades e proveitos da confissão,

remédios e conselhos para todos os pecados; depois, apresenta a lista dos pecados mortais e os remédios apropriados para cada um deles e ensina como se deve proceder no ato da confissão:

Orgueil est la racine et commencement de tous autres pechiez. Le pechié d'orgueil a .v. branches. C'estassavoir: inobedience, jactence, ypocrisie, discorde, et singularité. [...] (70)

Et le pecheur ou pecheresse doit commencer sa confession en ceste maniere: Sire, qui estes vicaire et lieutenant de Dieu, je me confesse a Dieu le tout puissant et a la benoite Vierge Marie et a tous les sains de Paradis et a vous, chier pere, de tous mes pechiez lesquels j'ay faiz en moult de manieres.

Premierement d'orgueil. J'ay esté orgueilleux ou orgueilleuse et ay eu vaine gloire de ma beauté, de ma force, de ma louenge, de mon excellent aournement et de l'abilté de mes membres; [...] (76)

Apres s'ensuit le pechié d'envie, le quel descent d'orgueil. En envie a .v. branches, c'estassavoir: hayne, machination, murmuracion, detraction, et estre lye du mal d'autrui et courroucié du bien. [...] (84)

Apres envie vient le pechié d'ire, qui descent d'envie. Ou pechié d'ire a .v. branches, c'estassavoir hayne, contencion, presumption, indignacion et juracion. [...] (86)

Le pechié de paresce a six branches. La preniere branche si est negligence, l'autre rancune, l'autre charnalité, l'autre vanité en cuer, l'autre desesperacion, et l'autre si est presumption. [...] (90)

Avarice a sept branches: la premiere si est larrecin, la seconde rapine, la .iiie. fraude, la .iiiiie. decepcion, la .ve. usure, la .vie. hazart et la .viie. symonnie. [...] (100)

Apres le pechié d'avarice vient le pechié de gloutonnie, qui est parti en deux manieres: l'une est quant l'en prent des viandes trop habondamment, et l'autre de parler trop goulardeusement et oultrageusement. [...] (104)

Apres est le pechié de luxure, qui est né de gloutonnie. Car quant la meschant personne a bien beu et mengié, et plus qu'elle ne doit, les membres qui sont voisins et prez du ventre sont esmeuz a ce pechié et eschaufez. Et puis viennent desordonnees pensees et cogitacions mauvaises, et puis du pensé vient on au fait. [...] (108)

Humilité est contre orgueil. [...] (114)

Amitié est contre le pechié d'envie. [...] (116)

Debonnaireté est contre ire. [...] (118)

Prouesse, qui vault autant comme diligence, est une sainte vertu contre le pechié de accide et de paresce. [...]

Misericorde ou charité est contre avarice. [...] (120)

Sobrieté est contre gloutonnie. [...] (124)

Chasteté est contre luxure; [...] (1994, p. 126).

A diferença do texto *Mesnagier* está na apresentação das sete virtudes.

Geralmente, os sete pecados eram rebatidos com as sete virtudes, que eram formadas pelas três virtudes teológicas (fé, esperança e caridade) e pelas quatro virtudes da tradição clássica, cardeais (prudência, justiça, fortaleza e temperança). Mas, no *Mesnagier*, o autor rechaça os sete pecados com outras virtudes (humildade, amizade, benevolência, diligência, generosidade, sobriedade e castidade), virtudes essas que, nos

exemplos de pecados apresentados pelo autor, serviriam melhor como remédios para sanar os males que afligem tanto homens como mulheres.

Em *Cité des dames*, Christine de Pizan enumera no Livro II os seguintes vícios: indiscrição, inconstância, coquetismo e avareza; já em *Trois vertus*, os vícios apresentados são: soberba (nos três Livros), inveja (duas vezes no Livro II) e maledicência (Livros II e III, três vezes neste último). Como podemos ver, a autora escreve sobre três pecados capitais (soberba, inveja e avareza) e seus decorrentes (maledicência, indiscrição, inconstância e coquetismo). Esses são os pecados e os vícios que, segundo ela, eram os mais comuns às mulheres do fim da Idade Média. Assim como no *Mesnagier*, a escritora também apresenta os remédios necessários para curar os males. A diferença é que, em seus textos, ela apresenta exemplos concretos, principalmente voltados para as mulheres.

Quanto às virtudes, no texto de *Trois vertus* a autora apresenta sete: obediência, humildade, temperança, paciência, diligência, castidade e benevolência. A obediência era para Christine a principal virtude, a Deus e ao marido. Essa virtude também era cara para o autor do *Mesnagier*. É no artigo mais longo do texto, sobre Grisélidis, que o autor apresenta a obediência como um dever da esposa para com o marido. Outras virtudes comuns nos dois textos: humildade, diligência, castidade, benevolência, podendo ser acrescentada, por afinidade, a generosidade, e outras duas que se aproximam por seu caráter e significado: temperança e sobriedade. As diferenças aparecem com relação à amizade e à paciência. A amizade é apresentada como remédio para a inveja no *Mesnagier*; já em *Trois vertus*, capítulo 5, Livro II, Christine apresenta como ensinamento para guardar-se da inveja que a dama da corte trate cada um como convém, segundo o merecimento pelas suas obras. No que tange à paciência, acreditamos que a autora elege essa virtude como uma das principais porque dela

dependia a própria vida da mulher, isso tanto no privado, no lar, como no público, na sociedade como um todo, pois, como já dissemos, a obediência e a paciência eram essenciais para a manutenção da integridade física da mulher, numa sociedade que nem sempre a protegia com leis adequadas.

Para encerrar este capítulo, gostaríamos de apontar alguns aspectos que tornam a obra de Christine de Pizan diferente dos outros textos destinados à educação das mulheres, diferenças essas que acreditamos ser o traço da autora, melhor dizendo, o modo como ela adaptou os tratados escritos por homens para as mulheres, para uma linguagem que fizesse mais sentido para estas. Essa linguagem foi porta-voz da palavra feminina que, no final da Idade Média, mesmo por um pequeno espaço de tempo, foi mais aberta e tolerante no tocante ao papel desempenhado pelas mulheres. Acreditamos que seis pontos abordados tanto em *Cité des dames* como em *Trois vertus* fazem a diferença na obra da autora. São eles:

1. A divisão da obra está estruturada na classificação social, e não pela castidade, como era comum nas obras escritas por homens, fato que torna o título *Le livre des trois vertus* significativo, pois em seu interior a autora não fala em três virtudes, mas sim em sete. Somos então levados a inferir que as três virtudes corresponderiam à divisão das mulheres em três classes sociais: nobreza, mulheres que viviam na corte e mulheres do povo em geral. No livro, a autora aponta as virtudes apropriadas para cada classe e aquelas, por assim dizer, mais indicadas para todas as mulheres. Nesse fato residiria o verdadeiro tesouro da cidade das mulheres, sua classificação a partir de seu papel social, e não mais pela sua atribuição física de gerar.
2. Christine escreve às mulheres do povo, casadas com mercadores, mestres, lavradores, solteiras que trabalham como empregadas e prostitutas. Não é a

única a voltar-se para as pessoas simples, mas o faz usando uma linguagem de quem conhece de perto seu cotidiano. A descrição que ela faz do dia-a-dia dessas pessoas é um documento importante que temos desse período. Diferente dos autores masculinos que escrevem receitas de como os mais abastados devem agir com os mais humildes, ela descreve os trabalhos rotineiros dessas pessoas.

3. A autora escreve às viúvas e, apesar de não ter sido a única a fazê-lo, reserva a essas mulheres a posição de administradoras de seus bens. A necessidade de educar as mulheres, pregada pela autora, passa pelo objetivo de prepará-las em caso de viuvez, para que soubessem gerir sua vida sem estar sob a tutela masculina. Para a maioria dos tratados escritos por homens destinados às mulheres, não existia essa possibilidade de elas viverem sem uma tutela masculina.
4. O conhecimento, o ensino às mulheres eram para a escritora uma necessidade social. As mulheres deviam aprender a ler e escrever para ampliar a contribuição que já davam à sociedade. A aprendizagem da mulher não é ponto comum entre os autores homens. Alguns acreditam que elas não devem aprender, para não ler ou escrever coisas que comprometessem sua moral; outros pensam que deviam aprender exatamente para não cair em armadilhas. A questão é que, tanto para um grupo como para outro o ensino da mulher estava atrelado à moral. Ao contrário dessa querela, Christine acreditava que o conhecimento iria abrir as portas da sociedade para as mulheres, que elas iriam poder ocupar seu papel. A autora, nesse seu objetivo, expressava um pensamento comum no final da Idade Média, uma sociedade na qual as mulheres já ocupavam de fato algumas funções além da tradicional, de mãe.

5. Quanto às virtudes apresentadas pela autora, acreditamos que a diferença nos textos de Christine esteja no ato de apresentar a paciência como uma das principais virtudes. A paciência era uma virtude muito cara às mulheres. Elas deveriam aprender a se resignar com o sofrimento, se fizessem um mau casamento, ou com o descaso com que as leis da sociedade as tratavam. Enfim, precisavam aprender a ser pacientes para suportar os infortúnios da vida. Possivelmente, a escritora prega essa virtude como uma maneira de tornar a vida menos dolorosa, para que com ela as mulheres pudessem aprender a viver com a angústia decorrente de uma vida sem autonomia.
6. A obediência, virtude pregada por vários autores, foi colocada de modo diferente nos textos de Christine. Nos guias de educação escritos pelos homens, essa virtude pregada às mulheres se deve ao fato de serem consideradas inferiores, moral e intelectualmente, frágeis, débeis, precisando ser governadas para não praticar o mal. Já para a autora essa submissão é necessária para o próprio bem-estar da mulher, para sua integridade física. A obediência era pregada como uma forma de burlar a autoridade masculina e evitar os enfrentamentos que pudessem prejudicá-la.

Podemos verificar, por essas transformações apresentadas nos textos de Christine, que ela de fato fez uma adaptação dos textos masculinos. Adaptação essa que deu forma à voz de muitas mulheres que até então não tinham um representante de seus anseios na esfera literária. O mérito dos textos dessa autora está nesse ponto: uma mulher que escreve sobre mulheres e para mulheres, apesar de não ser só para elas, já que seus textos foram lidos por muitos homens, e acreditamos que os homens leitores também tenham sido seu alvo, já que ela objetivava esclarecê-los quanto às qualidades femininas. Isso só tem a acrescentar ao valor de seus textos e a seu valor como escritora.

Conclusão

Ao chegar ao término deste trabalho, queremos aqui retomar uma questão proposta na conclusão da dissertação de mestrado: se haveria uma receptividade, por parte do público contemporâneo a Christine, às suas obras. Agora, depois de alguns anos e muitas leituras, acreditamos que a resposta nos surge, ou melhor, floresce. Pensamos que a autora só escreveu o que escreveu porque teve espaço naquela sociedade para isso. A sociedade da baixa Idade Média estava aberta à participação da mulher, que exercia vários papéis nessa época e, já adquiria certo gosto de emancipação, ainda incipiente, porém notável.

Assim, os homens e as mulheres daquele período estavam abertos a essas mudanças de comportamento. Porém, a Guerra dos Cem Anos ajudou a estabelecer as bases para essa sociedade mais aberta. Vários homens, desde as Cruzadas, ficavam longe de casa por muito tempo, o que obrigava as mulheres a exercer o poder de administrar a propriedade, ou esta se perderia. Logo, essa abertura de espaço para uma maior participação das mulheres, mais do que uma tomada de consciência dos direitos das mulheres, foi uma necessidade estabelecida pela história. A sociedade como um todo precisava da presença mais participativa da mulher e, portanto, ela deveria ser preparada para exercer o poder, mas só na ausência do marido.

O fato de ela presentear a alta nobreza com seus livros e mesmo ser patrocinada pelos nobres facilitou a divulgação não só de seus textos, mas principalmente de suas idéias. O seu sucesso entre os nobres fazia com que os outros que soubessem ler, a aristocracia, também quisessem ter acesso aos seus escritos. Por isso os textos de Christine foram tão consumidos e ela mesma tornou-se uma figura conhecida em várias cortes da Europa, ao escrever, em grande parte, para e sobre a nobreza. As mulheres

nobres estão presentes na maior parte dos textos, tanto em *Cité des dames* como em *Trois vertus*. Christine corrobora a ordem estabelecida. Ela não chega a romper nenhum preceito da hierarquia social, o que a torna escritora benquista, ao gosto daqueles que exercem o poder.

Essa sociedade na qual Christine viveu não era mais dividida em clero, nobreza e servos. A organização social estava em transformação. A burguesia começava a surgir como uma nova classe, que queria se destacar do populacho. Com as pestes e as guerras, uma parte da população começava a formar os burgos e aí se agrupava em redes de ofício. Nestes, a presença e a atuação da mulher eram constantes, seja na produção ou na administração, geralmente ao lado do marido, mas havia casos em que elas exerciam o comando sem a presença deles.

Como já dissemos, era uma sociedade que começava a abrir espaço para uma participação mais ativa das mulheres, apesar de as leis ainda serem muito preconceituosas e insistirem em trancafiar as mulheres no gineceu.

As obras de Christine florescem como fruto dessa vontade social. Nesse ponto, a autora não era um objeto estranho, escrevendo sobre coisas sem sentido para o seu público. Ao contrário ela estava atenta às mudanças ao seu redor. Sua obra tem as marcas direcionadas pelo público, público este que começava a valorizar a participação do sexo feminino fora da esfera privada.

Essas transformações não foram um presente dos deuses. A organização das mulheres era crescente e se fazia sentir, mesmo que de forma modesta e dentro dos limites impostos pela ordem vigente. Elas participavam da vida ativa das cidades, principalmente no comércio, produziam e vendiam seus produtos em praças ou feiras; estavam presentes também nos pequenos e grandes comércios e eram elas as responsáveis durante a ausência do marido. No campo, também geriam a propriedade,

plantavam e colhiam. As ricas fontes artísticas (esculturas, quadros, iluminuras etc) desse período nos mostram o quanto as mulheres possuíam uma vida ativa.

Christine percebeu esse espaço, esse momento de ruptura na estrutura social e, amparada por essa mesma sociedade, pregou contra a misoginia, a favor da valorização da mulher. Trouxe à baila a discussão sobre a questão da diferença entre homens e mulheres, defendendo que essa diferença era de ordem social, e não biológica.

A autora soube conciliar os limites impostos a ela e a outras mulheres, herança de anos de desvalorização e submissão, pois, mesmo não pertencendo à nobreza nem sendo uma religiosa, entre as poucas alternativas possíveis para que uma pessoa pudesse ter acesso à educação, conseguiu tornar-se uma escritora de prestígio, conseguiu fazer-se ouvir num território de domínio quase que exclusivo dos homens. Outro dado importante: apesar de propor a obediência como virtude fundamental, ela prega uma ruptura nessa relação de submissão quando insiste no reconhecimento do direito das mulheres à educação e ao conhecimento. Nesse momento, a autora está se confrontando com a ordem estabelecida, indo contra a corrente de vários autores para quem o conhecimento possibilitaria à mulher ir de encontro à moral estabelecida.

Por todos esses motivos, além da curiosidade em conhecer um texto escrito por uma mulher, ampliou-se a receptividade de sua obra pelo público leitor do final da Idade Média. Com isso, suas obras acabaram atingindo seu objetivo primordial: o de inserir a mulher no seu devido lugar na sociedade.

Novamente, voltando a outra questão proposta no mestrado sobre o esquecimento da autora, percebemos hoje que as idéias de Christine não foram esquecidas. Sobre sua recepção, no início do capítulo 2 deste texto há uma cronologia com datas e autores que leram as obras dessa autora, quais obras e quando, permitindo-nos constatar que ela foi muito lida. Suas obras foram comentadas, traduzidas, um

manuscrito foi descoberto (em 1838 por Achille Jubinal em Berna) e objeto de disputa (as obras com a temática do feminino) entre feministas e não feministas no início do século XX. Como podemos ver Christine não foi esquecida. Suas idéias continuaram a participar dos debates sobre as questões femininas. Um dos pontos altos desse processo ocorre na virada do século XIX para o XX, quando os movimentos sufragistas resgataram suas idéias.

Mesmo que durante o Renascimento tenha ocorrido um retrocesso em relação à figura da mulher, devido ao reaparecimento da escolástica, sobretudo das idéias aristotélicas e tomistas, com a tese de que a mulher seria incompleta, passiva, fria, úmida e só poderia completar-se por meio de uma relação de submissão e dependência com relação ao homem. A questão da inferioridade biológica da mulher também foi retomada pela medicina renascentista, devido à influência das ciências experimentais. Em decorrência dessa situação, surge outra grande divergência entre o conceito de mulher e a mulher real. Ou seja, a visão da mulher como ser inferior contribuía para que o descaso e a desconsideração com relação a ela aumentassem ainda mais o fosso existente entre o juízo de mulher e mulher real que dela faziam os homens. Essa visão maniqueísta sobre as mulheres e a noção de casamento como algo natural e divino vão contribuir para uma concepção depreciativa do ser mulher por alguns séculos.

Logo, apesar de Christine ser mulher e a história ser escrita por homens, ela não foi esquecida. Seu trabalho foi pioneiro e importante, uma das poucas tentativas, por parte de uma mulher, de repensar e reformular a situação e o destino sociocultural da mulher.

Para concluir e reafirmar a riqueza da obra de Christine, citaremos um texto belíssimo escrito por Jacqueline Cerquiglini-Toulet, *Le goût de l'étude: saveur et savoir chez Christine de Pizan*, que expressa a amplitude dessa escritora:

Jouant sur les deux sens du mot nourriture – éducation et nutrition –, Christine de Pizan pense le savoir comme une nourriture et une nourriture qui a du goût. [...] Son geste, en outre, fait partie d'une stratégie de conquêtes de territoires jusqu'alors réservés aux hommes. C'est dans le langage de la nourriture, qui renvoie à un espace féminin, que Christine va parler du savoir et de la génération. [...] De même que l'ingestion de nourriture doit profiter au corps, l'ingestion de connaissances profite à l'esprit et au cœur, assure leur 'refection'. [...] Le désir amoureux devient une faim, un appétit de savoir (HICKS, 2000, p. 597-608).

Bibliografia

Fontes primárias

BOCCACE, G. *Des dames de renom*. Toulouse: Ombres, 1996.

Christine de Pizan. *La città delle dame*. Cura Patrizia Caraffi. Edizione Earl Jeffrey Richards. Roma: Carocci, 2004.

_____. *La cité des dames*. Traduit et présenté par Thérèse Moreau et Eric Hicks. Paris: Stock, 1986.

_____. *Le livre des trois vertus*. Introduction et notes Charity Canon Willard, texte établi en collaboration avec Eric Hicks. Paris: Honoré Champion, 1989.

_____. *O livro das tres vertudes a insinança das damas*. Edição crítica de Maria de Lourdes Crispim. Lisboa: Editorial Caminho, 2002.

Christine de PISAN. *O espelho de Cristina*. Introdução Maria Manuela Cruzeiro. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1987.

Le Mesnagier de Paris. Editado por Georgina E. Brereton et Janet M. Ferrier. Trad. Karin Ueltschi. Librairie Générale Française, 1994.

LORRIS, G. & MEUN, J. *Roman de la rose*. Texto traduzido para o francês moderno por André Mary. Paris: Gallimard, 1984.

PLATON. *La République*. Paris: Société d'édition Les Belles-Lettres, 1948.

Estudos históricos e literários

ALBISTUR, M; ARMOGATHE, D. *Histoire du féminisme français*. V. 1. Paris: des Femmes, 1977.

ARGÜELLES, J. *Lo femenino*. Barcelona: Kairós, 1989.

BERIOU, N. *L'avènement des maîtres de la parole: la prédication à Paris au XIIe siècle*. Paris: Institut d'Etudes Augustiniennes, 1998. V. 1.

BERLIOZ, J. *Rhétorique et histoire*. Table ronde organisée par l'Ecole Française de Rome (18/05/79), 1980. Tome 92.

_____; POLO B. M. A. *Les exempla médiévaux*. Paris: Honoré Champion, 1998.

BERTINI, F. *La mujer medieval*. Madrid: Alianza Editorial, 1989.

BLOCH, M. *A sociedade feudal*. Lisboa: Edições 70, 1987.

BLOCH, R. H. *Misoginia medieval. E a invenção do amor romântico ocidental*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

BREMOND, D. C; LE GOFF, J; SCHMITT, J. C. *L'exemplum*. Louvain: Brepols Turnhout Belgium, 1996.

BROWN, P. *Corpo e sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

BUHLER, J. *Vida y cultura em la Edad Media*. FCM, 1946.

CAMPBELL, J; MARGOLIS, N. *Christine de Pizan 2000*. Amsterdam/Atlanta: Rodopi, 2000.

CASAGRANDE, C; VECCHIO, S. *Histoire des péchés capitaux au Moyen Age*. Paris: Flammarion, 2003.

- CERQUIGLINI-TOULET, J. *La couleur de la mélancolie. La fréquentation des livres au XIVe siècles 1300-1415*. Paris: Hatier, 1993
- CHARLES-ROUX, E. (et al.). *Les femmes et le travail du Moyen Age à nos jours*. Temps actuels, 1981.
- CHARRIER, E. *L'évolution intellectuelle féminine*. Paris: Albert Mechelink, 1931.
- COELHO, M. H. C. *Homens, espaços e poderes*. Séculos XI-XVI. Lisboa: Horizonte, 1990.
- COSMAN, M. P. *A medieval woman's mirror of honor: the treasury of the city of ladies Christine de Pizan*. New York: Bard Hall Press/Persea books, 1989.
- DE GENDT, A. M. *L'art d'éduquer les nobles damoiselles. Le livre du chevalier de la Tour Landry*. Paris: Honoré Champion, 2003.
- DE WINTER, P. *Christine de Pizan ses enlumineurs et ses rapports avec le milieu bourguignon*. Actes du 104^e Congrès national des sociétés savantes (1979). Paris, 1982.
- DES GRANGES, C. M. *Les grands écrivains français*. Paris: Hatier, 1928.
- DUBY, G. *Damas do século XII: a lembrança dos ancestrais*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- _____. *Idade Média, idade dos homens, do amor e outros ensaios*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- _____. *A sociedade cavaleiresca*. São Paulo: Martins fontes, 1989.
- _____. *Amor e sexualidade no ocidente*. Lisboa: Terramar.
- _____. *História da vida privada*. Vol. II. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- _____.; PERROT, M. *Histoire des femmes en occident*. Paris: ed. Plon, 1991.
- _____.; PERROT, M. *História das mulheres*. V. II. Porto: Afrontamento, 2002.
- DULAC, L. (org.) *Une femme de lettres au Moyen Age*. Orléans: Paradigme, 1995.

_____; *Les ouvertures closes dans le livre de la Cité des dames de Christine de Pizan:*

Le topos du 'veuvage qualifiant'. In: Actes 4^e Colloque international SATOR. Un.

Paul Valéry III, 1990.

FLANDRIN, J. L. *Sexualidades ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FRANCO, H. J. *A Idade Média nascimento do ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FUNCK, S. B. (org.). *Trocando idéias sobre a mulher e a Literatura*. Florianópolis: UFSC, 1994.

GANDILAC, M. *O amor na Idade Média*. In: NOVAES, A. (org.) *O desejo*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

GARIN, E. *Idade Média e Renascimento*. Lisboa: Estampa, 1989.

GRISAY, A. et al. *Les dénominations de la femme dans les anciens textes littéraires français*. Liège: Editions J. Duculot, S. A., Gembloux, 1969.

GUENÉE, B. *O ocidente nos séculos XIV e XV*. São Paulo: Pioneira; Edusp, 1981.

GUILLEM, J. P. *Les miroir des femmes: moraliste et polémistes au XVI^e siècle*. Lille: PressesUniversitaires de Lille, 1983.

HANSEN, J. A. *Educando príncipes no espelho*. In: FREITAS, M. C; KUHLMANN, M. Jr. *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Cortez, 2002.

HEER, F. *El mundo medieval*. Madrid: Guadarrama, 1963.

HEERS, J. *El clan familiar en la Edad Media*. Barcelona, 1978.

HENTSCH, A. A. *De la littérature didactique du Moyen Age s'adressant spécialement aux femmes*. Genève: Slatkine Reprints, 1975, Reimpressão da edição de 1903.

HICKS, E. (org.) *Au champ des escriptures: IIIe*. Colloque international sur Christine de Pizan. Lausanne, 18-22 juillet 1998. Paris, Honoré Champion, 2000.

HOLLIER, D. et al. *De la littérature française*. Paris: Bordas.

HUIZINGA, J. *O declínio da Idade Média*. Ed. Ulisseia.

- JAUSS, H. R. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- JONSSON, E. M. *Le miroir: naissance d'un genre littéraire*. Paris: Les belles lettres, 1995
- KLAPP, O. *Bibliographie d'histoire littéraire française*. Tome II, 1959-1960. Frankfurt: Vittorio Klostermann.
- KENNEDY, A. J. et al. *Contexts and continuities*. Proceeding of the Ivth International colloquium on Christine de Pizan (Glasgow 21-27 July 2000). Glasgow: University of Glasgow Press, 2002.
- _____. *Christine de Pizan: a bibliographical guide*. Londres, 1984.
- KRYNEN, J. *Idéal du prince et pouvoir royal: en France à la fin du Moyen Age (1380-1440)*. Paris: Picard.
- LAIGLE, M. *Le livre des trois vertus de Christine de Pisan et son milieu historique et littéraire*. Paris: Honoré Champion, 1912.
- LAMBERT, H. *Le livre du chevalier de la Tour Landry pour l'enseignement de ses filles (1372) et ses transpositions en langue allemande (1493 et 1538)*. Université Sorbonne Nouvelle, Paris III, 1995.
- LARNAC, J. *Histoire de la littérature féminine en France*. Paris: KRA, 1929.
- LEBRUN, F. *La vie conjugale sous l'Ancien Régime*. Paris: Armand Colin, 1998.
- LECOY de la MARCHE, A. *Le rire du prédicateur*. Belgique: Brepols, 1992.
- LE GOFF, J. *Os intelectuais na Idade Média*. Lisboa: Gradiva, 1984.
- _____. *A civilização do ocidente medieval*. Lisboa: Estampa, 1984. Vol. II.
- _____. *O homem medieval*. Lisboa: Presença, 1989.
- _____; TRUONG, N. *Uma história do corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

- LEON, V. *Mulheres audaciosas da Idade Média*. Rio de Janeiro: Rosa dos ventos, 1998.
- LIBERA, A. *Pensar na Idade Média*. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LOT-BORODINE, M. *De l'amour profane à l'amour sacré*. Paris: Nizet, 1979.
- LUSIGNAN, S. *Préface au Speculum maius de Vincent de Beauvais: réfraction et diffraction*. Montréal: Bellarmin; Paris: Vrin, 1979.
- MACEDO, J. R. *A mulher na Idade Média*. São Paulo: Contexto, 1990.
- MANACORDA, M. A. *História da educação*. São Paulo: Cortez, 1997.
- MARCHELLO-NIZIA, C. *Histoire de la langue française aux XIVe et XVe siècles*. Paris: Bordas, 1979.
- MICHEL, N; ROUGEMONT, M. *Le rameau subtil. Prosatrices françaises entre 1364 et 1954*. Paris: Hatier, 1993.
- MICHELET, J. *Oeuvres complètes*. Paris: Flammarion, 1973.
- _____. *A agonia da Idade Média*. São Paulo: Educ; Imaginário, 1992.
- _____. *A feiticeira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- MISTRAL, L. *Et Dieu créa les femmes*. Paris: Palette, 2004.
- MONGELLI, L. M. (org). *Trivium e Quadrivium: as artes liberais na Idade Média*. Cotia: Íbis, 1999.
- MONNIER, P. *Introduction au quattrocento*. Editions Complexe, 1995.
- NICÉIAS, C. A. (coord.). *O feminino: aproximações*. Rio de Janeiro: Campus, 1986.
- NOONAN, J. T. *Contraception et mariage: évolution ou contradiction dans la pensée chrétienne*. Paris: Le Cerf, 1969.
- NOVINSKY, A. *A inquisição*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- OUY, G. *La dialectique des rapports intellectuels franco-italiens et l'humanisme en France aux XIVe et XVe siècles*. In: *Rapporti culturali ed economici fra Italia e*

- Francia nei secoli dal XIV al XV. Atti Del colloquio italo-francese (Roma 18-20, Fev., 1978). Roma: Giunta centrale per gli studio storici, 1979.
- PARUSSA, G. *Instruire les chevaliers et conseiller les princes*. In: **Studi di storia della civiltà letteraria francese**. Paris: Honoré Champion, 1996.
- PEREIRA, I. R. *O papel da mulher na Idade Média*. In: A mulher na sociedade portuguesa: visão histórica e perspectivas actuais. Actas do Colóquio (3: 1985: Coimbra). Instituto de História Económica e Social, Faculdade de Letras.
- PERNOUD, R. *Christine de Pisan*. Paris: Calman-Lévy, 1982.
- _____. *La femme au temps des cathédrales*. Paris: Stock, 1980.
- _____. *A mulher nos tempos das Cruzadas*. Campinas: Papirus, 1993.
- _____. *Luzes sobre a Idade Média*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- _____. *Idade Média o que não nos ensinaram*. Rio de Janeiro: Agir, 1994.
- _____. & SCHMIDT, A. M. *Poètes et romanciers du Moyen Age*. Paris: Gallimard, 1952.
- PINET, M. J. *Christine de Pisan: 1364-1430 étude biographique et littéraire*. Paris: 1927.
- POIRION, D. *Le poète et le prince*. L'évolution du lyrisme courtois de Guillaume de Machaut à Charles d'Orléans. Genève: Slatkine Reprints, 1978.
- POWER, E. *Les femmes au Moyen Age*. Paris: Aubier Montaigne, 1979.
- QUILLIGAN, M. *The allegory of female authority: Christine de Pizan's Cité des dames*. London: Cornell University Press.
- RIBEIRO, R. J. *A etiqueta no Antigo Regime*. São Paulo: Moderna, 1999.
- RIBEMONT, B. (org.) *Sur le chemin de longue études...* Actes du colloque d'Orléans. Juillet/1995. V. 3. Paris: Honoré Champion, 1998.
- RIGAUD, R. *Les idées féministes de Christine de Pisan*. Genève: Slatkine, 1973.

- ROSSIAUD, J. *A prostituição na Idade Média*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- ROUCHE, M. *Histoire de l'enseignement et de l'éducation*. Tome I. Editions Perrin, 2003.
- ROUGEMONT, D. *O amor e o ocidente*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- SAINT-LÉGER, Y. *Le miroir des dames*. Manuscrit français 1189 de la Bibliothèque Nationale de Paris. Texte établi por Camillo Marazza. Lecce: Milella, 1978.
- SARANYANA, J. I. *La discusión medieval sobre la condición femenina*. Salamanca: Publicaciones Universidad Pontificia de Salamanca, 1997.
- SCHMIDT, M. J. *La littérature française*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1959.
- SCHMITT, J. C. *Prêcher d'exemples: récits de prédicateurs du Moyen Age*. Paris: Stock-Moyen Age.
- SEGUR, N. *Histoire de la littérature européenne*. Tome 1. Genève: Victor Attinger.
- SILVA, V. D. *Cavalaria e nobreza no fim da Idade Média*. São Paulo: Edusp, 1990.
- SOLENTÉ, S. *Extrait de l'histoire littéraire de la France*. Tome XL. Paris, 1969.
- TRUC, G. *Histoire illustrée de la femme*. Paris: Plon, 1940.
- VAINFAS, R. *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão*. São Paulo: Ática, 1986.
- VEDEL, W. *Ideales de la Edad Media*. Barcelona: 1948.
- VERDON, J. *La femme au Moyen Age*. Paris: Editions Jean-Paul Gisserot, 1999.
- ZILBERMAN, R. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.
- ZINK, M. *Littérature française du Moyen Age*. Paris: Puf, 1992.
- _____. *La prédication en langue romane avant 1300*. Paris: Champion, 1976.
- ZUMTHOR, P. *A letra e a voz*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- WELTER, J. T. *L'exemplum dans la littérature religieuse et didactique du Moyen Age*. Paris/Toulouse: E. H. Guitard, 1927.

WILLARD, C. C. *Christine de Pizan her life and works*. New York: Persea books, 1990.

_____. *The writing of Christine de Pizan*. New York, Persea books, 1993.

WILLEMART, P. *A Idade Média e a Renascença na Literatura Francesa*. São Paulo: Annablume, 2001.

Dicionários

ARON, P. (et al). *Le dictionnaire du littéraire*. Paris: Puf, 2002.

BEAUMARCHAIS, J. P.; COUTY, D.; REY, A. *Dictionnaire des littératures de langue française*. Paris: Bordas, 1984.

BONNASSIE, P. *Dicionário de História Medieval*. Lisboa: Dom Quixote, 1985.

Dictionnaire du Moyen Age: littérature et philosophie. Paris: Encyclopaedia Universalis et Albin Michel, 1999.

HASENOHR, G.; ZINK, M. *Dictionnaire des lettres françaises. Le Moyen Age*. Paris, Fayard, 1994.

LE GOFF; SCHMITT, J. C. *Dicionário temático do ocidente medieval*. V. I e II. São Paulo: Edusc.

LOYN, H. R. *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Zahar.

Dissertações e teses

MUNIZ, M. R. C. *O Leal conselheiro, de Dom Duarte, e a tradição dos Espelhos de príncipe*. Tese em Literatura Portuguesa – USP, São Paulo, 2003

SAPORITI, E. *A mulher como signo em crise: um ensaio sobre o feminismo*.
Dissertação em Comunicação e Semiótica - PUC-SP, São Paulo, 1985.

SILVEIRA, M. D. *A imagem feminina na Moralia: heroísmo e outras virtudes*.
Dissertação em Letras Clássicas - USP, São Paulo, 2006.

Revistas

BLANCHARD, J. *Christine de Pizan: tradition, expérience et traductin*. In: **Romania**.
Tome III, Paris, 1990, p. 200-235.

COLLIN, F. *Ces études qui sont 'pas tout'*. Fécondité et limites des études féministes.
In: **Les cahiers du Grif** _ Savoir et différence des sexes _ Ed. Tierce, n. 45,
Automne, 1990.

GABRIEL, A. L. *The educational ideas of Christine de Pisan*. In: **Journal of the history of ideas**. New York, Vol. 16, n. 1, Jan. 1955.

GAGNEBIN, J. M. *As flautistas, as parteiras e as guerreiras*. In: Filosofia, Linguagem e Arte. **Cadernos PUC-SP**, n. 21, São Paulo, 1985.

GARÍ, B. *El confessor de mujeres, mediador de la palabra femenina en la baja Edad Media?* In: **Medievalia** (Instituto Universitario de Estudios Medievales, Universitat Autònoma de Barcelona), n. 11, 1994.

GRIGSBY, J. *Le miroir des bonnes femmes*. In: **Romania** t. 82-3, 1961-2.

- GUARINOS, M. *Individualisme et solidarité dans le livre des Trois vertus de Christine de Pizan*. In: **Sur le chemin de longue études...** Actes du Colloque d'Orléans. Juillet/1995. Paris: Honoré Champion, 1998, p. 87-99.
- MICHAUD-QUANTIN, P. *Sommes de casuistique et manuels de confession au Moyen Age (XII-XVIe siècle)*. In: **Analecta Mediaevalia Namurcensia**. n.13, Louvain: Nauwelaerts; Lille: Giard; Montreal: Dominicaine, 1962.
- MARGOLIS, N. *Christine de Pizan: the poetess as historian*. In: **Journal of the history of ideas**. New York, Vol. 47, n. 3, July-Sept. 1986.
- MATOS, O. *Feminismo: reforma ou revolução?* In: **Revista USP**, n. 2, Jun|Ago, 1989.
- Revues des Langues Romanes**. *Christine de Pizan*. Tome XCII, n. 2. Montpellier: Université Paul Valéry, 1988.
- ROMANO, R. *A mulher e a desrazão ocidental*. Folhetim 530 de 03/04/87, p. B 6, In: **Jornal Folha de S. Paulo**.
- WILLARD, C.C. *A Portuguese translation of Christine de Pisan's livre des Trois vertus*. In: **PMLA** (Publications of the Modern Language Association of America). Vol. 78. 1963.
- _____. *The manuscript tradition of the livre des Trois vertus and Christine de Pizan's audience*. In: **Journal of the history of ideas**. Vol. 27, n. 1. New York, Jan-Mar, 1966.
- ZHANG, X. *Du miroir des princes au miroir des princesses: rapport intertextuel entre deux livres de Christine de Pizan*. In: **Fifteenth-century studies**. V. 22, University Virginia: William C. Mc Donald, 1995, p. 55-62.
- ZIMMERMANN, M. *Christine de Pizan et les féminismes autour de 1900*. In: **Sur le chemin de longue études...** Actes du Colloque d'Orléans. Juillet/1995. Paris: Honoré Champion, 1998, pp. 183-204.